



MATURA IDADE CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE

COORD.
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

MATURA IDADE CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE

COORD.
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA

Título: *Matura Idade: considerações sobre a velhice*

Coordenação: John Greenfield, Francisco Topa

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Capa: COLE, Thomas (1842). *The Voyage of Life: Old Age*.

Thomas Cole, Public domain, via Wikimedia Commons

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8970-44-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-44-2/mat>

Porto, abril de 2022

Paginação: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO

E POR VEZES FINGIMOS QUE LEMBRAMOS	7
John Greenfield, Francisco Topa	
O desafio do tempo. Algumas reflexões sobre o envelhecimento cultural	9
Manuel Frias Martins	
Representações da velhice nas crônicas de Rui de Pina, de D. Sancho I a D. Afonso IV	15
Jorge António Araújo	
Perspetivas da matura idade em textos medievais de diferentes tradições discursivas	27
Clara Barros	
Ver a matura idade com o olhar épico de Camões	43
Gil Clemente Teixeira	
O médico Lopo Serrão e a velhice: subsídios para uma história da velhice na cultura portuguesa	55
Manuel Curado	
«Tómame ahora que aún es temprano»: representaciones del paso del tiempo en la poesía de Juana de Ibarbourou	71
Mirta Fernández dos Santos	
Hiding in plain sight: the theme of old age in Samuel Beckett's <i>Words and Music</i>	85
Pedro Querido	
«Hay que ser muy valiente para vivir con miedo». Vejez e infancia en los últimos poemarios de Ángel González, Francisca Aguirre, Antonio Gamoneda y Félix Grande	97
María del Pilar Nicolás Martínez	
Velhice e crimes sem castigo: Machado de Assis e Lygia Fagundes Telles	113
Francisco Topa	
O idoso e o jovem semioticamente modalizados entre o querer-ser o dever-ser	121
Raimundo Isídio de Sousa, Márcia Edlene M. Lima	
Análise dos componentes curriculares da Universidade Aberta a Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	141
Dalva Stella Ferreira Dantas, Hercilene Maria e Silva Costa	
Política institucional de atenção ao idoso: o programa Universidade Aberta Intergeracional, da Universidade Estadual do Maranhão	153
Lucimeire Rodrigues Barbosa, Mailde Alves de Sousa	

A literatura e o idoso: rodas de leitura como terapia	165
Maria do Perpétuo Socorro Alves	
Trajétórias formativas de professoras alfabetizadoras aposentadas: narrativas e memórias de vida	173
Rosângela Pereira de Sousa	

E POR VEZES FINGIMOS QUE LEMBRAMOS

O volume que agora se publica reúne alguns dos textos apresentados no colóquio internacional que, sob o mesmo título, se realizou nos dias 10 e 11 de outubro de 2019, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Como na primeira iniciativa, o objetivo da publicação consiste em abordar, numa perspetiva multilateral, a questão da «velhice», não tanto enquanto problema negativo, mas antes como questão aberta.

O livro abre com um ensaio de Manuel Frias Martins sobre o envelhecimento cultural, os seus sinais e os seus perigos, havendo em seguida uma série de textos sobre a representação da velhice e do idoso num conjunto diversificado de obras, desde as crónicas de Rui de Pina e outros escritos medievais até dramaturgos contemporâneos como Beckett, passando por Camões, o médico e humanista Lopo Serrão, ficcionistas brasileiros e poetas de língua espanhola como Juana de Ibarbourou, Ángel González, Francisca Aguirre, Antonio Gamoneda ou Félix Grande. Temos ainda, num artigo de dois professores da Universidade Estadual do Piauí, Raimundo Isídio de Sousa e Márcia Edlene M. Lima, uma abordagem da representação semiótica do idoso e do jovem em publicações no Facebook. O volume encerra com um conjunto de quatro ensaios sobre aspetos da política institucional de atenção ao idoso nos estados do Piauí e do Maranhão, com atenção particular às universidades da terceira idade.

Mais do que chamar a atenção para aqueles que muitas vezes *fingimos que lembramos*, cremos que esta publicação sugere algumas pistas para o debate da questão da Matura Idade e do papel que nele devem desempenhar a literatura e as humanidades.

John Greenfield
Francisco Topa

O DESAFIO DO TEMPO. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO CULTURAL

MANUEL FRIAS MARTINS*

Age is not a particularly interesting subject. Anyone can get old. All you have to do is live long enough.

Groucho Marx

Resumo: *O artigo procura refletir sobre perguntas como: terei eu noção de que as minhas crenças, valores, gostos, modos de entendimento do mundo me colocam numa espécie de último reduto de resistência à diferença do novo? Estarei eu consciente da resistência que ofereço às mutações da cultura, entendendo esta como o conjunto de todos os sistemas de signos que atuam no interior de uma determinada comunidade humana? Não sendo possível chegar a uma conclusão definitiva, sugere-se que o «homem que envelhece» implica menos uma idade física e mais uma idade social marcada por uma qualquer forma de incompreensão do mundo que o rodeia. O importante será, pois, manter uma disponibilidade crítica, tão convicta quanto possível, para com as novas solicitações da cultura digital em todas as suas manifestações.*

Palavras-chave: *Envelhecimento cultural; Novo; Cultura digital.*

Abstract: *The article reflects on questions such as: am I aware of the fact that my beliefs, values, tastes and ways of understanding the world put me in a sort of last bastion of resistance to differences with regard to what is new? Am I conscious of the resistance I offer to the changes in culture (which is understood as the set of all sign systems which operate within a human community)? Since it is not possible to reach a definitive answer to these questions, it is suggested that a «person getting older» has less to do with physical age and more to do with the question of social age (characterised as a certain form of misunderstanding of the world which surrounds the individual). Indeed, it is important to be as convinced as possible of a critical disposition with a view to the new demands of digital culture in all its manifestations.*

Keywords: *Cultural ageing; New; Digital culture.*

Embora muitas vezes desavinda com a verdade, a famosa sagesa alcançada com a idade, quase sempre exibida pelos icónicos cabelos grisalhos, tem feito esquecer a incómoda realidade de que a velhice não pode ser vista segundo uma espécie de universalidade abstrata indiferente a expressões individuais. Para além dos óbvios sinais de modificação do corpo introduzidos pelo tempo, a velhice não tem necessariamente

* Universidade de Lisboa. Email: emteoria@gmail.com.

uma identidade ou até um plano único de manifestação. Escrevendo há dois mil anos, Cícero, então com oitenta e quatro anos de idade, arrumou bem a identificação contraditória da velhice num ensaio ainda hoje de referência. Nele encontramos reflexões que se mantêm úteis em qualquer tempo e lugar. A que me interessa lembrar no contexto atual é esta: «É um facto que os velhos são lentos, rabugentos, resmungões, difíceis de aturar e, vendo bem, avarentos. São estes, porém, defeitos de carácter e não propriamente da velhice»¹. Defeitos de carácter e não de velhice, sem dúvida. A gentil certeza da morte ao fim do caminho, com certeza, mas o modo de ser velho tem mais a ver, afinal, com o indivíduo do que com o tempo de vida de cada um. E é partindo desta premissa que eu gostaria de indagar a questão do envelhecimento cultural.

Ao contrário da experiência da vida, a experiência da morte é sempre a experiência da morte dos outros. Também o envelhecimento é por nós encarado mais através do envelhecimento dos outros do que de nós próprios. Quantos de nós já tiveram desabafos como este: «Encontrei um amigo que já não via há muitos anos. Ele tem a minha idade, mas está tão velho. Quase não o reconheci. E parece zangado com o mundo. Está feito um reacionário». Este confronto com o envelhecimento através do envelhecimento dos outros é um dado importante para entendermos o processo de envelhecimento cultural. Eu sei que o meu corpo me dá múltiplos sinais de envelhecimento. Mas terei eu noção de que as minhas crenças, valores, gostos, modos de entendimento do mundo me colocam numa espécie de último reduto de resistência à diferença do novo? Estarei eu consciente da resistência que ofereço às mutações da cultura, entendendo esta como o conjunto de todos os sistemas de signos que atuam no interior de uma determinada comunidade humana?

O processo de envelhecimento cultural consiste em um indivíduo ser *obediente* a si próprio e ao princípio regulador do seu conforto existencial. Isto é algo que tem menos a ver com a idade do que com a atitude que cada um de nós tem ao longo da vida perante os desafios das ideias, das novidades tecnológicas, das práticas sociais e políticas no seu todo, nelas incluindo as práticas artísticas. Se essa atitude for pausada por uma busca do paraíso solitário onde só os valores individuais persistem, ou nos esforçamos para que eles persistam, então estamos a eliminar a interrogação, a dúvida, a contradição, o desosssego, a transformação. Em suma, se essa for a vereda por que optamos na vida, então somos inevitavelmente protagonistas do envelhecimento cultural que nos afasta do mundo e nos encerra no ilusório paraíso de nós próprios. E isto pouco tem a ver com a idade. O processo de envelhecimento cultural é, neste sentido, e na esteira de Cícero, uma questão de carácter ou de temperamento individual e não de idade avançada.

¹ CÍCERO, 2009: 56.

Considero que só a *desobediência* a nós próprios e ao princípio regulador do nosso conforto existencial nos pode manter fora do processo de envelhecimento cultural. Portanto, a velhice cultural somos nós que a construímos em qualquer idade. Afirmo isto não no sentido de considerar a velhice uma das famosas construções sociais de que falam os estudos culturais, mas sim para acentuar a ideia de que a velhice, particularmente na sua dimensão cultural, é antes de tudo uma construção individual independente da idade. Uma construção não deliberada, obviamente. Mas certa. Uma das suas manifestações mais frequentes foi bem identificada pelo sociólogo francês Michel Serres num pequeno (mas relevante) livro com o título esclarecedor *Antes é que era bom!*. Nessa singela lição de sabedoria, Michel Serres demonstra como a apologia do antes, por parte daqueles que se sentem desorientados pelo agora, se revela implicitamente uma apologia de guerras e mortandades diversas que marcaram exatamente esse antes. E esse antes é algo que não tem a ver com uma época em especial, mas sim com aquilo que Serres apelida de «carnificinas perpétuas»². Trata-se afinal, podemos dizê-lo, mais da trágica condição do humano do que de uma qualquer situação cultural particular ou até de uma esperança no papel redentor da cultura por oposição à bestialidade do homem. Este aspeto merece algum desenvolvimento.

Por vezes há a tendência de opor à barbárie humana das «carnificinas perpétuas» aquilo que se considera ser cultura no sentido mais erudito do conceito, isto é, as artes, a filosofia ou as humanidades em geral. No entanto, muitos foram os pensadores que já demonstraram o carácter altamente falacioso desses argumentos. A cultura (entendida nesse sentido elevado ou erudito) não nos protege da barbárie coletiva, como nos prova o exemplo clássico das carnificinas levadas a cabo no século XX a partir de sociedades que haviam atingido os mais altos graus de desenvolvimento e sofisticação cultural e científica no Ocidente. Vista deste modo, a cultura tem dentro de si os germes do mal, da aniquilação, do sofrimento, da submissão a poderes autoritários e criminosos. Mas ela não seria cultura se não fosse assim, pois só essa dinâmica destrutiva que nela atua poderia cruzar-se dialogicamente com o seu contrário, isto é, com as dinâmicas culturais de bem, de construção e valorização da dignidade humana e, graças a ela, da ética da compaixão pelos fracos e desaposados. Só assim se compreende, segundo creio, o potencial de escolha que nos define como seres individuais. E voltamos assim ao papel da individualidade na questão do envelhecimento cultural.

Tenho para mim que aquilo que nos dá prazer não é o que existe. Aquilo que nos dá prazer é sobretudo o novo. O que existe está colocado numa cadeia de repetições que através da habituação acaba por cancelar o próprio prazer que podemos

² SERRES, 2018 [2017]: 15.

ter no que existe. O novo, ao contrário, apela a interrogações, curiosidades e desafios que, na sua dinâmica perturbativa do que existe, geram um prazer único e, é claro, individualizado. Obviamente, nem todas as pessoas têm esta relação com o novo. Muitas pessoas terão mesmo uma grande reserva em relação à sociedade em que vivem, recusando muitos dos novos modos do ser social. É sobretudo por aqui que o envelhecimento cultural se define. Jean Améry (cujo nome original era Hans Mayer), um judeu austríaco sobrevivente de Auschwitz, identificou muito bem a questão do envelhecimento cultural ao afirmar o seguinte:

O envelhecimento cultural [...] começa muitas vezes por um obscuro sentimento de repugnância em relação ao que o homem que envelhece chama «jargão cultural» da época, recusando ver que também ele fala um jargão, um jargão que já teve o seu tempo, e que, ao contrário do que ele acredita, não é uma linguagem pura, a linguagem em si. Ele é tomado, ao ler certas revistas, certos livros, de um ligeiro mal-estar que o leva a recusar, com um encolher de ombros resignado, a moda, o snobismo, todos estes ismos, a manifestação verbal dos que se dão ares de importância³.

O «homem que envelhece» implica menos uma idade física e mais uma idade social marcada por uma qualquer forma de incompreensão do mundo que o rodeia. Decorrendo da dificuldade de alguém se orientar num novo sistema de signos, seja ele qual for, o envelhecimento cultural mostra-nos um modo muito pessoal de estar na cultura de uma determinada época. E todos nós, por mais disponíveis que possamos estar para a compreensão do novo, acabamos em algum momento por revelar o nosso próprio envelhecimento cultural no modo como lidamos com o espírito do tempo através de normas de vestuário, linguagem, gostos artísticos, alinhamentos e recusas, etc. A diferença residirá então, e retomando conceitos anteriores, no grau de *obediência* ao princípio regulador do conforto existencial de cada um e, no limite, no ensimesmamento nostálgico, sem garra nem ousadia, em que podemos cair. Não queremos que o nosso passado nos abandone, como se dele dependesse a nossa segurança e mesmo a nossa mais firme identidade. Adequa-se aqui a afirmação do escritor brasileiro João Guimarães Rosa de que «toda a saudade é uma espécie de velhice». Mas vale a pena equacionar o que foi afirmado até aqui com referência a um caso concreto ou a uma experiência que todos possamos conhecer. Para esse efeito recorro à famosa revolução digital que nos colocou a todos perante realidades tecnológicas completamente novas e desígnios sociais totalmente imprevistos.

³ AMÉRY, 1991 [1968]: 139; tradução minha.

A tecnologia digital veio introduzir aspetos radicalmente novos na cultura e nas relações sociais. Tanto os computadores como a internet e as redes sociais alteraram em profundidade os nossos ritmos de vida. Este é um fenómeno amplamente conhecido e definitivamente estabelecido. Por isso nada haverá de especial a acrescentar acerca dele. O que mais me interessa focar é a relação do mundo digital com a palavra escrita, em particular com a literatura.

É hoje consensual entre psicólogos, neurocientistas e outros estudiosos do comportamento humano que novos dispositivos digitais de leitura como o iPad, iPod, iPhone e vários outros aparelhos de ecrã têm vindo a remeter para segundo plano a tradicional leitura em profundidade (ou *deep reading*). Investigações realizadas em todo o mundo, e cuja consulta está amplamente disponível na internet, mostram que a mudança para modos de leitura de perfil digital tem tido como consequência uma diminuição da capacidade do cérebro em interiorizar conhecimento, em promover o raciocínio analógico, desenvolver perspetivas de compreensão e empatia, estimular análises críticas, etc. Estas são características associadas ao processo tradicional de leitura em profundidade dos textos, sejam eles quais forem. Alguns investigadores vão mesmo ao ponto de afirmar que os aspetos negativos da leitura em ecrã são visíveis logo a partir do quarto ou quinto ano de escolaridade. À chamada *skim reading* (leitura rápida e em diagonal), característica dos aparelhos referidos, juntam-se as mensagens escritas em telemóveis e outros dispositivos de ecrã. Nessas mensagens cortam-se palavras, reduzindo-as a letras e sinais, recorrendo-se a fórmulas linguísticas estereotipadas para condensar a informação.

A «impaciência cognitiva» de jovens e adultos atuais em relação a textos relativamente longos, como por exemplo um romance, é uma das consequências mais visíveis desta mudança. Os professores de literatura (pelo menos os que gostam de literatura) conhecem bem o problema. Dramática pode ser ainda a perda da ligação afetiva e mesmo intelectual dos leitores ao conteúdo de uma estória. Tal acontece em virtude da perda da relação física com o objeto livro que se pode manipular, cheirar, sublinhar, e cuja leitura se pode interromper, recuando ou avançando.

Colocando deste modo a questão do novo universo digital e das suas afrontas a uma convivência saudável com os modos narrativos de presentificação da experiência, várias perguntas nos surgem no contexto que me interessa: estarei eu a ser objeto de envelhecimento cultural se recusar este novo mundo digital? Ou então, até onde é que eu posso ir na aceitação desta nova realidade sem contradizer a minha própria identidade, a qual se formou através da leitura em profundidade de livros diversos (em formato de papel)? Poderei eu abdicar do enriquecimento propiciado por essa leitura e da promoção social e cultural da respetiva capacidade crítica?

E se eu privilegiar o espírito crítico daí decorrente, será que estarei num processo de envelhecimento cultural se afirmar (recusando) que no novo mundo digital há perdas irreparáveis no que respeita à leitura?

As respostas a estas perguntas não são simples, mas são indispensáveis. O futuro é imprevisível e contingente, mas pode e deve ser pensado em função da experiência do presente. Tal como eu entendo o desafio de ambas as etapas temporais, o que importa é manter uma *disponibilidade crítica*, tão convicta quanto possível, para com as novas solicitações da cultura digital em todas as suas manifestações. E como já tive oportunidade de defender noutro lugar a propósito da relevância que a realidade virtual irá ter no plano do consumo cultural⁴, estamos naquele ponto em que a estrada se bifurca. Conforme manda a sábia prudência, e por mais paradoxal que possa parecer, devemos seguir por ambos os caminhos.

O processo de envelhecimento cultural, quer no novo contexto digital que tenho vindo a referir quer noutro qualquer, não se resume, de modo nenhum, à recusa dos efeitos negativos desse novo mundo, mas sim à recusa da sua compreensão crítica. A incompreensão, a desorientação, a preguiça tornam-se agentes de uma alienação cultural que nada mais quer ver a não ser um *anterior* mitificado nas suas valências ou um *antes* fundador de uma felicidade imóvel. É nesse momento que estamos velhos.

BIBLIOGRAFIA

- AMÉRY, Jean (1991 [1968]). *Du vieillissement. Révolte et résignation*. Trad. do alemão de Annick Yaiche. Paris: Payot.
- CÍCERO (2009). *Da Velhice*. Trad. do latim de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Sociedade Editora de Livros de Bolso. Título original: *Cato Maior De Senectute*.
- MARTINS, Manuel Frias (2014). *Literatura, Regimes da Verdade e Cibercultura*. Suplemento da revista «Colóquio/Letras». 186 (mai.-ago.).
- SERRES, Michel (2018 [2017]). *Antes é que era bom!* Trad. de Maria João Madeira. Lisboa: Guerra e Paz.

⁴ MARTINS, 2014.

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NAS CRÓNICAS DE RUI DE PINA, DE D. SANCHO I A D. AFONSO IV

JORGE ANTÓNIO ARAÚJO*

Resumo: *O artigo aborda as representações da velhice nas crónicas de Rui de Pina, tomando por base especificamente as que vão de D. Sancho I a D. Afonso IV. Procurando contribuir para um melhor entendimento das ideias e das representações relacionadas com a senioridade em Portugal no final da Idade Média, o autor conclui que, se existe algum elemento crítico apontado à velhice, ele não tem que ver com um ideal estético ou uma fealdade física, mas antes com a doença e o sofrimento do corpo. Nesse sentido, é possível dizer que a obra cronística analisada reflete os modelos do seu tempo.*

Palavras-chave: *Velhice; Rui de Pina; Crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV.*

Abstract: *The article discusses the representations of old age in the chronicles of Rui de Pina, taking as a basis specifically those from D. Sancho I to D. Afonso IV. In attempting to contribute to a better understanding of the ideas and the representations related to seniority in Portugal at the end of the Middle Ages, the author concludes that if there is indeed a critical view of old age, this is not due to any aesthetic ideal or to physical ugliness, but rather to illness and corporal suffering. Thus, it is possible to conclude that the chronicles which were analysed reflect the models of their time.*

Keywords: *Old age; Rui de Pina; Chronicles from D. Sancho I to D. Afonso IV.*

O presente estudo acerca das representações da velhice nas crónicas de Rui de Pina resulta na primeira apresentação pública que fazemos desde que, há poucas semanas, demos início a um programa de doutoramento em História, com um projeto intitulado *Rui de Pina: um Cronista Global*.

Enquanto preparávamos o projeto para apresentar à FCT, e à medida que íamos conhecendo e tomando contacto com os textos cronísticos de Rui de Pina, fomos cruzando com uma série de referências e de caracterizações relativas a «velhos» e à «velhice», que considerámos pertinente trazer a este colóquio. Centramo-nos especificamente nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, em parte por serem aquelas a que maior atenção daremos no nosso programa doutoral, mas também por consensualmente se considerar que constituem um conjunto coeso e autónomo face à restante obra de Rui de Pina.

O nosso objetivo com esta apresentação consiste em procurar contribuir para um melhor entendimento das ideias e das representações relacionadas com a senioridade

* Universidade do Porto. Email: jorgemontanhaa@sapo.pt.

em Portugal no final da Idade Média, neste caso a partir de uma fonte historiográfica. Posteriormente, pretendemos cruzar as representações encontradas nestas seis crônicas de Rui de Pina com outras referências medievais às *idades do Homem* e à senioridade, sobretudo as produzidas no âmbito da corte de Avis ou nas possíveis fontes utilizadas pelo cronista.

A história da velhice e o estudo das suas representações, particularmente no período medieval, conheceu importantes avanços a partir da segunda metade do século XX, à medida que as ciências sociais foram alargando o seu campo de investigação e que as condições sociodemográficas do Ocidente colocaram o tema do envelhecimento na ordem do dia. Se tanto na historiografia anglo-saxónica como nas historiografias de língua francesa e espanhola encontramos já vários trabalhos de referência, entre visões panorâmicas e estudos mais delimitados, em Portugal o tema parece não ter merecido ainda a devida atenção.

A esta ausência de estudos não será certamente alheia a dificuldade do tema. Como bem referiu Simone de Beauvoir, para as sociedades antigas como a da Idade Média, é difícil estudar a condição da senioridade, pois os documentos raramente lhe fazem referência, estando os velhos integrados no conjunto dos adultos, sem pertencerem a uma categoria social específica e distinta¹. Nas palavras de Georges Minois, também as teorias das *idades da vida*, tão em voga no período medieval, «não passam de dissertações abstractas ou jogos intelectuais, que não englobam nenhuma distinção prática»². Quanto à utilização da cronística enquanto fonte para o estudo do tema, diz-nos o mesmo autor que, em geral, os mais velhos estão ausentes das narrações e dos grandes relatos cronísticos³. Colocados já de sobreaviso, importa, até para uma plateia que possa não estar tão familiarizada com o assunto, passar a introduzir o nosso cronista e as fontes estudadas.

Rui de Pina, natural da Guarda, terá nascido por volta do ano de 1440 e falecido em torno de 1522, segundo afirmaram os seus principais biógrafos⁴. Foi escrivão e diplomata de D. João II e encarregado pelo mesmo rei, conforme carta régia de 1490, de escrever os feitos do reino, ainda que como cronista oficial se mantivesse Vasco Fernandes de Lucena. Com a subida ao trono de D. Manuel, foi nomeado cronista-mor do reino e guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria Real, em 1497, mantendo-se no cargo até à morte, sucedendo-lhe o seu filho Fernão de Pina.

¹ «Les documents dont nous disposons n'y font que très rarement allusion: on les assimile à l'ensemble des adultes. [...] Le vieillard, en tant que catégorie sociale, n'est jamais intervenu dans le cours du monde. Tant qu'il conserve une efficacité, il reste intégré à la collectivité et ne se distingue pas d'elle: il est un adulte mâle d'un âge avancé. Quand il perd ses capacités, il apparaît comme *autre*» (BEAUVOIR, 1979: 141-142).

² MINOIS, 1999: 15-16.

³ MINOIS, 1999: 16.

⁴ Cf. ALMEIDA, 1977: X-XIX.

São nove as crônicas assinadas por este cronista. Terá começado pela crônica de D. João II, que em 1504 já estaria pronta, juntamente com a de D. Afonso V. Seguem-se a crônica de D. Duarte e só depois as crônicas da primeira dinastia — as que aqui analisamos —, provavelmente a partir de 1514⁵. Graças a autores como Magalhães Basto, Silva Tarouca e, mais recentemente e de forma mais completa, Filipe Alves Moreira, é hoje incontestável que grande parte destas seis primeiras crônicas tem como fonte-base a *Crônica de Portugal de 1419*, que tantos alvitram correspondem às famosas crônicas *perdidas* de Fernão Lopes. De resto, já no século XVI João de Barros e Damião de Góis disseram ser estas crônicas um aproveitamento de outras mais antigas, chegando mesmo este último a lançar a ideia, que fez escola, de uma apropriação da obra de Fernão Lopes por parte de Rui de Pina. A discussão em torno dos supostos *plágios* deste cronista, que continuou nos séculos seguintes, vê-se hoje ultrapassada pela alteração de paradigma quanto ao carácter autoral medieval. Todavia, importa levá-la em consideração, para que tenhamos presente a possibilidade de as referências encontradas à velhice estarem também em textos anteriores e de serem reflexo de uma mentalidade e de circunstâncias mais antigas, não necessariamente exclusivas ou correspondentes às dos contemporâneos do início do século XVI.

O que hoje se nos afigura certo é que estas seis crônicas dos monarcas da primeira dinastia podem ser vistas como um todo coeso e diferenciado face à restante obra de Rui de Pina, tanto que contêm um só prólogo, assim se justificando a nossa delimitação. Para esta análise quisemos começar por elencar as personagens explicitamente descritas como *velhas* ou a propósito das quais se refere a sua muita idade. Se em grande parte dos casos essa identificação é clara e imediata, outros há em que não se revela tão óbvia a categorização. Por exemplo, diz-nos Rui de Pina que Sancho I de Portugal e Afonso VIII de Castela morreram com pouco menos de 60 anos de idade⁶, mantendo-se ambos com bastante atividade até perto do final da vida. Poderíamos ser levados a pensar que, para esta época, alguém com uma idade compreendida entre os 50 e os 60 anos gozaria já de um estatuto respeitável relativamente à sua longevidade. Porém, a verdade é que em momento algum o cronista dá particular ênfase a esse aspeto, e as próprias teorias sobre as *idades do Homem* não são taxativas. Para além de existirem diferentes modelos de divisão das idades, o modelo isidoriano, do século VII, provavelmente o mais difundido ao longo do período medieval, faz suceder à juventude, que termina aos 50 anos, um período de *gravitas*, até aos 70, que é, segundo o próprio arcebispo de Sevilha, uma etapa de *declinatio* entre a *iuventute* e a *senectute*, não se confundindo já com a primeira, mas

⁵ MOREIRA, 2013: 58.

⁶ As idades que doravante referirmos são as indicadas por Rui de Pina, não nos cabendo aqui discutir a sua exatidão ou veracidade.

não pertencendo também ainda à segunda⁷. O modelo descrito por Dante, porém, a partir de Alberto Magno, faz suceder imediatamente a *senectude* à juventude⁸, aos 50 anos, sem qualquer tipo de transição. No plano dos autores portugueses, e particularmente da dinastia de Avis, esta última perspectiva encontra correspondência, por exemplo, nas considerações de D. Duarte sobre o assunto, no primeiro capítulo do seu *Leal Conselheiro*⁹, ao passo que o Condestável D. Pedro, em *Sátira de Infelice e Felice Vida*, opta por seguir o modelo isidoriano¹⁰. Mesmo dentro da velhice é possível identificar diferentes níveis ou estádios, consoante os autores, levando-nos tal diversidade a perceber o quão difusos e incertos podem ser estes conceitos, e o quão difícil é também uma categorização com base nestes modelos.

De entre as personagens para as quais temos, nas crónicas em análise, indubitáveis representações da velhice, importa começar por destacar D. Afonso Henriques. A sua muita idade é constantemente referida e valorizada, passando a extraordinária marca dos 90 anos, segundo Rui de Pina. Diz-nos o cronista que só aos 84 anos o primeiro monarca português, «por indesposição de sua pessoa»¹¹ e por não poder já cavalgar desde que partira a perna em Badajoz, entregou definitivamente o comando da guerra e conquista contra os infiéis ao seu filho D. Sancho. Os feitos de Afonso Henriques, porém, não terminam por aqui: é aos 85 anos que recebe finalmente o reconhecimento papal face à sua intitulação enquanto Rei de Portugal, e ainda aos 90 anos a simples enunciação do seu nome, ou o aparecimento da sua imagem ao longe, «assentado em hum carro»¹², é o suficiente para fazer tremer o inimigo e dar confiança na vitória às hostes portuguesas¹³. A idade, em D. Afonso Henriques, confere-lhe uma aura de grande respeito, experiência e maturidade, reveladas, por exemplo, naquela «excellente fala»¹⁴ que terá dirigido a seu filho D. Sancho, aquando da passagem do testemunho no comando da guerra — «muy dina de tal Pay, e de Rey muy Catolico, e tão bom Cavalleyro»¹⁵ —, ou na capacidade de, perante a ameaça do Miramolim de Marrocos, ser capaz de ver logo o futuro, como prudente e exercitado guerreiro¹⁶. Chegado à altura em «que por graveza da carne jáa nom podia exercitar

⁷ «Quinta aetas senioris, id est gravitas, quae est declinatio a iuventute in senectutem; nondum senectus sed iam nondum iuventus, quia senioris aetas [...]. Quae aetas a quinquagesimo anno incipiens septuagesimo terminatur» (ISIDORO DE SEVILHA, 1985: t. II, lib. XI, i, ii).

⁸ ALIGHIERI, 1952: 336.

⁹ Ao fazer suceder a *velhice* à *mancebia*, aos 50 anos. Cf. DOM DUARTE, 1999: 16-17.

¹⁰ DOM PEDRO, 1975: 20-23.

¹¹ PINA, 1977: 19.

¹² PINA, 1977: 24.

¹³ Referimo-nos ao episódio do cerco do Miramolim de Marrocos a D. Sancho, em Santarém, que leva a uma tentativa de socorro por parte de D. Afonso Henriques.

¹⁴ PINA, 1977: 19.

¹⁵ PINA, 1977: 19.

¹⁶ «e sabendo da vinda de Miramolim vendo loguo de futuro como prudente, como exercitado guerreiro» (PINA, 1977: 24).

algum dos seus propios, e muy acostumbrados officios de Capitaõ, e Cavalleyro»¹⁷, o rei recolhe-se a Coimbra e aí termina santamente a sua vida «despois de fazer seu solene Testamento»¹⁸, e de receber os necessários Sacramentos à sua alma. No entanto, mesmo quando morto se faz questão de testemunhar como o corpo de D. Afonso Henriques permanece «muy grande, e bem composto»¹⁹.

Outros monarcas portugueses são representados pelo cronista na sua velhice. D. Afonso III, por exemplo, deu casa em Lisboa a D. Dinis, seu filho, e principiou de lhe entregar parte dos trabalhos e cuidados do reino «sendo jáa velho de setenta annos, e perseguido de dores, e payxões de velhice»²⁰. Antes de morrer, poucos meses depois, preparou a sua morte, fazendo testamento, arrependendo-se dos seus pecados e recebendo todos os Sacramentos, «como bom Catholico, e fiel Christaõ»²¹.

Quanto a D. Dinis, diz o cronista que morreu aos 64 anos e que até ao fim da vida foi «sempre em todos seus feytos muy excellente»²², reconhecido e estimado «antre todos los Reys do mundo»²³. Também neste rei é valorizado o facto de ter um «muy craro conhecimento que hos dias de sua vida se acabavam»²⁴, bem como a preparação da morte, ao nível do testamento, da receção dos Sacramentos, da escolha de local de sepulcro e dos legados que deixou. Todavia, a imagem da velhice de D. Dinis é também a imagem da enfermidade, das «afiquadas dores, e payxoens da doença delRey»²⁵, que afinal, não obstante os seus «grandes tezouros»²⁶ e o manter-se tão excelente, se faz transportar «em andas, e em colos de homens»²⁷.

Curiosamente, é envolvendo D. Dinis e o seu filho D. Afonso IV que encontramos uma das representações de conflito geracional, entre velhos e novos, nestes textos. D. Afonso IV encarna perfeitamente, na *Crónica de D. Dinis*, a imagem da imaturidade e da precipitação da juventude, ao procurar antes do tempo aquilo que a natureza ainda lhe não quer dar²⁸, e servindo de modelo para uma lição sobre obediência e lealdade filial²⁹. A este propósito, diz-nos o cronista que nem mesmo na velhice, ou perante qualquer impedimento, tem o bom filho o direito de se apoderar da regência do pai³⁰, citando adiante palavras do Papa João XXII, que procuram

¹⁷ PINA, 1977: 15.

¹⁸ PINA, 1977: 15.

¹⁹ PINA, 1977: 16.

²⁰ PINA, 1977: 201.

²¹ PINA, 1977: 201.

²² PINA, 1977: 221.

²³ PINA, 1977: 221.

²⁴ PINA, 1977: 309.

²⁵ PINA, 1977: 309.

²⁶ PINA, 1977: 222.

²⁷ PINA, 1977: 309.

²⁸ «porque te trigas ante tempo por cobreres aquillo, que ha natureza ainda te nom quer dar?» (PINA, 1977: 299).

²⁹ Cf. PINA, 1977: 279.

³⁰ PINA, 1977: 281.

recuperar exemplos históricos de demonstração dessa lealdade³¹. No conflito entre pai (D. Dinis) e filho (D. Afonso IV), assume um importante papel de intermediação e apaziguamento a rainha D. Isabel, tal como acontece depois, já na *Crónica de D. Afonso IV*, no conflito entre este monarca e o seu genro, Afonso XI de Castela. Neste segundo, a rainha, já viúva e de muita idade, aparece-nos ainda como pessoa extremamente respeitada, capaz de ser ouvida pelo monarca castelhano e de o aconselhar sabiamente, desejando atalhar no começo os fogos da discórdia. Não obstante a assunção da sua idade e das «grandes infirmitades»³² de que padecia, e pelas quais «nom poderia soportar hos grandes encargos, e trabalhos da Religiam»³³, é já em velha, e um ano antes de morrer, que a rainha vai a pé até Santiago, «muy desconhecida, pedindo pello caminho esmolos aos fieis Christaõs com seu bordão na mão, & fardel ás costas como huma bem pobre romeyra»³⁴. Mesmo em relação à morte faz o cronista questão de exaltar as singularidades de D. Isabel, como o agradável odor exalado pelo seu cadáver ou alguns dos milagres que operou *post mortem*.

A oposição entre D. Afonso IV, já adulto, e o jovem seu genro, Afonso XI de Castela, marca a representação de um segundo conflito geracional, com nova crítica face à juventude. Ironicamente, o monarca português, que em tempos tanto havia exasperado seu pai, parece surgir enquanto exemplo de como a idade traz maturidade, discrição e ponderação, a ele se pedindo que dê o exemplo. Isso mesmo se esperava também de Afonso XI de Castela, «que assi como crescesse mais em dias que assim mingoiaria mays em seus erros, & vicios, e todo se emendaria»³⁵. Os maus instintos da juventude são igualmente colocados em destaque nas palavras relativas ao rei D. Pedro de Castela, que o cronista diz ter sido chamado *o Cru* «por suas abominaueis obras»³⁶ e «por sua infamia em idade de 15 annos»³⁷. Afonso IV morre aos 66 anos e, tal como os seus antecessores, goza da oportunidade de preparar a sua morte, desta vez também a nível político e sucessório, com o caso de Inês de Castro, acelerado, segundo Rui de Pina, precisamente pela velhice do monarca³⁸.

Mas não são apenas os reis portugueses as personagens representadas neste estádio. Para Afonso X de Castela, por exemplo, monarca que «até hos derradeyros

³¹ PINA, 1977: 299.

³² PINA, 1977: 309.

³³ PINA, 1977: 309.

³⁴ PINA, 1977: 378.

³⁵ PINA, 1977: 357.

³⁶ PINA, 1977: 464.

³⁷ PINA, 1977: 464.

³⁸ «& por aseseço, & conservação de seus Reynos, & das couzas de sua coroa que por respeyto da dita Donna Ines se poderião enlhear a mandasse matar por tal, que a ora da morte de elRey Dõ Afonso *que nõ podia muyto tardar pois era ja muy velho*» (PINA, 1977: 465); itálicos nossos. Também sentindo já chegada a hora da morte, o rei manda chamar Diogo Lopes Pacheco, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, os principais responsáveis pelo assassinato de D. Inês, aconselhando-os a fugirem do reino. Cf. PINA, 1977: 468.

dias de sua vida, sempre foy perseguido de grandes guerras, e muitas necessida-des»³⁹, temos uma imagem de «grande amor»⁴⁰ na relação entre avô (o próprio) e neto (D. Dinis), ainda na infância deste⁴¹, e entre o pai e a filha (D. Beatriz) que até à hora da morte o socorre, conforta e aconselha.

No grupo dos cavaleiros cristãos, quatro nomes devem ser salientados. Estevão Pires, cavaleiro de Santarém, «homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes»⁴², que serviu a D. Pedro, conde de Urgel, filho de D. Sancho I, é, pelo muito que viveu e presenciou, utilizado como testemunha de acontecimentos passados, ou fonte de legitimação da verdade. Papel semelhante, ainda que num plano mais providencialista, é atribuído ao chamado Guardião de Tavira, «homem velho, & de boa vida»⁴³, que «das couzas antigas tinha boa memoria»⁴⁴, tornado capaz de interpretar visões à luz dos acontecimentos testemunhados no passado. Evoca este Guardião, ao interpretar uma visão tida pelo rei de Castela, Afonso XI, os feitos do Mestre de Santiago D. Paio Correia, referido na *Crónica de D. Afonso III* como alguém que, sendo já velho, acaba a sua vida «bem, e catolicamente»⁴⁵ — um outro exemplo de uma *boa morte*. O quarto nome a destacar é o de D. João Manuel, descrito na *Crónica de D. Afonso IV* como «homem já de idade»⁴⁶, mas que assume ainda, de «rosto alegre»⁴⁷, a dianteira do exército castelhano na Batalha do Salado, polarizando a esperança na vitória e a união entre os reis de Portugal e Castela, que consigo haviam de comer juntos na tenda real de Alibohaçem⁴⁸.

A terminar esta elencação de representações, não poderíamos deixar de apontar os casos muito particulares dos velhos *mouros* Anrife e Alcarás. Anrife, velho da Berbéria, «de muytas letras, & grãde authoridade»⁴⁹, é o primeiro a falar no conselho dos reis de Granada e de Marrocos, antes da Batalha do Salado, reconhecendo a força dos reis cristãos e recomendando a retirada islâmica até ao verão seguinte. Alcarás, homem «velho infiel Turco de naçam»⁵⁰, «grande guerreyro, & com assas

³⁹ PINA, 1977: 232.

⁴⁰ PINA, 1977: 195.

⁴¹ No episódio que leva D. Dinis até à corte de seu avô Afonso X de Castela, ainda em criança, a propósito das questões em torno da posse do Algarve. Mais tarde as relações serão de facto más e conflituosas. Todavia, na *Crónica de D. Dinis*, de Rui de Pina, tal como na crónica portuguesa mais antiga, pouco ou nada se diz sobre isso, ao contrário do que sucede na *Crónica de Alfonso X*. Cf. PIZARRO, 2005: 66.

⁴² PINA, 1977: 100.

⁴³ PINA, 1977: 408.

⁴⁴ PINA, 1977: 408.

⁴⁵ PINA, 1977: 197.

⁴⁶ PINA, 1977: 445.

⁴⁷ PINA, 1977: 445.

⁴⁸ «& por bom pronostico, loguo convidou ambolos Reys pera na Tenda Real de Alibohaçem, o dia que fosse a batalha, comerem com elle» (PINA, 1977: 445).

⁴⁹ PINA, 1977: 441.

⁵⁰ PINA, 1977: 450.

poder de gentes»⁵¹, aconselha Alibohaçem, em plena batalha, a ser prudente e a retirar-se, sendo mesmo quem detém o rei de Marrocos perante a sua anunciada desgraça. Ambos são vistos como homens sábios e prudentes. Porém, e apesar de muitos se inclinarem aos seus conselhos, a eles não dão ouvidos os reis de Granada e de Marrocos, originando a sua própria perdição.

Pelo que até aqui referimos, percebe-se que as descrições da velhice se limitam, neste conjunto de crónicas, a monarcas e cavaleiros. Não há referências a velhos entre os pobres e necessitados. Sempre que o cronista se refere aos beneficiários de ações de caridade, ou quando enumera os mais frágeis da sociedade, aponta os enfermos, as mulheres, os religiosos, os leprosos, os pobres, os aflitos, os cegos, e outros com problemas de vária ordem, mas nunca os velhos. É certo que na Idade Média chegar a velho estaria destinado a uma pequena minoria. Contudo, não será talvez esse o principal motivo explicativo desta ausência de referências, mas sim o facto de, conforme referimos no início, os mais velhos, numa sociedade que não conhece a idade da reforma, não constituírem propriamente uma categoria social ou um grupo à parte⁵². A omissão dos textos não traduz uma inexistência destas pessoas, mas sim a sua diluição na massa informe das várias classificações de necessitados. Estes resultados estão, aliás, em linha com o que também Georges Minois observou em diferentes fontes europeias para a Idade Média, e a propósito das quais constatou, na sua *História da velhice no Ocidente*, a dificuldade de estudar a condição dos mais velhos entre as classes mais desfavorecidas desta época, considerando que o assunto «pertence à história mais geral da pobreza»⁵³.

Mesmo entre as representações presentes nas crónicas em estudo, apenas temos as de personagens que se mantêm ativas ou que de algum modo se destacam na sua velhice, encarnando atributos associados a esta fase da vida. Todas representam um determinado papel na narrativa e nenhuma surge por acaso. Sobre as várias figuras a que o cronista aponta o caminho dos mosteiros e conventos, e mesmo quando nos indica as que aí terminaram santamente a sua vida, pouco ficamos a saber, por muitos anos que possam ter vivido. Ainda assim, o cronista dá-nos sinais de como a velhice pode ser positiva ou vantajosa face a outras idades da vida, mesmo que dentro dos estereótipos que apresenta. Por exemplo, uma das grandes vantagens de se morrer velho é poder preparar a morte, e isto vemos em boa parte das personagens retratadas, seja através da escrita do testamento, da escolha do local de sepulcro, da possibilidade de receber todos os Sacramentos, entre outros aspetos. Pelo contrário, no que respeita à morte de pessoas ainda *muy moças*, *mancebas* ou jovens, essa preparação não é referida, presumindo-se que possa não acontecer. A este propósito, já Cícero,

⁵¹ PINA, 1977: 450.

⁵² MINOIS, 1999: 174.

⁵³ MINOIS, 1999: 174.

no seu tratado *De Senectute*, fazia contrastar a violência da morte na juventude com a naturalidade da mesma na velhice, comparando o final da vida ao avistamento de terra ou à chegada a um porto após longa navegação⁵⁴. Ao longo da Idade Média, a obra de Cícero é recuperada por diferentes autores cristãos⁵⁵, e o caminho até ao porto converte-se no caminho da entrega da alma a Deus, de quem espera o fim da vida e prepara a sua salvação.

De resto, são vários os modelos medievais, e alguns até de épocas anteriores, subjacentes a estas representações. Delas nos parece indissociável, nomeadamente, uma certa imagem ligada à prudência, ao bom conselho e à sabedoria, presente até em personagens que enquanto jovens merecem duras críticas, como D. Afonso IV, e em alusões relativas aos benefícios da passagem do tempo sobre os comportamentos pessoais⁵⁶. A relação entre as representações da velhice e da sabedoria na Idade Média é, de facto, conhecida, tendo o assunto merecido já diversos estudos para diferentes obras⁵⁷. A par da sabedoria anda o conhecimento e a memória das coisas antigas, de que também os mais velhos são guardiões, daí advindo a força do seu testemunho, do seu vaticínio e do seu conselho nos momentos mais críticos⁵⁸.

Considerando o rol das personagens já descritas, não caímos em erro ao constatar também a existência de uma forte valorização do velho guerreiro. Para além dos monarcas que combatem até tarde, foram salientados quatro guerreiros cristãos e dois muçulmanos. A alguns, nomeadamente a D. João Manuel e aos *mouros* Anrife e Alcarás, as descrições são perentórias em atribuir-lhes a plena posse do poder e vigor, não obstante serem já *velhos*. Mais, a estes e a outros dos velhos guerreiros mencionados se aliam a experiência, a sabedoria e o bom conselho. A velhice, portanto, não é vista como negativa; pelo contrário, mantendo o vigor de guerreiros sem idade, recebem ainda os *dons* desta fase da vida. A própria rainha D. Isabel, não sendo guerreira, inscreve-se perfeitamente nesta aura muito respeitosa face à velhice e de valorização dos atributos que lhe estão associados. No final da vida, para além da energia, ponderação e influência que ainda demonstra, atinge porventura o auge de um carácter quase *sobre-humano*⁵⁹, ao vencer a lei natural da decomposição dos corpos e operando vários milagres após a morte.

⁵⁴ CICERÓN, 2006: 196-197.

⁵⁵ Cf. MONGE MARIGORTA, 2006: 132. Cf. também a referência feita a *De Senectute* em OLSEN, 2006: 31. Cícero é, aliás, uma das principais referências de Dante quando escreve sobre as últimas fases da vida.

⁵⁶ Cf. PINA, 1977: 357.

⁵⁷ Note-se, por exemplo, a proporção de comunicações que associam a velhice e a sabedoria apresentadas ao colóquio *Veillesse et vieillissement au moyen-age* (Veillesse..., 1987).

⁵⁸ Já Dante, em *Convivio*, escrevia sobre a *senectude*: «Conviensi adunque essere prudente, cioè savio: e a ciò essere si richiede buona memoria de le vedute cose, buona conoscenza de le presenti e buona provedenza de le future» (ALIGHIERI, 1952: 352-353).

⁵⁹ A escolha desta expressão deve-se a uma frase de Rui de Pina que, sobre a rainha D. Isabel, diz: «e assi teve outras muitas, e muy singulares virtudes, com que pareceo que venceo suas forças humanas» (PINA, 1977: 231); itálicos nossos.

Se existe algum elemento crítico apontado à velhice, não podemos dizer, a partir destas crónicas, que esteja associado a um ideal estético ou a uma fealdade física, mas antes à doença e ao sofrimento do corpo — e aqui nem os monarcas escapam, por mais grandiosos que sejam. Diz-nos o cronista que D. Afonso Henriques, apesar de todos os seus feitos, aos 84 anos, caso cavalgasse, incorreria em certos «emcōvenientes de sua honra»⁶⁰, e que aos 90 anos a carne, por sua fraqueza e grande velhice, «jáa bem nom podia obedecer ha bondade, e viveza de seu espirito»⁶¹. D. Beatriz socorre seu pai, Afonso X de Castela, no final da vida, nas «aversidades e infortunios»⁶² de que padecia, «sem ho nunca leyxar atée ora da morte»⁶³. E também D. Afonso III, D. Dinis, D. Isabel e D. Afonso IV constituem exemplos de um final de vida marcado pelas «grandes infirmidades»⁶⁴, pela «doença mortal»⁶⁵ e pelas suas «dores, e payxoens»⁶⁶. De resto, e mesmo sendo este um fardo bastante pesado, a velhice apresenta-se respeitável e em geral associada aos atributos positivos que até aqui temos vindo a referir, dentro dos estereótipos da época, portanto. O problema é que fora destes estereótipos não há velhice, o que, como sabemos, não corresponde à realidade vivida. Simplesmente, a velhice real, ou pelo menos a velhice tal como hoje a entendemos, talvez não tenha lugar nestes textos.

A obra cronística analisada reflete os modelos do seu tempo. No entanto, importa perceber até que ponto esses modelos resultam da composição do cronista, ou se vêm já de trás, estando também nas fontes pelo mesmo utilizadas — até porque o próprio Rui de Pina já não seria nada novo quando trabalhou neste conjunto de crónicas. Este é parte do trabalho que esperamos desenvolver ao longo dos próximos tempos. Importaria igualmente analisar as restantes crónicas atribuídas a Rui de Pina, pois também aí detetámos já vários exemplos merecedores de atenção. Obteríamos, assim, uma visão mais completa sobre o tema da velhice na obra deste cronista, com os seus pontos em comum e as suas eventuais variações. Esperamos poder fazê-lo, quem sabe, numa próxima oportunidade ou num próximo colóquio dedicado ao tema.

⁶⁰ PINA, 1977: 19.

⁶¹ PINA, 1977: 24.

⁶² PINA, 1977: 232-233.

⁶³ PINA, 1977: 233.

⁶⁴ PINA, 1977: 309.

⁶⁵ PINA, 1977: 468.

⁶⁶ Expressão utilizada para dois monarcas diferentes: Cf. PINA, 1977: 201 e PINA, 1977: 309.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

- ALIGHIERI, Dante (1952). *Convivio*. Milano: Rizzoli Editore.
- CICERÓN, Marco Tulio (2006). *De Senectute*. Madrid: Editorial Triacastela.
- DOM DUARTE, Rei de Portugal (1999). *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DOM PEDRO, Condestável de Portugal (1975). *Obras completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ISIDORO DE SEVILHA, Santo (1985). *Etymologiarum siue originum*. Oxonii: Typographeo Clarendoniano. 2 tomos.
- PINA, Rui de (1977). *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. Lopes de (1977). *Introdução*. In PINA, Rui de. *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão, pp. V-XXIII.
- BEAUVOIR, Simone de (1979). *La vieillesse*. Paris: Gallimard.
- MINOIS, Georges (1999). *História da velhice no Ocidente: da Antiguidade ao Renascimento*. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema.
- MONGE MARIGORTA, José Antonio (2006). *Cicerón: vida y obra*. In CICERÓN, Marco Tulio. *De Senectute*. Madrid: Editorial Triacastela, pp. 83-133.
- MOREIRA, Filipe Alves (2013). *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLSEN, Birger Munk (2006). *L'esprit critique à l'égard de la littérature païenne au Moyen Âge, jusqu'au XII^e siècle*. In CHAZAN, Mireille; DAHAN, Gilbert, ed. *La Méthode critique au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, pp. 27-45.
- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor (2005). *D. Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- VIEILLESSE et vieillissement au moyen-âge*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1987.

PERSPETIVAS DA *MATURA IDADE* EM TEXTOS MEDIEVAIS DE DIFERENTES TRADIÇÕES DISCURSIVAS

CLARA BARROS*

Resumo: *Situando o seu estudo no âmbito da Pragmática Histórica, a autora procura detetar, em discursos medievais de diferentes tipologias, o modo como é perspectivada a «velhice», como são regidos os comportamentos e a interação social em relação a esse grupo etário e em que moldes ele é caracterizado e definido como grupo. Conclui que há duas principais perspetivações da velhice observadas nesses textos: por um lado, a fragilidade dos idosos resultante de desgaste físico; por outro lado, o reconhecimento da sua sabedoria e experiência. A velhice, nos textos medievais analisados, aparece, assim, perspectivada através de uma dialética entre a fragilidade do corpo e a força do espírito.*

Palavras-chave: *Velhice; Legislação de Afonso X, o Sábio; Demanda do Santo Graal; Crónica Geral de Espanha; Leal Conselheiro; Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.*

Abstract: *Within the framework of Historical Pragmatics, the author attempts to detect, in medieval discourse of different types, the way in which «old age» is viewed, how behaviour and social interaction are governed in relation to this age group and in what ways the group itself is characterised or defined. The author concludes that two principal perspectives of old age are to be found in these texts: on the one hand, the fragility of the old as the result of physical attrition; on the other hand, the recognition of wisdom and experience. In the medieval texts analysed, old age appears to be viewed from the dialectics of corporeal fragility and force of spirit.*

Keywords: *Old age; Legislation of Afonso X, the Wise; Demanda do Santo Graal; Crónica Geral de Espanha; Leal Conselheiro; Cancioneiro Geral by Garcia de Resende.*

No âmbito do estudo que venho fazendo de textos portugueses medievais pertencentes a diversas tradições discursivas tenho tentado observar e explicitar em que medida esses textos projetam aspetos da paisagem humana e social coeva.

Na sequência dessa tentativa de detetar, em discursos medievais de diferentes tipologias, reflexos de um sistema de crenças e de valores inerentes ao código de comportamento de grupos sociais diversos, procuro analisar neste trabalho o modo como é perspectivada a «velhice», como são regidos os comportamentos e a interação social em relação a esse grupo etário e em que moldes é caracterizado e definido como grupo.

A área de investigação em que se situa o meu estudo é a Pragmática Histórica. Apesar de, na investigação linguística, as dimensões textuais/discursivas terem

* Universidade do Porto/CLUP/CITCEM. Email: mbarros@letras.up.pt.

começado por ser estudadas numa perspetiva estritamente sincrónica, o alargamento dos estudos linguísticos à relação entre a linguagem e os contextos não poderia deixar de ter repercussões na Linguística Histórica. A Pragmática Histórica apresenta-se justamente como uma área de investigação interdisciplinar que cruza os domínios teóricos da Pragmática Linguística e da Linguística Histórica. Representa uma abertura teórico-metodológica que contribui para uma necessária reformulação das perspetivas de análise de textos do passado, encarando a possibilidade de fazer a reconstituição de ambientes e de quadros organizados que neles estão inscritos e que são também essenciais para uma melhor compreensão dos próprios textos pela sua inserção num contexto histórico-social.

É este o quadro teórico-metodológico em que se inscreve a minha tentativa de explicitar, neste artigo, alguns aspetos da imagem da idade madura no contexto da paisagem humana e social da Idade Média tal como se projeta em textos de quatro tradições discursivas: textos jurídicos da legislação de Afonso X, o Sábio, textos de tradição narrativa como a *Demanda do Santo Graal* ou a *Crónica Geral de Espanha*, um texto de cariz filosófico como o *Leal Conselheiro* e textos literários, de poesia, do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Trata-se, portanto, de um *corpus* exemplificativo de textos de diferentes tradições discursivas¹.

Começando pela tradição discursiva dos textos jurídicos portugueses medievais da legislação de Afonso X, observei os textos da *Primeyra* e da *Segunda Partida* e o do *Foro Real*, analisando em que medida os atos prescritivos que neles ocorrem se dirigem não só ao aplicador da lei (o alcaide ou o juiz) mas também a destinatários de carácter mais indiferenciado ou abrangente, isto é, a grupos de que o legislador pretende gerir os comportamentos, emitindo normas que visam assegurar a sua conduta adequada em circunstâncias específicas, com obrigações de natureza ético-moral e não apenas legal. Vou centrar-me na análise de atos diretivos de âmbito e amplitude diversos, procurando captar traços específicos da sua estruturação discursiva que possam ser correlacionados com os diferentes cenários em que se projeta a relação locutor-alocutário. Não se deve ignorar que não é fácil determinar o grau de prestígio e de validade que detinham, na época de redação destes textos (sensivelmente em meados do século XIII), os diversos princípios evocados. Como sublinha Labov: «Though we know what was written, we know nothing about what was understood»².

No texto da *Primeyra Partida*, a velhice é perspetivada geralmente como «perda de capacidades» — enfraquece e fragiliza os indivíduos. Nessa linha de pensamento, diz-se que os velhos exigem tratamento preferencial e alguma proteção,

¹ Utilizo a definição de tradição discursiva presente em KABATEK, 2008, 2016; tento constituir para a análise o que KABATEK, 2006: 20 designou como «um corpus multidimensional».

² LABOV, 1994: 11.

em conjunto com outros grupos (definidos de acordo com parâmetros etários, de género e outros) como o das crianças, o dos enfermos, por vezes o das mulheres, etc. As prescrições deontológicas estipulam um estatuto de grupo. E observa-se a natureza formular da enumeração de grupos sociais diversos. As normas de conduta e as penas a atribuir são dirigidas a situações específicas e a destinatários de grupos bem determinados.

A «velhice» figura na enumeração de grupos ou classes cuja condição deve ser tida em conta na aplicação da lei. Observa-se, na caracterização deste grupo etário, uma dialética entre a fragilidade e a força: a fragilidade física e a força da sabedoria. O legislador determina a correção ética e a adequação pragmática do comportamento na aplicação das penas aos diferentes grupos. Por exemplo, em relação à confissão, estabelece-se que a penitência a aplicar deve ter em conta a condição física dos indivíduos e está prevista uma determinação particular para «velhos, fracos do corpo e enfermos» com atenuação da penitência, para prevenir a ocorrência de situações indesejadas, com cenários previstos de incumprimento, agravamento de estado, ou morte:

Semelhança deue a tomar de Deus aquel que dai a pẽdença por elle. Ca assy como Nostro Senhor Ihesu Cristo he justicozo e piadoso, assy deue o que tem sas vezes dar as pẽdenças con justiça e con piadade catãdo que aquel que andou con seus pees en fazer maas obras que lhy dẽ outrossy carreyras en que lazere fazendo bem. Pero se ffosse como uelho ou fraco do corpo ou enfermo deũesse a mouer contra el piadosamẽte nõ lhy dando tantas carreyras nẽ taes que nom podesse cõprir per que ouuesse a mjguar ena peendẽça que lhy desse ou per que creçesse a enfermjdade en elle ou moresse porende³.

Ainda em relação ao cumprimento de promessas, observa-se a oposição entre a exigência de manutenção do voto, sob pena prevista de excomunhão com todos os efeitos sociais nefastos implicados, e a absolvição de tal pena, em caso de velhice, neste caso a dispensa da obrigação de ir a Roma:

Ley IIIIa por quãtas rrazões nõ deuẽ hir a Roma os que ferẽ clerigo ou homẽ ou molher de rreligiõ

³ PP, VI, 1091 /.../-1100. Na referência aos textos adoto o seguinte esquema: (i) o primeiro elemento especifica a obra, através das seguintes abreviaturas: FR para o *Foro Real*, PP para *Primeyra Partida*, SP para *Segunda Partida*, FID para *Flores de Direyto*; (ii) o número romano especifica o Livro, no caso do *Foro Real*, e o Título, no caso da *Primeyra Partida* e o Título (T.) e a Lei (L.) na *Segunda Partida*; (iii) o(s) número(s) árabe(s) indica(m) a(s) linha(s). Nos textos narrativos as referências ao texto serão: (i) as abreviaturas CGE para *Crónica Geral de Espanha de 1344* e DSG para *Demanda do Santo Graal*; (ii) os números indicam primeiro o Título (Tit.) e em seguida o fólho (fol.).

Roma he logar assinaado hu hã d' asoluer o que mete mãos iradas en clérigo ou en homẽ ou ẽ molher de rreliõ ssegũdo diz ena ley ante desta. /.../ E sse despoys nõõ quiser fazer podeno scomũgar per razõ do juramẽto que ouue feyto /.../ A VIa se he muy uelho de guisa que nõõ podesse sofrer o trabalho do camiõ⁴.

Na Lei XII do XXI Título, estabelece-se a pena por sacrilégio, enumerando os cenários eventuais, tendo em conta sobretudo os parâmetros variáveis de situação, idade e género. Assim, estabelece-se a possibilidade de o prevaricador ser de maioridade, ser velho ou jovem, homem ou mulher, e as condições do julgamento e naturalmente da pena a aplicar. Além do erro cometido, e da situação em que foi cometido, devem ser consideradas as variáveis de idade e de género, com referência explícita à condição de ser «velho» como se pode observar:

Ley XII ẽ quantas cousas deue meter mẽtes o prellado e o guardador quando ouuer a poer pena a algũũ por sacrilégio E ajnda deue sseer catado se foj de dia se de noite. E se era de rreuora o que o fez ou nõõ. E se era uelho ou mãço ou barã ou molher. E segũdo qual for o erro e o que o fez e a cousa ẽ que foj feyto, asi o deue julgar⁵.

Também na Lei VII do XXVI Título, se estabelecem os critérios que devem ser tidos em conta na atribuição das esmolas e a idade é uma das variáveis a ter em conta, postulando que «a velhice» é um critério de prioridade:

A seytima cousa he que deue meter mẽtes de que ydade he o que pede a esmolla. Ca ante a deũ a dar aos uelhos que aos mançoos⁶.

Encontramos ainda algumas ocorrências da referência aos votos e às circunstâncias em que podem/devem ser abandonados em caso de «fraqueza física» e de «velhice», como por exemplo na Lei V do Título XI:

Ley V por quaes rrazões se podẽ canbhar ou soltar os uotos Osmar deue o prelado quando ouuer de mudar ou cãbhar o uoto que algũũ ouuesse feyto, que homẽ he aquel que o fez, se he velho ou fraco ou ẽfermo ou pobre ou rrico. Outrossy qual he a promissom que fez. E sse fosse fraco ou uelho e ouuesse feyto

⁴ PP, XII, 153/155...173-175.

⁵ PP, XXI, 159...-170.

⁶ PP, XXVI, 199-201.

*voto pera hir a Jherusalem am de catar se he a fraqueza tal /.../ E entõ deuelhy alongar o prazo*⁷.

É frequente, portanto, a consideração da fraqueza física das pessoas de idade e as limitações a que pode conduzir, existindo nas diretivas uma instrução que recomenda uma atenuação das sanções em relação a esse grupo.

Mas, por outro lado, surgem regulamentações que indiciam uma atitude de respeito em relação aos velhos, pelo seu estatuto de sabedoria que implica a sua posição superior e, nomeadamente, a atribuição de cargos hierárquicos pelo prestígio baseado na idade/antiguidade de funções. Existe também, portanto, a perspetiva de que a velhice confere ao indivíduo um estatuto elevado, de sabedoria e de responsabilidade que lhe atribui uma posição hierárquica superior.

Selecionei dois exemplos do Título IX da *Primeyra Partida* em que se determinam algumas funções e a atribuição de responsabilidades e de cargos, sendo neste caso a «velhice» sinónimo de estatuto mais elevado. Na Lei IX deste Título, «velhice» é sinónimo de «honra» e de estatuto e não de idade:

*Ley IXa que quer dizer preste e que cousas ha de ffazer
Preste he linguagẽ de gregos que quer tâto dizer como velho, pero esta villice
nõ sse entende per rrazõ do tẽpo, mays por rrazom da hõrra do logar que tem*⁸.

E, na definição de «decano», observamos uma seleção de atributos do «homem velho», de cariz axiológico positivo como o da responsabilidade, sensatez, competência baseados na idade:

*E {decanus} en latim <F 83d> tanto quer dizer en rremãço como homẽ velho
e mays câão e deue por en seer sisudo e sessegado e de bõas manhas*⁹.

Na *Segunda Partida* a invocação de autoridades, em citação direta ou parafraseada, apresenta alguma variação, mas está omnipresente no texto das leis, sustentando as asserções desta obra jurídica que, para além de ser um código legislativo, se apresenta como um repositório de sabedoria temporal e espiritual, que em certa medida recupera uma tradição. Surgem referências frequentes à palavra dos sábios ou sabedores e filósofos *antigos*, ou simplesmente em expressão já formular: *os antigos*, em que se agregam os conceitos de antepassado, de «velho» e de sábio.

⁷ PP, XI, 113-118.

⁸ PP, IX, 208-210.

⁹ PP, IX, 71-73.

Em alguns fragmentos do texto da *Segunda Partida*, correspondentes aos títulos XVIII e XXI, evidencia-se uma estratégia de argumentação com recurso a uma autoridade fundamentada na tradição: a referência à autoridade *dos antigos* é frequentemente seguida por verbo modal jussivo — estabelecer, ordenar, «dizer», ter por bem/não ter por bem — como se pode observar nos seguintes exemplos:

*Mais outras duas hy ha que fazẽ os vassalos algũas vegadas contra os senhores que teverõ os antigos, que era mais culpa, porque a hũa he chãmẽte aleyve e a outra trayçõ conhoçuda*¹⁰.

*Vootade avendo El-Rey de dizer mal a sseu natural, se lhy nõ desse o castelo, que tevesse en fialdade ata nove/dias, assi como diz na ley ante desta, nõ teverõ por bẽ os antigos que o retasse el mesmo per ssi du/as razões: a hũa porque o ssenhor nõ perdesse o castelo. Pero... E porque esta paravoa he tanto como desmentirsse, por ende nõ teveron por bẽ os antigos d’Espanha que el o disse*¹¹.

No título XXI da *Segunda Partida*, observa-se esta estratégia de invocação da Autoridade de «os antigos»/os sabedores, seguida de verbo jussivo nas Leis XVII, XVIII, XX e XXI:

*Estabeleçerõ os antigos que [...] E esto fezerõ [...] Esso mesmo estabeleçerõ tãbẽ das armaduras como das armas que trouxessẽ*¹².

*Apostamẽte teverõ por bẽ os antigos que fezessẽ [...] E por en ordinarõ*¹³.

*Os sabedores antigos*¹⁴.

*Apostamẽte teverõ por bẽ os antigos que fezessẽ os cavaleyros estas cousas que dito avemos/na ley ante desta*¹⁵.

E no Título XII, Lei L, salienta-se a «antiguidade» de filósofos pondo em relevo o prestígio dos antigos: «*Diserom os sanctos padres e os philosophos antigos que*»¹⁶.

¹⁰ SP, T. XVIII, L. xxiii.

¹¹ SP, T. XVIII, L. xxv.

¹² SP, T. XXI, L. xviii.

¹³ SP, T. XXI, L. xx.

¹⁴ SP, T. XXI, L. xxi.

¹⁵ SP, T. XXI, L. xx.

¹⁶ SP, T. XII, L. viii.

No texto do *Foro Real*, curiosamente, a única referência a velhos aponta para a igualdade de todos perante a lei e não foi possível encontrar disposições legislativas específicas de grupo:

*As leys amã e desynã as cousas que sō de Deus e demandã e demonstrã dereyto e iustiça e o ordiamẽto dos boos costumes e son guyamẽto do pobuu e aiuda e sō tãben pera os omees come peras molleres e assy pera mancebos come pera uellos e tanbẽ pera os sabedores come pera os insabes*¹⁷.

Nas *Flores de Direyto*, pelo contrário, é mesmo referido, a respeito da «velhice», um princípio geral de respeito e de dever de prestação de serviço aos mais velhos, que rege a interação social. Há certas normas sociais e representações ideológicas que o Locutor envolve nos seus enunciados, fazendo passar uma dada visão do mundo; e admite que o Alocutário é sensível a essas normas, porque partilha a estruturação cognitiva proposta. Assim, a partir dessa norma invocada justificam-se alguns privilégios dos mais velhos no direito processual, designadamente a proibição de os mais jovens abrirem processos contra os seus ascendentes:

*Porque os filhos deuen onrar os padres e os auoos e fazer a elles ofiço assy como deuen os meores aos mayores” razon est e dereyto que fillos nen netos non possã chamar a juyzo seus padres nen suas madres nen auoos nen bissauos*¹⁸.

Observa-se neste exemplo um tipo de «verdade» convocado como argumento. Verifica-se a enunciação de um princípio de hierarquia aceite, ou o suscitar de *doxa* supostamente partilhada pelo Alocutário, introduzida pela causal «porque». Neste enunciado surge o predicado «dever» que traduz obrigação deôntica imposta pela autoridade jurídico-legislativa, coincidente com uma obrigação ético-moral. Também o uso de formas do presente do indicativo está em consonância com o seu carácter de verdade alegadamente universal e atemporal. O Locutor justifica a diretiva com uma Norma genérica tida por aceite, uma verdade do senso comum. Esta Norma estaria disponível no conhecimento comum como fica explícito neste enunciado que regulamenta a relação jurídica entre membros de uma família, nomeadamente entre ascendentes e descendentes, considerando-se que vigora um princípio de hierarquia segundo o qual os «mais velhos», por disfrutarem de um estatuto superior (etário, de precedência genética), devem ser respeitados pelos mais novos. Note-se que o discurso

¹⁷ *FR*, I, 354-359.

¹⁸ *FID*, 226-229.

subsequente verbaliza a *doxa* «assy como deuen os meores aos mayores», mostrando que o argumento é um caso particular de aplicação de uma norma mais genérica.

Passando à análise de uma tradição discursiva diferente, a dos textos narrativos, observei que na *Demanda do Santo Graal* e na *Crónica Geral de Espanha* encontramos numerosas referências à «velhice». No texto da *Demanda*, há diversas personagens de avançada idade e a sua perspetivação apresenta dois sentidos. Ora a de uma velhice muito avançada e decrépita ora a referência a alguma sabedoria adquirida e ao aconselhamento dos mais novos.

Observa-se em algumas ocorrências uma descrição hiperbólica da decadência física da velhice e da extensão da vida, com frequentes estratégias de superlativação e de encarecimento em geral, como por exemplo barbas e cabelos longuíssimos que arrastam pelo chão e são brancos como a neve, velhice trémula, «nunca antes vista» nem mesmo imaginável, com uma funcionalidade na narrativa: estão em clara consonância com a cronologia da diegese em que surgem sistematicamente personagens associadas a uma longa espera da resolução da demanda do Graal. A dimensão da «velhice» é medida pela impossibilidade de conceber a sua existência e surge em expressão de natureza quase formular «tam velho que non ha homem que cuidasse que no mundo podesse haver»/«tanto era velho que cuidavam que nunca homem tanto podesse viver» — e até em pleonasma — «homem velho e antigo». Trata-se de figuras de velhos, exemplos paradigmáticos de idade avançada, cuja velhice é mesmo difícil de conceber e de uma extrema fragilidade como podemos ver nos exemplos que se seguem:

Quando Persival chegou aa porta da capela vio ante o altar ùũ homem velho e antigoo e cão e magro e pobre. E vestia ùa saia e havia a barba tam grande que lhe dava per terra e tiinha darredor do pescoço ùa corda ja´ quanto grossa¹⁹.

ùũ homem tam velho que nom ha´ homem que cuidasse que no mundo podesse mais velho haver. E havia a cabeça tam branca de cããs como neve e os cabelos tam longos que lhe [jaziam] por terra²⁰.

E conhecerom que era homem, mas tanto era velho que cuidavam que nunca homem tanto podesse viver que chegasse a aquela vilhice. E el se quis erguer contra eles mas nom pôde²¹.

¹⁹ DSG, 183, 66b.

²⁰ DSG, 422-140d.

²¹ DSG, 423-140d.

A entrada da capela siia ũũ homem velho todo cão e tremendo com vilhice. E quando Lancelot chegou a el salvou-o. E el ar salvou-o mais esforçadamente ca el cuidaria. E ergueu-se du siia e chegou-se aa barca e perguntou Lancelot que aventura o adussera ali²².

Eu vivi tanto que nom ha' mester de mais viver. E pero, a[n]te que me leixe morrer, vos quero rogar que levedes o corpo de meu filho a ũa abadia que e' preto daqui, ca eu som tam velho e tam febre e com tanta door que o nom poderia ala' levar. E eu quero que jaça na abadia porque a fiz eu²³.

depo's morte de tam bõõ filho nom quero eu viver, velho e febre e tam mal treito como som. E rogo-te que tu faças meu corpo deitar cabo de meu filho²⁴.

rei Mars era ainda vivo e era tam velho que aquele tempo nom havia rei no mundo de tam gram idade. E cavalg[ava] ainda esforçadamente e tũa tam bem sa terra que nom dultava vizinho que houvesse²⁵.

É de sublinhar que nestes momentos se apela também ao conhecimento do mundo e a um argumento baseado no *pathos* de efeito mobilizador ativando estrategicamente o sentimento de piedade.

Mas, por outro lado, na *Demanda do Santo Graal* há referências frequentes à sabedoria dos velhos, concretamente à sua capacidade de aconselhamento dos jovens cavaleiros e às suas recomendações de prudência. Surgem também referências ao seu conhecimento em relação ao tratamento de feridos com «chagas»:

Como o homem velho disse que nem ũũ nom levasse consigo amiga na demanda²⁶.

E assi fora se nam fosse ũũ homem velho que i chegou vestido de ũũs panos de ordem que disse tam alto que todos ouvirom: — Cavaleiros da Távola Redonda, ouvide! Vós havedes jurada a demanda do Santo Graal²⁷.

E Galaaz perguntou aos monges se havia i algu ũũ que soubesse guarecer chagas.

²² DSG, 516-165d.

²³ DSG, 606-183a.

²⁴ DSG, 608-183b.

²⁵ DSG, 710-199a.

²⁶ DSG, 34, 10d.

²⁷ DSG, 34, 11a.

— *Senhor, disserem, si, há. E adusserom ũũ homem velho que fora cavaleiro*²⁸.

Mais ao quarto dia sem falha ficou em ũa abadia mui sem seu grado; e ũũ cavaleiro velho que i havia que sabia muito de tal mister, pois lo catou, disse-lhe:

— *Dom Tristam, sabede que sodes em perigoo de morte porque nom fizestes mais cedo catar vossas chagas e pero o que vos eu poder fazer farei-vo-lo por amor de Nosso Senhor e por vo´s que sodes boo cavaleiro*²⁹.

*feze-o i decer e fez-lhi guardar sas chagas a ũũ velho cavaleiro que i era frade que o segourou que nom moriria daquelas chagas mas que seria em cedo são com ajuda de Deus*³⁰.

*Aa cima disse-[n]os ũũ homem velho mui sesudo que, se pode´ssemos haver sangue de donzelas que fossem virgens em vontade e em feito e que fosse[m] filha[s] de rei e de rainha, e que se untasse daquel sangue nossa senhora, que logo seria guarida*³¹.

No texto da *Crónica Geral de Espanha* as ocorrências da referência à «velhice» falam sempre de experiência e de boas qualidades. A caracterização das personagens idosas é invariavelmente marcada com qualificação positiva, de que se salientam pela elevada frequência: *bons, sisudos, de boas manhas, maravilha, honrados*.

*E disserõme que nõ sabyam homẽ que o leer soubesse se nõ hũũ clerigo que avya em Coymbra. E eu mandey logo por elle e veo ante my. E elle era muy velho a maravylha*³².

*E elle lhes disse que vyra estar acerca de si hũũ homẽ velho e muyto honrrado e de muy reverenda pessoa*³³.

*E criouho hũũ cavalleiro bõõ que era velho de ydade e nõ podia ja husar [d]’armas como comprya*³⁴.

*E o cavalleiro era muy preçado e muy sisudo e de boas manhas*³⁵.

²⁸ DSG, 69, 24b.

²⁹ DSG, 387-129c.

³⁰ DSG, 537-169b.

³¹ DSG, 440-146b.

³² CGE, 35-15c.

³³ CGE, 89-36c.

³⁴ CGE, 323-117d.

³⁵ CGE, 676-185v.

No texto de cariz literário e filosófico do *Leal Conselheiro* é debatida, logo no primeiro capítulo, a questão da repartição das idades do Homem, inspirada na de Isidoro de Sevilha, proposta em concordância com a invocação da autoridade dos sabedores e do rei David. A «velhice» é considerada o período até aos setenta anos, seguida ainda de dois períodos possíveis: «senyum» e «decrepidõe»:

Das partes do nosso entendimento A rrepartimento das hidades poderemos apropriar estas partes do entender, e as hidades som per muytas maneiras repartidas, mas hũa que poem os leterados, que bem me parece, chama ifancia ataa VII ãnos, puericia ataa XIII, ataa XXI adollacencia, mancebia ataa cinquenta, velhice ataa LXX, senyum ataa LXXX. E dalli ata a fim da vida decrepidõe]. E aqesto concorda com o dito de rey Davit no salmo que diz: A vida do homem sobre a terra he LXX ãnos, e se mais pera os desapossados oiteenta, e dalli avante trabalho e door. /.../ por que ante da viinda de nosso senhor ja mandavam os homẽes apousentar de LXX ãnos, entendendo que ata ally se devia contar por vida, como ao presente se faz. /.../ ataa comprir o conto de LXX ãnos em que devemos fazer fim de nossos dias pera os feitos da presente vida³⁶.

A velhice é também perspetivada como a idade da sabedoria e da prudência por acumulação de experiência, como se vê no seguinte exemplo:

Da virtude da prudencia em special. E os moços naturalmente devem obedecer aos velhos que ham mayor speriencia das cousas, e som mais prudentes³⁷.

E os jovens são aconselhados a obedecer aos mais velhos pressupondo uma norma genérica natural, tida como aceite, que regulamentaria a relação entre esses dois grupos etários baseada numa verdade comum aparentemente evidente: a de que os velhos têm maior sabedoria.

No entanto, há uma referência particular à questão de comportamentos inesperados e pouco racionais nos velhos, explicados por maior fraqueza e falta de controlo, como a ocorrência de amores serôdios, dominados pela luxúria que o autor obviamente desaprova. Podemos encontrar essa reflexão em excertos do capítulo 31:

Da questom que fazem por que alguꝛus na velhice caaẽ em luxuria, de que na mancebia foram guardados. [...] Sobre a guarda da castidade costumam preguntar por que alguũs velhos, que bem se governarom em ella no tempo da mancebia, cayrom na velhice no pecado seu contrairo, parecendo contra razom por a voontade

³⁶ LC, Capitollo I.

³⁷ LC, Capitollo LI.

*seer mais fraca, e a descripçom devya seer em mayor acrecentamento. [...] Por que no livro do Regymento dos Princepes se afirma que os velhos naturalmente som mais sem vergonça que os mancebos*³⁸.

No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende há muitas referências a «velhice». Selecionei exemplos de algumas composições que parecem sintetizar duas ideias centrais da perspetivação da «matura idade» na poesia deste Cancioneiro: a caracterização dos velhos reparte-se entre a consciência da sua fragilidade e fraqueza física e a expectativa de se revelarem sensatos e sabedores. Quanto ao amor, tema constante neste texto poético, parece haver a ideia de que não é próprio dos velhos estarem envolvidos em relações amorosas, havendo mesmo alguns comentários satíricos aos amores em idade avançada. Na parte do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende³⁹ em que o tema é tratado, surgem, porém, matizes mais subtis, que afirmam a pertinência, a adequação dos velhos para relações amorosas e casamentos, reconhecendo, no entanto, em frases concessivas, a existência de opinião de sentido contrário, provavelmente mais generalizada:

*Antes fora bom conselho
meter-vos no Salvador
ou casar-vos cüu doutor,
ainda que fora velho. /.../*

*Eu sam mui gentil galante
d' idade par' o conselho
e que seja um pouco velho
sam nos amores cõstante.
E sam mui bom caçador*⁴⁰.

São invocadas razões favoráveis ao casamento com um velho: o seu reconhecido estatuto, a sua educação, constância, sabedoria, experiência. Há, em algumas composições, uma dialética entre a conceção que questiona a pertinência da relação amorosa na idade avançada e a conceção que atribui sabedoria aos velhos, apresentada como aceite e não polémica. Vejam-se os seguintes exemplos:

³⁸ LC, Capitollo XXXI.

³⁹ Composição (880) do *Cancioneiro*, intitulada «ESTAS QUARENTA E OITO TROVAS FEZ GARCIA DE RESENDE, POR MANDADO D' EL-REI NOSSO SENHOR, PARA Û JOGO DE CARTAS SE JUGAR».

⁴⁰ CG, 800.

*Deste devemos por certo de crer
que, ainda que cá muitos anos vivera,
na força do corpo podia envelhecer,
mas nunca d'álma velhice tevera*⁴¹.

Esta composição (332) estabelece uma relação de natureza dicotómica entre corpo e espírito, afirmando a possibilidade de um desfasamento entre o envelhecimento do corpo e a juventude de espírito, num jogo antitético que surge mais do que uma vez no texto do cancionero.

A composição 366⁴² faz referência à morte do príncipe D. Afonso, que é descrito em dois versos apenas: «tão moço de dias, tão velho em saber», sob a forma de um contraste que invoca novamente a perspetiva da sabedoria da «velhice» apresentada como um dado adquirido.

*levar-nos a perla do Princepe Afonso,
leixou-nos gram dor o triste responso
que em suas honras ouvimos cantando.
O que s' esperava que fosse imperando,
tam moço de dias, tam velho em saber*⁴³.

Há ainda composições do mesmo teor que referem inequivocamente a maior experiência e sabedoria dos mais velhos, como podemos ver em dois exemplos que selecionei:

*Antonio de Mendonça
Irmão que ha-d' ensinar
os mais moços por mais velho
e que haa-de dar conselho,
para lho homem tomar*⁴⁴.

— *Nam quero vosso conselho
nem mo deis,
pois que sei e vós sabeis
que sei mais por ser mais velho*⁴⁵.

⁴¹ CG, 332.

⁴² «LAMENTAÇAM, FEITA PER LUIS ANRIQUEZ».

⁴³ CG, 366.

⁴⁴ CG, 595.

⁴⁵ CG, 802.

A conceção da «velhice» como a idade da sabedoria parece ser a perspetiva predominante na poesia do *Cancioneiro Geral*.

Depois da análise de textos medievais portugueses de quatro tradições discursivas diferentes, parece possível concluir que, apesar de algumas características particulares, há duas principais perspetivações da velhice observadas nestes textos, e que elas correspondem a dois aspetos muito evidentes da condição dos indivíduos de idade mais avançada: por um lado, a sua fragilidade e por vezes enfermidade resultantes de desgaste físico; por outro lado, o reconhecimento da sua sabedoria e experiência. Efetivamente, há aspetos de superioridade da memória de longo prazo (memória semântica associativa) dos mais velhos que estão relacionados com a sua acumulação de experiências e de conhecimentos.

A velhice, nos textos medievais analisados, aparece perspetivada através de uma dialética entre a fragilidade do corpo e a força do espírito. Por um lado, é caracterizada pela dependência e fragilidade física que, além de fazer surgir um sentimento de piedade e de proteção, pode também causar por vezes algum menosprezo. Por outro lado, possui a força do saber e da experiência: a sensatez e a sabedoria adquiridas com a «matura idade» parecem ter sempre inspirado respeito e admiração.

BIBLIOGRAFIA

Textos analisados

- AFONSO X. *Foro Real*. Edição e estudo linguístico de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. 2 vols.
- ALPHONSE X. *Primeyra Partida*. Édition et étude de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- CANCIONEIRO *Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo de Aida Fernanda Dias. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990-2003. 6 vols.
- CANCIONEIRO *Geral de Garcia de Resende*. Texto estabelecido, prefaciado e anotado por Álvaro J. da Costa Pimpão e Aida Fernanda Dias. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.
- CRÓNICA *Geral de Espanha*. Edição digital do Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM, da Universidade Nova de Lisboa. [s.d.]. Disponível em <<http://cipm.fch.unl.pt>>.
- DEMANDA *do Santo Graal*. Edição digital do Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM, da Universidade Nova de Lisboa. [s.d.]. Disponível em <<http://cipm.fch.unl.pt>>.
- DIAS, Aida Fernanda (1992-1995). *As Partidas de Afonso X: novos fragmentos em língua portuguesa*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- DIONÍSIO, João (2012). *Introdução à edição electrónica*. In DIONÍSIO, João, ed. *Leal Conselheiro: electronic text*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin-Madison Libraries, Digital Collections (Ibero-American Electronic Text Series). Disponível em <<http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/IbrAmerTxt.LealConsel>>.
- JACOB *de Junta. Flores de Dereyto*. Edição, estudo e glossário de José de Azevedo Ferreira. Braga: Universidade do Minho, 1989.

Referências

- KABATEK, Johannes (2006). *Tradições discursivas e mudança linguística*. In LOBO, Tânia et al., orgs. *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador, Bahia: EDUFBA, vol. VI, tomo II, pp. 505-527.
- KABATEK, Johannes (2008). *Introducción*. In KABATEK, Johannes, ed. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, pp. 7-16.
- KABATEK, Johannes (2016). *Un nuevo capítulo en la lingüística histórica iberorrománica: el trabajo crítico con los corpus*. In KABATEK, Johannes, ed. *Lingüística de corpus y lingüística histórica iberorrománica*. Berlin: De Gruyter, pp. 1-17.
- LABOV, William (1994). *Principles of Linguistic Change, Internal Factors*. Oxford: Blackwell.

VER A MATURA IDADE COM O OLHAR ÉPICO DE CAMÕES

GIL CLEMENTE TEIXEIRA*

Resumo: *O artigo aborda a representação da velhice no poema épico camoniano, notando que só uma vez se regista a palavra velhice no poema, embora haja vários velhos em Os Lusíadas. Por outro lado, tenta dar a ver a velhice com o olhar sempre poliédrico de Camões, recorrendo às cartas, lírica e peças de teatro, abrindo algumas das múltiplas hiperligações clássicas que o poema contém. Se acreditarmos em Vergílio Ferreira¹ quando nos ensina que «Camões instaura em nós uma imagem de nós, desenvolvendo todas as nossas virtualidades em que possamos rever-nos por inteiro», esta reflexão, apoiada por estudiosos que esperamos serem lâmpadas no escuro, mais não será do que um exercício, talvez doloroso, de nos olharmos ao espelho, de pensarmos em português a matura idade com a ajuda de Camões, cultor exímio do órfico ofício (mais um dos títulos assumidamente furtados, por sugestiva influência, mas sem sombra de angústia, a David Mourão-Ferreira).*

Palavras-chave: *Velhice; Camões; Os Lusíadas.*

Abstract: *The article analyses the representation of old age in Camões' epic poem and notes that the word velhice (old age) appears only once, although there are several old people in Os Lusíadas. It attempts to view old age from Camões' polyhedral perspective, using his letters, lyric verse and plays, and analysing multiple, classical hyperlinks found in his poem. If we are to believe Vergílio Ferreira² when he teaches us that «Camões establishes in us an image of ourselves, developing all our potentialities in which we can see ourselves completely», this reflection (underpinned by scholars who we hope are lamps in the dark) will be nothing more than a perhaps painful exercise of looking at ourselves in the mirror, of thinking of the mature age in Portuguese with the help of Camões, an expert cultivator of the Orphic craft (another of the titles admittedly stolen, by suggestive influence, but without a shadow of anguish, from David Mourão-Ferreira).*

Keywords: *Old age; Camões; Os Lusíadas.*

Inspirados por David Mourão-Ferreira³, regressemos a esse monumento de palavras, de prata e de cinza, de lava e de nada, que Camões nos deixou felizmente em testamento, *Os Lusíadas*. Partimos de uma pergunta, que gerará, por certo, novas perguntas: qual a representação da velhice no poema épico camoniano?

Pelo poema surgem referências pontuais à velhice que ajudam a definir os contornos da tão complexa quanto completa visão camoniana da matura idade.

* Bolseiro de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2019-2020). Email: gilteixeiradoc@gmail.com.

¹ FERREIRA, 1985.

² FERREIRA, 1985.

³ O título do colóquio em que foi apresentado este texto (*Matura Idade: considerações sobre a velhice*) sugeriu-nos de imediato este Autor pelo seu livro de poesia com o mesmo nome publicado em 1973. No pórtico deste texto retomamos o simbólico poema «Testamento» do livro *Órfico Ofício* (MOURÃO-FERREIRA, 1980: 237-241).

Logo no canto I, verificam-se duas brevíssimas referências a netos e avós: uma no plano humano, D. Sebastião e os seus avós, D. João III e Carlos V⁴, e adiante, outra no plano divino, Mercúrio e Atlante⁵. Os reis são apresentados como modelos de comportamento e no neto jovem, dedicatário do poema épico, espelham-se as suas qualidades. Atlante é aquele que recebeu como condenação carregar o mundo aos ombros. No canto III, Camões lembra-nos o Velho Saturno que devora os próprios filhos⁶, perífrase do tempo que devora os dias, e a nós com eles, e logo adiante o caso mitológico de Cila que mata o velho pai⁷ (Faria e Sousa diz-nos para lermos o caso nas *Metamorfoses* de Ovídio, no pórtico do livro oitavo)⁸. O crime cometido contra o pai por amor a Minos, num método semelhante à bíblica Dalila, é castigado com uma metamorfose da amada numa ave. Velho é também o Caos⁹, primeiro ser a existir de acordo com a *Teogonia* de Hesíodo¹⁰. Do Caos tudo foi gerado; o grito do Caos é o mundo.

Possuem um forte significado no âmbito da nossa análise as velhas e os velhos com identidade no poema. O primeiro fala durante a passagem dos lusitanos por Moçambique¹¹: Baco veste a pele de um mouro, velho e sábio, para enganar os portugueses, movido pelo ódio amargo, e lhes dar um falso piloto que os guie à morte. A isso o persuade o Xequo mouro. Não deixa de ser interessante pensar este primeiro velho falante do poema: a idade é usada como exercício de uma dúbia autoridade moral. Do velho esperava-se um conselho seguro, a indicação do caminho certo. Faria e Sousa lembra o leitor desmemoriado que este ardil não é novo¹²: em Virgílio, na *Eneida*, Alecto transforma-se na velha sacerdotisa Cálibe para incitar Turno à guerra. A razão óbvia desta opção dá-no-la o camonista de memória inigualável: «I esto es, porque a la vejez se dá mas credito»¹³. Como em contraface, é-nos apresentado no mesmo canto um «velho inerte»¹⁴, sem nome, de identidade dúbia, que blasfema e maldiz a guerra iniciada entre portugueses e mouros, segundo Faria e Sousa¹⁵. É certo que ele fala, mas nós, leitores, não o ouvimos. As palavras nunca são inocentes em Camões. Inerte significa sem arte, que não domina já nenhuma técnica, donde inativo, entorpecido, estéril. No mesmo canto, repare-se, coabitam um velho

⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 17.

⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 20.

⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 22.

⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 32.

⁸ CAMÕES, 1972: canto III, 46.

⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VI, est. 10.

¹⁰ HESÍODO, 2014: v. 116.

¹¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 77.

¹² CAMÕES, 1972: canto I, 336.

¹³ CAMÕES, 1972: canto I, 336.

¹⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 90.

¹⁵ CAMÕES, 1972: canto I, 353.

astuto incitador da guerra e o seu contrário, aquele que maldiz a guerra (e afastemos desde já o perigoso maniqueísmo: mouros/mal-cristãos/bem).

Com nome, há um velho que se destaca no canto III: Afonso Henriques. Após a descrição da sua vida, Camões descreve assim a sucessão do reino: «Por que levasse avante seu desejo,/Ao forte filho manda o lasso velho/Que às terras se passasse d'Alentejo/Com gente e co belígero aparelho»¹⁶. Note-se: lasso velho, isto é, cansado, fatigado, esgotado. Porém, como de um herói se trata, ao poema regressa num quadro de ajuda ao filho dele necessitado:

*Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co a idade*¹⁷.

Apenas vence o herói a muita idade, os muitos dias (Faria e Sousa lembra a semelhança, justificadíssima, desta descrição com a da morte de Abraão no *Génesis*¹⁸):

*De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos, deste jeito,
À triste Libitina seu direito*¹⁹.

Percebemos por Camões que a nobreza de Afonso em muito se deve ao seu amo Egas Moniz, «forte velho», como nos é descrito no canto VIII²⁰.

Lembremos que é um outro velho, Afonso IV, que assume um papel crucial no episódio de Inês de Castro. Este «velho pai sesudo»²¹, rei benigno, quer perdoar Inês,

¹⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 75.

¹⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 80.

¹⁸ CAMÕES, 1972: canto III, 118.

¹⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 83.

²⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VIII, est. 13.

²¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 122.

movido apenas pelas palavras que o magoam, mas o povo e o destino não lho concedem. Camões não dá voz a este velho. Apesar do adjetivo camoniano, Faria e Sousa comenta que nenhum siso mostrou o rei nesta ação e, por isso, merece a designação de «avô cruel»²². Camões não quererá distinguir um Afonso IV, pai, de um Afonso IV, avô? Lembremos que o culpado desta tragédia é apenas o Amor. Inês torna-se, pois, uma nova Policena, uma das filhas de Príamo e de Hécuba, sacrificada sobre o túmulo de Aquiles. No *símile* camoniano de tonalidade clássica²³, emerge a figura homérica de Hécuba, a *mãe velha* que foi privada da sua última consolação após a destruição de Troia. A esta velha, liga-se forçosamente uma outra no texto camoniano que no final do canto IV interroga o filho que parte para a Índia:

*Qual vai dizendo: — Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo encerramento
Onde sejas de pexes mantimento*²⁴?

A estas perguntas o filho não responde, nem para a mãe volta o olhar. Lembre-se que o Gama decide partir com os nautas sem a despedida habitual (porque insistimos em chamar ao episódio «Despedidas em Belém»?). Reparemos num pormenor: *mísera e mesquinha* é o sintagma usado por Camões para apresentar Inês no canto III²⁵. Aqui é reutilizado na voz da única velha que fala em todo o poema. Fica autorizado o paralelismo: Inês foi privada da velhice que pretendia alcançar com a companhia dos filhos, seu *refrigério*; a outra alcançou a velhice, mas é privada do filho, seu *refrigério* (no poema são estas as duas únicas ocorrências desta palavra). Afinal, a qual coube pior fortuna? Não há refrigério possível para aquelas que em si geraram vida? A amargura da velha sem nome perante o destino oculto do filho, igualmente sem nome, agudiza-se no leitor se recordar da *Eneida* a amargura de dois velhos que também foram privados dos filhos: a mãe de Euríalo, jovem que parte para o combate nos versos do canto IX da *Eneida*, e ao qual a mãe dirigiu umas últimas palavras já depois da sua morte: «És tu, Euríalo, este que estou a ver? Então tu, repouso tardio da minha velhice, foste capaz de me deixar sozinha,

²² CAMÕES, 1972: canto III, 187.

²³ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 131.

²⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 90.

²⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 118.

ó cruel?»²⁶, e o velho Evandro, que assim se dirige a Palante, seu filho, antes da partida para a guerra: «meu caro filho, meu único e tardio motivo de prazer»²⁷. Palante também morreu. Mais uma pista clássica: acreditemos na proposta de Houwens Post²⁸ e Joaquim Lourenço de Carvalho²⁹ que vinculam o texto camoniano à *Argonautica* de Valério Flaco³⁰, inspirada por sua vez na de Apolônio de Rodes. Assim, podemos ver na velha do canto IV uma nova Alcímede, mãe de Jasão, que amargamente se despede do filho. *Porque de mim te vás?* é no fundo a pergunta que atormenta Dido aquando da partida de Eneias. Mas talvez a mais evidente ligação a fazer com esta velha seja de teor bíblico: *Porque me deixas?* é a pergunta que faz Maria em frente à cruz no *De Partu Virginis* de Sannazaro de 1526³¹.

Há quatro velhos de aspeto venerando n'Os *Lusíadas* (aliás, a sublinhar: Camões apenas utiliza *venerando* quando se refere à condição de ser velho). No canto IV³², os rios Ganges e Indo surgem personificados num sonho a D. Manuel I como dois homens muito velhos. Sabemos da Bíblia: o sonho é lugar de revelação. É a voz sábia do velho que personifica o Ganges que conduz Manuel a dar forma à aventura, ecoando, como sempre, os clássicos: o sonho de Dante no fim do Purgatório³³, o sonho de Eneias com o rio Tibre³⁴, o sonho de Eneias com o pai Anquises³⁵.

No mesmo canto, mais uma vez em contraface, é a um velho, também de aspeto venerando³⁶, que o poeta concede um papel particularmente controverso: o de quebrar o monologismo épico do poema, o de sublinhar a «múltipla natureza» do poeta Camões³⁷, a coexistência tensiva de um Camões que exalta o prazer, a sensualidade, a energia heroica, a aventura dos Descobrimientos e da conquista de novas terras e de um Camões que tudo vê de outro plano, com olhos longínquos, desencantados, iluminados, de moralista místico. As últimas dez estâncias do canto IV configuram, segundo Aguiar e Silva³⁸, um magno problema hermenêutico da epopeia: prova disso é a longa discussão crítica sobre o assunto, apresentada de forma sistemática por Zulmira Santos no *Dicionário de Camões*³⁹. É a um velho, pela sua inegável experiência, pela sua aturada memória, que Camões confia o papel

²⁶ VIRGÍLIO, 2013: canto IX, vv. 481-483 («hunc ego te, Euryale, aspicio? tune ille senectae/sera meae requies, potuisti linquere solam/crudelis?»).

²⁷ VIRGÍLIO, 2013: canto VIII, v. 581 («care puer, mea sola et sera voluptas»).

²⁸ POST, 1958.

²⁹ CARVALHO, 1970.

³⁰ FLACO, 2010.

³¹ CARVALHEIRO, 2009: 68 («sic me solam exanimemque relinquis?»).

³² CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 71.

³³ DANTE, 2015: Purgatório, canto XXXIII.

³⁴ VIRGÍLIO, 2013: canto VIII, vv. 36-65.

³⁵ VIRGÍLIO, 2013: canto V, vv. 722-740.

³⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 94.

³⁷ CAMÕES, 1944.

³⁸ AGUIAR E SILVA, 2008: 128.

³⁹ SANTOS, 2011: 953-957.

de alerta da fragilidade do homem, da vanidade de tudo, do desengano mortal que tão bem se vê nas redondilhas *Sôbolos rios que vão*, num ou noutra passo da lírica e, nunca referido, na carta escrita de Ceuta antes da partida para a Índia⁴⁰ (onde vemos que a vida nos trata como alheios de si, e com razão, visto ser a alma divina e o mundo a sua estalagem). Aqui entrevemos um Camões místico, com um pensamento que tende para a mais depurada doutrina cristã, como está cristalizada na *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, nos Evangelhos. Quem mais poderia, senão um velho, fazer este papel? Se dúvidas houvesse da simpatia de Camões para com o Velho do Restelo, o início do canto V esclarece-as: «Estas sentenças tais o velho honrado/Vociferando estava, quando abrimos/As asas ao sereno e sossegado/Vento, e do porto amado nos partimos»⁴¹. *Honrado* aparece uma única vez no texto: neste passo. A partida era, contudo, a única solução. Camões bem o sabia: como ser um velho desenganado, consciente do erro de Prometeu, se não se for primeiro um jovem ousadamente enganado? Como perceber que a Índia era uma trágica ilusão? Como perceber que por ali não chegaríamos à Ítaca que pelo menos desde Homero procuramos? Fazendo a matricial e inevitável experiência bíblica da partida, condição essencial para um inevitável regresso.

Ao chegar à Índia, o Gama é levado à presença do Samorim, um venerando e próspero senhor, junto do qual está um enigmático velho reverente⁴², cuja função é dar-lhe a verde folha da erva ardente, isto é, o bétele, folha aromática que habitualmente é mastigada na Índia. Faria e Sousa chama a esta prática um «uso gentílico e bárbaro»⁴³. O último velho de aspeto venerando (por uma questão rimática, em algumas edições opta-se por soberano) surge no canto sétimo⁴⁴: é Luso, referido antes do lamento do poeta, e retomado no início do oitavo por Paulo da Gama enquanto descreve ao Catual as bandeiras e os estandartes da nau com feitos da História de Portugal. Velho Luso, símbolo da antiguidade da pátria amada.

Passamos pelos velhos com identidade singular, cuja voz ouvimos (ou não) no poema. Porém, também os encontramos em multidões: em Belém, a ocidente, há velhos e meninos a chorar com a partida dos nautas⁴⁵; a oriente, encontramos «velhos e moços, donas e donzelas»⁴⁶ pelos telhados e janelas, curiosos com a chegada do Gama. A inspiração deste passo camonianiano pode estar na *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda.

⁴⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: 387-400.

⁴¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto V, est. 1.

⁴² CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 58.

⁴³ CAMÕES, 1972: canto VII, 310.

⁴⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 77.

⁴⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 92.

⁴⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 49.

No canto X, o poeta deixa um conselho final ao rei D. Sebastião, jovem com apenas 18 anos no ano da publicação do poema: «Tomai conselho só d'exprimentados,/Que viram largos anos, largos meses,/Que, posto que em cientes muito cabe,/Mais em particular o experto sabe»⁴⁷. Não é possível desvincular o próprio Camões da condição de homem experimentado na altura da finalização do poema. Ele próprio diz de si mesmo: «Vão os anos descendo, e já do estio/há pouco que passar até ao outono»⁴⁸, numa belíssima reescrita de um passo de Dante: «lá em descendo o arco de meus anos»⁴⁹. Porém, é este Camões na matura idade, de engenho frio, conscientemente atormentado pelo tempo que o consome, que dirá ao rei: «Pera servir-vos, braço às armas feito/Pera cantar-vos, mente às musas dada»⁵⁰. Lembra Maria Vitalina Leal de Matos⁵¹ que na obra de Camões há duas formas antagónicas de viver o tempo: no caso da épica, o homem salva-se justamente contra o tempo.

Convém recordar algumas coordenadas histórico-literárias do século XVI que nos podem ajudar a enquadrar a visão camonianiana da velhice. Cícero é, bem o sabemos, um autor admirado nos circuitos do humanismo renascentista. Erasmo de Roterdão admirava Cícero e o próprio Petrarca, no livro *De sui ipsius et multorum ignorantia*, assume que apreciava o Arpinate desde a juventude. Um dos seus tratados mais divulgados tem por nome *De Senectute* ou *Cato Maior*⁵². O objetivo deste diálogo clássico é fazer a apologia da terceira idade como uma fase da vida válida e feliz a seu modo. Pela voz do velho Catão, Lélío e Cipião ouvem a refutação dos principais argumentos que sustentam a tese da velhice como idade infeliz: a velhice torna a pessoa inútil à sociedade, retira-lhe as forças do corpo, priva-a dos prazeres da vida e, finalmente, traz o homem sob a permanente ameaça da iminência da morte. O interesse que despertava no meio português da época é provado pela tradução para vernáculo deste tratado, da autoria do humanista Damião de Góis, datada de 1538 e publicada em Veneza⁵³. Jorge Alves Osório estudou já com pormenor esta tradução⁵⁴. Dez anos antes da tradução de Góis, em Veneza também, existe uma outra coordenada que importa ter em conta nesta reflexão: *Il libro del Cortegiano* de Baldesar Castiglione⁵⁵. Nele lemos Camões: na aliança das armas com as letras, na referência a um Alexandre que tinha Homero à cabeceira. Nele encontramos também considerações sobre a velhice, sobretudo no princípio do livro segundo. Porque os velhos

⁴⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 152.

⁴⁸ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 9.

⁴⁹ DANTE, 2015: Purgatório, canto 13, v. 114 («già discendendo l'arco d'i miei anni»).

⁵⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 155.

⁵¹ MATOS, 1981.

⁵² CÍCERO, 1998.

⁵³ CÍCERO, 2003.

⁵⁴ OSÓRIO, 1986.

⁵⁵ CASTIGLIONE, 2008.

louvam sempre o passado, e censuram o presente, Castiglione, citando Temístocles, lembra a utilidade de uma arte que ensinasse os velhos a esquecer (leia-se a elegia camoniana *O poeta Simónides, falando*)⁵⁶.

Porque profundamente humana, a visão camoniana da velhice n'Os *Lusíadas* é verdadeiramente poliédrica, herdeira de uma tradição, ciceroniana com as inevitáveis *umbras* com que Virgílio fecha a sua epopeia (Dante já ensinou, e Camões sabia, que Virgílio só pode ser nosso guia no Inferno e no Purgatório). A matura idade na épica camoniana é um lugar de múltiplos e, apenas aparentemente, contraditórios lugares. Não parece ser tempo de amores (na pintura já o tinha dito, por exemplo, Ticiano em *As Três Idades do Homem*)⁵⁷. O amor não entra, de resto, no programa do tratado ciceroniano. Diz Camões na carta escrita de Ceuta que «cousas impossíveis é melhor esquecer-las que desejá-las»⁵⁸. Diz Camões na comédia de *El-Rei Seleuco*: «Um homem velho, cansado, não tem força nem vigor, para em si sentir amor»⁵⁹. Porém, se parece não ser tempo de amores, pelo menos ao jeito das cartas, parece ser tempo preso a um Amor maior, forçosamente doloroso: pela pátria, pelos filhos, por quem se educa, por aquela Eternidade que está no fim da idade e que nunca juízo algum alcançou (o Velho do Restelo lembra que não se deve desprezar a vida, pois *Quem a dá* teceu perdê-la). Portanto, não há lugar para a quietude, mesmo na matura idade, porque afinal vivemos desterrados.

É tempo de lágrimas (lágrimas inúteis, como em Virgílio)⁶⁰, de uma melancolia maneirista sem refrigério, porque é tempo de perdas, de quebra de laços. Com a *Iliada*, Homero deixou-nos Príamo, esse velho que cai aos pés de alguém tão nobre como ele para lhe implorar a devolução do corpo do filho, Heitor. É tempo de decisões que escorregam das mãos, como mostra Afonso IV. Em contraste com as lágrimas, com a fraqueza, desenha-se no poema uma velhice como tempo de rosto aberto com a curiosidade pelo que ainda é desconhecido (velhos pelos telhados e janelas), como tempo de vigor na decisão, na luta, como prova Afonso Henriques. É tempo de ser mau guia, como prova o velho mouro, mas também de ser um guia leal, como vemos em Egas Moniz. É tempo de inércia, de cansaços, de carregar o mundo (o próprio ou o alheio) aos ombros, mas também de ação (mesmo velho, ainda se pode ousar ser herói).

É tempo, essencialmente, de experiência, tão exaltada no poema, e na linha ciceroniana que defende: «encontra-se nos velhos o pensamento, a sensatez e a

⁵⁶ CAMÕES, 1981: 154-163.

⁵⁷ Pode ver-se esta pintura no prezi construído como suporte da comunicação no colóquio em <<https://prezi.com/p/jd-zy9dfg1fp/ver-a-matura-idade-com-o-olhar-epico-de-camoes/>>.

⁵⁸ CAMÕES, 2017 [1572]: 389.

⁵⁹ CAMÕES, 2005: vv. 206-208, 270.

⁶⁰ VIRGÍLIO, 2013: canto IV, v. 449 («mens immota manet, lacrimae uoluntur inanes»; itálico nosso).

sabedoria»⁶¹. Em Goa, Camões contactou com Garcia de Orta e na obra deste, *Colóquio dos simples e drogas...*, é publicada a sua primeira poesia impressa, «Aquele único exemplo» (1563)⁶², na qual se sublinha o valor da velhice, a veneração que a ela se deve, usando como exemplo o velho Quíron, mestre de Aquiles. A imagem era conhecida na época: veja-se o emblema de Alciato dedicado aos conselheiros de príncipes⁶³. Homero deixou-nos Fénix, desenho do perfeito cortesão em Castiglione⁶⁴, preceptor de Aquiles, que bem o tentou demover da sua resolução de permanecer longe da batalha. Virgílio deixou-nos Anquises, o velho que Eneias carrega às costas, como herdeiro de um passado, voz de um futuro, única via de aceder aos Penates possíveis. Camões deixa-nos o Velho do Restelo, essa voz de um homem honrado que ensombra a aventura épica, reescrita desse jogo de luz e de sombras que é a *Eneida*. Diz Virgínia Soares Pereira sobre a *Eneida*: «Há marcas de amargura de que o poeta se (nos) não libertou»⁶⁵. Deixou-nos Camões estas marcas vincadas na voz deste velho. É um exercício doloroso ouvir a voz desenrugada deste homem, mas a sua voz pode ser como um restelo que aplanar e limpa a terra que somos.

Nestas brevíssimas considerações, esperamos ter sublinhado o lastro de humanidade que percorre os versos épicos de Camões. Vasco Graça Moura lembra-nos que «*Os Lusíadas* são uma imensa sinédoque de nós mesmos»⁶⁶, isto é, um espelho onde nos podemos sempre ver e rever (o que fomos, o que somos, o que seremos). Sophia de Mello Breyner lembra-nos que o poema nos ensina a não aceitarmos o ensombramento que nos rói⁶⁷. Jorge de Sena lembra-nos que Camões apenas quis o seu humanismo projetado no universo⁶⁸. Ver a matura idade com o olhar épico de Camões é ver uma tela de múltiplas cores, do negro ao branco. Contemplar este retrato é uma experiência de humanização, que sempre faz falta, um enterrar de pés no chão, mas sempre com um olhar naquilo que nos excede, uma tentativa de encontrar uma resposta para a pergunta que ecoa bem no centro da epopeia: *Quem és tu*⁶⁹?

⁶¹ CÍCERO, 1998: 47.

⁶² CAMÕES, 1981: 123-126.

⁶³ Pode ver-se este emblema no prezi construído como suporte da comunicação no colóquio em <<https://prezi.com/p/jd-zy9dfg1fp/ver-a-matura-idade-com-o-olhar-epico-de-camoes/>>.

⁶⁴ CASTIGLIONE, 2008: livro quarto, XLVII.

⁶⁵ PEREIRA, 1984: 173.

⁶⁶ MOURA, 1980: 30.

⁶⁷ ANDRESEN, 1980: 29.

⁶⁸ SENA, 1977. Ver testemunho em <<http://ensina.rtp.pt/artigo/ler-camoes-com-jorge-de-sena/>>.

⁶⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto V, est. 49.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (2008). *Intertextualidade e hermenêutica no episódio do Velho do Restelo*. In AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *A lira dourada e a tuba canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Cotovia, pp. 117-130.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1980). *Luís de Camões — ensombramentos e descobrimentos*. «Cadernos de Literatura». Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. 5, 149-164.
- CAMÕES, Luís de (1944). *Luís de Camões*. Introdução, seleção de textos e notas de José Régio. Lisboa: Livraria Rodrigues.
- CAMÕES, Luís de (1972). *Lusiadas*. Comentados por Manuel de Faria e Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Ed. fac-similada.
- CAMÕES, Luís de (1981). *Lírica completa*. Pref. e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Biblioteca de Autores Portugueses). Vol. III: *Canções, sextinas, odes, elegias, oitavas, éclogas, epigramas*.
- CAMÕES, Luís de (2005). *Teatro completo de Camões*. Pref., notas e fixação do texto de Vanda Anastácio. Porto: Caixotim.
- CAMÕES, Luís de (2017 [1572]). *Épica e Cartas*. Org., intro. e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Lisboa: E-Primatur. (Obras Completas de Luiz Vaz de Camões; I).
- CARVALHEIRO, Zita Maria da Encarnação (2009). *O «De Partv Virginis» de Jacopo Sannazaro, uma epopeia humanista*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.
- CARVALHO, Joaquim Lourenço de (1970). *Camões e Valério Flaco*. «Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica». Lisboa: Imprensa Nacional. 4, 195-202.
- CASTIGLIONE, Baldesar (2008). *O livro do Cortesão*. Trad. de Carlos Aboim de Brito. Porto: Campo das Letras.
- CÍCERO (1998). *Catão-o-Velho ou Da Velhice*. Trad. do latim, intro. e notas de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Cotovia.
- CÍCERO (2003). *Livro de Marco Túlio Cícero chamado Catão Maior, ou Da Velhice, dedicado a Tito Pompónio Ático*. Trad. de Damião de Góis; intro. e actualização de João José Alves Dias. Lisboa: Biblioteca Nacional. Ed. fac-similada.
- CIDADE, Hernâni (1924). *Camões: conferência feita na Faculdade de Letras do Porto em Junho de 1924*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto.
- DANTE (2015). *A Divina Comédia*. Trad. de Vasco Graça Moura; rev. de Carlos Pinheiro. Lisboa: Quetzal.
- FERREIRA, Vergílio (1985). *Espaço do Invisível*. Lisboa: Bertrand Editora, vol. IV.
- FLACO, Gaio Valério (2010). *Cantos argonáuticos: Argonautica*. Trad. do latim, intro. e notas de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- HESÍODO (2014). *Teogonia. Trabalhos e Dias*. 2.^a edição. Intro., trad. e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARTINS, José V. de Pina (2012). *Sá de Miranda e o Velho do Restelo*. In PEREIRA, Seabra; FERRO, Manuel, coord. *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 145-157.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1981). *O tempo na poesia camonianiana*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 127-142. Sep. Arq. Centro Cultural Português; 16.
- MOURA, Vasco Graça (1980). *Luís de Camões: alguns desafios*. Lisboa: Vega.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1980). *Órfico Ofício*. In MOURÃO-FERREIRA, David. *Obra Poética*. Lisboa: Livraria Bertrand, 2.^o vol.

- OSÓRIO, Jorge Alves (1986). *Cícero traduzido para português no século XVI: Damião de Góis e o «Livro da Velhice»*. «Humanitas». Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 37-38, 191-266.
- OVÍDIO (2007). *Metamorfoses*. Trad. de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia.
- PEREIRA, Virgínia Soares (1984). *Sementes de frustração na «Eneida»*. «Humanitas». Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 35-36, 171-220.
- PINHO, Sebastião Tavares de (2007). *Critérios e métodos de censura na «edição dos piscos» d'«Os Lusíadas» de Camões e no poema «De Senectute» de Lopo Serrão, de 1579*. In PINHO, Sebastião Tavares de. *Decalogia Camoniana*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 37-52.
- POST, Houwens (1958). *A Little Known Source of «The Lusiads»*. Groningen: J. B. Wolters.
- SANTOS, Zulmira (2011). *O Velho do Restelo*. In AGUIAR E SILVA, Vítor, coord. *Dicionário de Camões*. Alfragide: Caminho, pp. 953-957.
- SENA, Jorge de (1977). *Ler Camões com Jorge de Sena*. [Consult. 23 dez. 2019]. Disponível em <<http://ensina.rtp.pt/artigo/ler-camoes-com-jorge-de-sena/>>.
- VERDELHO, Telmo (2012). *Luis de Camões: concordância da obra toda*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- VIRGÍLIO (2013). *Eneida*. 4.ª edição. Lisboa: Bertrand Editora. [Consult. 27 dez. 2019]. Texto em latim disponível em: <<https://www.thelatinlibrary.com/verg.html>>.

O MÉDICO LOPO SERRÃO E A VELHICE: SUBSÍDIOS PARA UMA HISTÓRIA DA VELHICE NA CULTURA PORTUGUESA

MANUEL CURADO*

Resumo: *O artigo aborda o monumental poema latino Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes, do doutor Lopo Serrão (n. 1510-1514, m. 1579-1581), médico de D. Sebastião e primeiro vulto da história da medicina portuguesa a refletir sistematicamente sobre as questões da velhice. Publicado em 1579, trata-se de poema de matriz lucreciana que toma em consideração o conhecimento científico mais avançado da época, mas que não descarta a experiência clínica do autor e o seu gosto manifesto pela literatura clássica. Lopo Serrão toma a velhice como idade privilegiada para se compreender a totalidade da vida humana: segundo ele, não se trata de uma idade que se segue às outras idades, mas antes a idade que tem a chave para compreender a totalidade da vida.*

Palavras-chave: *Velhice; Lopo Serrão; Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes.*

Abstract: *The article discusses the monumental Latin poem Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes, by doctor Lopo Serrão (born 1510-1514, died 1579-1581): he was physician to D. Sebastião and the first figure in the history of Portuguese medicine to systematically reflect on the issues of old age. Published in 1579, the poem follows a Lucretian model and takes into account the most advanced scientific knowledge of the time, but also reflects on the author's clinical experience and his clear taste for classical literature. Lopo Serrão views old age as a time of privilege which allows man to be able to understand the totality of human life: according to him, it is not an age that follows on from other ages, but rather the age that holds the key to understanding the totality of life.*

Keywords: *Old age; Lopo Serrão; Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes.*

1. VER A OBRA DO TEMPO

Numa estátua famosa de Antonio Corradini, *Busto de uma Mulher Velada*, de cerca de 1717-1725, o escultor veneziano mostra que o mármore, sendo um material opaco, pode representar substâncias diáfanas. Esta e muitas outras das suas esculturas parecem violações das leis da natureza. Os véus de mármore que deixam ver o que supostamente deveriam tapar são um símbolo perfeito do modo como outros modestos recursos conseguem a proeza de transfigurar a realidade de modo a fazer ver o que parecia não poder ser visto. Mais surpreendente ainda, o mármore que tapa

* Universidade do Minho. Email: curado.manuel@gmail.com.

não apenas deixa ver o que cobre, mas — pasme-se! — auxilia a vê-lo com nitidez. Assim é a grande arte, já que todas as suas formas têm o objetivo de educar o olhar, qualquer que seja o mármore que se trabalhe. Ora, se a figura feminina de Corradini fosse a obra do tempo sobre os seres humanos, que mármore se poderia procurar para auxiliar a ver o que está em causa no envelhecimento? As palavras de todos os dias são material rude à espera da arte que as transfigure. A cultura portuguesa, nos seus vários capítulos, da literatura à medicina e desta ao pensamento, tem tentado fazer ver com clareza o objeto difícil da ação do tempo sobre as pessoas. Infelizmente, ainda não existe uma história geral das representações do envelhecimento em Portugal, e urge, por conseguinte, carrear materiais para essa obra futura.

Parece coisa simples: autores a refletir sobre um tema. O olhar não educado tenderá a presumir que uma parte da vida humana poderá ser categorizada como velhice. Contudo, nada neste assunto é evidente. Repare-se numa página esquecida das letras portuguesas. Marcelino Mesquita, um velho escritor que se deixou de ler, dedicou uma das suas peças de teatro ao envelhecer, palavra que lhe dá título. Este drama em quatro atos, de 1909, coloca em cena um diplomata de carreira que, a certa altura, descobre duas coisas acerca da sua vida. Eduardo, esse diplomata, toma consciência de que ama Luísa, uma mulher com metade da sua idade, e toma também consciência de que fez cinquenta anos. No seu espírito, estas duas verdades não podem ser conciliadas. Abre o coração a um amigo íntimo e confessa-lhe a causa do seu sofrimento: «Amar como um rapaz e ser um velho!»¹ Esta frase parece inteligível a pessoas do século XXI. É um exercício quase impossível imaginar como é que alguém se poderá sentir velho com *apenas* cinquenta anos. Mais ainda, não se compreende como é que esse detalhe poderia impossibilitar que esse homem ame uma mulher que ele sabe que o ama profundamente; sabe disso, porque é ela, Luísa, que lho diz com todas as letras. Os dois amam-se, mas Eduardo, o diplomata, não se consegue relacionar com a sua própria idade. Tudo acaba numa tragédia, porque a idade é sentida como privação de uma felicidade.

A relação das pessoas com os anos que se vão acumulando tem uma chave cultural. Eduardo entendia a idade que sentia já a pesar sobre os seus ombros do ponto de vista do sentido da sua vida. Invocava palavras estranhas, como «honra», uma palavra tão desprovida de significado para o século XXI quanto cinquenta anos serem sinónimos de velhice. Apesar de ser difícil compreender a conexão entre velhice e honra, há um resultado positivo nessa incompreensão. É este: o que impede de compreender o que em 1909 era evidente e não precisava de explicações é o facto de o envelhecimento ser fortemente influenciado por representações culturais. O demónio que impede a compreensão é também o anjo que pode salvar. Só se

¹ MESQUITA, 1912: 22.

chega ao envelhecimento através de um túnel de imagens. É aqui que tudo se joga. Não há um império da biologia. Alegrias e dores, possibilidades ou limitações, tudo isto tem uma construção intelectual prévia. O embaixador Eduardo, de Marcelino Mesquita, sente os seus cinquenta anos como insuportáveis, mas os livros mais velhos da Europa valorizavam surpreendentemente a idade avançada. A *Iliada* e a *Odisseia* mostram os mais velhos a desempenhar o papel de juizes e de conselheiros. Entre a Europa da Idade do Bronze e a Europa do início do século XX, entre o velho Nestor dos Aqueus, em guerra contra Troia, e Eduardo, há dois limites do que se consegue pensar a respeito do envelhecimento. Louvável ou insuportável, sinal de sabedoria ou garantia de absurdo e de tragédia, o que se encontra a respeito da idade parece orbitar em torno de um destes símbolos.

Não há forma de fugir da esfera de atração de ambos. Nestor é a sabedoria da idade que os antigos europeus sempre respeitaram; diferentemente, o peso insuportável da idade, que Eduardo representa, revela a falta de sabedoria com que se olha para a idade e para as pessoas idosas. Os anos a mais que se vivem são pagos ao preço elevado de se sentir que falta algo na vida das pessoas. É possível que ninguém sinta falta da sabedoria de Nestor, mas sente-se falta de saúde, de juventude, de beleza, de companhia dos outros, de ocupação, de sentido de vida. Por muito sofisticado que seja o entendimento que o século XXI tem do envelhecimento, não se esconde que continua a crescer o lado do diplomata que sente que ter cinquenta anos é uma condenação. A conceção científica do ser humano vê nele uma versão sofisticada de um autómato, ampliação das conceções iatromecânicas setecentistas que um Verney defendeu na sua carta duodécima sobre assuntos médicos do *Verdadeiro Método de Estudar*². Três séculos depois, existem indústrias pujantes que se dedicam a atenuar os efeitos do tempo sobre a máquina humana. Mais ainda, especialistas no envelhecimento, como o gerontologista inglês Aubrey de Grey, enriqueceram o significado do verbo «envelhecer» e aditaram-no com a noção de que não é assunto da Medicina, mas da Engenharia, acreditando-se que terá solução técnica³. Independentemente da concretização efetiva da visão deste gerontologista, o mero facto de ter sido proposta revela o quanto se deseja alterar uma parte da vida humana. Nenhuma criança diz que, quando for grande, quer ser velha, mas ouve-se muitas vezes suspirar por uma juventude que se perdeu. O diplomata Eduardo, da peça de teatro de Marcelino Mesquita, é um símbolo português deste mal-estar com a idade que se tem. Este entendimento não é natural nem necessário; é, apenas, o que organiza uma forma de ver. Fica afastada a possibilidade de haver de facto uma bondade na velhice.

² VERNEY, 1952: 12-13.

³ NULAND, 2005.

Tudo isto é muito antigo e é pouco provável que se altere. Não se é capaz de olhar para a fase avançada da vida sem a sentir dilacerada entre um ideal de sabedoria, cada vez mais distante, e um combate contra aquilo que se é. Por um lado, a velhice encarna uma sabedoria; por outro, a velhice revela uma natureza imperfeita que, precisamente porque é imperfeita, tem de ser combatida ou melhorada. Ou se aceita, ou se combate. Parece não haver um caminho do meio, ou, pelo menos, é difícil encontrá-lo. Ora, é aqui precisamente que tudo se joga. A proposta de uma terceira via, de um caminho do meio, poderá ser encontrada no pensamento médico português, especialmente rico a este respeito.

O escritor da peça de teatro, Marcelino Mesquita, tinha formação médica, mas foi um outro médico português, o doutor Lopo Serrão (n. 1510-1514, m. 1579-1581), médico de Dom Sebastião, o primeiro vulto da história da medicina portuguesa a refletir sistematicamente sobre as questões da velhice. Este autor improvável publica em 1579 o monumental poema latino *Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes*. A obra só voltaria a ser publicada em 1748 numa grande recolha de poesia portuguesa de expressão latina, até que Sebastião Tavares de Pinho lhe dedicou uma tese doutoramento e a posterior edição em livro, acompanhada de um valioso estudo introdutório e de uma tradução para português⁴. Está disponível, pois, a ferramenta de trabalho para auxiliar a compreender um capítulo especialmente original do pensamento, da ciência médica e das belas-letas portuguesas. Tratando-se de um poema de matriz lucreciana, é uma obra literária que toma em consideração o conhecimento científico mais avançado da época, mas que não descarta a experiência clínica do autor e o seu gosto manifesto pela literatura clássica. Portugal não tem muitos outros poemas inspirados pelo *De rerum natura*, de Lucrecio, o que, só por si, constitui motivo de interesse. Lucrecio está em espírito neste poema em muitos dos seus aspetos, do pessimismo antropológico até à diatribe contra o sexo feminino. Não é, contudo, a raridade da forma literária lucreciana o que verdadeiramente atrai neste conjunto de catorze livros. Há ciência médica unida ao antiquíssimo género dos livros de consolação. Há recolha erudita dos pensamentos dos clássicos latinos unida a observações acerca do povo português. Muitos outros traços dessa forma poderiam ser inventariados. O que fascina nesta biblioteca de referências e nesta recolha de ditos sapienciais é, contudo, a ambição de compreensão *total* do que se passa durante a velhice. O título de inspiração clássica tem a generosidade de alargar o tema do vasto poema às «Outras Idades» e até aos costumes dos dois sexos ao longo dessas idades. Se, para além da idade da velhice, estão em causa *todas* as outras idades dos dois sexos, segue-se que é uma obra total sobre a condição humana. É certo que tudo isso se encontra no poema, mas também é certo que Lopo Serrão toma a velhice

⁴ PINHO, 1983, 1987.

como idade privilegiada para se compreender o conjunto das fases da vida humana. Não se trata de uma idade que se segue às outras idades, mas, precisamente, a idade que tem a chave para compreender a totalidade da vida, a idade em que tem sentido a tarefa de pensar a vida que se teve e o sentido último da mesma⁵.

Lopo Serrão poderia estar lembrado do início de *A República*⁶, de Platão, obra filosófica em que o dono da casa onde acontece o diálogo, de nome Céfalo, confessa a Sócrates a estranha atividade a que se dedica nessa altura: pensar a vida que tinha levado até ao momento em que passou a sentir que já não tinha muitos anos para viver. É precisamente esta estranha contabilidade pessoal, que só poderá acontecer pela ação da idade, que o velho de Lopo Serrão expressa com angústia: «Por um lado, o pavor tortura a sua fraqueza e abala a sua velhice; por outro, ele repete na memória os crimes cometidos outrora»⁷. São muitas as passagens em que se apanha o velho a exercitar a prática solitária de avaliação angustiada do que fez e deixou de fazer. Ele «examina que crimes dignos/de suplício ou de vergonhosa impiedade cometeu», e «julga-se digno de pesados castigos/e pensa que mereceu o peso do seu suplício»⁸. Este velho é um avatar do Céfalo platónico, a sua enésima encarnação.

É verdade que, logo a abrir o primeiro dos catorze livros, o bardo clínico propõe aos seus leitores e ouvintes o tema do seu canto. Diz ele que canta «as ingratas doenças e os variados sofrimentos/que te afligem, ó ancião que em breve hás de morrer»⁹. A vida que tem como horizonte próximo a morte e as maleitas que apressam a chegada a esse destino são aspetos parciais de uma idade cuja caracterização atravessa todo o poema. Há doenças, certamente, e há o ponto final de tudo, como é óbvio. Todavia, importa ver que Lopo Serrão enriquece a sua análise das doenças associadas à idade madura com teses surpreendentes que defendem que essas doenças *não* são inevitáveis, e, a respeito da aparente certeza absoluta da morte, avança com apontamentos eruditos que recuperam as suspeitas que alguns autores greco-latinos lançaram sobre a alegada inevitabilidade da morte.

A dourar com humor sofisticado um livro de tema especialmente complicado como é a velhice estão observações precursoras e corajosas sobre assuntos ainda mais complicados do que a velhice, a morte, o tempo e o sentido da vida humana. Como exemplos desses assuntos que tocam a fronteira do que se pode pensar, Lopo Serrão menciona a natureza das mulheres e, sobretudo, o tormentoso problema do desejo feminino, nótulas que vão dando cor a um tratado que, na sua ausência, poderia afastar leitores temerosos do conhecimento da velhice. É esta estranha liberdade

⁵ Cf. I, 34; PINHO, 1987: 294.

⁶ PLATÃO, *A República*, livro I, 330d-331b.

⁷ I, 88-89; PINHO, 1987: 296.

⁸ III, 15-16, 47-48; PINHO, 1987: 330, 332.

⁹ I, 1-2; PINHO, 1987: 299.

intelectual, que se revela na escolha de temas importantes e perturbadores, que talvez tenha justificado que o bardo médico expresse a ideia que não estaria nos seus planos a publicação do livro. Há uma dimensão enciclopédica no *Da Velhice*, como se o doutor Lopo Serrão tivesse tentado reunir num só documento tudo o que a humanidade pensou de acertado sobre as idades do homem, um documento que teria sido importante para o seu próprio pensamento e governo de vida. É esta ambição, mais filosófica do que científica, que faz com que, sob a pressão dos amigos, e algo contrariado, acabe por permitir a publicação as suas «meditações acerca da Velhice», e lhes associar o seu nome¹⁰.

Entre ciência da velhice, ponderação sapiencial das idades do homem e observações bem-humoradas sobre o desejo feminino, o *Da Velhice* é um livro total que convida a uma reflexão pioneira sobre a matura idade. E é precisamente esta idade que deve ser compreendida como um todo, mais do que as doenças pontuais que a perturbam. O espírito dessa idade merece uma categorização exaustiva logo a abrir o poema. Em primeiro lugar, os sinais da revolta do indivíduo que é incapaz de aceitar a nova condição a que chegou. Diz Lopo Serrão que a velhice é rixosa e contenciosa, mas rapidamente enriquece o conceito, aditando-o com notas acerca do que são e do fazem os velhos. Assim, a velhice é corcunda, preguiçosa, trémula, esquecida, tagarela, beberrona, sonolenta, avara, impaciente, severa, volúvel, teimosa, flácida, imbele, tímida, banhada, embotada e desdentada. O registo emocional dos velhos não é esquecido perante os sinais da degradação corporal que, obviamente, o clínico se alonga a inventariar e a descrever com um detalhe perturbador. Lopo Serrão repara com perspicácia na tristeza, no abatimento, na melancolia e na inércia, que se associam muitas vezes à infidelidade e à desconfiança de si mesmo. A idade madura merece ser caracterizada como longa, dura, atribulada, cruel, falaz e onerosa. Se há um protótipo que reúna corpo e espírito, é o que afirma que a idade é lacrimosa. Em catorze livros, cada uma destas descrições é amplamente explicada.

2. A ATITUDE MENTAL A RESPEITO DA VELHICE

A meditação que Lopo Serrão desenvolve em torno da inevitabilidade da morte tende, pela sua força dramática, a eclipsar as intuições muito interessantes que ligam a qualidade de vida que se tem durante a velhice com a atitude mental com que se antecipa essa idade. Não é a velhice e a coorte dos seus males que deverão ser censuradas, mas a forma de vida que se levou nas idades anteriores. A mensagem é clara: «Os maus costumes é que devem ser culpados e não a longa velhice;/acusa tu os costumes e deixa o ancião, por favor»¹¹.

¹⁰ § XVII; PINHO, 1987: 286.

¹¹ III, 243-246; PINHO, 1987: 342.

A população idosa é categorizada, em conformidade com isto, segundo as atitudes que tem para com a vida. Há, por exemplo, a velhice insana e a velhice cordata: uma, grava «tudo no coração inquieto»; outra, zomba das «mudanças da Fortuna»¹². As duas formas de se ser velho estão apartadas por muito pouco. Lopo Serrão já tinha mostrado a importância de o velho falar do que lhe acontece. É na transfiguração da experiência sofrida em discurso que ele se liberta das amarras das desgraças que lhe acontecem. O falar sobre a vida é sinal de uma mente que não fica refém do que lhe acontece; o falar atenua o império da dor, porque, afirma, tem «certa importância, para quem sofre, desabafar os cuidados/latentes que mirram o corpo e oprimem a alma»¹³. A sociabilidade associada à linguagem é um fator que contribui para a qualidade de vida do ancião. Este prolonga a vida desse modo, enquanto outros entendem a «longa velhice como nociva»¹⁴.

A atitude e a capacidade de falar poderiam ser meros aspetos das personalidades individuais a respeito dos quais nada haveria a fazer. Ora, o que é inovador no pensamento do doutor Lopo Serrão é a proposta ostensiva de uma interessante série de sugestões para educar a atitude, contribuindo desse modo para uma nova perspectiva sobre a velhice. Sugerem-se meios para ir «em auxílio do espírito» para que ele, estimulado, não se limite à ociosidade danosa. O mandamento é reiterado muitas vezes: «Importa exercitar o espírito»¹⁵.

Tão importante quanto este objetivo surpreendentemente pioneiro, há a proposta de atividades específicas. Recomenda-se um trabalho moderado que agrade ao ancião; sugere-se uma alimentação leve, condenando-se todos os excessos a esse respeito¹⁶. Entrando num âmbito que, durante séculos, não chegou ao discurso, o doutor Lopo Serrão atreve-se a pronunciar-se sobre o sensível tema da sexualidade das pessoas de idade. Também aqui há reflexões que auxiliam a construir uma atitude positiva. É verdade que o fogo da juventude já não arde com intensidade, e o clínico não poderia passar isso por alto, com uma coragem poética que teria indubitavelmente causado embaraços, não fora ele um elemento influente da corte num momento particularmente complicado da vida portuguesa. Se é verdade, como proclama, que «Já não excita ao coito a fatigada velhice» e o outono já não «ergue as partes pudendas»¹⁷, respeitando-se a regra sapiencial da moderação em tudo, sempre vai dizendo que o prazer sexual «gera muito proveito»¹⁸. Talvez devido ao seu ofício, o doutor

¹² IV, 115, 118; PINHO, 1987: 354.

¹³ I, 10-14; PINHO, 1987: 292.

¹⁴ III, 243-246; PINHO, 1987: 342.

¹⁵ V, 67; cf. V, 65-66; PINHO, 1987: 368, 366.

¹⁶ E.g. V, 97-98; PINHO, 1987: 368.

¹⁷ VIII, 293-295; PINHO, 1987: 438.

¹⁸ VIII, 311-312; PINHO, 1987: 438.

Lopo Serrão tende a considerar apenas os aspetos fisiológicos da sexualidade e a sua expressão psíquica, passando à margem da dimensão espiritual.

Seja como for, esta coleção de pequenas técnicas comportamentais, que poderão contribuir para alterar a atitude do idoso para com a idade a que chegou, inclui sugestões que não se esperariam no século XVI. Se o exercício moderado ou a atenção à alimentação fazem sentido mais de quatro séculos depois, o que dizer sobre a proposta de técnicas de memória e de visualização? As primeiras atenuam o dano que a idade causa na memória de curto prazo. Preocupado com um problema que certamente acompanhou nos seus pacientes, o doutor Lopo Serrão avança com práticas de repetição mental à noite do que a pessoa conheceu e experienciou durante o dia. A frequência e a intensidade desta prática poderão garantir uma, como diz, «memória viva»¹⁹. Talvez se possa ver aqui a influência dos tratados renascentistas das artes da memória. No que concerne à visualização, propõe-se a utilização de imagens que contribuam para dar consolo à «alma amargurada»²⁰. Como é evidente, interessa mais a forma geral da sugestão do que o conteúdo preciso. Este estará inevitavelmente datado, sendo difícil aceitar que a imaginação da morte possa dar consolo; todavia, a *mera ideia* de criar deliberadamente imagens para atenuar o impacto da degradação do corpo e do espírito é, só por si, notável.

Muitos outros meios são mencionados para promover a convicção de que a forma como se vive a velhice poderá ser de facto melhorada. Se há uma pérola de sabedoria nas longas reflexões de Lopo Serrão é a de que a idade das rugas «não tem defeito»²¹. A velhice *não* é uma doença que tenha de ser combatida nem um problema que tenha de ser resolvido. O que passa por doença e o que parece uma vasta coleção de problemas são, diferentemente, equívocos que derivam da falta de ponderação durante os anos de juventude, mais do que características da própria velhice.

3. PROBLEMAS FILOSÓFICOS DA VELHICE

Compreendida a mensagem cheia de esperança de que a idade das rugas *não* tem defeito, será interessante pôr ao lado das técnicas que alegadamente melhoram a vida dos idosos uma reflexão de natureza mais abstrata sobre a velhice. O clínico dá por vezes lugar ao filósofo do tempo, da condição humana e da maturidade. A reflexão que é feita em torno desses assuntos contribui para atenuar a impressão de que nada há a fazer a respeito da velhice. Aqui reside, talvez, o contributo mais profundo do doutor Lopo Serrão, se bem que apenas indiciado e não desenvolvido em todas as suas consequências. O poeta eborense das horas vagas revela o talante

¹⁹ VII, 103-104; PINHO, 1987: 406.

²⁰ VII, 113-114; PINHO, 1987: 406.

²¹ III, 292; PINHO, 1987: 346.

das almas eruditas que, sim, conhecem a existência de problemas intelectuais momentosos, mas que, talvez porque ninguém pode pensar tudo, não avançam na sua exploração, contentando-se com a mera alusão aos mesmos. Bastem alguns exemplos curiosos desses problemas especialmente abstratos e filosóficos, pedras no sapato da cultura europeia:

- (i.) O conhecimento prévio da hora da morte de alguém foi desde sempre uma pedra no sapato da cultura ocidental. Ao afirmar, de modo previsível, que ninguém «conhece a hora incerta da morte»²², discerne-se na velhice um constrangimento que é comum a outras idades. Todos os seres humanos parecem estar em igualdade de circunstâncias a respeito dele. A velhice não tem mais ou menos conhecimento a esse respeito do que as outras idades. Todavia, se há verdade literal nestas palavras, não é menos verdade que há uma diferença qualitativa na percepção que as diferentes idades têm do futuro. A complicar tudo, não há certezas a respeito da impossibilidade de conhecimento antecipado da hora da morte, já que alguns vultos do passado afirmaram que isso é possível²³;
- (ii.) Seguindo a velha doutrina epicurista de que a morte não pode causar males às pessoas, porque, enquanto elas existem, a morte não existe, e quando a morte surge, as pessoas já não existem, não havendo sobreposição temporal entre pessoas e morte, Lopo Serrão assevera que «a morte não prejudica ninguém»²⁴. Sendo esta afirmação também literalmente verdadeira, não se explica por que razão a percepção da morte está associada à infelicidade e à finitude. Pior ainda, se não prejudica ninguém, poderia ser benéfica ou, no mínimo, neutra. Em qualquer dos casos, seria sempre melhor do que muitas vidas miseráveis, o que obrigaria à formulação do problema filosófico do suicídio voluntário de todas as pessoas nessas circunstâncias. Mesmo as pessoas com vidas agradáveis poderiam refletir sobre a possibilidade de alcançarem um estado melhor do que essas vidas;
- (iii.) Há uma proposta de apoucamento da alegada importância da duração da vida, incluindo da vida perpétua. Viver cem anos, seiscentos anos ou até viver para sempre seria, para Lopo Serrão, deplorável²⁵. Estes valores hiperbólicos contribuem para, por amplificação absurda, centrar a problemática da velhice na procura de uma sabedoria que garanta que o período final da existência seja digno. Como é evidente, as tarefas práticas que seriam

²² III, 81; PINHO, 1987: 334.

²³ E.g. PLATÃO, *Górgias*, 523d.

²⁴ III, 102; PINHO, 1987: 334.

²⁵ Cf. III, 105-106, 183-184; PINHO, 1987: 336, 340.

necessárias para alargar o tempo de vida poderiam contribuir para a reflexão, já nada dizendo da experiência efetiva de vidas com longevidades generosas. Não é claro, também, que a vida perpétua tenha continuidade com a vida mensurável em anos humanos; no mínimo, seria preciso equacionar o problema complementar da diferença entre uma vida longa, mas finita, e uma vida que se prolonga de modo ilimitado no tempo.

A irmanar este tipo de problemas está a sensação de inautenticidade. Todos eles presumem que uma pequena instância da vida humana, a racionalidade, faria a gestão inteligente das circunstâncias em que lhe aconteceria viver. Diz o povo que o diabo toca todos os instrumentos, mas nunca se explica por que razão, sendo aparentemente plenipotenciário, precisa de todo de instrumentos para fazer ouvir a sua música. Se precisa de qualquer coisa fora de si mesmo, não é de facto plenipotenciário. Se precisa de realizar objetivos para que a sua vida tenha sentido, está refém de uma ordem metafísica que nunca poderá violar, mesmo sendo o arquétipo do Mal. A fragilidade de todos estes problemas deriva dos mesmos constrangimentos: parecendo um espetáculo de argumentação racional sofisticada, estes casos intelectuais apenas revelam indivíduos totalmente dominados por uma estrutura metafísica insuscetível de mudança. Essas vidas generosas (relembre-se: com conhecimento antecipado da hora da morte, com a certeza de que a morte não causa dano ou com longevidades vastas ou até mesmo ilimitadas) não são diferentes de vidas miseráveis e curtas se se tomar como referência o que é metafisicamente relevante. De facto, não acrescentam nada de interessante ao debate intelectual, e talvez tenha sido por isso que Lopo Serrão se limitou a mencionar estes problemas filosóficos mais decorativos do que fundamentais.

4. AS ALEGADAS VANTAGENS DA VELHICE

Sendo, como se vê, uma reflexão equilibrada sobre a velhice, o poema *Da Velhice* acrescenta ao inventário dos muitos males associados a essa fase da vida um surpreendente canto em que se «louva a idade senil e repetem-se as vantagens da velhice»²⁶. Que vantagens via o doutor Lopo Serrão na velhice? Mais: como poderia ele olhar para o assunto presumindo que nele houvesse algo de bom? Há toda uma sabedoria antiga a que já não se é sensível. O médico de Dom Sebastião recorda que a velha Roma exigia uma «idade senil, para, com o seu conselho, se tornar um Estado forte»²⁷. Seguindo este modelo romano, o clínico caracteriza logo de seguida os velhos como as pessoas que têm uma «preclara perícia»; que pacificam as «multidões com

²⁶ V.

²⁷ IV, 9-10; PINHO, 1987: 348.

palavra serena»; que dominam a arte difícil de não se deixarem enganar, porque têm o «hábito da dissimulação permanente»; e que têm «gravidade no tratamento dos negócios». A lista dos elogios da velhice é muito longa. Enfatiza-se a «insigne virtude» e a «probidade»; sublinha-se que ela põe «em prática aquilo que ensina» e que os velhos são «cumpridores das suas missões». A culminar tudo isto, louva-se o facto de os velhos não colocarem os seus próprios interesses no centro da sua ação, mas, diferentemente, suportarem «muitos dispêndios em prol da Pátria».

Perante esta lista de louvores, cumpre afirmar que Lopo Serrão não está a tapar com elogios alguma lacuna. Para ele, a velhice não tem falta do que quer que seja. Como se viu, a idade das rugas não tem defeito. Ponderando com cuidado os vários casos de velhos ilustres do passado clássico, o médico eborense chega a afirmar que «Há [...] muitíssimos velhos a quem a molesta velhice não enfraqueceu, pelo contrário, aumentou a sua força»²⁸. Os exemplos do passado eram familiares, revelando um contacto espiritual com vultos literários como Nestor, dos *Poemas Homéricos*, mas também figuras históricas como o persa Ciro e o romano Catão.

Se há um ponto alto no surpreendente inventário dos alegados bens da velhice, reside ele na ideia de que é uma vida perfeita, porque já não está refém dos tiranetes do desejo que dominam a vida dos jovens. A supressão do desejo parece possibilitar a perceção de como as coisas são em si mesmas, sem que a realidade seja distorcida. Mais ainda, o que a juventude deseja é de facto alcançado pela velhice. A primeira deseja sobretudo perdurar, atravessar o tempo, vencer as adversidades; o mero facto de se chegar à velhice já é um testemunho de vitória na luta árdua para se alcançar esses objetivos. É isso, pois, que justifica que o bardo clínico afirme sem dúvidas que «O velho tem, sobre a bela juventude, a vantagem/de já possuir o que ela para si cobiça»²⁹.

Trata-se, como se vê, de uma intuição fina, em que a velhice mostra às outras épocas da vida a felicidade mais acabada que o ser humano pode alcançar, um estado em que não se deseja mais isto ou aquilo, não se deseja até mesmo «quaisquer alegrias», e se aceita tudo nos seus próprios termos. Perante esta forma de viver que se atreve a olhar para o mundo sem a lente deturpadora do interesse e do desejo, parece que já se está num estado de perfeição para o qual não se tem ainda os rótulos adequados. Na sua ausência, o médico de Dom Sebastião conclui que «a graça suprema de Deus [...] perdoa à velhice»³⁰. Já no século XVIII, o padre Rafael Bluteau irá lembrar que «a velhice, ainda que comumente aborrecida, chegou a ser adorada, porque, na Ilha de Cales teve templo próprio»³¹. Percebe-se qual é a ideia

²⁸ IV, 147-148; PINHO, 1987: 356.

²⁹ III, 153-154; PINHO, 1987: 338.

³⁰ V, 243-244; PINHO, 1987: 376.

³¹ BLUTEAU, 1721: VIII, 386.

para que apontam estes mestres da sabedoria portuguesa, na linha do que Platão já havia intuído: a velhice é o período da vida humana que mais se aproxima da vida mais perfeita que é possível imaginar, e esta é a vida divina, a vida que alcança a visão sinóptica, a vida que irmana seres humanos e deuses.

Duas linhas de pensamento estão em rota de colisão a este respeito. Por um lado, o clínico suspeitava de que há um mal associado à velhice, como se esta contribuísse para a perda da individualidade das pessoas, verificação dramática que o leva a afirmar que «Os velhos têm todos o mesmo rosto»³². Por outro lado, a imunidade da velhice em relação aos tiranetes das paixões inconsequentes dá-lhe uma aura quase divina. O desejo e a individualidade atenuam-se na mesma época da vida. Este bailado entre observação clínica certa e procura de uma sabedoria da velhice atravessa todo o livro.

Estas linhas de reflexão não terão o mesmo sucesso. Uma época valorizará mais os dados da observação clínica do que a sabedoria da libertação do desejo e da personalidade. O século XXI, propenso a compreender de modo clínico todos os períodos da vida humana, interpretará como ininteligíveis as referências a uma alegada sabedoria da velhice, sendo pouco estimados ou até mesmo invisíveis os vultos da tradição sapiencial a que Lopo Serrão pertence (recordem-se os príncipes da Íncrita Geração que liam Cícero e Séneca, mas também um frei Heitor Pinto, um frei Amador Arrais e um padre Manuel Bernardes, para nada dizer da vasta biblioteca teológica dedicada ao desengano das ilusões da vida e da igualmente vasta biblioteca de tradição erasmiana e sapiencial de denúncia da vida como loucura)³³. Não se afasta a ideia de que haja uma virtude qualquer na velhice com base na convicção de que o médico com gosto pela literatura fez vista grossa aos inúmeros problemas de saúde associados à idade avançada. Nada poderia ser mais falso. Este clínico, que todos os dias encontrava o lado menos bonito da humanidade idosa, não se esquece de nada, e regista, aliás com grande detalhe, os efeitos do tempo no corpo e no espírito, algo que se poderia descrever como a peste da idade que espera as pessoas jovens. São muitas as observações frias acerca dos momentos infelizes dos idosos com que Lopo Serrão enriquece a sua enciclopédia da velhice³⁴. A questão é diferente. O que, sim, é interessante é sublinhar o modo como o conhecimento dos efeitos destruidores do tempo na vida humana não foi suficiente para impedir a visão dos benefícios que a idade pode trazer às pessoas, se for perspetivada com sabedoria. É esta visão dos benefícios que se tornou ininteligível para o século XXI, refém que está de uma cultura pública obcecada com a juventude. Os reféns, por definição, têm dificuldade em ver bem as coisas.

³² II, 99; PINHO, 1987: 316.

³³ Cf. CURADO, 2015.

³⁴ E.g. II, 189-190; PINHO, 1987: 322.

Impõe-se, pois, a pergunta: se o doutor Lopo Serrão não se esqueceu dos efeitos terríveis das maleitas que acompanham muitas vezes a idade, produzindo uma lista longa de estados físicos e anímicos que é um ensaio de uma futura enciclopédia de gerontologia, por que razão afirma ele, com ênfase, que está ao alcance de todos os seres humanos *uma velhice em que não se sente a falta da juventude*, uma idade de rugas sem danos em que se usufrui de novos benefícios e vantagens? Lopo Serrão aparta claramente as pessoas que vão deixando de fazer as suas coisas e que não têm a sabedoria suficiente para se desligarem de outras fases da vida em relação às pessoas que nunca deixam de tratar das suas coisas, mantendo-se ocupadas. As palavras dele são duras. É necessário evitar a forma de vida dos «velhos preguiçosos»³⁵.

Um grande médico nunca se contenta com a mera indicação do problema ou com a descrição de um estado de saúde; há uma palavra terapêutica que acompanha a descrição, por vezes necessariamente terrível, da falta de saúde de uma pessoa ou de uma comunidade. Lopo Serrão não se esquece dela. Falou-se acima da alteração da atitude; poder-se-ia acrescentar agora a atividade física. A pessoa de idade tem de manter algum tipo de atividade; a ociosidade causa danos incontáveis por si mesma e acentua processos que prejudicam fortemente a saúde. Diz ele de forma lapidar: «foge do ócio e terá a força do roble»³⁶.

A sabedoria popular portuguesa que se expressa em adágios, anexins e provérbios nunca deixou de pensar a velhice. A ênfase é colocada na maldade injusta que parece acontecer à pessoa contra a sua vontade (e.g. «Velhice é mal desejada»), mas também se encontram pérolas que, como em Lopo Serrão, associam os males da idade ao excesso de ócio (e.g. «Mocidade ociosa não faz velhice contente»)³⁷. O pensamento de Lopo Serrão não é tanto o de aproximar outras fases da vida à velhice, como este adágio propõe, mas o de incentivar, como se viu, que a atividade continue ao longo dos anos, de modo a potenciar a qualidade de vida. Se a pessoa trabalhadora deixar de ter atividade, a sua velhice será especialmente difícil. Não se trata, pois, de uma observação com intuito moral, mas de uma recomendação de um modo de vida saudável.

O *Da Velhice* propõe, como se vê, uma reflexão completa sobre a velhice: a parte do inventário dos danos não é escamoteada; os ideais que transfiguram a realidade não são esquecidos; não se olvidam as indicações terapêuticas de que a atividade e o exercício são imprescindíveis para uma velhice que, não sendo uma bem-aventurança antecipada, será, todavia, mais aprazível do que uma em que essas indicações não sejam cumpridas; e, a culminar tudo isto, a convicção forte de que a velhice não rouba nada às pessoas, mas que, pelo contrário, dá-lhes algo que, na sua ausência,

³⁵ IV, 218; PINHO, 1987: 360.

³⁶ IV, 262; PINHO, 1987: 362.

³⁷ E.g. BLUTEAU, 1721: 386.

seria impossível de alcançar. E o que é isso? Lopo Serrão faz parte de uma tradição europeia com estima pelos modelos clássicos. Platão, no mito do *Político*³⁸, falava de uma convivência dos seres humanos com os deuses na idade de Cronos; Horácio, o grande poeta latino, falava do ideal do *nihil admirari*, uma visão clara das coisas em que já não se deseja nada, uma vida em que a pessoa já não se surpreende com o que quer que seja³⁹. Com Horácio, estão Cícero, nas *Tusculanas*⁴⁰, Séneca, com as suas *Cartas a Lucílio*⁴¹, e muitos outros. Já no século XIX, Arthur Schopenhauer, um pensador que tentou trazer a sabedoria oriental do Budismo para a Europa, dedicou um dos seus ensaios dos *Parerga e Paralipomena* à velhice, relembrando novamente que esta idade é um dos pontos altos da vida humana. Porquê? Nas suas palavras, porque a pessoa idosa «já não se embala com a ilusão de que existe em alguma parte, palácio ou choupana, uma felicidade especial, maior do que aquela que [...] goza em toda a parte, e que consiste essencialmente na isenção de toda a dor física e moral»⁴². Os autores clássicos falavam de *nihil admirari*, Schopenhauer fala do fim da ilusão, a tradição sapiencial portuguesa falava do desengano. Lopo Serrão vai beber precisamente a esta tradição sapiencial, que, nos séculos em que era relevante para as pessoas, encheu bibliotecas em Portugal. Quantas pérolas de sabedoria há sobre o desengano das ilusões da vida no *Da Velhice*? Brada contra os ludíbrios e vicissitudes da Fortuna, acabando por generalizar que «tudo o que existe na terra, tudo vês repleto/de engano»⁴³.

5. O SIGNIFICADO DE UMA OBRA

Não é fácil pensar uma obra como a de Lopo Serrão. A importância crescente do envelhecimento no século XXI auguraria uma projeção desta obra que ultrapassasse o pequeno círculo de eruditos que a conhecem. Infelizmente, se o assunto potencia o interesse, a forma poderá enfraquecê-lo. O poema *Da Velhice*, de espírito lucreciano e de escopo enciclopédico, faz uma recolha ampla de autores, tradições populares e recomendações derivadas da prática clínica de Serrão. Esta recolha não terá sido feita com o intuito de ser publicada, como o autor afirma nas considerações preliminares, mas apenas para entreter os momentos de ócio e para governo pessoal, como se a ideia que a norteou fosse a de constituir uma súpula de tudo o que de válido se disse sobre a velhice. Não é no vasto trabalho antológico que está o seu sentido, nem na questão erudita de identificação das muitas fontes a que foi beber⁴⁴. É, talvez,

³⁸ PLATÃO, *Político*, 270d-271c.

³⁹ HORÁCIO, *Epístolas*, I, 6, 1.

⁴⁰ CÍCERO, *Tusculanas*, 3.30.

⁴¹ SÉNECA, *Cartas a Lucílio*, 8.5.

⁴² SCHOPENHAUER, 1966: 191.

⁴³ V, 253-254; cf. V, 310 e VII, 136; PINHO, 1987: 378, cf. PINHO, 1987: 380 e 406.

⁴⁴ PINHO, 1987: 129 ss.

a obra mais completa que se escreveu sobre a velhice em Portugal, exemplo de uma ambição literária híbrida que une ciência e belas-letas, ambição rara que só terá eventual rival nas *Viríadas*, uma obra de escopo idêntico mas de objeto diferente, já que dedicada à cultura clássica e ao passado ibérico, de um outro médico, o doutor Isaac de Sequeira Samuda, *fellow* da Royal Society of London, também ela um poema lucreciano que foi aditado, mais do que completado, pelo colega e amigo Jacob de Castro Sarmiento⁴⁵. Os aspetos comuns a estas obras, para nada dizer da língua latina do *Da Velhice* e do português erudito das *Viríadas*, exigem leitores com gosto pelo legado clássico, gosto de que têm sido privadas muitas gerações de estudantes devido a políticas educativas duvidosas. A existir esse gosto, sempre se poderá formular a questão difícil do significado perene dos cantos do clínico eborense. Os problemas do sentido de algo são mais tormentosos do que os do conteúdo e da forma; não há, contudo, hermenêutica completa sem que eles sejam equacionados.

Quase meio milénio depois de ter sido escrito, há uma pergunta no *Da Velhice* que contribui para captar o seu sentido. É esta: «Quem será o insensato que, com toda a alma, aspira pela vida passada e não queira ser velho?»⁴⁶. Como se feita do mármore de Antonio Corradini, esta pergunta deixa ver o que está coberto pelo véu do conteúdo e da forma. Quem é o insensato, poder-se-ia repetir? Se se olhar à volta, saber-se-á responder imediatamente: os insensatos são os leitores do século XXI. Hipnotizados como estão por uma cultura mediática para meninos e adolescentes, fizeram-lhes uma lavagem educacional completa de tal modo que têm dificuldade em reconhecer autores e ideias que não alimentem o paradigma que promove o ideário empobrecedor das pessoas bonitas, saudáveis, mas não muito cultas. Mais, todo o seu desejo orbita a juventude e é para eles impensável ver qualquer bondade na velhice. Em resultado de tudo isso, só podem não querer ser velhos. São *eles* o insensato a que se refere o contemporâneo de Camões.

Não se trata, obviamente, de uma questão do século XXI; este apenas amplifica o que está em causa na privação da sabedoria associada à idade. O que se diria de uma criança que não desejasse chegar à adolescência? Dir-se-ia que, se isso acontecesse, não realizaria toda a sua natureza humana, tudo aquilo que é capaz de ser. O estranho elogio da idade avançada que atravessa o *Da Velhice* tem que ver com esta imperfeição ontológica: ficar-se aquém do que se poderá ser. É irrelevante, aliás, que seja a criança que não queira ser adolescente ou o diplomata Eduardo do dramaturgo do Cartaxo, emocionado por ter cinquenta anos e por pensar que essa idade o priva de algo importante. Se fossem seiscentos, como se viu acima, ou até a vida perpétua, se isso impedisse a realização total do que se é, é óbvio que seria um mal. É, pois,

⁴⁵ CURADO, ed. crítica, 2014.

⁴⁶ IV, 231-232; PINHO, 1987: 360.

a pergunta sobre o insensato que permite que se veja algo sem os constrangimentos da cultura de um século concreto e sem os enviesamentos associados a um determinado período da vida. Voltar o desejo para uma época anterior da vida e combater a velhice e a morte têm como consequência ser-se menos do que se poderia ser.

É este, pois, o sentido da velhice: ser-se tudo o que se pode ser.

BIBLIOGRAFIA

- BLUTEAU, Raphael (1721). *Vocabulário português e latino...* Lisboa Ocidental: na Oficina de Pascoal da Silva, vol. VIII.
- CURADO, Manuel, ed. crítica (2014). *As Viriadas do Doutor Samuda*. Edição crítica da epopeia setecentista inédita dos médicos Isaac Samuda e Jacob de Castro; prefácio de † Maria Helena da Rocha Pereira; nota de apresentação de Annabela Rita. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CURADO, Manuel (2015). *A vida como loucura na tradição erasmiana e sapiencial portuguesa*. In ÁLVARES, Cristina; SOUSA, Sérgio Guimarães de; CURADO, Ana Lúcia, coords. *Figuras do idiota: Literatura, cinema, banda desenhada*. Famacião: Húmus, pp. 27-40.
- MESQUITA, Marcelino (1912). *Envelhecer. Peça em quatro actos*. 3.ª ed. Lisboa: J. Rodrigues & C.ª, Editores.
- NULAND, Sherwin (2005). *Do you want to live forever?* «MIT Technology Review». 108:2, 36-45.
- PINHO, Sebastião Tavares de (1983). *O Poema Da Velhice de Lopo Serrão*. Coimbra: Edição do Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.
- PINHO, Sebastião Tavares de (1987). *Lopo Serrão e o seu poema Da Velhice. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas*. 1.ª ed. revista e impressa. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SCHOPENHAUER, Arthur (1966). *Regras de conduta para bem viver (Eudemonologia)*. Trad. de Eloy Pontes. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi.
- VERNEY, Luís António (1952). *Verdadeiro método de estudar*. Ed. e org. de António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa. Vol. IV: *Estudos médicos, jurídicos e teológicos*.

«TÓMAME AHORA QUE AÚN ES TEMPRANO»: REPRESENTACIONES DEL PASO DEL TIEMPO EN LA POESÍA DE JUANA DE IBARBOUROU

MIRTA FERNÁNDEZ DOS SANTOS*

Resumen: *La irrupción de Juana de Ibarbourou en el ambiente literario rioplatense con la publicación de Las lenguas de diamante (1919) trajo consigo un soplo de aire fresco diametralmente opuesto a los agónicos estertores del Modernismo hispánico que entonces se hacían sentir un poco por todo el continente. Entre los temas cultivados por la autora uruguaya en su extensa obra cobra especial relevancia la cuestión del paso del tiempo y de la pérdida de la belleza y el vigor físicos. Atendiendo a lo anteriormente expuesto, hacemos un recorrido sumario por las diferentes representaciones del paso del tiempo que hallamos en la obra de Juana de Ibarbourou, contribuyendo de esta manera no solo al estudio de su producción, sino también a la investigación en torno a la relación (todavía poco explorada) entre literatura, edad y escritura femenina.*

Palabras clave: *Juana de Ibarbourou; Edad; Escritura femenina.*

Abstract: *The appearance of Juana de Ibarbourou on the Rio de la Plata literary scene with the publication of Las lenguas de diamante (1919) brought with it a breath of fresh air which was diametrically opposed to the agonising rattles of Hispanic Modernism which at the time were being felt in many parts of the continent. Among the themes cultivated by the Uruguayan author in her wide-ranging work, special relevance is given to the question of the passage of time and the loss of physical beauty and strength. Given the above, the article attempts to summarise the different representations of the passage of time to be found in Juana de Ibarbourou's work, thus contributing not only to the study of her work, but also to the research on the yet little analysed relationship between literature, age and women's writing.*

Keywords: *Juana de Ibarbourou; Age; Women's writing.*

En la actualidad las sociedades desarrolladas se enfrentan a un progresivo e imparable envejecimiento de la población (una realidad hasta hace pocos años desconocida) que hace que comiencen a proliferar los estudios socioculturales relacionados con la tercera e incluso con la cuarta edad, un umbral que hoy en día muchas personas alcanzan.

A propósito de este tema, Aristizábal-Vallejo¹ apunta que «la imagen y el estatus de la vejez en la historia han sido diversos, las posiciones han sido extremas, desde la idealización hasta la estigmatización». En esta polarización de las percepciones de

* Universidade do Porto/CITCEM. Email: mfernandez@letras.up.pt.

¹ ARISTIZÁBAL-VALLEJO, Nidia (2009). *Heteroimagen, autoimagen sobre el envejecimiento y convivencia con personas mayores*. Ponencia presentada en el V Encuentro Nacional de Hogares Geriátricos. Bogotá, 6 y 7 de noviembre.

la vejez han influido factores sociales, culturales, políticos, económicos, religiosos y demográficos.

En efecto, como señala García Lorenzo², la actual coyuntura favorece la reflexión en torno a ese importante componente identitario que es la edad:

Cualquier tratamiento del envejecimiento que concibamos hunde sus raíces en la construcción sociocultural de la edad (joven, mediana o avanzada), en aquello que consideramos esperable o adecuado para cualquier etapa de nuestra vida, en el espacio simbólico que ocupa en nuestro imaginario y en cómo percibimos y/o representamos el paso del tiempo.

Así, atendiendo a que la esperanza de vida de las mujeres en las últimas décadas supera a la de los hombres, se habla ya de una feminización del envejecimiento y muchos de los estudios existentes apuntan en esa dirección, es decir, ponen el foco en diálogo que se establece entre edad y género.

En ese sentido, a medida que se han ido desarrollando las investigaciones teóricas respecto al envejecimiento, se ha empezado a estudiar su influencia tanto en el hombre como en la mujer, en función de los estereotipos asociados a este imparable fenómeno del paso del tiempo.

Por lo general, los resultados arrojados por estas investigaciones³ coinciden en señalar que las mujeres mayores son las más vulnerables, ya que siguen siendo blanco de estereotipos negativos, lo que hace que sufran un doble perjuicio: como mujeres y como personas mayores.

Ya en los años 70 la precursora Simone de Beauvoir⁴ se había aproximado a la doble discriminación que supone ser mujer y mayor, con la publicación de su ensayo *La vieillesse* (1970), tras haber reflexionado años antes en *Le deuxième sexe* (1949) sobre lo difícil que resulta para las mujeres transitar por la fase que va de la madurez a la vejez, puesto que, cuando su etapa reproductora llega a su fin, no encuentran acomodo en una estructura social y cultural jerarquizada por sexos: «La arquitectura social del patriarcado tiende a infravalorar a la mujer cuando ya no desempeña sus funciones de reproducción u objeto sexual»⁵.

En definitiva, tradicionalmente la sociedad ha impuesto a las mujeres unos determinados roles de género que determinan lo que estas deben ser, esto es, su valor social y cultural. En ese sentido, el sometimiento a esos papeles ha problematizado

² GARCÍA LORENZO, 2015: 9.

³ Consúltese, por ejemplo, CERQUERA CÓRDOBA, MELÉNDEZ MERCHÁN, VILLABONA GALARZA, 2012.

⁴ La obra de Beauvoir se considera el punto de partida de investigaciones posteriores de la crítica feminista que fijaron su objeto en la interdependencia del género y la edad. Entre estas investigaciones cabe destacar, por su vigencia, el artículo *The double standard of aging*, publicado por Susan SONTAG en 1972.

⁵ GARCÍA LORENZO, 2015: 10.

el envejecimiento femenino, como si los cambios operados por el paso del tiempo fueran un problema que estigmatiza más a los hombres que a las mujeres, lo cual contribuye a aumentar las desigualdades de género.

Esta problematización adquiere especial relevancia en el campo literario, un terreno en el que las escritoras construyen una imagen de sí mismas (como sujetos de la enunciación) y un discurso en los que a menudo trasparece su aceptación o rechazo de los roles de género vinculados a la edad.

En ese sentido, en este artículo, que corresponde a la ponencia impartida en el ámbito del *Colóquio Internacional «Matura Idade»: considerações sobre a velhice*, trataremos de analizar de forma sumaria las diferentes representaciones del paso del tiempo que hallamos en la vasta obra de la poeta Juana de Ibarbourou (1892-1979), una de las escritoras uruguayas más aclamadas de todos los tiempos.

Nacida en la localidad de Melo, en el departamento uruguayo de Cerro Largo, en 1892 (aunque ella afirmó en varias ocasiones que había nacido en 1895, una contradicción que aún en día confunde a los biógrafos y que Pablo Rocca⁶ justifica como una estrategia deliberada de la poeta para construirse una imagen de «precocidad genial»), Juana de Ibarbourou, de formación prácticamente autodidacta, ingresó en el territorio cultural rioplatense en 1919 (a la edad de 27 años) con la obra *Las lenguas de diamante*, un poemario publicado en Montevideo con el que alcanzó un éxito rotundo e inédito y una fama que ya nunca la abandonó. De acuerdo con Florit y Jiménez⁷, este primer libro de poemas «era una colección de confesiones ardorosas y frescas a un tiempo, expresadas en palabras llenas de sinceridad y sencillez».

Tres años más tarde saldría su segundo libro de poemas, *Raíz salvaje* (1922), muy similar al anterior en contenido y en forma: la naturaleza y el erotismo siguen siendo la savia esencial de su lenguaje poético. Sin embargo, «el yo poético ha crecido y se afana en resistir al progresivo despojamiento y anulación que la vida impone. Se advierte el efecto del paso del tiempo y el escepticismo que atenúa la ilusión de sus primeros libros».

En 1929, con 37 años, le llegó la consagración definitiva al ser proclamada «Juana de América» en un acto multitudinario presidido por Juan Zorrilla de San Martín, el gran escritor romántico uruguayo, acto al que asistieron las altas autoridades del país y representantes de las veinte repúblicas latinoamericanas.

Al año siguiente (1930) publicó *La rosa de los vientos*, un poemario de transición hacia un estilo más contenido, con tintes elegíacos y religiosos. Sesto⁸ considera que esta colección de poemas inaugura una nueva etapa: «su poesía es menos sensorial

⁶ ROCCA, 2011: 56.

⁷ FLORIT, JIMÉNEZ, 1968: 220.

⁸ SESTO GILARDONI, 1981: 39.

y espontánea, más intimista y elaborada. La inmersión panteísta y salvaje ha sido sustituida por un pulimento rico y brillante de la imagen».

Tras 20 años de silencio en el ámbito poético (si bien editó en ese largo paréntesis varias obras en prosa, dirigidas al público infantil y juvenil), en 1950 regresó a la poesía con *Perdida*, un libro surgido bajo los designios de la agonía, la melancolía y la introspección:

*Libro [...] escrito después de oscuros peregrinajes por todos los senderos de sus pasiones; libro gestado con esa amarga dignidad, que es también una forma de heroísmo; libro que es un compendio de su existencia, Perdida dice, con su mismo título, cuál es la posición de la autora ante la vida. [...] La presencia, visible o invisible, manifiesta o no, de la muerte, que existe desde sus primeros poemas, asume una tonalidad desgarrada y trágica; ella asoma sus ropajes sombríos, su solitaria negación y su silencio*⁹.

Su producción poética destacada se cierra con *Elegía*, un largo poema, fruto de una sola noche, publicado en 1968, en el que Ibarbourou reflexiona y por fin parece aceptar, resignada y en calma, la caducidad de la vida.

A pesar de su dilatada carrera, la crítica¹⁰ coincide en señalar que, en sus casi cincuenta años de producción literaria, la poeta de Melo no logró nada que pudiera eclipsar la imagen que se había forjado con su primera obra, *Las lenguas de diamante*, que en su época pareció audaz e incluso escandalosa.

La irrupción de Juana de Ibarbourou en el ambiente literario rioplatense trajo consigo un soplo de aire fresco diametralmente opuesto a los agónicos estertores del Modernismo hispánico que entonces se hacían sentir un poco por todo el continente. Sin acercarse siquiera a las Vanguardias que empezaban a eclosionar a ambas orillas del Plata, los poemas frescos y espontáneos de *Las lenguas de diamante* se consideraron igualmente iconoclastas, no por su carácter innovador sino más bien por todo lo contrario: por su simplicidad y visión optimista, que diferían sustancialmente, en contenido y en forma, de la críptica imaginería modernista, que ya no lograba encandilar a los lectores, atrajeron de inmediato y por igual a público y crítica.

Entre los temas cultivados por la autora uruguaya, característicos del posmodernismo (como el erotismo, la naturaleza, la soledad, la maternidad y una cierta inclinación al *spleen*) cobra especial relevancia la cuestión del paso del tiempo y de la pérdida de la belleza y el vigor físicos¹¹. En ese sentido, la voz poética de Ibarbourou asocia el envejecimiento a la disminución de la capacidad de provocar deseo

⁹ RUSSELL, 1951: 30-31.

¹⁰ SORIA ROMERO, RAYO TIERNO, BLASCO APARICIO, 2002; ROCCA, 2011; OVIEDO, 2012.

¹¹ RODRÍGUEZ PADRÓN, *ed.*, 2011.

y de sentirse sexualmente deseada. De ahí que, como apunta José Miguel Oviedo¹² la urgencia carnal que destilan sus versos, unida a la idea de juventud, transmita al lector «una viva sensación de temporalidad, de la precariedad de todo lo humano».

Por consiguiente, Ibarbourou es deudora del *carpe diem* horaciano y de su consecuente actitud epicúrea¹³, tanto en su versión renacentista (optimista y relacionada con la sensualidad) como en su versión barroca (como expresión de la fugacidad de la vida desde la perspectiva del pesimismo y el desengaño).

La escritora inaugura su singladura poética con una actitud desafiante y ufana, propia de la juventud, enfrentándose en la composición «Rebelde» a la muerte a través de Caronte, su barquero, al que reta desde su escandalosa inconsciencia, si bien sabe de antemano que, por más que se resista y no «rece, gima o llore», como «las otras sombras», al final, en esta improvisada batalla entre el Eros juvenil y Thánatos, la muerte se impondrá por la fuerza, «como un vándalo»:

*Caronte: yo seré un escándalo en tu barca
Mientras las otras sombras recen, giman o lloren,
Y bajo sus miradas de siniestro patriarca
Las tímidas y tristes, en bajo acento, oren,*

*Yo iré como una alondra cantando por el río
Y llevaré a tu barca mi perfume salvaje
E irradiaré en las ondas del arroyo sombrío
Como una azul linterna que alumbrara en el viaje.*

*Por más que tu no quieras, por más guiños siniestros
Que me hagan tus dos ojos, en el terror maestros,
Caronte, yo en tu barca seré como un escándalo.*

*Y extenuada de sombra, de valor y de frío,
Cuando quieras dejarme a la orilla del río,
Me bajarán tus brazos cual conquista de vándalo¹⁴.*

Retomando la cuestión de los tópicos literarios, en las representaciones del paso del tiempo de las primeras obras de la poeta uruguaya, asistimos al predominio de una mezcla del *Carpe diem* con el tópico *Collige, virgo, rosas*. Así, en «La hora», uno

¹² OVIEDO, 2012: 266.

¹³ BIANCHI, 2015.

¹⁴ «Rebelde» en RODRÍGUEZ PADRÓN, ed., 2011: 135.

de los poemas más emblemáticos de Ibarbourou, el sujeto lírico lanza un claro ruego al amante, «con el doble matiz de ofrecimiento y reclamo»¹⁵:

*Tómame ahora que aún es temprano
Y que llevo dalias nuevas en la mano.
Tómame ahora que aún es sombría
Esta taciturna cabellera mía.*

*Ahora, que tengo la carne olorosa
Y los ojos limpios y la piel de rosa.
Ahora, que calza mi planta ligera
La sandalia viva de la primavera.*

*Ahora, que en mis labios repica la risa
Como una campana sacudida a prisa.
Después..., ¡ah, yo sé
Que ya nada de eso más tarde tendré!*

*Que entonces inútil será tu deseo,
Como ofrenda puesta sobre un mausoleo.
¡Tómame ahora que aún es temprano
Y que tengo rica de nardos la mano!*

*Hoy, y no más tarde. Antes que anochezca
Y se vuelva mustia la corola fresca.
Hoy, y no mañana. ¡Oh amante! ¿No ves
Que la enredadera crecerá ciprés¹⁶?*

Se percibe una cierta subversión del tópico literario, ya que la exhortación al goce y al disfrute carnal verbalizada por un sujeto poético femenino rompe con el recato tradicionalmente exigido a la mujer en la época, sobre todo en materia erótica¹⁷. Ibarbourou eleva su atrevimiento al introducir la admonición de ruina futura, en caso de que su ruego no sea atendido, eliminando así cualquier reflexión moral. El poema

¹⁵ ROJAS GONZÁLEZ, OVARES RAMÍREZ, MORA ESCALANTE, 1991: 77.

¹⁶ «La cita» en RODRÍGUEZ PADRÓN, *ed.*, 2011: 134.

¹⁷ Para Lily Litvak (LITVAK, 1979: 2-3), la mentalidad burguesa de comienzos del siglo XX, sexualmente represiva, sobre todo para las mujeres, se caracterizaba por su hipocresía y por su doble escala de valores: a la vez que dividía el amor en dos partes excluyentes (la procreación o el placer sexual), fomentaba «un erotismo basado en las combinaciones voluptuosas y sensuales de las formas mismas del *Art Nouveau*», en el que la mujer era a menudo representada como «la seductora que atrae a su presa con sus largos y ondulantes cabellos».

se articula en torno a una doble oposición: temporal (mediante el uso reiterativo del adverbio «ahora» frente a «después», con sus variantes «entonces» y «más tarde») y vegetal: «las dalias», «la rosa», «los nardos», «la corola fresca» y «la enredadera», símbolos de la juventud, se enfrentan al «ciprés», que representa a la muerte. De esta manera la poeta uruguaya rompe con el tópico del «amor poderoso más allá de la muerte», utilizado a menudo sus predecesoras Delmira Agustini (1886-1914) y María Eugenia Vaz Ferreira (1875-1924).

En «Laceria», otra de las composiciones de *Las lenguas de diamante*, la voz poética recurre al mismo tópico del *Carpe diem*, pero desde una perspectiva opuesta: el sujeto lírico parece haberse instalado en la senectud y, desde allí, con una actitud autoritaria y desdeñosa, le reprocha al amante que aún sienta deseo por su cuerpo envejecido pese a sus «apariencias de rosa». No comprende cómo puede despertar, ya no deseo, sino codicia sexual en su interlocutor amoroso, si bien al final cede a sus requiebros, evocando la condición mortal de ambos mediante la alusión al «polvo», una imagen con evidentes reminiscencias religiosas:

*No codicies mi boca. Mi boca es de ceniza
y es un hueco sonido de campanas mi risa.*

*No me oprimas las manos. Son de polvo mis manos,
y al estrecharlas tocas comida de gusanos.*

*No trences mis cabellos. Mis cabellos son tierra
con la que han de nutrirse las plantas de la sierra.*

*No acaricies mis senos. Son de greda los senos
que te empeñas en ver como lirios morenos.*

*¿Y aún me quieres, amado? ¿Y aún mi cuerpo pretendes
y, largas de deseo, las manos a mí tiendes?*

*¿Aún codicias, amado, la carne mentirosa
que es ceniza y se cubre de apariencias de rosa?*

*Bien, tómame. ¡Oh laceria!
¡Polvo que busca al polvo sin sentir su miseria!¹⁸*

¹⁸ «La cita» en RODRÍGUEZ PADRÓN, ed., 2011: 177.

Por su parte, el tópico *Collige, virgo, rosas*, estrechamente relacionado con el del *Carpe diem*, también hace acto de presencia en la producción poética temprana de Juana de Ibarbourou, en concreto en el poema «Hastío», en el que una voz lírica femenina, «aburrída de su existencia monótona y triste», invoca a María Magdalena y le confiesa abiertamente que siente «envidia» de su estilo de vida, tradicionalmente censurado. Así, revela sin tapujos que «daría su alma» «por los mil esplendores y el vértigo de abismo de los cien mil amores» de la Magdalena, aunque eso implicase «vestir por siempre el sayal gris de los penitentes». De esta forma, la voz lírica anula la condena social hacia la figura de María Magdalena y reclama para sí el derecho al goce de la carne en la plétora de su juventud:

*Magdalena: yo a veces envidio lo que fuiste.
Me aburre esta existencia tan monótona y triste.
Hoy daría mi alma por los mil esplendores
Y el vértigo de abismo de tus cien mil amores.*

*Y después, el sayal gris de los penitentes.
¿Qué importa? Hoy es mi alma un nido de serpientes.
Me vengo del hastío ensoñando el pecado,
Y siento entre mis labios la miel de lo vedado.*

*El inmenso bostezo de mi paz cambiaría
Por el barro dorado de tus noches de orgía,
Para luego ofrendarlo, en un gran vaso lleno,
De unguento de nardos, al rubio Nazareno.
¡Hoy daría mi alma por los mil esplendores
Y el vértigo de abismo de tus cien mil amores!¹⁹*

En definitiva, en sus primeros poemarios, Ibarbourou «desata los hilos del pudor»²⁰ y levanta las barreras que hasta entonces habían impedido la eclosión plena del discurso erótico femenino cuya semilla ya habían plantado en Latinoamérica, años atrás, Delmira Agustini, y siglos atrás, sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695).

En el célebre soneto «Miró Celia una rosa...», la insigne poeta barroca ideó una voz lírica de mujer que invitaba al goce, a la vez que instaba a la rosa a morirse siendo hermosa «y no ver el ultraje de ser vieja».

¹⁹ «La cita» en RODRÍGUEZ PADRÓN, ed., 2011: 156.

²⁰ ROJAS GONZÁLEZ, OVARES RAMÍREZ, MORA ESCALANTE, 1991: 80.

*Miró Celia una rosa que en el prado
ostentaba feliz la pompa vana
y con afeites de carmín y grana
bañaba alegre el rostro delicado;
Y dijo: Goza, sin temor del hado,
el curso breve de tu edad lozana,
pues no podrá la muerte de mañana
quitarte lo que hubieres hoy gozado.
Y aunque llega la muerte presurosa
y tu fragante vida se te aleja,
no sientas el morir tan bella y moza;
Mira que la experiencia te aconseja
que es fortuna morirte siendo hermosa
y no ver el ultraje de ser vieja²¹.*

A propósito del ocaso vital, en *Las lenguas de diamante* y *Raíz salvaje*, además de las ya señaladas, nos deparamos con representaciones de la muerte que fluctúan entre el rechazo absoluto o condicionado y la atracción mórbida.

En «Carne inmortal», por ejemplo, la voz poética revela ya en el primer verso que le tiene «horror a la muerte»; con todo, justo después manifiesta algún consuelo ante la posibilidad de que su cuerpo se transforme en árbol, comulgando así con la madre naturaleza, creadora eterna de vida:

*Yo le tengo horror a la muerte
Mas a veces cuando pienso
Que bajo de la tierra he de volverme
Abono de raíces,
Savia que subirá por tallos frescos
Árbol alto que acaso centuplique
Mi mermada estatura,
Me digo: —Cuerpo mío:
Tú eres inmortal.
Y con fruición me toco
Los muslos y los senos,
El cabello y la espalda,
Pensando: ¿Palpo acaso
El ramaje de un cedro,*

²¹ GLANTZ, 1994: 18.

*Las pajuelas de un nido,
La tierra de algún surco
Tibio como de carne femenina?
Y extasiada murmuro:
—Cuerpo mío: ¡estás hecho
De sustancia inmortal!^{22!}*

Esa posible trasmutación, que la convertiría en eterna, mitiga, de cierta manera, la tanatofobia de la poeta y encaja totalmente con la ornamentación panteísta y vital que recorre una buena parte de su obra.

En otros momentos menos felices que, a decir verdad, son escasos en los primeros poemarios de la autora uruguaya, la muerte se le presenta como la única vía de liberación de la extenuación vital que arrastra el sujeto poético y, en ese sentido, en composiciones como «Cansancio», emerge la invocación en forma de súplica: «muerte, anúlame»; «hoy me pesa la carne, hoy el alma me pesa; «hoy tengo una necesidad inmensa, loca, de reposar»:

*¡Oh, este eterno anhelar!
¡Oh, esta eterna inquietud!
¡Cómo a veces te sueño,
Sueño del ataúd!*

*Hasta el cuerpo me duele
De soñar y soñar.
Muerte, anúlame. Hoy tengo
Un ansia de reposar...
[...]*

*¡Oh, ser polvo y ser tierra!
Disgregarse, volver
A la nada, que ignora
La fatiga del ser!*

*Hoy me pesa la carne, hoy el alma me pesa,
Hoy me curva el cansancio de soñar y soñar.
Hoy soy gajo doblado hacia el suelo por una
Necesidad inmensa, loca, de reposar²³.*

²² «La cita» en RODRÍGUEZ PADRÓN, ed., 2011: 254.

²³ «Cansancio» (fragmento) en RODRÍGUEZ PADRÓN, ed., 2011: 207-208.

El uso reiterado del adverbio de tiempo «hoy» a lo largo del poema refuerza el carácter excepcional del ruego que, como ya hemos referido, es, en este caso, fruto de un estado de ánimo pasajero.

Sin embargo, en *Perdida* y en *Elegía*, volúmenes publicados en la última etapa de su producción poética, tras la merma de la vehemencia de la juventud, la muerte se va a convertir en un tema central en el discurso de Juana de Ibarbourou, junto con la soledad y el desamparo.

Por ello, en sus libros de madurez, debido al presentimiento de la senectud y del ocaso, el tópico horaciano del *Carpe diem*, tan habitual en la producción juvenil de Juana de Ibarbourou, se impregna de tintes más sombríos, lo que hace emerger los tópicos *Tempus fugit* y *Ubi sunt*. Su poesía adquiere, por tanto, un tono elegíaco: su presente lleno de sombras colisiona frontalmente con la evocación de un pasado apasionado y pleno de vitalidad²⁴.

Cada vez más reclusa en su hogar, a medida que declinaba su ciclo biológico y con este, la belleza física, sobre todo la de su cuidado rostro que siempre había estado tan expuesto en la prensa y en las carátulas y portadillas de sus libros, en los últimos años de su vida, Juana de Ibarbourou se dedicó a producir una poesía más contenida y serena que decepcionó a muchos: mientras los lectores acudían a sus libros nuevos buscando el ardor juvenil ya consumido, la crítica le reprochaba su falta de atrevimiento por haberse negado a incursionar en las corrientes de vanguardia. Señala José Miguel Oviedo²⁵ que la uruguaya «prodigó demasiado su arte y lo diluyó en un constante manar de poesía que parecía cada vez más anacrónico en medio de las transformaciones que el lenguaje lírico estaba sufriendo entonces». Advierte, asimismo, que incluso críticos que la admiraban profundamente, como Jorge Arbeleche, reconocen que su poesía, al evolucionar, involucionó, reiterando tercamente una visión idealizadora que respondía a una etapa ya cerrada.

Pese a ello, instalada en su torre de marfil, la escritora fue agasajada hasta el final de su vida por una pléyade de lectores-admiradores y por el tributo que esporádicamente le rendía la prensa afín.

El primer poema de *Perdida*, que lleva el sugerente título de «Tiempo», nos revela la nueva actitud espiritual de Juana en el crepúsculo de su existencia:

*Me enfrento a ti, oh, vida, sin espigas,
Desde la casa de mi soledad.
Detrás de mí anclado está aquel tiempo
En que tuve pasión y libertad,*

²⁴ SORIA ROMERO, RAYO TIERNO, BLASCO APARICIO, 2002.

²⁵ OVIEDO, 2012: 266.

*Garganta libre al amoroso grito,
Y casta desnudez, y claridad.*

*Era una flor, oh, vida, y en mí estaba,
Arrolladora, la eternidad.*

*Sombras ahora, sombras sobre el tallo,
Y no sentir ya más
En la cegada clave de los pétalos
Aquel ardor de alba, miel y sal²⁶.*

Y marcha hacia la muerte digna y en paz con el mundo y consigo misma, sin desviarse de la «Ruta» que para ella había trazado el destino:

*Apaciguada estoy, apaciguada,
Muertos ya los neblíes de la sangre.
Silencio es, silencio,
El día que empezaba en jazmín suave.*

*Por otras calles voy mucho más altas,
Bajo un gélido cielo de palomas.
Es limpio, enjuto, el aire que me roza
Y hay en el campo frías amapolas.*

*Serena voy, serena, ya quebradas
Las ardientes raíces de los nervios.
Queda detrás el límite
Y empieza el nuevo cielo²⁷.*

Su presentido encuentro con la muerte se produjo en Montevideo el 15 de julio de 1979, a los ochenta y siete años. Fue enterrada con honores de ministro de Estado tras haber sido velada en el Palacio Legislativo, el mismo edificio en el que exactamente cincuenta años antes había sido proclamada «Juana de América». Se despidió de la vida añorando aquellos lejanos años en los que tuvo pasión, libertad, juventud, belleza y reconocimiento; un tiempo dichoso constantemente rememorado desde su exilio autoimpuesto en su propio hogar.

²⁶ «Tiempo» (fragmento) en RUSSELL, 1951: 33.

²⁷ «Ruta» en RUSSELL, 1951: 35.

El olvido y el posterior cuestionamiento de su obra por parte de la Generación del 45 fueron socavando entre la poeta y los nuevos lectores un abismo temporal²⁸ que, pese a todo, no ha logrado invisibilizar ni su poesía ni su influencia. Juana de Ibarbourou fue, es y seguirá siendo una figura insoslayable en el ámbito literario latinoamericano.

BIBLIOGRAFÍA

- BEAUVOIR, Simone de (1979). *La vieillesse*. París: Gallimard.
- BEAUVOIR, Simone de (1981). *O segundo sexo*. Amadora: Bertrand.
- BIANCHI, Marina (2015). *Variaciones del carpe diem, o cómo retener el tiempo en la poesía de Aurora Luque*. En ALMELA BOIX, Margarita et al., coords. *Tiempo de mujeres: literatura, edad y escritura femenina*. Madrid: Editorial UNED, pp. 77-94.
- CERQUERA CÓRDOBA, Ara Mercedes; MELÉNDEZ MERCHÁN, Carolina; VILLABONA GALARZA, Claudia Bibiana (2012). *Identificación de los estereotipos sobre envejecimiento femenino, presentes en un grupo de mujeres jóvenes*. «Pensamiento Psicológico». 10:1. [Consult. 15 feb. 2020]. Disponible en <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-89612012000100006>.
- FLORIT, Eugenio; JIMÉNEZ, José Olivio (1968). *La poesía hispanoamericana desde el modernismo*. Nueva York: Appleton-Century-Crofts.
- GARCÍA LORENZO, María (2015). *A tiempo: representaciones literarias de las edades de la mujer*. En ALMELA BOIX, Margarita et al., coords. *Tiempo de mujeres: literatura, edad y escritura femenina*. Madrid: Editorial UNED, pp. 9-19.
- GLANTZ, Margo (1994) *Obra selecta de Sor Juana Inés de la Cruz*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- IBARBOUROU, Juana de (1919). *Las lenguas de diamante*. Buenos Aires: Cooperativa Editorial Limitada.
- IBARBOUROU, Juana de (1922). *Raíz salvaje*. Montevideo: Maximino García.
- IBARBOUROU, Juana de (1930). *La rosa de los vientos*. Montevideo; Buenos Aires: Palacio del Libro.
- IBARBOUROU, Juana de (1950). *Perdida*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- IBARBOUROU, Juana de (1968). *Elegía*. San Juan: Editorial Universidad de Puerto Rico.
- LITVAK, Lily (1979). *Erotismo fin de siglo*. Barcelona: Antoni Bosch.
- MARTÍNEZ DÍAZ, Nelson (1979). *Juana de Ibarbourou o el abismo del tiempo*. «Tiempo de Historia». VI:61, 116-119.
- OVIEDO, José Miguel (2012). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Alianza Editorial. Vol. 3: *Postmodernismo, vanguardia, regionalismo*.
- ROCCA, Pablo (2011). *Juana de Ibarbourou: las palabras y el poder*. Montevideo: Yagurú.
- RODRÍGUEZ PADRÓN, Jorge, ed. (2011). *Las lenguas de diamante; Raíz salvaje*. 3.ª edición. Madrid: Cátedra.
- ROJAS GONZÁLEZ, Margarita; OVARES RAMÍREZ, Flora; MORA ESCALANTE, Sonia (1991). *Las poetas del buen amor*. Caracas: Monte Avila Editores.
- RUSSELL, Dora (1951). *Juana de Ibarbourou*. Montevideo: [Edición de la autora].
- SESTO GILARDONI, Isabel (1981). *Juana de Ibarbourou*. Montevideo: [Edición de la autora].
- SORIA ROMERO, Luis; RAYO TIERNO, Fernando; BLASCO APARICIO, Gala (2002). *La poesía de vanguardia (I)*. En PEDRAZA JIMÉNEZ, Felipe, coord. *Manual de literatura hispanoamericana*. Pamplona: Cénlit Ediciones, pp. 74-195. Vol. IV: *Las Vanguardias*.

²⁸ MARTÍNEZ DÍAZ, 1979.

HIDING IN PLAIN SIGHT: THE THEME OF OLD AGE IN SAMUEL BECKETT'S *WORDS AND MUSIC*

PEDRO QUERIDO*

Abstract: *This article sets out to properly acknowledge and make sense of the theme of old age in Samuel Beckett's 1962 radio work Words and Music. As seems to be the case relatively often in literary studies in general, it could be said to be hiding in plain sight: critics tend to overlook this theme's richness and vitality in Words and Music despite its explicit and indeed catalytic evocation. Beckett's treatment of the theme of agedness is then compared to and contrasted with its equivalent in William Butler Yeats's poetry, a logical touchstone given the significant way in which the presence of the Irish poet is felt in Words and Music.*

Keywords: *Samuel Beckett; Words and Music; Old age; William Butler Yeats.*

Resumo: *Este artigo propõe-se reconhecer adequadamente e melhor compreender o tema da velhice na obra radiofónica de 1962 Words and Music, de Samuel Beckett. Tal como parece ser relativamente comum nos estudos literários em geral, poder-se-ia dizer que ele está escondido em plena vista: os críticos tendem a negligenciar a riqueza e vitalidade deste tema em Words and Music apesar da sua evocação explícita e até mesmo catalítica. O tratamento do tema da maturidade por parte de Beckett é depois comparado ao e contrastado com o seu equivalente na poesia de William Butler Yeats, uma pedra de toque lógica tendo em conta a forma significativa como a presença do poeta irlandês é sentida em Words and Music.*

Palavras chave: *Samuel Beckett; Words and Music; Velhice; William Butler Yeats.*

The paucity of happenings in Samuel Beckett's radiophonic work *Words and Music* (broadcast and published in 1962) means that a summary of it could easily fit into a couple of sentences, but for the benefit of those unfamiliar with it this article might as well begin with a thorough account of its entire plot, since it only takes up a few hundred words. It opens with Words (or Joe) and Music (or Bob)¹ warming up for their recital; they are shown to be at odds with each other. They are Croak's servants; he appears and announces that the first theme of the day is love. Words quickly rattles off his earlier speech about sloth, simply replacing the one word for the other, but is eventually interrupted by a couple of violent thumps of Croak's club. Bob too gives it a go, to Joe's chagrin — but is not interrupted, only subsides after a

* Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Email: pedroq@campus.ul.pt.

¹ Hereafter I will alternate between two denominative pairs by borrowing Croak's nomenclature on occasion, sometimes for the sake of a smoother syntax, sometimes to avoid repeating the words «Words» and «Music» too often, especially in sentences where I mention both the characters and the name of the work.

while. Croak is eager to reconcile his «comforts»² with each other, but so far to no avail. The next theme is age, and Words is first reluctant to start, then falters as he improvises a poem on that subject. Croak now commands his «dogs»³ to perform together, and this they do, after much hesitation and not a few false starts, and with Music clearly at the helm. Eventually, they manage to create and give expression to a song on age. The last theme is «the face», and Joe reels off another piece of pedantic prose on the topic, all the while disregarding Bob again. However, when he switches to verse and begins to compose another poem, Words again starts to follow Music's suggestions, and in no time the second song is complete. As he hears it, Croak lets his club fall and shuffles away, leaving Words and Music alone in the dark again. It ends with Joe imploring Bob for a musical phrase or two, and then letting out a «[d] eep sigh»⁴.

This is a rather unique radiophonic piece, so it is not surprising that it both «received a polarized reception»⁵ and went on to exert an outsize influence in the medium for which it was written. According to Melissa Chia, «further plans to develop this combination of poetry and music featuring Beckett's poems met with strong opposition from the BBC management», partly because «it appeared that many listeners and critics alike were not enthusiastic about the combination of the two arts»⁶. Like so many other Beckett works, however, the first broadcast of *Words and Music* would also have a significant ripple effect: Chia writes that «[j]ust as *All That Fall* was a springboard for the BBC's Radiophonic Workshop, this play was the catalyst for a program featuring a commingling of poetry and music, which would begin in 1968 on the Third: it too would be called "Words and Music"»⁷. So today critics look on radio as the best medium for words-as-music⁸ or play with musical form⁹, even though at the time the idea of «mixing music and poetry» spooked BBC executives and perplexed radio listeners¹⁰.

One of the most remarkable features of *Words and Music*, which is unfailingly pointed out by critics, is the fact that Music is a character in its own right, as opposed to merely being «acoustic wallpaper»¹¹; not only that, it clearly emerges as the catalyst¹² — if not the dominant force outright, according to a comment Beckett himself made

² *WaM* in BECKETT, 2006: 287.

³ *WaM* in BECKETT, 2006: 289.

⁴ *WaM* in BECKETT, 2006: 294.

⁵ CHIA, 2017: 229.

⁶ CHIA, 2017: 237, 239.

⁷ CHIA, 2017: 230.

⁸ GURALNICK, 1996: 98.

⁹ BRANIGAN, 2008: 95.

¹⁰ CHIA, 2017: 239.

¹¹ WORTH, 1981: 193.

¹² CHIA, 2017: 241.

to Worth¹³ — in the relationship between words and music. This work is already a refined specimen from a phase in Beckett's oeuvre in which «there emerges a particular focus on the act of listening»¹⁴. His use of music in his artistic output for radio is constant, multifarious, and of increasing significance¹⁵; his first radio work *All That Fall* also stands to benefit from an interpretation guided by musical precepts¹⁶, as does his second one, *Embers*¹⁷. A due acknowledgement of music's complex, ambiguous, and at times even predominant status in Beckett's radio art is obviously productive when discussing the peculiar dynamics between words and music in the eponymous work, and in fact this has already been expertly done by musicologists¹⁸.

However, and while *Words and Music* clearly stands much to gain from a study of its formal features, which are as bold and ingenious as they are radiogenic, some thematic aspects are perhaps too often overlooked in the process. One of the literal themes of *Words and Music* in particular — one which, as it happens, represents a crucial turn in the radio piece — can be said to have been hiding in plain sight: the theme of old age.

THE THEMATIC IMPORTANCE (AND CRITICAL NEGLECT) OF AGEDNESS IN *WORDS AND MUSIC*

Words and Music begins with Music (Bob) «softly tuning up» and Words (Joe) doing the verbal equivalent, that is, rehearsing the delivery of a speech — on this occasion, he chooses sloth for its theme¹⁹. The oration is then «[r]attled off, low»: «Sloth is of all the passions the most powerful passion and indeed no passion is more powerful than the passion of sloth, this is the mode in which the mind is most affected»²⁰. Joe's description of sloth as «the most powerful passion» can be interpreted in different ways: an earnest belief in its literal truth (which would not be shocking, considering Joe's reluctance to creatively exert himself throughout the radio piece); the rehearsal of a speech variant like any other (since he could conceivably deliver a similar speech every day, *mutatis mutandis*); a simple bout of flippancy; or a combination of the above. Be that as it may, the effortless (in the original broadcast even languid) way in which it flows suggests that the «passion» speech is standard fare, a go-to template.

Moments later, their old master Croak shuffles his way into earshot, and upon arrival is greeted by Joe and Bob's humble aural curtsies. He bids them to «[b]e

¹³ WORTH, 1981: 210.

¹⁴ LAWS, 2017: 103.

¹⁵ BRANIGAN, 2008: 14, 132, 18.

¹⁶ BRANIGAN, 2008: 95-106.

¹⁷ OJRZYŃSKA, 2014: 55.

¹⁸ See, e.g., LAWS, 2001.

¹⁹ *WaM* in BECKETT, 2006: 287.

²⁰ *WaM* in BECKETT, 2006: 287.

friends!» and apologises for his delay, which is seemingly the result of being haunted by memory and regret: «I am late, forgive. [*Pause.*] The face. [*Pause.*] On the stairs. [*Pause.*] Forgive»²¹. «Theme tonight... love», and surely enough, Joe is ready for it: «[*Orotund.*] Love is of all the passions the most powerful passion²²». *Mutatis mutandis*, then — with the occasional stumble: «sloth is the LOVE is the most urgent»²³. In the beginning, Bob's own contributions are invariably met with Joe's «audible groans and protestations»²⁴. As for Croak, he simply lets out an anguished «Oh!» after each of their performances²⁵.

Then comes the turning point of the radio piece: the moment when Croak declares the second theme: «Age»²⁶. Joe is clearly taken aback: «[*Faltering.*]: Age is... age is when... old age I mean... if that is what my Lord means... is when... if you're a man... were a man... huddled... nodding... the ingle... waiting—»²⁷. This is the only time he «falters», which again can mean different things: he might not deem it lofty enough for his own laureate prowess as an orator; or he might simply not be accustomed to churning out speeches on such dismal topics. Afterwards, Bob plays his «Age music», which is interrupted by Croak's demand that they play «Together, dogs!»²⁸. Joe, as usual, is loath to cooperate with Bob, but in the end allows Bob to gently guide him by constantly giving him prompts, what the directions term «improvements» and «suggestions»²⁹. The verses, whose words are more or less wrenched piecemeal from Joe and set to music in real time by Bob, are then pieced together, and the net result of their troubles is a lovely little poem:

*Age is when to a man
Huddled o'er the ingle
Shivering for the hag
To put the pan in the bed
And bring the toddy
She comes in the ashes
Who loved could not be won
Or won not loved*

²¹ *WaM* in BECKETT, 2006: 287.

²² *WaM* in BECKETT, 2006: 288.

²³ *WaM* in BECKETT, 2006: 288.

²⁴ *WaM* in BECKETT, 2006: 288.

²⁵ *WaM* in BECKETT, 2006: 288.

²⁶ *WaM* in BECKETT, 2006: 289.

²⁷ *WaM* in BECKETT, 2006: 289. Just like some scholars, Joe does not seem to be wholly certain that by «Age» Croak means to broach old age («old age I mean... if that is what my Lord means»). The French translation, *Paroles et musique*, puts any such doubts to rest: the word used in it is «vieillesse» (BECKETT, 1966: 69) — and not «l'âge», for example.

²⁸ *WaM* in BECKETT, 2006: 289.

²⁹ *WaM* in BECKETT, 2006: 290.

*Or some other trouble
Comes in the ashes
Like in that old light
The face in the ashes
That old starlight
On the earth again*³⁰.

Its effect on Croak is noteworthy: a long pause follows (for one of only two times in *Words and Music*), and then a powerful, unsettling murmur: «The face. [Pause.] The face. [Pause.] The face. [Pause.] The face»³¹.

It beggars belief that such an overt thematisation of old age should be overlooked by commentators — and yet, often enough, that is the case. The most common course of action, however, is to briefly acknowledge the agedness motif without delving into it. For instance, Marjorie Perloff does mention the «Age» theme — touching upon the fact that Croak «is regularly referred to as an old man», and that «both Croak and Words are given “old” voices» in the broadcast³² — but attributes no specific importance to it³³, at least not beyond its *vaudeville* role of giving what she terms «a parodic edge» to the Age poem³⁴. Claus Zilliacus actually goes further than most by noting the traces of the theme of old age in the genesis of *Words and Music*: Croak was, in earlier versions of the manuscript, «first called Old man’s whisper, then Whisper, then Senile Croak, and finally Croak»³⁵. This informs Zilliacus’s reading of *Words and Music* as the «mental process» of «a senile mind», and of Croak as «an old artist»³⁶, but too little is made of old age itself in general and of the «faltering and aimless» nature of Joe’s essay on age in particular³⁷.

Sometimes, such remissness is deliberate and, it must be admitted, not poorly argued for. Perloff finds that Kalb, Worth, and other commentators are «assuming that the radio play is a vehicle for a particular theme», whereas «the fact is that in *Words and Music* frustrated love becomes, in its turn, the occasion for an analysis of the relative power of words and music to produce an emotional charge»; «It is the *telling*, not the details of landscape or face, that is foregrounded»³⁸. This is how she pivots from the explicit themes to the underlying ones discussed here in the previous subchapter, and it is not an artless move: the fact that age is explicitly thematised

³⁰ *WaM* in BECKETT, 2006: 291.

³¹ *WaM* in BECKETT, 2006: 291.

³² PERLOFF, 2004: 122.

³³ PERLOFF, 2004: 124.

³⁴ PERLOFF, 2004: 125.

³⁵ ZILLIACUS, 1976: 100.

³⁶ ZILLIACUS, 1976: 105, 112.

³⁷ ZILLIACUS, 1976: 108.

³⁸ PERLOFF, 2004: 121, 123; original emphasis.

should give us pause, which means that the «real» theme lies elsewhere. This I do not dispute; I do not mean to argue that old age is *the* central theme of *Words and Music*.

Instead, my claim is that old age is a vital concept for an adequate understanding of this work and therefore its thematic import ought not to be simply dismissed offhand, especially when the textual evidence gives it salience. However, that is precisely what routinely happens. Kathryn White, to her credit, does say something about how Joe's «pauses and hesitations register the impossibility of finding the right verbal formula to capture what Age actually is»³⁹. But arguing that he does so the better «to portray how it is to be old», however, is debatable, and by reckoning, like Perloff, that in Beckett «often it is not what is said that is important but rather how it is said»⁴⁰, White effectively finds a way out of addressing the theme in greater detail. A more extreme instance of wilful disregard of old age as a theme can be found in Worth, who somewhat incredibly treats Croak's repeated command for Joe and Bob to riff on the theme of age (the first such command, by the way, being preceded by a pause) as a mere, inconsequential accident: according to her, «reluctantly, seemingly without conscious intent, he lets slip the word “Age”»⁴¹.

It must be acknowledged that the neglect of agedness as a theme in *Words and Music* is, to some extent, made understandable by the inherently slippery nature of old age, that «infinitely adaptable» theme⁴²: even when it is flushed out of hiding, or else merely spotted out in the open, it somehow manages to scuttle back into its lair of unknowability. We see how elusive the theme of old age can be even at its most pivotal in *Words and Music*, where it is thematised as explicitly (indeed literally) as is conceivable. In her discussion of «the pursuit of the quintessence of age» in the Age poem, Brynhildur Boyce gives an apt account of the phenomenon: «Age is hardly expressed “through” these images, for they chiefly express themselves, and when a shift is again made to a metaphoric meaning, what is shown in the starlight is not age but “the face”. In attempting to grasp it, in other words, the poem slips past its ostensible subject matter»⁴³. As Helen Small pointedly remarks, «representations of old age are rarely “just” about old age»⁴⁴, and, as we have seen, critics such as Perloff⁴⁵, White⁴⁶, and others have resorted (not entirely without cause) to similar arguments to justify a less than vigorous engagement with that topic.

³⁹ WHITE, 2009: 122.

⁴⁰ WHITE, 2009: 122.

⁴¹ WORTH, 1981: 209.

⁴² JOCHUM, 2004: 18.

⁴³ BOYCE, 2014: 69, 79.

⁴⁴ SMALL, 2007: 182.

⁴⁵ PERLOFF, 2004: 121, 123.

⁴⁶ WHITE, 2009: 122.

However, such reasoning and the resulting silence is also a sobering illustration of the standing of the theme of old age in academic literary circles — given literature's «prominent and ongoing tradition of engagement with old age», it is all «the more surprising that so few critics have read these works for what they have to say about old age»⁴⁷. Small's pithy assessment of this strange situation could be, *mutatis mutandis*, an apt comment on the critical response to the theme of age in Beckett in general and *Words and Music* in particular: «Old age in literature is rarely if ever only about itself — but as far as criticism has been concerned, it has oddly rarely been much about itself at all»⁴⁸.

That being said, there are, of course, critics who are not oblivious to the significance of the Age poem in particular and of the theme of old age in *Words and Music* in general. Everett Frost considers the Age poem «one of the most remarkable poems Samuel Beckett ever wrote»⁴⁹, and notes that Beckett nurtured a great «affection for the poem» and «could recite [it] from memory»⁵⁰. Boyce too, as we shall see presently, explicitly engages with that theme at greater length than most⁵¹. And for her part, Elissa Guralnick points out that Croak is another instance of the «ageing man», that habitual archetype of the Beckett universe, and that «love and age», while also being key themes in previous works by Beckett (for instance, *All That Fall*, *Embers*, and *Krapp's Last Tape*), are combined, in *Words and Music*, into a single one, in such a way that the core idea of the whole radio piece might be plausibly described as «the persistence of desire in old age»⁵².

That is certainly a crucial sentiment, key to not only the Age poem but *Words and Music* as a whole. But there are other ways of defining that forlorn mixture of longing and despair, and they are worth looking into. That Beckett sought, in this work just like in so many others, to explore agedness in a way befitting of its complexity is clear in the way Joe struggles to piece together an intelligible speech on «Age». Just as enlightening in this regard, though, is Bob's retort. While Words «struggles to speak coherently» on the topic, «Music, on the other hand, launches directly into “Age music” as he did before with “Love music”»⁵³. Drawing on Morton Feldman's thoughts on the difficulty of music to engage with a «universal concept — such as age» without resulting in a cliché, Boyce considers that «Music's response to the theme of age is likely to be formulaic, and it therefore stands to reason that Croak should seek to complicate the concept and thereby enrich its expression, by forcing

⁴⁷ SMALL, 2007: 5.

⁴⁸ SMALL, 2007: 6.

⁴⁹ FROST, 2014: 261.

⁵⁰ FROST, 1991: 372.

⁵¹ BOYCE, 2014: 69-70.

⁵² GURALNICK, 1996: 89, 90.

⁵³ BOYCE, 2014: 69.

its interpreters towards a more complex, jointly developed understanding of it»⁵⁴ — which is exactly what happens⁵⁵.

Unsurprisingly, the content itself of the Age poem is also revealing of that deeper understanding of the kaleidoscopic nature of agedness. The most basic analysis of it shows how it can be read as an illustration of a non-chronometric way of thinking about old age, namely of the idea of «irremediable regret», whereby regret comes to be seen «as no longer remediable, not even indirectly, not even aspirationally»⁵⁶. This poem is a textbook instance of that notion; «the face» that haunts Croak «comes in the ashes», which suggests a complete depletion of (re)generative power. That she «loved could not be won/Or won not loved» is now not merely regrettable, it is beyond remedy — age is when to a man comes that realisation⁵⁷.

READING OLD AGE IN WORDS AND MUSIC IN THE LIGHT OF (AND AGAINST) YEATS'S POETRY

Speaking of those two lines, reverberating beneath their surface is the despondent echo of one William Butler Yeats — a mere strand, as it turns out, of an intricate web of references to «the quintessential poet who writes of age and unfulfilled desire»⁵⁸. Beckett was initially «ambivalent» about the leader of the Irish Literary Revival, but later he «was fond of citing Yeats as one who did his best work at the end of his life»; the very title of *Words and Music* (from Yeats's «Words for Music Perhaps») derives from one of many «echoes [that] appear with more affection than irony»⁵⁹. Minako Okamuro writes precisely on the several references to Yeats in *Words and Music* — namely in the allusions to «the stairs» and «the tower», the speech beginning with «Arise then and go now the manifest unanswerable», and the lines «She comes in the ashes/Who loved could not be won/Or won not loved»⁶⁰. She sees in *Words and Music* a thematic link with Yeats's «The Tower» in that it is «a poem about the imagination of an old poet and the evocation of the dead», the first part of which «sets up a dissonance between the “absurdity” of old age and an “excited, passionate,

⁵⁴ BOYCE, 2014: 69.

⁵⁵ For a couple of semantic and syntactic insights into «the complex manner in which old age is here evoked», see BOYCE, 2014: 70.

⁵⁶ COWLEY, 2016: 192.

⁵⁷ Note how in this poem Beckett clearly alludes to a harrowing poem on ageing and irremediable regret by the French medieval poet François Villon: «Beckett parodie “Les Regrets de la Belle Heaumière”, rendant ainsi hommage à la lucidité de Villon face au naufrage de la vieillesse» (HUBERT, 2015: 47). The similarities, thematic and morphological, between Beckett's poem and Villon's (especially the last stanza) are striking: «Ainsi le bon temps regrettons/Entre nous, pauvres vieilles sottes,/Assises bas, à croupetons» (Villon in HUBERT, 2015: 47).

⁵⁸ PERLOFF, 2004: 124.

⁵⁹ ACKERLEY, GONTARSKI, 2004: 657, 658. Interestingly, the aforementioned notion of old age as irremediable regret is also eminently applicable to Beckett's television work ... *but the clouds...*, and its title too derives from a poem of Yeats's.

⁶⁰ OKAMURO, 2008: 218-219.

fantastical imagination”⁶¹. In the end, and «[d]espite the initial discordance, old age and imagination [...] come to be reconciled to each other»⁶².

This *dénouement* is set in contrast to the rather more pessimistic ending of *Words and Music*⁶³, but to what extent can it be said to be representative of Yeats's attitude towards age and what it portends? A brief digression on his poetry will not only answer that question but also warn against equating his concept of old age to that of Beckett's. Old age, it is widely acknowledged, is a key explicit theme in Yeats's poetry, where it tends to be disavowed in a stereotypical way, as when in «The Tower» the lyrical subject decries

*this absurdity —
O heart, O troubled heart — this caricature,
Decrepit age that has been tied to me
As to a dog's tail*⁶⁴.

By the time Yeats wrote these lines, he had begun to experience what Raymond and Virginia Pruitt term «the ravages of illness, age, and their attendant debilitation»⁶⁵, thus critics often resort to a «late style» reading of his work — which is certainly called for in Yeats's case if it ever is, and for that reason commonly pursued — in order to unearth causal links that might help explain that recurring repulsion. The fact that «Yeats was undeniably growing old and ill» is often even taken to be a foundational principle of his poetry; according to Raymond and Virginia Pruitt, his «anger over that deterioration has, by consensus, been regarded as a primary impetus to the writing of his last years», and neither is there any doubt in their mind that «Yeats regarded old age as an enemy»⁶⁶. This is a stark assessment, but as it happens eloquent examples of this negative attitude can be found throughout Yeats's writings, including in some of his most well-known poems, namely «Sailing to Byzantium» and «The Tower» — «that masterly poem of rage against old age»⁶⁷.

Having said that, at times, spurred by the waxing and waning of certain moods, Yeats can be rather volatile or at least ambivalent about old age, which is why it can certainly also be said that «for Yeats old age brought wisdom»⁶⁸ — or, as the lyrical subject of «Words for Music Perhaps» puts it: «Bodily decrepitude is wisdom»⁶⁹.

⁶¹ OKAMURO, 2008: 218.

⁶² OKAMURO, 2008: 219.

⁶³ OKAMURO, 2008: 224.

⁶⁴ YEATS, 2000: 164.

⁶⁵ PRUITT, PRUITT, 1988: 45.

⁶⁶ PRUITT, PRUITT, 1988: 41, 38.

⁶⁷ COHN, 2001: 342.

⁶⁸ BUTTEL, 1983: 43.

⁶⁹ YEATS, 2000: 226.

A «late style» reading can be illustrative of this as well, and indeed Yeats's occasional exaltation of the sagacity of agedness — manifest in poems like «Lapis Lazuli», «The Spur», and «An Acre of Grass» — legitimises Robert Buttel's claim that «Yeats would extract from the very desperateness of his condition his final aesthetic triumphs»⁷⁰. For evidence of this mercuriality, one need not look further than the idea of wisdom in old age, which is variously treated earnestly as a very valid notion («Lapis Lazuli»), scathingly as a stale joke («A Prayer for Old Age»), and ironically as a plausible but ultimately disingenuous inference («Men Improve with the Years»).

By and large, however, old age is laden with negative connotations; it is a treacherous thing from which one would do best to hide (as the happy squirrels seem to do in «The Shadowy Waters») which cannot be offset by the comparatively lacklustre consoling traits it brings. As Norman Jeffares writes, Yeats's «regret that his own youth, even if it has been replaced by wisdom, is vanishing is the substance of his personal cry — “O Heart we are old”» (a plaint whose permutations echo in several poems of the collection *The Wild Swans at Coole*), and the unsatisfactory, nay depressing nature of the fated exchange is pervasive in much of his later poetry⁷¹. This neatly encapsulates the crux of the matter: even at its most complex, old age in Yeats is irremediably seen as the reverse side of the age medallion; youth is his sole beacon of light, the north of his poetic compass, to which old age is a despairing, comforting, or simply inevitable foil.

In Beckett, by contrast, the thematisation of youth is virtually absent from any major work written between his seminal «revelation» in 1946⁷² and his own demise over four decades after it. There is rarely a stark juxtaposition of old age and youth; when there is, youth is simply remembered at best, and that vaguely. Nowhere can the «deterministic binarism» that typifies ageist discourse⁷³ — and, as it happens, Yeats's — be found in Beckett; neither does what Jean Améry termed the «alienation» of old age, whereby it is perceived «as an inferior, subaltern phase of life»⁷⁴, find expression in Beckett's work, simply because the thought that there might be a «superior» one would certainly elicit a bemused chuckle from a writer so seldom given to waxing lyrical about the salad days to the detriment of a current state of putative decline. Instead, what we do find is a kind of perpetual old age, increasingly unbound by time, and not quite untethered from the body but as it were coexisting with it as a phenomenon that runs parallel to its workings, that informs them and is informed by

⁷⁰ BUTTEL, 1983: 43.

⁷¹ JEFFARES, 1968: 153, 156, 164.

⁷² KNOWLSON, 1996: 351-353.

⁷³ ZIMMERMAN, 2016: 87, 93.

⁷⁴ ZIMMERMAN, 2016: 87.

them. A kind of old age, then, that can be understood, to borrow a felicitous theory from Thomas Rentsch⁷⁵, as the radicalisation of the human condition.

BIBLIOGRAPHY

- ACKERLEY, Chris J.; GONTARSKI, Stanley E. (2004). *The Grove Companion to Samuel Beckett: A Reader's Guide to His Works, Life, and Thought*. New York: Grove Press.
- BECKETT, Samuel (1966). *Comédie et actes divers*. Paris: Minit.
- BECKETT, Samuel (2006). *The Complete Dramatic Works*. London: Faber & Faber.
- BOYCE, Brynhildur (2014). *Tuning In/Tuning Up: The Communicative Efforts of Words and Music in Samuel Beckett's «Words and Music»*. In BAILES, Sara Jane; TILL, Nicholas, eds. *Beckett and Musicality*. London: Routledge, pp. 63-83.
- BRANIGAN, Kevin (2008). *Radio Beckett: Musicality in the Radio Plays of Samuel Beckett*. Bern: Peter Lang.
- BUTTEL, Robert (1983). *The Incandescence of Old Age: Yeats and Stevens in Their Late Poems*. «The American Poetry Review». 12:1, 42-44.
- CHIA, Melissa (2017). «My comforts! Be friends!»: *Words, Music and Beckett's Poetry on the Third*. In ADDYMAN, David; FELDMAN, Matthew; TONNING, Erik, eds. *Samuel Beckett and BBC Radio: A Reassessment*. London: Palgrave Macmillan, pp. 229-248.
- COHN, Ruby (2001). *A Beckett Canon*. Michigan: The University of Michigan Press.
- COWLEY, Christopher (2016). *Coming to Terms with Old Age — and Death*. In SCARRE, Geoffrey, ed. *The Palgrave Handbook of the Philosophy of Aging*. London: Palgrave Macmillan, pp. 187-206.
- FROST, Everett C. (1991). *Fundamental Sounds: Recording Samuel Beckett's Radio Plays*. «Theatre Journal». 43:3, 361-376.
- FROST, Everett C. (2014). «The Sound Is Enough»: *Beckett's Radio Plays*. In GONTARSKI, Stanley E., ed. *The Edinburgh Companion to Samuel Beckett and the Arts*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 251-265.
- GURALNICK, Elissa S. (1996). *Sight Unseen: Beckett, Pinter, Stoppard, and Other Contemporary Dramatists on Radio*. Athens: Ohio University Press.
- HUBERT, Marie-Claude (2015). *Beckett: un monde de vieillards*. «Recherches & Travaux». 86, 45-53.
- JEFFARES, A. Norman (1968). *A Commentary on the Collected Poems of W. B. Yeats*. London: Palgrave Macmillan.
- JOCHUM, Klaus Peter (2004). «Old Men Ought to Be Explorers»: *The Poet and Old Age*. In JANSOHN, Christa, ed. *Old Age and Ageing in British and American Culture and Literature*. Münster: Lit Verlag, pp. 15-28.
- KNOWLSON, James (1996). *Damned to Fame: The Life of Samuel Beckett*. London: Bloomsbury.
- LAWS, Catherine (2001). *Music in «Words and Music»: Feldman's Response to Beckett's Play*. «Samuel Beckett Today/Aujourd'hui». 11, 279-290.
- LAWS, Catherine (2017). *Imagining Radio Sound: Interference and Collaboration in the BBC Radio Production of Beckett's «All That Fall»*. In ADDYMAN, David; FELDMAN, Matthew; TONNING, Erik, eds. *Samuel Beckett and BBC Radio: A Reassessment*. London: Palgrave Macmillan, pp. 103-138.
- OJRZYŃSKA, Katarzyna (2014). *Music and Metamusicality in Beckett's Early Plays for Radio*. In BAILES, Sara Jane; TILL, Nicholas, eds. *Beckett and Musicality*. London: Routledge, pp. 47-62.
- OKAMURO, Minako (2008). «Words and Music», «... but the clouds...», and Yeats's «The Tower». In BEN-ZVI, Linda; MOORJANI, Angela, eds. *Beckett at 100: Revolving It All*. Oxford: Oxford University Press, pp. 217-229.

⁷⁵ RENTSCH, 2016: 356.

- PERLOFF, Marjorie (2004). *Differentials: Poetry, Poetics, Pedagogy*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press.
- PRUITT, Raymond D.; PRUITT, Virginia D. (1988). *W.B. Yeats on Old Age, Death and Immortality*. «Colby Library Quarterly». 24:1, 36-49.
- RENTSCH, Thomas (2016). *Aging as Becoming Oneself: A Philosophical Ethics of Late Life*. In SCARRE, Geoffrey, ed. *The Palgrave Handbook of the Philosophy of Aging*. London: Palgrave Macmillan, pp. 347-364.
- SMALL, Helen (2007). *The Long Life*. Oxford: Oxford University Press.
- WHITE, Kathryn (2009). *Beckett and Decay*. London: Continuum.
- WORTH, Katharine (1981). *Beckett and the Radio Medium*. In DRAKAKIS, John, ed. *British Radio Drama*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 191-217.
- YEATS, William Butler (2000). *The Collected Poems of W. B. Yeats*. London: Wordsworth.
- ZILLIACUS, Clas (1976). *Beckett and Broadcasting: A Study of the Works of Samuel Beckett for and in Radio and Television*. Åbo: Åbo Akademi.
- ZIMMERMANN, Harm-Peer (2016). *Alienation and Alterity: Age in the Existentialist Discourse on Others*. «Journal of Aging Studies». 39, 83-95.

«HAY QUE SER MUY VALIENTE PARA VIVIR CON MIEDO». VEJEZ E INFANCIA EN LOS ÚLTIMOS POEMARIOS DE ÁNGEL GONZÁLEZ, FRANCISCA AGUIRRE, ANTONIO GAMONEDA Y FÉLIX GRANDE

MARÍA DEL PILAR NICOLÁS MARTÍNEZ*

Resumen: *El propósito de esta ponencia es profundizar en las relaciones entre los temas y motivos que comparten las últimas obras, escritas durante la ancianidad, pero con una tenaz presencia de la infancia, de cuatro reconocidos poetas españoles: Ángel González, Francisca Aguirre, Antonio Gamoneda y Félix Grande. Diferentes en su estilo literario, están unidos por un hecho clave que marcaría su obra: el haber vivido una niñez aterrada por la guerra y una posguerra brutal para los vencidos.*

Palabras clave: *Ancianidad; Infancia; Guerra civil; Ángel González; Francisca Aguirre; Antonio Gamoneda; Félix Grande.*

Abstract: *The purpose of this article is to analyse the relationships between the themes and motifs shared in the last works, written during old age, but with a tenacious presence of childhood, by four renowned Spanish poets: Ángel González, Francisca Aguirre, Antonio Gamoneda and Félix Grande. Although different in style, they are united by a key fact which characterises their work: having experienced a childhood in which they were terrified by war and a post-war period which was brutal for the vanquished.*

Keywords: *Old Age; Childhood; Civil War; Ángel González; Francisca Aguirre; Antonio Gamoneda; Félix Grande.*

INTRODUCCIÓN

Los escritores españoles nacidos en torno a 1925 y que comenzaron a publicar en la década de 1950 han sido agrupados por la crítica literaria bajo diferentes denominaciones: «Generación del 50», «Generación del medio siglo» o «Generación de los niños de la guerra»; pese a que algunos cuestionasen la pertinencia de incluirlos bajo el término generación literaria, pues no creían compartir un pensamiento y estilo lo suficientemente próximo como para ser considerados como tal. De ahí que, entre los poetas ganó preferencia la designación «Grupo poético de los años 50», nombre acuñado por Juan García Hortelano en el título de la antología publicada en 1978 y

* Universidade do Porto/CITCEM. Email: mmartinez@letras.up.pt.

que al gozar de aceptación tuvo varias reediciones. En ella incluía diez autores¹ que nacieron entre 1925 y 1934, dándose a conocer en los ambientes literarios españoles a mediados del siglo XX.

De los cuatro escritores que hablaremos en este artículo, solo Ángel González (1925-2008) aparecía en la compilación de García Hortelano y, en general, es el único encuadrado sistemáticamente en aquellos estudios que consideran a estos poetas como un grupo cohesionado. Los otros tres, aun compartiendo vivencias e influencias culturales comunes y formando parte, en efecto, de una misma generación cronológica, no fueron incluidos por diversos motivos. En el caso de Francisca Aguirre (1930-2019), aunque coincide en su fecha de nacimiento con dichos autores, debe tenerse en cuenta que publicó su primer libro, *Ítaca*, en 1972. En cambio, Antonio Gamoneda (1931) se dio a conocer en 1960 con *Sublevación inmóvil*, libro finalista del Premio Adonáis de poesía, pero a partir de ese momento tuvo que enfrentarse a numerosos problemas con los censores, motivo por el cual sufrió un largo parón creativo hasta que volvió a publicar en los años 80. Félix Grande (1937-2014) también obtuvo el Premio Adonáis de poesía en 1963 con su poemario *Las piedras*, pero por fecha de nacimiento (es el más joven) se alejaba de la primera etapa de esta generación que según Carlos Marzal «podríamos llamar de agrupación, de reunión»². Sin embargo, en este trabajo no analizaremos sus primeros libros, aquellos con los que iniciaron su carrera literaria, sino sus últimas obras producidas durante su ancianidad y ya como poetas consagrados. Un tercer momento al que Marzal denomina «de carácter investigador. Es el de revisión de la nómina fijada, del canon generacional, que no termina de verse en su riqueza hasta pasados bastantes años»³.

En 2008 se publica, de forma póstuma, *Nada grave*, el último libro de Ángel González, escrito lentamente mientras se acercaba a los ochenta años. En ese tiempo González construye un libro desesperanzado, en el que se presiente verso a verso la muerte y se describe el cuerpo como un «yo sombrío»⁴ y fatigado; y pese a todo ese desconsuelo, se aprecian destellos de vitalismo que acompañan a los recuerdos, flujo de la vida: «cuyo murmullo lejano aún oye mi corazón»⁵.

Cumplidos los setenta años, los recuerdos también afloran constantemente en los poemarios escritos a partir del 2000 por Francisca Aguirre. En *La herida absurda*, *Nanas para dormir desperdicios*, *Historia de una anatomía* o *Una larga dolencia* se

¹ Ángel González (1925-2008), José Manuel Caballero Bonald (1926), Alfonso Costafreda (1926-1974), José María Valverde (1926-1996), Carlos Barral (1928-1989), José Agustín Goytisolo (1928-1999), Jaime Gil de Biedma (1929-1990), José Ángel Valente (1929-2000), Francisco Brines (1932) y Claudio Rodríguez (1934-1999).

² MARZAL, 2013: 88.

³ MARZAL, 2013: 89-90.

⁴ GONZÁLEZ, 2008: 23.

⁵ GONZÁLEZ, 2008: 55.

entremezclan homenajes a sus padres, episodios y reflexiones sobre la niñez: «Yo recuerdo mi infancia y no sé cómo/casi siempre termino recogiendo escombros»⁶; pero además medita sobre la condición humana, el paso del tiempo o el extrañamiento que produce el propio cuerpo deteriorado.

La necesidad de reconstruir la memoria infantil también es una inquietud que comparte Antonio Gamoneda. En 2009 publica *Un armario lleno de sombra* donde afirma:

*No sé si la voluntad de escribir sobre mi infancia —de escribir mi infancia— tiene alguna causa. El olvido progresa en mí y se hace parte de un silencio intelectual que, fugazmente, me proporciona algo parecido a un bienestar. Un bienestar vacío. En el olvido están los recuerdos. Advierto que mi aprendizaje de vejez no es otra cosa que la forma que adoptan ahora en mí el pasado y sus sombras*⁷.

Félix Grande edita en 2011 *Libro de familia*, que comienza con el emocionante poema «Grupo escolar». En este texto el anciano se mira así mismo en una fotografía de niño y exclama: «Cuánto miedo,/cuánto dos ojos, hijo mío, pariente/absoluto y menesteroso!»⁸, para luego consolar a ese yo infantil relatándole la que será su propia vida, hablándole de los viajes que hará y de su futura hija; y termina aconsejándole, aconsejándose: «Cálmate. Cálmame. Danos por fin la paz que necesitas/para envejecer despacito y morir sonriendo, hijo mío, mi infancia»⁹.

Partiendo de lo expuesto, a continuación, se analizarán los motivos y temas que comparten los últimos libros de estos cuatro reconocidos poetas españoles, obras en las que se reflexiona sobre lo que supone la vejez, pero en las que también aparece con tenacidad la evocación de la niñez.

«¿NO ES HERMOSO, POR FIN, VIVIR SIN MIEDO?»¹⁰

En la contraportada de *Palabra sobre palabra* Ángel González esbozaba su biografía de la siguiente manera:

*Nací en Oviedo en 1925. El escenario y el tiempo que corresponden a mi vida me hicieron testigo —antes que actor— de innumerables acontecimientos violentos: revolución, guerra civil, dictaduras. Sin salir de la infancia, en muy pocos años, me convertí, de súbdito de un rey, en ciudadano de una república y, finalmente, en objeto de una tiranía. Regreso, casi viejo, a los orígenes, súbdito de nuevo de la misma Corona*¹¹.

⁶ AGUIRRE, 2018: 395.

⁷ GAMONEDA, 2009: 5.

⁸ GRANDE, 2011: 11.

⁹ GRANDE, 2011: 13.

¹⁰ De «Ambigüedad de la catástrofe» en GONZÁLEZ, 2008: 47.

¹¹ GONZÁLEZ, 2001.

Su obra poética durante el siglo XX consta de diez libros recopilados en sucesivas ediciones, por la editorial Seix Barral, bajo el título *Palabra sobre palabra* a los que, a partir del 2000, se le suman otros tres poemarios. El primero *101 + 19 = 120 poemas* (2000) se trata, como apunta el título, de una antología a la que se le unen diecinueve poemas inéditos. Al año siguiente la editorial Tusquets publica *Otoños y otras luces*, en donde aparecen temas recurrentes en su obra como la reflexión sobre el paso del tiempo, el amor, la propia creación poética o la memoria, que en este caso toma forma en los homenajes dedicados a otros poetas contemporáneos y amigos, como Claudio Rodríguez, o las referencias intertextuales a escritores clave de la poesía española contemporánea como Juan Ramón Jiménez o Pedro Salinas. Y, por último, su poemario *Nada grave* publicado en mayo de 2008, cuatro meses después del fallecimiento de González con ochenta y dos años.

En el prólogo a este libro el poeta Luis García Montero y el editor Jesús García Sánchez cuentan que Susana Rivero (la viuda del poeta) encontró entre sus archivos dos libros en proceso, uno de ellos: *Nada grave*, cuyo título, según la propia Rivero, pretendía homenajear el poema de Rosalía de Castro «Hoy o mañana». Además de esta referencia, se aprecia en este título un rasgo característico de la poesía de González: el uso de la ironía, dado que recurre a una expresión utilizada con frecuencia para restar importancia a un trance difícil, atenuación que contrasta con el tono triste de los 27 poemas que componen el libro. En ellos se habla del fin de la vida, de la ausencia, de la decadencia física, de la falta de fuerzas, del desánimo, del dolor que producen ciertos recuerdos y de la proximidad de la muerte. Muerte entendida por el poeta como desaparición total, como la caída en la nada. Nada se espera ya, nada puede ya aportar y nada es lo que esconde el final. No obstante, como contraposición a la desesperanza, existe la capacidad de contemplar en un instante fugaz la belleza revelada como «presente inmortal»¹², agradeciendo «el regalo de la luz»¹³ y declarándose, en «El poema de los 82 años», «enamorado/del agua, del agua aquella» del «río de la vida»¹⁴.

Esta es una obra introspectiva, la gran parte de los poemas están escritos desde una primera persona que se dirige a un tú inconcreto. A veces el lector puede intuir que por detrás se encuentra una persona (la madre, un amor...), pero la mayoría de las veces es un «tú» o un «sin ti» que personifica la vida o la muerte. La dedicatoria del libro, que podría considerarse un poema más, da muestra de ello:

¹² GONZÁLEZ, 2008: 37.

¹³ GONZÁLEZ, 2008: 51.

¹⁴ GONZÁLEZ, 2008: 55.

*Sin ti la poesía
ya no me dice nada,
y nada tengo que decirle a ella.
La única palabra
que entiendo y que pronuncio
es ésta
que con todo mi amor hoy te dedico:
nada¹⁵.*

Tal como se aprecia, la palabra «nada» se repite tres veces para acentuar el desaliento, sin el impulso vital lo poético desaparece. Pero el humor no, pues esa negación se profiere con «todo mi amor».

El primer poema del libro se titula «Orazal»¹⁶, término que invierte el nombre Lázaro que da sentido a la composición. El yo lírico es un resucitado, al igual que el personaje bíblico del *Nuevo testamento*: Lázaro de Betania, cuyo episodio de resurrección se narra en el Evangelio de Juan (capítulo 11, versículos 11-44). Solo que en este caso el «resucitado de la vida [...] regresa al reino de la nada» donde se encuentra «sombras familiares» a las que aclara que su vuelta al mundo de los muertos no es aún debido a la muerte en sí, sino al «fracaso de la vida».

En varias composiciones se aprecia una estrecha relación entre el sujeto lírico y su identificación con una sombra. La más explícita titulada, precisamente, «Una sombra»¹⁷, empieza declarando: «La madre que me parió,/en el momento de alumbrarme,/no sabía que daba a la luz un pedazo de sombra». Creció «Y acabó ensombreciendo cuanto le rodeaba». Ahora en la vejez, ese individuo taciturno, siente un dolor: el remordimiento de la culpabilidad «de todo lo que había ensombrecido» durante su vida.

También se alude a la figura materna en la breve composición «Quizá mejor ya no», cuando declara:

*Tanto la he llamado, tanto
he suplicado su asistencia,
que ahora,
cuando apenas si tengo ya voz para llamarla,
casi lo que más temo es que al fin venga.
No me vuelva a dar la vida¹⁸.*

¹⁵ GONZÁLEZ, 2008: 20.

¹⁶ GONZÁLEZ, 2008: 21.

¹⁷ GONZÁLEZ, 2008: 33.

¹⁸ GONZÁLEZ, 2008: 29.

A lo largo, de esa vida ha anhelado el auxilio de una figura, pueda esta entenderse como real (alguien concreto) o metafórica (algo que dé sentido a la existencia), para ya de anciano vivir con la amenaza de que se concrete su deseo, lo que lo alejaría de una muerte ahora esperada.

La referencia al miedo aparece en los poemas «Ambigüedad de la catástrofe» o «Hay que ser muy valiente». En el primero, se establece una relación entre la pérdida de todo lo importante «amor, familia, bienes, esperanzas»¹⁹ y la libertad, pues la desposesión supone, por fin, una forma de vivir sin temor; aunque alcanzada esa libertad, se produzca la paradoja de que ya no es necesario vivir.

En el segundo, el poema sentencia al comenzar: «Hay que ser muy valiente para vivir con miedo», para concluir insistiendo: «Para vivir muerto de miedo,/hace falta, en efecto, muchísimo valor». Esa dualidad entre el miedo y el valor se convierte en la obra de Ángel González en una constante vital. En este sentido interesa relacionar este poema con «Primera evocación», aquel que cierra el libro *Tratado de urbanismo*²⁰, donde el escritor recuerda a su madre, su infancia durante la guerra civil española (cuando asesinaron a su hermano) y el estremecimiento ante lo incomprensible, una herencia que le acompañará siempre:

*Recuerdo
bien
a mi madre.
Tenía miedo del viento,
era pequeña
de estatura,
la asustaban los truenos,
y las guerras
siempre estaba temiéndolas
de lejos, [...]
Llegó también la guerra un mal verano.
Llegó después la paz, tras un invierno
todavía peor. Esa vez, sin embargo,
no devolvió lo arrebatado al viento.
Ni la lluvia
pudo borrar las huellas de la sangre.
Perdido para siempre lo perdido,
atrás quedó definitivamente*

¹⁹ GONZÁLEZ, 2008: 47.

²⁰ 1.ª ed., 1967; 2.ª ed., 1976.

*muerto lo que fue muerto.
Por eso (y por más cosas)
recuerdo muchas veces a mi madre:
cuando el viento
se adueña de las calles de la noche,
y golpea las puertas, y huye, y deja
un rastro de cristales y de ramas
rotas, que al alba
la ciudad muestra desolada y lívida²¹.*

«DUEÑOS DEL MIEDO, EL POLVO, EL HUMO, EL VIENTO»²²

La experiencia del miedo cuando era niña, del terror desencadenado por la Guerra Civil y las atroces consecuencias para su familia durante la posguerra (su padre el pintor Lorenzo Aguirre fue condenado a muerte en 1942) se convierten, de manera más patente que en la obra de Ángel González, en una memoria constantemente revisitada en toda la poesía de Francisca Aguirre.

Ya en su primer libro *Ítaca* (1972), en el poema «Paisajes de papel», confiesa:

*Aquella infancia fue más bien triste.
Ser niño en el cuarenta y dos parecía imposible. [...]
Un día amanecemos lentas, crecidas,
llenas de miedo, de presente.
Buscábamos palabras en el diccionario
con el afán de comprenderlo todo:
necesitábamos hacer lenguaje²³.*

En su necesidad de «hacer lenguaje» para comprender lo que le tocó vivir y, como ella misma dijo en su libro de memorias *Espejito, espejito*: «tal vez porque en demasiadas ocasiones no se contó conmigo en el debate de la vida»²⁴, Aguirre escribió once poemarios, de los cuales ocho fueron publicados cuando la autora contaba con más de 65 años. Pese a que desde su primera obra la crítica apunta a la originalidad de su voz propia y recibe distintos premios, la difusión más amplia de su poesía llega tardíamente; sobre todo a partir de concedérsele el Premio Nacional de Poesía en 2011 por *Historia de una anatomía* y el Premio Nacional de las Letras Españolas en 2018.

²¹ GONZÁLEZ, 2001: 233-234.

²² De «Propietarios» en *Ítaca*, 1972, en AGUIRRE, 2018: 72.

²³ AGUIRRE, 2018: 53-54.

²⁴ AGUIRRE, 1995: 14.

Como María Ángeles Pérez López señala en su notable prólogo a la poesía completa de la escritora: «Quizá toda la obra de Francisca Aguirre sea un gesto de esperanza desesperanzada, un modo en que resistir a la desolación²⁵».

En este trabajo nos centraremos en dos de sus últimas obras, escritas con más de ochenta años, el mencionado *Historia de una anatomía* (2010) y *Una larga dolencia* (2017).

Historia de una anatomía se divide en dos partes: «Fisiología» y «Anamnesis». La definición de estas palabras nos da la clave de la estructura del libro. A la primera parte, Aguirre le da el nombre de la ciencia que tiene por objeto el estudio de las funciones de los seres vivos; con poemas como «Radiografía», «La cabeza», «Las manos», «La sed», «La columna vertebral», «Las pasiones», «La voluntad» o «El sueño», reflexiona sobre la función física y moral de lo que conforma el cuerpo y el alma.

Aun cuando trata temas similares, el tono es muy diferente al del libro *Nada grave* de Ángel González. Es también el poemario de una anciana, pero observa su cuerpo de manera distanciada, sin patetismo o pesimismo, como si lo estuviera descubriendo y recogiera sus reflexiones sobre el hallazgo. Así en el poema «Oxímoron» afirma:

*Nadie sabe el asombro que produce
descubrir un buen día que tu cuerpo
en el que desde siempre has habitado
alegremente
descuidadamente
era un extraño territorio en el que nada controlabas²⁶.*

Ese descubrimiento recoge la constatación, por un lado, de que el cuerpo, antes acompañante mudo de la acción y la voluntad, toma ahora el protagonismo de la cotidianidad. Y, por otro lado, de que la aparente insignificancia del día a día, algo que antes pasaba desapercibido, se va conformando a lo largo del poemario en el mejor campo de observación de la sustancia de lo que supone vivir. Por ejemplo, en «El aliento» se revela:

*Hay tantas cosas que existen
pero que no las vemos.
Y sin embargo laten
viven de una manera tan definitiva
tan grave y decisoria que*

²⁵ PÉREZ LÓPEZ, *pról.*, 2018: 24.

²⁶ AGUIRRE, 2018: 505.

*sin ellas no seríamos nada. [...]
ese pequeño vaho entrecortado.
Eso somos²⁷.*

En la segunda parte del libro, la poeta juega con los dos sentidos de la palabra anamnesis, el de un informe en donde se registra el propio historial médico y como sinónimo de reminiscencia, es decir, de la acción de representarse un recuerdo en la memoria. De esta manera, la anamnesis comienza con «Expediente», cuyo primer y último verso son «La paciente dice haber nacido el 27 de octubre de 1930./El dato nos conduce a un período de la historia de nuestro país/francamente malo por no decir malísimo», para concluir «Dicho esto vamos a pasar a los datos y antecedentes personales²⁸». A partir de aquí dará paso a la reconstrucción de su autobiografía en la que rememora los amores de su vida: su familia, la música, la poesía de Antonio Machado... y las desolaciones: el horror de la guerra y sus consecuencias, que asolaron su infancia. De ello da cuenta en «Las cicatrices»:

*No puedo recordar
la primera vez que vi el mar
ni puedo recordar
la última vez que vi a mi padre.
Tal vez porque no se pueden recordar
el deslumbramiento del milagro
ni el encuentro con el horror²⁹.*

Y es concretamente en su composición «Datos biográficos» donde, a través de la paráfrasis del famoso poema de Antonio Machado «Retrato», homenajea a su padre:

*Fue mi padre un hombre
alegre donde los haya. [...]
Pasará a la posteridad como
un magnífico pintor republicano
al que la dictadura franquista
asesinó en 1942 por defender
a un Gobierno legítimo.*

²⁷ AGUIRRE, 2018: 503.

²⁸ AGUIRRE, 2018: 513.

²⁹ AGUIRRE, 2018: 517.

*Mi infancia son recuerdos de sus cuadros
sus canciones su risa su amor por mi madre
y algunas horas terribles
«que recordar no quiero»³⁰.*

En su último libro, *Una larga dolencia* (2017), título que alude a la traducción en español de un verso de Rilke: «el tiempo es como la recaída de una larga dolencia», Aguirre medita sobre el paso del tiempo y vuelve de nuevo a su infancia, iniciándose con un emotivo poema en prosa dedicado a sus hermanas:

Entonces, cuando la vida se escondió detrás de la metralla y los niños quedamos al amparo del caos. Tres desconciertos tristes e indefensos, tres pequeñas desgracias aturdidas, cansadas, mudas, espantadas. Eso fuimos. Pero la vida es más inexplicable, y mientras el orden del desastre nos obligó a ser huérfanas nosotras decidimos hacer una alianza contra la que el horror nada pudiera³¹.

Y desde el salón de su casa, la octogenaria Paca Aguirre, recuerda vívidamente escenas de su niñez:

Entran el sol y la vida en mi salita y todo lo que veo son latidos: late la luz iluminando el tiempo y late el tiempo coloreando el alma, un alma pequeñita, tan pequeña como la niña que entró en la habitación cuando en la habitación no había nadie, cuando tampoco había nada: solo el sol barnizando las paredes³².

Evoca con ternura a su abuela, a su madre, luchando contra el infortunio y el hambre, y se pregunta por qué se perdió su tierra prometida, sus ideales. En concreto, mira al pasado de España, al periodo de la Segunda República:

pudimos tenerlo todo: porvenir, familia, leyes, educación, arte, cultura. Pudimos ser los herederos de tres palabras: libertad, igualdad, fraternidad. No pudo ser³³.

Y en distintos poemas con insistencia, como una letanía, va planteando en forma de preguntas retóricas, dudas o demandas, variantes de un mismo verso:

³⁰ AGUIRRE, 2018: 514.

³¹ AGUIRRE, 2018: 573.

³² AGUIRRE, 2018: 574.

³³ AGUIRRE, 2018: 575.

*¿Cómo se mide la distancia entre un tiempo en el que no teníamos nada y sin embargo sin él no había futuro?*³⁴

*Cómo se mide la distancia que hay entre la fosfatina y la metralla*³⁵

*Pero yo necesito medir de otra manera la distancia, medir el estupor que supone cantar*³⁶.

*Tal vez necesito una nueva tabla de medidas, [...] si fuera capaz de pensar que no importa la distancia, [...] si hubiera una manera de eludir el vacío que teje la distancia*³⁷.

Para, por fin, exigir una respuesta que explique el porqué de la ruina y el caos que tuvo que padecer:

*Yo necesito entender desde qué cataclismo geológico, desde qué fondo helado se destruyó y se sigue destruyendo el humilde proyecto de la vida*³⁸.

Al final lo único que parece consolar de tanta incompreensión es el recuerdo de las sensaciones percibidas en su infancia y el impulso vital de fabular como defensa ante una época atroz:

*Las palmeras de la niñez cuentan historias fabulosas. Historias que jamás me sucedieron, pero que siempre tuvieron porvenir. [...] La niñez y sus noches con mareas, el cortejo de jazmineras regalando aroma. Cuando el tiempo se acaba siempre vuelven: las palmeras, las olas, los jazmines*³⁹.

A su vez, en este último verso entrevemos un homenaje a aquel alejandrino encontrado (según se dice) en un bolsillo de su maestro Antonio Machado el día de su muerte: «Estos días azules y este sol de la infancia», la infancia como refugio justo antes de morir, cerrando el ciclo de la vida de principio a fin.

³⁴ AGUIRRE, 2018: 577.

³⁵ AGUIRRE, 2018: 578.

³⁶ AGUIRRE, 2018: 579.

³⁷ AGUIRRE, 2018: 580.

³⁸ AGUIRRE, 2018: 579.

³⁹ AGUIRRE, 2018: 582.

«ABUELO, RESPIRAS COMO UN PÁJARO VIEJO Y HUELES COMO LAS FLORES CORROMPIDAS»⁴⁰

Al igual que en Aguirre la evocación de la niñez es tema constante en la poesía de Antonio Gamoneda, precisamente este periodo de la vida dará título a una antología reciente, de 2016, seleccionada y prologada por su hija. En la introducción, Amelia Gamoneda Lanza comenta:

*La niñez es un tiempo mítico personal donde se origina el yo capaz de hablar de sí mismo, donde su prehistoria cede el paso a una historia que le concierne. Contar la propia infancia reconstruye hacia atrás el tiempo, echa el ancla en el pasado, en un cierto mundo físico, mental y afectivo*⁴¹.

Antonio Gamoneda revisita su obra con frecuencia, de ahí que de un mismo poemario existan sucesivas ediciones ampliadas y reescritas. Partiendo de este hecho, los libros de poemas que en su primera edición el escritor publica en el siglo XXI son: *Arden las pérdidas* (2003), *Cecilia* (2004), *Canción errónea* (2012) y *La prisión transparente* (2016). Además de un par de libros con grabados de Juan Carlos Mestre y sus memorias tituladas *Un armario lleno de sombra* (2009), que comienzan cuando estalla la Guerra Civil y terminan al cumplir los catorce años.

Deliberadamente Gamoneda centra su autobiografía en el periodo infantil, rememorando su pasado, ya cerca de los ochenta años, con la crudeza que imponía la posguerra española. Entre sus páginas se entremezclan la crueldad, el miedo, la tristeza y la melancolía con la ternura y la belleza. En definitiva, el asombro ante el descubrimiento de la complejidad de la vida. Así en *Un armario lleno de sombra* va relatando de forma concisa recuerdos de sucesos acaecidos en su vida entre 1936 y 1945. En ellos, como explica Amelia Gamoneda, «hay más atmósferas que episodios, más palabra interiorizada que presentación de un vecindario, menos personajes que paisajes»⁴², convirtiendo estos sucesos en un género de glosa de muchos poemas del autor.

El recuerdo triste de su propia niñez, desprovisto de cualquier mirada dulcificada, contrasta con el libro que en 2004 Antonio Gamoneda dedicó a su nieta recién nacida, con el título *Cecilia*. En él la niña, en su recién inaugurada existencia, es la portadora de luz, a través de cuya contemplación su abuelo siente que logra aproximarse a lo esencial, a la plenitud:

⁴⁰ De *Canción errónea*, 2012, en GAMONEDA, 2016: 119.

⁴¹ GAMONEDA LANZA, 2016: 7.

⁴² GAMONEDA LANZA, 2016: 10.

*Como si te posases en mi corazón y hubiese luz dentro
de mis venas y yo enloqueciese dulcemente; todo es
cierto en tu claridad:*

te has posado en mi corazón,

hay luz dentro de mis venas,

*he enloquecido dulcemente*⁴³.

O en esta otra poesía en la que, a través del contacto físico con la delicadeza de la bebé, alcanza a descubrir el significado de lo eterno:

*Acerqué mis labios a tus manos y tu piel tenía la suavidad
de los sueños.*

*Algo semejante a la eternidad rozó un instante mis
labios*⁴⁴.

En definitiva, se trata de un conmovedor poemario que recoge el asombro de un anciano ante una nueva vida y el profundo amor de un abuelo por su nieta.

«LA VEJEZ,/EL TRAGALUZ POR DONDE NOS ES DADO/ CONTEMPLAR EL HERMOSO ABISMO DE LA VIDA»⁴⁵

Esa manifestación de gratitud y cariño por la familia une la mencionada obra de Gamoneda con el último poemario de Félix Grande titulado, precisamente, *Libro de familia* (2011). En este libro autobiográfico, el escritor refiere vivencias y conversa, ya como anciano, con sus seres queridos, tanto los que murieron como los que están vivos. Con maestría engarza una singular mezcla de géneros, recuerdos y pasiones, donde el pasado y el presente conviven simultáneamente. Por ejemplo, el viejo alecciona sobre lo que será su vida al niño que ya fue, o «con setenta y tres años cumplidos»⁴⁶ solicita la mano de su mujer (la poeta Francisca Aguirre) a su suegro (ajusticiado después de la guerra) confesándole:

⁴³ GAMONEDA, 2004: 15.

⁴⁴ GAMONEDA, 2004: 19.

⁴⁵ De «Péndulo santo» en GRANDE, 2011: 23.

⁴⁶ GRANDE, 2011: 131.

*queremos mucho, don Lorenzo, a Paquita, la hija de usted.
Y yo además la necesito: para durar,
para iluminar mi escalera,
para morir sin odio*⁴⁷.

De hecho, son continuas las alusiones a su compañera durante cincuenta años y al actual desgaste físico de ambos, contrapuesto a las ganas de seguir festejando la vida. En la composición «Esta vejez» la invita a prepararse ante la proximidad de la muerte, como si de una «cena enigmática» se tratase: «Vamos, yérguete de la silla, ponte guapa:/estamos convidados/a envejecer del todo, y a morir»⁴⁸. Sin embargo, en esta última etapa de su relación parece haberse abierto una nueva forma de vivir su amor:

*Pongo a tus pies mi oferta de alegría,
lo que me queda por vivir, el arrepentimiento
agusanado, la gratitud florida. Tenme.
Pongo a tus pies lo que me queda.*

*Siempre fuimos más jóvenes que hoy:
nunca tan juntos. Nunca tan destino*⁴⁹.

Y en el mismo extenso poema se dirige a su hija, la también poeta Guadalupe Grande, para decirle:

*Pero, amor nuestro, cuando llegue el día
recuerda que en tus lágrimas mamá te está pariendo, [...].
Llora con fasto, hija: no raciones tampoco
la santidad de tu dolor: porque en ese dolor
estaremos resucitando para todo tu siempre*⁵⁰.

APUNTE FINAL

Pese a la concisión que establece esta publicación, se ha intentado demostrar como las obras analizadas, con sus características propias y diferencias de estilo, se entrecruzan en el tratamiento de temas similares. Una mirada desde la última etapa de la existencia, hasta el inicio de la vida, evocando y enfatizando a personas y momentos

⁴⁷ GRANDE, 2011: 131.

⁴⁸ GRANDE, 2011: 26.

⁴⁹ GRANDE, 2011: 30.

⁵⁰ GRANDE, 2011: 28.

determinantes; y de entre ellos los cuatro poetas coinciden en rememorar su infancia: una niñez aterrada por la guerra y una posguerra brutal para los vencidos. Esos niños crecieron sintiendo hambre y miedo, un temor que no lograron olvidar y que intentan comprender al final de sus vidas. De ahí la lucidez del verso de Ángel González que encabeza el título de este artículo, pues se podría considerar un reconocimiento al valor de toda una generación que, pese a todo, ha recogido la memoria de «esta terrible vida a la que amamos tanto»⁵¹.

BIBLIOGRAFÍA

- AGUIRRE, Francisca (1995). *Espejito, espejito. Libro de recuerdos*. San Sebastián de los Reyes: Universidad Popular José Hierro.
- AGUIRRE, Francisca (2018). *Ensayo general. Poesía reunida 1966-2017*. Madrid: Calambur.
- GAMONEDA, Antonio (2004). *Cecilia*. Tenerife: Fundación César Manrique.
- GAMONEDA, Antonio (2009). *Un armario lleno de sombra*. Madrid: Galaxia Gutenberg – Círculo de Lectores.
- GAMONEDA, Antonio (2016). *Niñez*. Madrid: Calambur.
- GAMONEDA LANZA, Amelia (2016). *Mitología íntima*. In GAMONEDA, Antonio. *Niñez*. Sel. y pról. Amelia Gamoneda Lanza. Madrid: Calambur, pp. 7-11.
- GARCÍA HORTELANO, Juan, pról. (1990). In GARCÍA HORTELANO, Juan. *El grupo poético de los años 50*. Madrid: Taurus, pp. 7-41.
- GONZÁLEZ, Ángel (2001). *Palabra sobre palabra*. Barcelona: Seix Barral.
- GONZÁLEZ, Ángel (2008). *Nada grave*. Madrid: Visor Poesía.
- GRANDE, Félix (2011). *Libro de familia*. Madrid: Visor Poesía.
- MARZAL, Carlos (2013). *Poética y destino de Francisco Brines*. In ALANDIS, Sergio, ed. *Huésped del tiempo esquivo. Francisco Brines y su mundo poético*. Sevilla: Renacimiento, pp. 88-101.
- PÉREZ LÓPEZ, María Ángeles, pról. (2018). «Hacer lenguaje». *La poesía de Francisca Aguirre*. In AGUIRRE, Francisca. *Ensayo general. Poesía reunida 1966-2017*. Madrid: Calambur, pp. 9-28.

⁵¹ AGUIRRE, 2018: 472.

VELHICE E CRIMES SEM CASTIGO: MACHADO DE ASSIS E LYGIA FAGUNDES TELLES

FRANCISCO TOPA*

Resumo: *A chegada à matura idade é muitas vezes pretexto para uma reflexão sobre a vida passada, numa espécie de ajuste de contas do sujeito consigo mesmo e com o mundo em que lhe coube viver. São dois casos deste tipo que o artigo aborda: o do conto de Machado de Assis «O enfermeiro» e o que é narrado numa ficção de Lygia Fagundes Telles, «Helga». Segundo a análise apresentada, ambos os protagonistas são velhos em paz consigo mesmos, para quem a confissão não é uma forma de arrependimento, mas antes oportunidade para transmitir uma visão da vida segundo a qual o crime é aceitável. Essa visão está tocada pelo cinismo que caracteriza a obra de ambos os autores e contém uma sabedoria que, para retomar outro conto de Lygia Fagundes Telles, se afa «na pedra da morte».*

Palavras-chave: *Velhice; Crime; Confissão; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.*

Abstract: *The arrival of old age is often a pretext for a reflection on past life, in a kind of reckoning of the subject with him or herself and with the world in which he or she has lived. It is two such cases which the article analyses: Machado de Assis' «O enfermeiro» (The Nurse) and the one narrated in «Helga», by Lygia Fagundes Telles. According to the analysis presented, both protagonists are old and at peace with themselves and for whom the confession is not a form of repentance, but rather an opportunity to transmit a vision of life according to which crime is acceptable. This vision is touched by the cynicism which characterises the work of both authors and contains a wisdom which, to refer to another tale by Lygia Fagundes Telles, sharpens itself «on the stone of death».*

Keywords: *Old age; Crime; Confession; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.*

A chegada à matura idade é muitas vezes pretexto para uma reflexão sobre a vida passada, numa espécie de ajuste de contas do sujeito consigo mesmo e com o mundo em que lhe coube viver. Influência ou não de uma moral de base judaico-cristã, o indivíduo em fim de vida é levado amiúde a fazer uma espécie de confissão que pode incluir o reconhecimento de erros e até de crimes. Esta prática ocorre também na literatura, sob formas muito diversas, que vão do magistral *Crime e Castigo* de Dostoiévski à *Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro, entre tantos outros.

Assumindo a forma de narrativa ficcional, a confissão é quase sempre um processo doloroso que traz para fora o que estava escondido, o indizível, o pessoal. Mas a confissão escrita, ao contrário do sacramento católico, não está protegida pelo segredo nem tem uma absolvição mais ou menos garantida. Nisto se aproxima da

* Universidade do Porto/CITCEM. Email: ftopa@letras.up.pt.

confissão judicial, tanto mais que pode implicar a assunção de um ato condenável, seja ao nível social, seja na esfera penal.

Mais complexa é a confissão que não passa pela contrição, sobretudo quando o sujeito assume uma postura de indiferença moral e até de uma certa sobrançeria e jactância, anulando a distância entre o tempo da narração e o tempo da narrativa, ou até projetando este último no primeiro. A questão deixa, assim, de ter que ver com a culpa, subsistindo, contudo, o problema do julgamento a ser feito pelo leitor, colocado no papel duplo de testemunha (de confessor) e de juiz e confrontado com o problema de aferir a veracidade da confissão. De qualquer modo, mesmo nesses casos, a confissão não deixa de ser um reflexo do funcionamento de um poder que, de forma direta ou indireta, constrange o indivíduo, como teorizou Foucault¹, fazendo de cada pessoa uma vigilante de si mesma.

A velhice, e, portanto, a proximidade da morte, pode constituir uma forma de perturbação do modelo social, tanto mais que põe em causa esse poder: o idoso que confessa um crime tem quase garantida a impunidade, sobretudo se o faz às portas da morte. Esta é de resto uma questão que alguns sistemas judiciais consideram de forma particular, estabelecendo uma distinção (na lei e/ou na sua aplicação) entre o cidadão comum e o cidadão idoso².

São dois casos deste tipo que iremos agora rapidamente considerar. O primeiro comparece no conto de Machado de Assis «O enfermeiro», que integra o volume *Várias histórias*, de 1896³; o segundo é narrado numa ficção de Lygia Fagundes Telles, «Helga», do livro *Antes do baile verde*, de 1970.

Embora ambos os textos, sobretudo o primeiro, sejam bastante conhecidos, talvez se justifique um brevíssimo resumo da intriga. Em «O enfermeiro», Procópio conta a um narratário não identificado um episódio ocorrido quando tinha 42 anos. Tendo sido chamado a desempenhar as funções de enfermeiro (hoje diríamos cuidador) de um velho e irascível coronel do interior, que «gastava mais enfermeiros que remédios»⁴, reage a uma agressão e acaba por asfixiar e matar o seu paciente. Trata-se, pelo menos em aparência, de um homicídio involuntário, embora os esforços de encobrimento do narrador suscitem algumas dúvidas. Para complicar a questão, Procópio receberá mais tarde a notícia de que o coronel fizera dele herdeiro universal, o que lhe colocará um dilema moral que o tempo se encarregará de mitigar e até de apagar, como parece mostrar o epitáfio que para si mesmo escolhe: «Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados»⁵.

¹ FOUCAULT, 1978.

² Cf., por exemplo, BURGOA, 2012.

³ Mas publicado doze anos antes, em julho de 1884, na «Gazeta de Notícias», sob o título de «Cousas Intimas».

⁴ ASSIS, 1998: 209.

⁵ ASSIS, 1998: 217.

Na história de Lygia, um narrador que declara chamar-se Paulo Silva e ser brasileiro mas que acrescenta já ter sido Paul Karsten, alemão, conta com grande naturalidade e sem remorsos o «seu crime de guerra, pessoal e por conta própria, mas fora do lugar e com a pessoa errada»⁶: o roubo da perna ortopédica da sua mulher, em plena noite de núpcias, o que lhe permite, na Alemanha do pós-II Guerra, financiar um negócio de tráfico de penicilina que o fará enriquecer e lhe permitirá mais tarde, aproveitando uma amnistia, regressar ao Brasil e recuperar a cidadania brasileira.

Como seria de esperar de textos de autores bem distintos, separados por quase um século, são grandes as diferenças entre as duas histórias, a começar pelo tipo de crime. Há, porém, muitos pontos de contacto, designadamente ao nível dos benefícios resultantes da prática dos delitos e, mais ainda que o não arrependimento dos sujeitos, uma espécie de vaidade sarcástica dos dois narradores autodiegéticos.

E este é talvez o primeiro ponto a sublinhar: em ambos os contos, o relato assume uma forma próxima da confissão, sendo feito em primeira pessoa e com uma distância considerável entre o tempo da narração e o tempo da narrativa. Na história de Machado de Assis, Procópio dirige-se a um narratário não identificado, a quem começa por perguntar: «Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1869 pode entrar numa página de livro?»⁷. Fica assim, por antecipação, sinalizada a singularidade da ocorrência, mas também o motivo que parece justificar o seu relato — a entrada «numa página de livro». A confissão («geral», como declara a certa altura o narrador) é, na verdade, por um lado, uma *reconfissão* («Parece-lhe então» indica que houvera um contacto anterior, provavelmente uma conversa, em que o caso fora contado ao narratário); por outro lado, uma confissão a prazo («não há de divulgar nada antes da minha morte» — é a condição imposta); por outro lado ainda, uma confissão simultaneamente pública, a integrar num livro, e cheia de omissões (do lugar dos acontecimentos, por exemplo, sabemos apenas tratar-se de «certa vila do interior»)⁸. Também não sabemos exatamente quanto tempo medeia entre o relato e o acontecimento, conquanto se depreenda que é considerável: «Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada»⁹. Próximo agora da morte, Procópio faz do seu correspondente e narratário seu confessor e seu mensageiro, mas também um herdeiro a quem oferece «os meus sapatos de defunto»¹⁰: o relato, a confissão, passa assim a herança, invertendo-se de certa forma os papéis das duas entidades. De facto, aquele que foi enfermeiro é agora enfermo; aquele que no passado

⁶ TELLES, 1999: 43.

⁷ ASSIS, 1998: 208.

⁸ ASSIS, 1998: 208.

⁹ ASSIS, 1998: 217.

¹⁰ ASSIS, 1998: 208.

herdou e enriqueceu tem agora uma herança a transmitir, também ela suscetível de enriquecer o legatário.

O bem a legar está condensado na versão parodiada de uma das Bem-Aventuras: «Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados»¹¹. Deixando de lado as diferenças na fixação e tradução do texto, a versão portuguesa atual para Mt 5:4 é bem diferente: «Felizes os que choram, porque serão consolados». No outro relato das Bem-Aventuras, o de Lucas, lê-se: «Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir»¹². Como interpretar esta sugestão de epitáfio? Como a glorificação da riqueza e da forma de alcançá-la, que neste caso resultou de um homicídio? Ou, pelo contrário, como uma espécie de lamento, numa sugestão de que a posse acarreta um tal sofrimento que justifica o consolo depois da morte? A falta de remorso e o reconhecimento de que «o prazer íntimo, calado, insidioso crescia dentro de mim, espécie de ténia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando»¹³ — não deixam certamente dúvidas. A ambiguidade da fórmula representa, contudo, o risco da incompreensão. Como lembra Bernardo Soares no *Livro do desassossego*: «Que há de alguém confessar que valha ou que sirva? O que nos sucedeu, ou sucedeu a toda a gente ou só a nós; num caso não é novidade, e no outro não é de compreender»¹⁴.

O desfecho do conto de Lygia Fagundes Telles também não é inequívoco. A explicação do crime (e da necessidade da sua confissão) contida na última frase do texto presta-se a interpretações equivocadas, como aliás se vê em diversas leituras críticas¹⁵. Diz o narrador: «Hoje, o analista explica que simplesmente procuro e encontro, na insipidez da virtude, a punição de Paul Karsten e de seus camaradas»¹⁶. Ao contrário do que pensa a maioria dos comentadores deste conto, creio que a personagem é levada a rever o episódio, não por causa de nenhum tipo de arrependimento, mas antes pelo desejo de contrariar a «insipidez da virtude», na pele do seu nunca esquecido duplo Paul Karsten, o tal que foi capaz de praticar «o ato de raça de senhor alemão aprendido nas aulas floridas dos cursos de 1936»¹⁷. Aqui, como no conto de Machado de Assis, a confissão — oral, perante o psicanalista, ou escrita, sem alocutário particularizado — é uma forma de preservar a memória contra o esquecimento, a vida contra a morte, afirmando-se, pois, como bálsamo e remédio para uma doença comum: a insipidez da virtude das pessoas banais.

¹¹ ASSIS, 1998: 217.

¹² Lc 6, 21.

¹³ ASSIS, 1998: p. 216.

¹⁴ PESSOA, 2007: 54.

¹⁵ Por exemplo, SARMENTO-PANTOJA, LIMA, 2015.

¹⁶ TELLES, 1999: 43.

¹⁷ TELLES, 1999: 43.

Contra o que possa parecer a uma primeira leitura, o protagonista de Lygia não chega a passar por uma verdadeira crise de identidade: a mudança para «Paulo Silva, brasileiro» é uma mera conveniência burocrática. Ele é, foi sempre, Paul Karsten, «filho de alemã de Santa Catarina e desse Silva brasileiro que não cheguei a conhecer. Mãe alemã nascida no Vale do Itajaí, neta de proprietários em Vila Corinto desde 1890, pude ver isso nos papéis. Mas alemã mal vista porque se casou com o Silva»¹⁸.

A representação do tema do imigrante alemão, designadamente no período que rodeia a II Guerra Mundial, não é particularmente forte na literatura brasileira, embora o fenómeno seja historicamente importante, e não apenas devido a casos como o de Olga Benário Prestes, a companheira judia de Luís Carlos Prestes, deportada pelo regime de Vargas para a Alemanha em 1936 e aí executada depois de dar à luz. Segundo Stanley Hilton¹⁹, o Brasil tinha, na década de 30, uma das maiores populações alemãs fora da Alemanha, com 100 000 pessoas nascidas ainda na Europa e uma comunidade de quase um milhão de brasileiros de ascendência alemã. Com o avanço do nazismo e, sobretudo, com a entrada do Brasil na guerra, o cerco a este grupo foi-se apertando, não apenas com uma hostilização popular crescente, mas também por intermédio de uma série de medidas legais que incluíram a proibição do ensino em alemão e a censura prévia de publicações nessa língua.

Rubem Braga, em *Uma fada no front* — antologia de crónicas que escreveu para a «Folha da Tarde» entre julho e outubro de 1939, quando viveu em Porto Alegre —, analisa com grande ponderação e sensibilidade o problema da integração e do abrasilamento desses colonos. Veja-se esta passagem em que dá conta da sua visita a Joinville:

Para me tornar mais perplexo sem me fazer mais incoerente, Deus encheu meu coração de um frio desprezo pelo nazismo e de um cáldo amor pela Alemanha. Foi assim com uma espécie de melancolia que eu vos amei à primeira vista, doce Joinville. Amei vossas casinhas ao mesmo tempo sensatas e líricas, tantas de madeira, com o sótão gracioso e as cortinas claras se balançando nas janelas. Tudo tinha um ar de limpeza e de bom gosto, tudo era simples e puro, com uma harmonia singela. Graves pais de família passavam às vezes de bicicleta levando seus embrulhos, seu guarda-chuva — e seus bigodes ruivos. E vi meninas de duas tranças louras com fitinhas azuis, vi moças altas e ágeis falando um alemão meio adoçado pela distância, vi gordas senhoras vermelhas e maternais. Tudo aquilo era Alemanha e entretanto eu me obstinava em ver ali um vago ar de Brasil, em doce conjunção. Compreendi que há problemas que devem ser tratados ao

¹⁸ TELLES, 1999: 37.

¹⁹ HILTON, 1983.

*mesmo tempo com a força e o carinho, problemas que ao mesmo tempo precisam de solução urgente e lenta, vagarosa e macia. E um fino problema de conquista é uma complicada campanha de armas e de sentimentos*²⁰.

A sua proposta para a conquista definitiva dos colonos mais novos assentava na educação maternal fornecida pela professora primária, que ele considera «uma fada no front»:

*Trata-se de um front sentimental; mas são os fronts sentimentais que marcam as linhas dos outros. Não se trata, neste país de muitas terras e pouca gente, de conquistar terras, mas conquistar gentes; e gente só se conquista pelo coração. É gente de nossa terra que essa lutadora está conquistando para nossa terra. Quando sua mão passa, ternamente, pela cabeça áspera de um pretinho ou pela cabecinha macia de um menino louro, ela está semeando compreensão pelas nossas colheitas de ideal. Não está ensinando geografia, nem leitura, nem aritmética; está ensinando Brasil*²¹.

Não foi esse o percurso da personagem de Lygia: a partir de 1935, o seu destino foram «férias, cursos de aperfeiçoamento, amizades e amores na Alemanha»²². A eficácia do método suscita, no presente da narração, uma aparente e ingénua dúvida no narrador:

*De resto, eu e meus camaradas de armas éramos parecidos, menos numa coisa; nunca consegui estabelecer um vínculo entre essa guerra e as férias na Junghaus em meio dos piqueniques nas florestas e excursões pelas estradas marginais de verdor. As aulas tão nítidas eram para isso? A palavra unerbittlich significa mesmo implacável e era para valer? Só mais tarde, depois da guerra, descobri dentro de mim que aprendera a lição*²³.

O roubo da perna ortopédica é, de facto, «o ato de raça de senhor alemão»²⁴. É, contudo, menos certo que tenha sido aprendido apenas «nas aulas florais dos cursos de 1936» e, sobretudo, que tenha sido praticado «por um pobre rapaz brasileiro». O autor deste crime é, de certa maneira, o Teodoro da novela *O Mandarim* de Eça de Queirós que está bem consciente de que o toque da sineta que lhe dará acesso à

²⁰ BRAGA, 1994: 31.

²¹ BRAGA, 1994: 67.

²² TELLES, 1999: 37.

²³ TELLES, 1999: 38.

²⁴ TELLES, 1999: 38.

riqueza implicará a morte do mandarim. Faltam-lhe apenas — e nisto reside toda a diferença — o remorso e o arrependimento. Poder-se-ia ainda dizer que a personagem de Lygia é um dos sujeitos extraordinários da teoria desenvolvida pelo Raskólnikov de *Crime e Castigo*, um dos que nascem para transgredir as normas e conduzir a sociedade a um novo estágio. Tratar-se-á ainda, um pouco como em García Márquez, de *vivir para contarla*, mas sobretudo de *contarla* para recordá-la e poder continuar a viver sem a «insipidez da virtude».

Em conclusão, tanto Procópio como o narrador de «Helga» são velhos em paz consigo mesmos, para quem a confissão não é uma forma de arrependimento, mas antes oportunidade para transmitir uma visão da vida segundo a qual o crime é aceitável. Essa visão está tocada pelo cinismo que caracteriza a obra de ambos os autores e contém uma sabedoria que, para retomar outro conto de Lygia Fagundes Telles («A presença»), se afia «na pedra da morte»²⁵. A forma breve e singular do conto acaba por impedir o julgamento para que o leitor se sente impelido, abrindo espaço para a reflexão sobre temas eternos, como o mal, a justiça, o outro. É caso, pois, para exclamar, adaptando o aforismo de Hipócrates na sua versão latina: *Ars brevis, vita longa!*

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de (1998). *O enfermeiro*. In ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Sel., introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, vol. II.
- BÍBLIA *sagrada para o terceiro milénio da Encarnação*. 4.ª ed. Coordenação geral de Herculano Alves. Lisboa: Difusora Bíblica; Fátima: Franciscanos Capuchinhos, 2003.
- BRAGA, Rubem (1994). *Uma fada no front*. Sel. de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- BURGOA, Elena (2012). *Reflexões para desenvolver um direito penal de maiores: alguns casos na jurisprudência (Na procura da pena justa para idosos)*. «Julgar online». [Consult. 10 set. 2019]. Disponível em <<http://julgar.pt/wp-content/uploads/2014/07/Elena-Burgoa-Reflex%C3%B5es.pdf>>.
- FOUCAULT, Michel (1978). *The history of sexuality*. New York: Vintage Books. Volume 1: *An Introduction*.
- HILTON, Stanley E. (1983). *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra-espionagem aliada no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira; LIMA, Kamila Rodrigues (2015). *O teor testemunhal no conto «Helga», de Lygia Fagundes Telles: um estudo de memória e identidade*. «Margens: revista interdisciplinar». IX:13 (dez.) 76-85.
- PESSOA, Fernando (2007). *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Ed. de Richard Zenith. 7.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.
- TELLES, Lygia Fagundes (1998). *A presença*. In TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos*. 8.ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- TELLES, Lygia Fagundes (1999). *Helga*. In TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: Rocco.

²⁵ TELLES, 1998: 121.

O IDOSO E O JOVEM SEMIOTICAMENTE MODALIZADOS ENTRE O QUERER-SER E O DEVER-SER

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA*

MÁRCIA EDLENE M. LIMA**

Resumo: *As mídias digitais têm provocado mudanças substanciais na vida, no comportamento e na forma de constituição dos sujeitos de idades diversas, suscitando amplas possibilidades. O idoso insere-se nesse contexto para buscas diversas, por ser uma forma de possibilitar mais contatos com as pessoas e de se constituir como sujeito desejoso por uma melhor qualidade de vida. Nesse sentido, objetivamos conhecer melhor o idoso que se constitui e circula no e pelo Facebook. Para tanto, propomos a seguinte questão-problema: Como o sujeito idoso é constituído no e pelo Facebook? Analisamos, pois, as formas de subjetivação que os facebookianos constroem em relação ao idoso, utilizando a teoria da Análise de Discurso. Concluímos que o Facebook possibilita materialidades de subjetivação do idoso e o caracteriza como um sujeito contemporâneo diante da necessidade de ser representado, narrado, mostrado e reinventado como objeto simbólico-discursivo.*

Palavras-chave: *Sujeito idoso; Longevidade; Análise de Discurso; Facebook.*

Abstract: *Digital media have caused substantial changes in life, behaviour and the ways in which subjects of different ages are constituted, thus raising wide possibilities. In this context, the elderly are included in various searches, as it is a way of enabling more contacts with people, constituting themselves as subjects desirous of a better quality of life. Thus, it is our intention to get to know better that which circulates on Facebook. As such, it is our intention to propose the following question-problem: How is the aged subject constituted on and by Facebook? We therefore analysed the forms of subjectivation that facebookians build in relation to the elderly, using the theory of Discourse Analysis. We conclude that Facebook enables materialisations of subjunctivisation of the elderly and characterises them as a contemporary subject faced with the need to be represented, narrated, shown and reinvented as a symbolic-discursive object.*

Keywords: *Aged subject; Longevity; Discourse Analysis; Facebook.*

INTRODUÇÃO

A presença é o primeiro modo de existência da significação, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada¹.

A tecnologia e a internet têm proporcionado condições para que aflorem subjetividades no ambiente virtual, possibilitando a constituição de um sujeito virtual que

* Universidade Estadual do Piauí. Email: risidios@yahoo.com.br.

** Universidade Estadual do Piauí. Email: marciamauriz2013@gmail.com.

¹ FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001 [1988]: 123.

projeta uma realidade sui-referencial. É um sujeito virtual justamente porque se constitui ao circular e se fazer presente na rede, criando efeitos de pertencimento e de engajamento a determinada comunidade. O ambiente virtual é uma rede de materialidades factuais, em que o sujeito potencializa a ilusão do ser livre do que diz e posta na rede, criando identidade numa dinâmica pautada entre o ser e o parecer. É nesse sentido que Greimas e Courtés² propõem, na semiótica discursiva, as modalidades veridictórias.

É no viés veridictório que procuramos analisar, neste artigo, a tematização da velhice, entrecruzando investimentos temático-figurativos do jovem e do idoso em quatro *posts* que circulam no Facebook, bem como analisando as estratégias e os recursos discursivos utilizados pelos enunciadores para suscitar enunciativamente efeitos de sentido.

A busca dos *posts* no Facebook se deu a partir do enunciado «Nois é jovem mas a coluna é de idoso», porque é recorrentemente sincretizado em diversos textos dessa rede social e porque abrange temáticas bastante diferentes. Esse fato apresentou-nos um aspecto inusitado: os *posts* reiteram o núcleo temático «velhice», porém os atores dos enunciados não são figurativizados como sujeitos velhos.

Diante desse aparato sensível de sentido, abordamos o contrato veridictório, perscrutando a relação entre a contrariedade, a implicação e a concessão. O simulacro metodológico para o estudo está amparado nos postulados da semiótica francesa, especialmente em Barros³, Discini⁴, Fiorin⁵, Greimas⁶, Greimas e Courtés⁷ e Zilberberg⁸.

Este artigo está organizado em três partes: a primeira apresenta algumas categorias analíticas da semiótica discursiva; a segunda analisa o *corpus* tensionando a carga teórica com o objeto semiótico em seus diversos planos corpóreo-temáticos; e a terceira tece reflexões sobre as análises e sobre o modo de dizer do enunciador ao constituir e operar o contrato fiduciário, que é regido pelas relações e projeções de ações do destinador para com o destinatário.

1. A SEMIÓTICA DISCURSIVA

A semiótica discursiva é considerada a teoria da significação, a partir da produção e da apreensão do sentido. Para tanto, Greimas propõe o percurso gerativo e, com outros autores, procedimentos da dimensão sensível e inteligível da significação.

Ela não se atém em compreender o signo numa dimensão isolada, mas nos sistemas semióticos que engendram o aparato da significação e os processos a eles

² GREIMAS, COURTÉS, 2016.

³ BARROS, 2001.

⁴ DISCINI, 2004, 2018.

⁵ FIORIN, 2016.

⁶ GREIMAS, 2014.

⁷ GREIMAS, COURTÉS, 2016.

⁸ ZILBERBERG, 2011.

vinculados, ou seja, o que o texto diz e como os procedimentos nele inscritos fazem com que o texto diga o que diz. Nesse sentido, abordaremos a seguir alguns conceitos que integram o aparato teórico-metodológico da semiótica discursiva, como enunciação, discurso, verossimilhança, veridicção, plano de expressão e plano de conteúdo.

1.1. A enunciação e o discurso

A enunciação, na semiótica francesa, é tributária de vários autores, entre os quais destacamos Émile Benveniste, que introduz o sujeito para «vivificar» a língua, pois a enunciação é o «colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização»⁹. Para o autor, o EU refere-se ao sujeito que enuncia, o locutor, e o TU, ao sujeito com que o EU interage, o alocutário. A relação EU-TU constitui o centro de referência da enunciação. Benveniste destaca que o ELE é a não pessoa por não poder interagir no discurso, pois sempre será objeto de fala desse centro de referência.

Além da categoria de pessoa, Benveniste estrutura a enunciação com as outras categorias: o tempo e o espaço enunciativos. Aquele corresponde ao presente, ao agora, e este, ao aqui. O autor organiza a estrutura da enunciação e atribui a essas categorias um valor de dispositivo e assevera que «o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo»¹⁰.

Nessa mesma configuração do dispositivo, a semiótica francesa concebe a enunciação como simulacro da relação entre *ego, hic et nunc*. De acordo com Greimas e Courtés,

*enunciação se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-linguística (referencial) que subtende à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)*¹¹.

A enunciação é pressuposta pelo fato de que tem como produto o enunciado e neste o sujeito está pressuposto e implícito, recuperado a partir das marcas inscritas no enunciado em menor ou maior grau diante do que enuncia. É na enunciação e por meio dela que o discurso é factualizado.

O *discurso* integra a enunciação, pois ele é resultado desta na ótica de Benveniste e existe por ato do sujeito. Para Discini, o discurso, no âmbito da semiótica, é considerado «como um nível que recobre os níveis profundo e narrativo da geração

⁹ BENVENISTE, 1989: 82.

¹⁰ BENVENISTE, 1989: 87.

¹¹ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 166.

do sentido e também como todo o plano do conteúdo do texto [...] [e] como práxis enunciativa, que é o ir e vir do sujeito entre o próprio texto e a História»¹².

Zilberberg, tratando da sintaxe extensiva, afirma que «o discurso não é dirigido pela busca dos predicados universais, mas pelo recenseamento, por sua vez singular, dos interditos e das combinações prescritas, uns e outros eficientes, quando não oficiantes, na cultura em questão»¹³.

Percebemos que o discurso para Discini se encontra numa estrutura balizar do percurso gerativo de sentido e da práxis enunciativa, enquanto Zilberberg acentua o discurso numa relação com a cultura, apontando elementos que podem não estar ditos no texto, nas combinações e nas tessituras que os engendram com o social.

Na semiótica francesa de base greimasiana, o discurso abrange o plano de conteúdo, compreendendo o percurso gerativo da significação, e o texto condensa tanto o plano de conteúdo quanto o plano de expressão. Antes de tratarmos do plano de expressão e do plano de conteúdo, abordaremos primeiramente a concepção de verossimilhança e de veridicção no âmbito da semiótica, noções de base ao entendimento de como se projeta a significação sem pautar-se numa relação ontológica do dizer.

1.2. O verossímil e a veridicção na semiótica discursiva

Vejamos o que Greimas e Courtés¹⁴ trazem acerca do *verossímil*. Segundo os autores, o *verossímil* está situado numa projeção «para fora de si, visando a determinada realidade, ou melhor, a determinada concepção da realidade», como uma atitude num contexto linguageiro de uma realidade extralinguística. «O discurso verossímil não é apenas uma representação “correta” da realidade sociocultural, mas também um simulacro montado para fazer parecer verdadeiro e que ele se prende, por isso, à classe dos discursos persuasivos»¹⁵.

A semiótica em seus postulados não vislumbra desvendar o problema da verdade, «mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção»¹⁶, pois

*O crer-verdadeiro do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto do saber que está comunicando, que «sabe», que está «seguro», que é «evidente»; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um crer-verdadeiro deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos consciente, que nós denominamos contrato de veridicção (ou contrato enuncivo)*¹⁷.

¹² DISCINI, 2018: 32.

¹³ ZILBERBERG, 2011: 23.

¹⁴ GREIMAS, COURTÉS, 2016.

¹⁵ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 534.

¹⁶ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 530.

¹⁷ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 531.

Nesse sentido, o enunciador deve constituir o «simulacro da verdade, tarefa essencial do enunciador, que está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador faz deste último universo»¹⁸. O quadrado semiótico do predicado modal — o *ser do ser* — ou a forma debreada do *saber-ser* é proposto por Greimas e Courtés conforme segue:

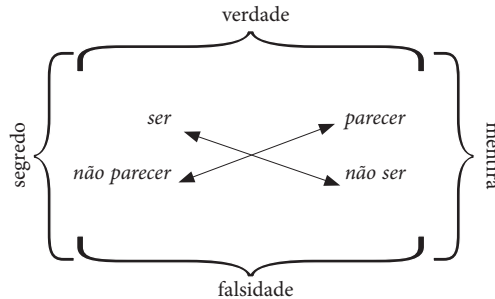


Fig. 1. Quadrado das modalidades veridictórias
Fonte: GREIMAS, COURTÉS, 2016: 532

A veridicção, de acordo com os autores e a figura acima, envolve o esquema da manifestação: *parecer/não parecer* e o da imanência: *ser/não ser* e é entre essas dimensões «que atua o “jogo da verdade”: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência é decidir sobre o ser do ser»¹⁹. Então, a veridicção é construída na instância do discurso e não está centrada e referenciada no enunciador, mas na intersubjetividade que envolve necessariamente o enunciatário. Trata-se de um jogo e de um esquema que causa um efeito de verdade no discurso.

Nesse sentido, o enunciador propõe um contrato veridictório que tenta manipular o enunciatário-leitor. Observando o quadro modal do *ser* e do *parecer*, temos a *lógica da implicação* representada por meio dos termos *segredo* e *mentira*, respectivamente relacionados aos eixos temáticos não parecer/*ser* e não ser/*parecer*. Já *contrariedade* entre dois termos semânticos ocorre por meio da pressuposição recíproca «quando a presença de um deles pressupõe a do outro e, vice-versa, quando a ausência de um pressupõe a do outro» e se atende à relação lógica «se, e somente se, o termo contraditório de cada um deles implica o contrário do outro»²⁰. No quadrado semiótico dos termos *ser-do-ser* e *saber-ser*, a *contrariedade* está na relação *ser* e *parecer*, como eixos a partir dos quais o sentido se arquiteta com as outras relações: *contradição* e *complementaridade* (implicação).

¹⁸ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 531.

¹⁹ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 532.

²⁰ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 99.

1.3. O plano de expressão e o plano de conteúdo

A semiótica discursiva tem base em pressupostos hjelmslevianos segundo os quais assentam a função semiótica na produção dos sentidos. Esta articula duas grandezas: a expressão e o conteúdo. Para Hjelmslev,

a função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo²¹.

A partir da função semiótica e de outros aparatos teóricos, a semiótica discursiva, mais precisamente com a obra de Greimas *De l'imperfection*, amplia a questão do plano de expressão, agora relacionando-o a uma semiótica do visível. Conforme Lopes²², fundamentado em Greimas, o plano de expressão possui a estrutura conforme a tabela a seguir:

Tabela 1. Estrutura do plano de expressão

Nível superficial	Forma (eidético)
Nível intermediário	Cor (cromático)
Nível profundo	Luz

Fonte: LOPES, 2003: 69

Além da estrutura acima, Greimas²³, tratando das semióticas visuais, apresenta um outro componente: o *topológico*, estando numa dimensão mais profunda em relação à construção da cena. Diante desses componentes, o plano de expressão homologa efeitos da produção de sentido considerando as qualidades matéricas dos objetos que se encontram na tessitura textual.

O *plano de conteúdo* compreende o percurso gerativo de sentido, que tem a seguinte estrutura:

- 1) *nível fundamental*: é o nível mais profundo e abstrato, e nele se concentram as oposições fundamentais de natureza lógico-conceitual, bases do quadrado semiótico, que, em outros termos, são consideradas estruturas elementares da significação;

²¹ HJELMSLEV, 2006: 54.

²² LOPES, 2003: 69.

²³ GREIMAS, 2004: 84-86.

- 2) *nível narrativo*: é o nível intermediário do percurso, no qual as estruturas fundamentais se convertem em estruturas narrativas. Nele ocorre a operação de junção, representada pela conjunção ou disjunção, o que remete ao princípio da narratividade dos textos. Esse princípio está na imanência de qualquer texto, pois sempre há projeção de uma transformação de estado do sujeito em relação ao objeto. Segundo Barros, «o esquema narrativo canônico compreende os três percursos descritos, o percurso da manipulação ou do destinador-manipulador, o da ação ou do sujeito e o da sanção ou do destinador-julgador»²⁴;
- 3) *nível discursivo*: é o nível mais superficial e concreto, no qual se dá «especial importância às estruturas discursivas por serem consideradas o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto»²⁵. Nele ocorre a instalação das pessoas, do tempo e do espaço no enunciado, bem como as operações de figurativização, a tematização, a aspectualização e a isotopia.

Em relação aos mecanismos da instalação das categorias de pessoa, tempo e espaço, Fiorin²⁶ apresenta:

Tabela 2. Mecanismos de instalação de pessoa, tempo e espaço no discurso

Mecanismos	Efeitos	Projeção		
		Pessoa	Tempo	Espaço
Debreagem enunciativa	Subjetividade	Ego	<i>Nunc</i>	<i>Hic</i>
Debreagem enunciva	Objetividade	Não pessoa ELE	Então <i>tunc</i>	<i>Algures</i>
Embreagem	Retorno à enunciação (Neutralização)	Actancial	Temporal	Espacial

Fonte: Adaptado de FIORIN, 2016

A figurativização e a tematização são procedimentos semióticos que pertencem ao nível da semântica discursiva, por meio dos quais o sujeito da enunciação projeta uma relação entre o discurso e o mundo, criando um efeito de realidade²⁷, ao tempo em que dá concretude ao texto. Para Greimas e Courtés²⁸, a tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa

²⁴ BARROS, 2001: 41.

²⁵ BARROS, 2001: 72.

²⁶ FIORIN, 2016.

²⁷ BARROS, 2001: 113.

²⁸ GREIMAS, COURTÉS, 2016.

em questão. Procedimento de conversão semântica, a tematização permite também formular diferentemente, mas de maneira ainda abstrata, um mesmo valor²⁹.

Em termos de concretização do sentido, dizemos que a figurativização se configura como um processo que permite a conversão do tema à figura. Segundo Barros, «a figurativização constitui um novo investimento semântico, pela instalação de figuras do conteúdo que se acrescentam “recobrando-o”, ao nível abstrato dos temas». É uma operação de discursivização dos temas, em que as figuras do conteúdo são determinadas por «traços “sensoriais”»³⁰.

Não se trata, segundo a autora, de «uma instauração de laços análogos entre realidade e discurso ou de confusão entre imagens do mundo e figuras discursivas», uma vez que «o discurso não é a reprodução do real, mas a criação de efeitos de realidade»³¹ a partir da instância enunciativa, uma vez que esta é responsável pela produção do texto. Nesse sentido, veremos, a seguir, como o jovem e o idoso estão tematizados e figurativizados nos *posts*, *corpus* deste estudo.

2. O JOVEM E O IDOSO NO FACEBOOK: UMA RELAÇÃO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL

2.1. Considerações preliminares

O idoso é um objeto simbólico que está tematizado por vários sujeitos e em espaços semióticos no Facebook, às vezes, com tom humorístico e lúdico, intensificando estereótipos construídos pelo senso comum e, outras vezes, faz parte de cenário para anúncios publicitários dirigidos a um público jovem. Como estratégia discursiva, o enunciador mescla tons de voz: ora apresentando um tom sério no gênero anúncio, ora um tom lúdico e brincalhão nas materialidades discursivas dos comentários das postagens. Estas muitas vezes trazem imagens que recorrem expressivamente aos recursos da hipérbole e, na parte verbal, ao disfemismo e à onomatopeia. No *corpus*, há uma isotopia da temática da juventude numa relação com a velhice. Não há um personagem velho ou idoso para tematizar a velhice, pelo contrário, os enunciadores enunciam a partir do lugar de fala de jovem, adulto ou de publicitário.

Outro aspecto semiótico a considerar é o modo como o sujeito enuncia: a parte verbal imita a língua oral de faixa etária de jovem, mas com uma «coluna de velho». Esse uso pode causar a ambiguidade do termo *coluna* no enunciado verbal principal dos *posts*. Há, por conseguinte, uma isotopia tanto temática quanto figurativa de jovem com corpo ou com característica de idoso, velho.

²⁹ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 496.

³⁰ BARROS, 2001: 117.

³¹ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 117.

Tabela 3. Enunciado-base dos textos

Nois é jovem	mas	a coluna é de idoso
--------------	-----	---------------------

Fonte: Organizado pelo autor a partir dos textos

Para denominar o *corpus*, identificamo-lo assim:



Fig. 2. *Minion*³²

Fonte: <https://www.facebook.com/espacochienergiavital/?tn-str=k*F>. [Consult. 19 out. 2019].



Fig. 3. ET

Fonte: <<https://www.facebook.com/francis.carlos.733?>>. [Consult. 19 out. 2019].

³² *Minions* — palavra inglesa, com tradução em português «servos». São criaturas pequenas de uma série de cinco filmes: *Meu Malvado Favorito* – MMF (do 1 ao 3) e uma série de filmes própria chamada *Minions* (do 1 ao 2). Está previsto para 2022 o lançamento do filme *Minions 2: A origem do GRU*. Eles têm cor amarela e formato de uma pílula como a de um remédio; alguns usam monóculos e outros, óculos; apresentam características e identidades diferentes: os considerados mais inteligentes orientam as tarefas, de acordo com as determinações do MMF, todos estão submetidos a trabalhar como escravos obedientes para o seu mestre chamado GRU, que é o MMF. É muito grande a quantidade dos *minions*, parecendo uma legião de soldados amarelos. Eles são atrapalhados em suas tarefas e emitem sons que não são traduzidos para qualquer uma língua; usam roupas iguais: um macacão *jeans*, luvas pretas e sapatos pretos. Possuem poucos cabelos.

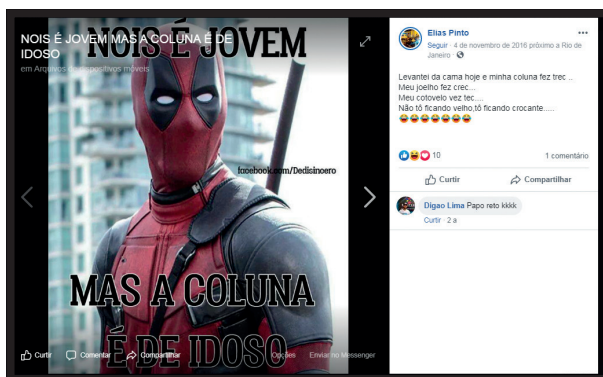


Fig. 4.

Deadpool

Fonte: <<http://facebook.com/dedisincero>>. [Consult. 19 out. 2019].

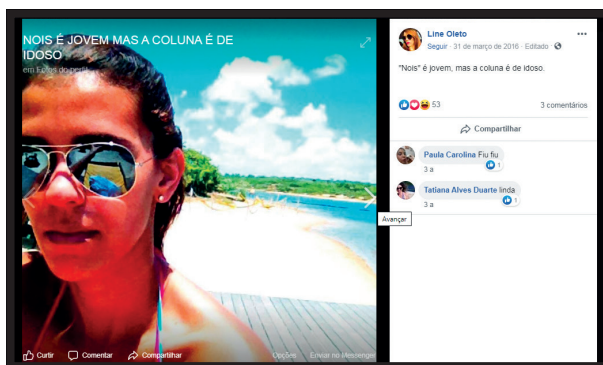


Fig. 5. Post de selfie

Fonte: <<https://www.facebook.com/line.oleto?>>. [Consult. 19 out. 2019].

2.2. Modos de semiotizar a juventude e a velhice

O *corpus* apresenta a tematização da velhice alinhada à da juventude, numa relação de contrariedade, de implicação e, principalmente, de concessão. No plano de conteúdo, podemos depreender os termos principais, a partir dos quais a arquitetura de sentido é projetada: juventude (jovem) e velhice (idoso, velho). Aquele está para a saúde assim como este para a doença, no caso, patologia na coluna vertebral. Tal paralelismo é estabelecido, considerando que:

- a) o enunciado-base (NOIS É JOVEM MAS A COLUNA É DE IDOSO) e outros elementos verbais constantes nos *posts* reforçam a ideia de que, se o jovem não trabalhar a coluna adequadamente ou não praticar fisioterapia, terá a coluna de um idoso, conforme podemos remeter ao anúncio publicitário constante na figura 2;
- b) mesmo sendo um super-herói, ET ou jovem, este pode ter coluna de idoso;

³³ *Deadpool* — filme em que o ator Ryan Reynolds interpreta o personagem principal Wade Wilson. Este é submetido a um experimento que transfigurou totalmente seu corpo, deixando-o com a pele muito modificada a ponto de querer escondê-la com a sua vestimenta de anti-herói. Possui superforça e uma capacidade de se regenerar rapidamente.

- c) os termos *jovem* e *idoso* estão em oposição se considerarmos como critério tempo cronológico, causando uma relação de contrariedade, uma vez que não há possibilidade de ser jovem e velho ao mesmo tempo, ou seja, ser jovem afasta ser idoso, entretanto, o plano de conteúdo dos textos ressignifica esse efeito e incrementa o efeito da concessão;
- d) à arquitetura do quadro semiótico subjaz uma relação de concessão pelo critério da sensibilidade, uma vez que o jovem apresenta patologia que, no senso comum, pode ser atribuída ao idoso.

O homem discursiviza o mundo por meio da linguagem, estabelecendo conexão entre o inteligível, o mensurável e o sensível para construir sentido e, nesse contexto, o idoso e o jovem ora estão numa relação de contrariedade, ora de implicação, ora de concessão. São considerados objetos que se imbricam no Facebook. Semioticamente, os sentidos são percebidos e projetados na relação de estesia e não somente na estética do belo, da perfeição, conforme os fundamentos da arte e da filosofia.

A linguagem do enunciado-base sugere ser registro linguístico de jovem que utiliza as redes sociais, conforme podemos constatar da parte visual dos atores que fizeram as postagens. Os atores do enunciado, considerados jovens, manifestam-se, no plano verbal, ora fazendo determinadas modificações na escrita, ora mesclando o oral no escrito. Temos o *Nois* em vez do *nós*. A expressão «mas é» nesse enunciado inscreve-se mais no registro oral da língua; também a falta da concordância do verbo *ser* com o sujeito expressa uma linguagem descuidada.

A contrariedade pode estar homologada na superfície dos enunciados por meio da conjunção adversativa *mas*, que projeta, na parte inicial dos enunciados, uma relação eufórica para o jovem; entretanto, pela leitura total, percebemos que há uma perspectiva disfórica tanto para o jovem quanto para o velho com o objeto de valor *saúde*, considerando que ambos os sujeitos se encontram em condições de igualdade de estado, mesmo havendo a oposição semântica dos termos juventude (jovem) e velhice (idoso, velho). Nesse sentido, o destinador-manipulador inscreve-se no plano do *desejável* para com o objeto de venda (fisioterapia manual) e projeta a *necessidade* para o destinatário, mobilizando um saber-crer sobre o que é ser jovem e ser velho e instaurando um querer-ser e um dever-ser.

A conjunção adversativa *mas* opõe as orações no nível do enunciado. A primeira, representada por NOIS É JOVEM, sugere uma extensividade positiva e uma continuação do que é ser jovem, entretanto, ocorre em seguida uma ruptura na esfera do sentido de ser jovem, causando uma quebra de expectativa no enunciatário. Esse recurso, conforme Zilberberg³⁴, provoca um declínio na dimensão do esperado, o que podemos dizer que se trata de uma concessão.

³⁴ ZILBERBERG, 2011.

2.3. A isotopia do humor nos memes e no *post*

O humor é um recurso isotópico por meio do qual o enunciador modaliza seu dizer, provocando riso, espanto, estranheza, bem como descompassos entre o dizer e o dito, exagero, descomedimento e desproporção entre o segmento verbal e o visual. O que lemos não garante o que vemos.

O termo *coluna* suscita ambiguidade, porque pode referir-se à parte do corpo humano e também ao espaço destinado à escrita e de personalização de tabelas do gerenciador de anúncios no Facebook, o que remete a um corpo fora de um espaço próprio: jovem em espaço de idoso ou jovem com patologia de idoso.

O humor atravessa a composição dos enunciados sincreticamente construídos. Na parte verbal, temos:

- a) o léxico e as modificações na escrita, as abreviações, a mescla do oral no escrito;
- b) o uso de hipérbole ou disfemismo no comentário da figura 3: «Quando morrer melhora». Como a coluna pode melhorar depois da morte? A impossibilidade desse acontecimento é que provoca o riso, justamente porque há uma exacerbação do dizer. Ao invés de o enunciador propor algo que possa melhorar a coluna, manifesta-se apresentando a morte como solução. No entanto, podemos dizer que a eficácia discursiva ocorreu, porque o enunciatário se manifesta aderindo ao contrato de veridicção que prima pelo tom lúdico de voz, ao intensificar o elemento do quadro semiótico *não ser*, que, em relação com o outro elemento *parecer* (*ser velho* o jovem por causa da coluna), implica a *mentira* como elemento complementar ao esquema de sentido. Com efeito, o enunciador promove um discurso que se inscreve no eixo da *imanência*, conforme Greimas e Courtés³⁵, pois ativa também o par do esquema *ser/não ser*;
- c) o uso de efeitos sonoros, onomatopaicos e *emoticons* expressando alegria na postagem da figura 4:

Levantei da cama hoje e minha coluna fez trec...

Meu joelho fez crec...

Meu cotovelo fez tec...

Não tô ficando velho. tô ficando crocante.....



³⁵ GREIMAS, COURTÉS, 2016.

A relação dos sons onomatopaicos *trec, crec, tec* com o termo *crocante* e a negação da velhice provocam o riso e o ator insere os *emoticons* de alegria como certeza do humor causado. A combinação de elementos temáticos e figurativos, misturando-se duas isotopias, a humana e a de sons de objetos, sustenta o simulacro do contrato de fideducía, um contrato tácito e imaginário de leitura. Segundo Discini³⁶, «o simulacro, apesar de não fundamentado intersubjetivamente, orienta a relação entre sujeitos».

O uso de aspas no pronome «Nois» do enunciado-base, constante no comentário do *post* da jovem:

«Nois» é jovem, mas a coluna é de idoso

As aspas mostram um sujeito heterogêneo, que desconfia do dizer enunciado, e o termo aspeado pode ser considerado uma glosa que nomeia o elemento estranho ao enunciado. A manutenção do contrato enunciativo tem como eixo concatenador o discurso humorístico e, no enunciado, a marca do Nois pode remeter-se a um posicionamento do observador social em relação à construção dos efeitos da relação velhice e juventude nos textos. Essa posição está na ordem da ideologia e da polifonia. Segundo Discini³⁷, «falamos de uma polêmica que, ao construir um discurso polifônico por excelência, apresenta uma dupla leitura inscrita na situação de enunciação construída no texto». O narrador, implícito, delega a voz ao ator do enunciado, fazendo com que o enunciado verbal da imagem concentre nele uma polifonia, pois este se reveste na fala do ator do enunciado.

O humor está presente na parte visual pelas escolhas dos enunciadorees mediante as imagens que figurativizam a velhice:

- 1) o *minion*: o trabalho escravo desse personagem nos filmes do *Meu Malvado Favorito* e do filme que tem o mesmo nome do personagem *minion* inscreve-se no discurso da doença e sugere que o enunciatário procure os serviços de fisioterapia. No plano de conteúdo, é suscitado o sentido de que, mesmo o *minion* sendo um personagem jovem, tem a coluna de idoso, em virtude do trabalho pesado que realiza;
- 2) ET: a imagem mostra um ET sentado numa cadeira, em um ambiente aberto próximo à área de residência, em que constam jarros de plantas; está totalmente vestido com calça e camisa de mangas curtas. Pelo enquadramento, percebemos que a foto foi tirada numa posição frontal, o que intensifica o aspecto de massa corporal maior, e pela roupa que está vestido. A coluna está sustentada pelo encosto da cadeira. O efeito hiperbólico, devido ao exagero da

³⁶ DISCINI, 2018: 302.

³⁷ DISCINI, 2004: 6.

imagem, da cor e da posição do ET alinhado ao enunciado verbal «Quando morrer melhora», provoca o riso com um tom de brincadeira. O enunciador reforça a intensidade de ser velho sob um caráter disfórico, apresentando uma face negativa, pois a imagem sugere um corpo estático, parado, sem ânimo, sem vida e com feição anormal (ET);

- 3) a imagem do Deadpool, sobre a qual se encontra o enunciado-base em letras maiúsculas e escrito duas vezes: a primeira está de forma negritada, com tamanho grande e centralizado na página, sendo o enunciado recortado em três partes: a) NOIS É JOVEM, b) MAS A COLUNA e c) É DE IDOSO; a segunda traz o mesmo enunciado em letras maiúsculas e em cor branca, contrastando com o fundo da foto. O estranhamento que causa riso é o fato (exagerado) de um super-herói ter uma coluna como a de um idoso;
- 4) o *post* da *selfie* de uma jovem, com óculos esporte de cor verde, em traje de praia ou de rio, em área aberta, mostrando o céu com nuvens e num dia ensolarado e sobre a foto o enunciado-base em maiúsculas e na cor branca, alinhado à esquerda da margem superior, está figurativizando a juventude. A forma lúdica de dizer se acentua no fato de apresentar a foto da jovem e dizer que a «coluna é de idoso», ou seja, o estranhamento se dá pelo que é mostrado na instância visual e negado na instância verbal.

Podemos depreender um efeito de concessão entre o visual e o verbal, ou melhor, entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Há uma negação da juventude na dimensão verbal e uma afirmação no visual.

O quadrado semiótico pode ser assim estruturado:

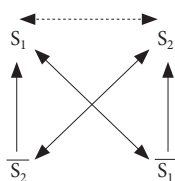


Fig. 6. Quadrado semiótico
 Fonte: GREIMAS, COURTÉS, 2016: 401

S₁: juventude

S₂: velhice

—

S₁: não juventude

—

S₂: não velhice

- \leftrightarrow : relação de contradição
 $\rightarrow \leftarrow \dots$: relação de contrariedade
 $S_1 - S_2$: eixo dos contrários
 $\overline{S_2} - \overline{S_1}$: eixo dos subcontrários
 $S_1 - \overline{S_1}$: esquema positivo
 $S_2 - \overline{S_2}$: esquema negativo
 $S_2 - \overline{S_2}$: dêixis positiva
 $S_1 - \overline{S_1}$: dêixis negativa

Vemos, assim, que o plano visual afirma a juventude, o verbal a nega (S_1) e, conseqüentemente, afirma a velhice no plano verbal. Em outros termos, temos que a velhice, no plano verbal, é afirmada e, no visual, é negada e, por conseguinte, é afirmada a juventude. Este é o movimento que estrutura o nível fundamental do sentido envolvendo os dois planos: visual e verbal.

2.4. O cenário enunciativo dos *posts*

A instalação do *ego*, *hic et nunc* «é, antes de sua articulação, semioticamente vazio e semanticamente (enquanto depósito de sentido) demasiado cheio»³⁸. A instância da enunciação atualiza esses índices e possibilita a instituição do simulacro da pessoa, do espaço e do tempo no discurso.

O enunciado-base apresenta o mecanismo da debreagem enunciativa pela presença do pronome «Nois» e pela elipse do possessivo de primeira pessoa «minha»: «Nois é jovem, mas a (minha) coluna é de idoso». Esse mesmo procedimento encontra-se nos verbos «é» e «tem», ambos no presente do indicativo, tempo da enunciação, o que projeta uma certeza no discurso e produz um efeito de aproximação do sujeito enunciadador com o sujeito enunciatário.

O enunciado do anúncio da figura 2 (Faça fisioterapia e comprove os resultados) e os comentários das figuras 3 (Quando morrer melhora) e 4 (Levantei da cama hoje e minha coluna fez trec... Meu joelho fez crec... Meu cotovelo fez tec... Não tô ficando velho. tô ficando crocante) sincretizam predominantemente a debreagem enunciativa conforme as seguintes marcas linguísticas:

³⁸ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 167.

- a) de pessoa, por meio do pronome pessoal de 2.^a pessoa «você» implícito em «morrer», do pronome «Eu» implícito aos verbos «Levantei» e «tô» e dos pronomes possessivos de 1.^a pessoa «minha» e «Meu»;
- b) de tempo, por meio do advérbio de tempo «hoje»; do presente do indicativo «tô», que é o tempo da enunciação, e do pretérito perfeito do indicativo «Levantei» e «fez» que, mesmo designando ideia de passado e eventos realizados, constitui tempo ordenado em relação ao presente, ao *nunc*;
- c) de espaço, que não está expressamente determinado, mas podemos remeter ao espaço do *aqui*, que é o espaço do enunciador, considerando ter dito «Levantei da cama hoje»). Para ativar um simulacro de veridicção do discurso, o texto da figura 2 traz o endereço da página da empresa na internet e dois números telefônicos. O espaço remete ao ato da enunciação, que é uma instância pressuposta no enunciado. Não podemos dizer que este espaço é da ordem da debreagem enunciativa, porque todas as marcas de debreagem do todo dos enunciados corroboram a intensidade da debreagem enunciativa, tanto de pessoa quanto de tempo.

2.5. O contrato fiduciário e a manipulação enunciativa

O contrato de fidúcia se estabelece tacitamente entre o destinador e o destinatário e ele é necessário para a adesão da cena. Vemos que a manipulação se encontra sob diferentes formas. Na figura 2, temos um anúncio publicitário do Espaço Chi – Energia Vital, que chama a atenção do enunciatário para submeter-se a tratamento de fisioterapia, com um tom imperativo; nas figuras 3, 4 e 5, temos os comentários da postagem que suscitam a presença de um enunciador desconcentrado, mais imperfectivo. Nesse escopo contratual dos textos, a modalidade do dever-ser jovem ou idoso está relacionada à possibilidade do ser, eixo que norteia a narrativa sobre o ser jovem e o ser idoso.

O eixo da manipulação ao destinatário é o fio condutor da modalidade do *crer*, considerando que o pacto suscita a ideia de crença, em que o destinador oferece verdades acerca do objeto de valor, mobilizando, assim, uma situação de natureza semântico-modal: um *querer-fazer*, um *dever-fazer*. Conforme Greimas e Courtés, «enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contratual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal»³⁹. O destinador, então, projeta o contrato de fidúcia como verdadeiro para sustentar a veridicção discursiva.

No texto da figura 2, na parte inferior ao enunciado-base «Nois é jovem mas a coluna é de idoso», há o anúncio:

³⁹ GREIMAS, COURTÉS, 2016: 301.

Tabela 4: Anúncio publicitário

Faça Fisioterapia Manual e comprove os resultados

Fonte: Espaço Chi – Energia Vital (identificado na figura 2)

Os textos permitem que consigamos identificar o perfil de quem enuncia mediante as marcas linguísticas e discursivas trazidas tanto no nível verbal quanto no visual. O anúncio, no plano verbal, apresenta um tom sério da voz, considerando a natureza publicitária, cuja estratégia maior é manipular o destinatário para que creia, queira e deva entrar em conjunção com os objetos de valor (fazer fisioterapia manual, ter saúde), estes propostos como objeto de desejo do enunciatário.

O destinador, na figura 3, utiliza a manipulação segundo a modalidade do saber, fazendo com que o destinatário tenha uma posição restrita de liberdade, pois está acometido pelo estado de debilidade física conforme demonstrado na figura do ET. Esse jogo contratual direciona o programa de narratividade pelo destinador: enquanto este delinea um fazer persuasivo, *um querer*, o destinatário é projetado no âmbito da interpretação, da *crença do querer* daquele. O destinatário faz, então, crer no simulacro de que o jovem precisa transformar um estado.

Na figura 2, observamos, no anúncio, as formas verbais imperativas «Faça» e «comprove», instaurando um efeito de proximidade intersubjetiva entre o destinador e o destinatário, e este se encontra marcado pelo pronome de segunda pessoa «você», que está implícito àquelas formas.

A manipulação provoca um efeito de implicação, pois a imanência do conteúdo faz projetar as seguintes proposições: «Se você fizer fisioterapia manual, comprovará os resultados: retornará a ser jovem saudável» ou «Se você fizer fisioterapia manual, comprovará os resultados: terá saúde, terá coluna saudável». Nesses casos, configura-se a lógica implicativa «*se x, então y*». Por meio da manipulação por tentação, o destinador garante o prêmio ao destinatário, que é ter saúde, ter a coluna saudável.

Depreendemos, assim, que há um nível hierárquico de superioridade do destinador-manipulador para com o destinatário-manipulado. Na figura 2, aquele detém o *saber-fazer*, ou seja, a manipulação se dá pelo nível da modalidade do saber, pois o destinador tem competência para fazer tratamento por meio da fisioterapia manual, considerando que o possível destinatário, público do anúncio, pode estar acometido de problemas de coluna e precisando do serviço de fisioterapia. Esse *modus operandi* constitui uma manipulação por tentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica discursiva, por meio de seu arcabouço teórico-metodológico, dá conta dos sentidos dos textos, partindo da relação entre um fazer persuasivo e um fazer interpretativo. Nesse sentido, tencionámos averiguar o *modus operandi* empreendido pelo enunciador para a produção do sentido nos textos, explorando o plano de expressão e o plano de conteúdo.

Vimos que o enunciador alinha os temas juventude e velhice em textos que provocam um efeito de concessão, pois a dimensão verbal se remete ao idoso e no visual, ao jovem. Em outros termos, o enunciador sugere a construção de enunciado como «Embora jovem, possui doença de idoso».

Observámos os percursos da produção do sentido, recorrendo ao modo de dizer dos enunciadores diante da configuração do contrato de fidúcia. Para tanto, analisámos os textos primando pela cadeia enunciativa e discursiva e procurando demonstrar como o percurso de sentido está semioticamente manifestado nos textos. Assim, depreendemos que os textos manifestam diferentes tons de voz:

- um que apresenta efeito de humor pelas figuras de personagens, como o *minion*, o ET e o super-herói Deadpool, tematizando o jovem disforicamente. Também a mistura entre marcas de oralidade na escrita, sons onomatopáicos que remetem ao som de articulação da coluna, do joelho, do cotovelo, do corpo «crocante», como própria da escrita que se inscreve no papel de jovem;
- outro que traz um tom sério de voz, pautado no *saber-fazer*. Esta voz emerge de um destinador que projeta a manipulação ao destinatário por meio da tentação, investindo um conteúdo em que a concessão estrutura o vínculo da projeção de sentido nos textos.

Os textos têm por base o simulacro da enunciação enunciada, o que cria um efeito de aproximação do enunciador com seu enunciatário e um efeito de verdade, mesmo que os enunciadores tenham se manifestado a partir de diferentes posições enunciativas. O enunciador projeta um carácter disfórico para o jovem e, ao mesmo tempo, reforça, no plano do conteúdo, a relação concessiva entre a juventude e a velhice.

Não é nosso propósito esgotar todas as possibilidades de análise, nem perquirir todas as nuances da produção dos sentidos nestes recortes textuais, mesmo porque é difícil delinear todos os investimentos de sentido nos textos, mas simplesmente perscrutar o modo como os sentidos emergem dos textos, acionando um fazer persuasivo e um fazer interpretativo, imanentes ao próprio estabelecimento do contrato de fidúcia.

Semiotizar o jovem e o idoso na dimensão textual-discursiva remete ao próprio funcionamento da sociedade, e os textos não concebem esses dois actantes como

elementos contrários mas como termos de uma relação de concessão. Esse modo de perceber sugere uma presença do sujeito da enunciação que projeta uma imagem de jovem e idoso como corpos inacabados e imperfectivos.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Diana Luz Pessoa de (2001). *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3.^a ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- BENVENISTE, Émile (1989). *O aparelho formal da enunciação*. In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. 3.^a ed. São Paulo: Pontes, vol. II.
- BENVENISTE, Émile (2005). *Problemas de Lingüística Geral*. 5.^a ed. São Paulo: Pontes, vol. I.
- DISCINI, Norma (2004). *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas.
- DISCINI, Norma (2018). *A comunicação nos textos*. 2.^a ed. São Paulo: Contexto.
- FECHINE, Yvana (2018). *Pour une sémiotique de la propagation: invention et imitation sur les réseaux sociaux*. «Actes Sémiotiques». Limoges: Université de Limoges. 121. [Consult. 15 nov. 2019]. Disponível em <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5953>>.
- FIORIN, José Luiz (2016). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3.^a ed. São Paulo: Editora Contexto.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude (2001 [1988]). *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso/Humanitas.
- GREIMAS, Algirdas Julien (2004). *Semiótica figurativa e semiótica plástica*. Trad. de Assis Silva. In OLIVEIRA, Ana Cláudia de, org. *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, pp. 75-96.
- GREIMAS, Algirdas Julien (2014). *Sobre o sentido*. Trad. de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp. Vol. II: *Ensaíos semióticos*.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (2016). *Dicionário de semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto.
- HJELMSLEV, Louis (2006). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- LOPES, Ivã Carlos (2003). *Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação*. «Itinerários». 20, 65-75. Número especial.
- ZILBERBERG, Claude (2011). *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial.

ANÁLISE DOS COMPONENTES CURRICULARES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)

DALVA STELLA FERREIRA DANTAS*
HERCILENE MARIA E SILVA COSTA**

Resumo: *O aumento da expectativa de vida da população brasileira nos últimos anos tem levado as universidades brasileiras a se preocupar com a oferta de cursos de extensão voltados para atender às necessidades específicas desse público. O objetivo do presente trabalho é investigar o papel da UNATI no contexto da educação permanente a partir da análise curricular e de seus rebatimentos na inclusão educacional e na qualidade de vida de seus alunos. A investigação parte de uma revisão bibliográfica com enfoque nos conceitos de envelhecimento, qualidade de vida, educação e Universidade Aberta.*

Palavras-chave: *Componentes curriculares; Educação permanente; Terceira idade.*

Abstract: *The increase in the life expectancy of the Brazilian population in recent years has led Brazilian universities to offer extension courses aimed at meeting the specific needs of this public. The objective of the article is to investigate the role of UNATI in the context of lifelong learning from the curricular analysis and its repercussions in the educational inclusion and in the quality of life of its students. The research is based on a literature review focusing on the concepts of aging, the quality of life, education and the Open University.*

Keywords: *Curricular components; Permanent education; Third age.*

INTRODUÇÃO

Quinze anos depois da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Estatuto do Idoso foi aprovado por meio da Lei 10.741/03, que, no seu artigo 3.º, garante prioridade e preferência na execução de políticas públicas para o idoso. No Brasil, um país até então considerado jovem em muitos aspectos, a competência para elaboração das estratégias de atendimento às demandas oriundas do fenômeno histórico do envelhecimento da população brasileira passou a ser dos profissionais das diversas áreas envolvidas nos serviços.

* Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Email: stelldantas@hotmail.com.

** Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Email: hercicosta@yahoo.com.br.

Nesse contexto, para os profissionais que atuam na área da educação, o desafio é repensar alguns pressupostos sobre desenvolvimento humano e reconhecer a velhice como um tempo privilegiado para possibilidades de evolução e aprendizagens significativas¹.

Atualmente, o campo da ciência que se dedica a estabelecer os fundamentos relacionados à educação dos idosos para os profissionais da educação é a Gerontologia. Pode-se dizer que tem havido a busca de parte da sociedade para a abertura de espaços democráticos, propondo a criação de equipes multidisciplinares e a efetivação dos direitos sociais difundidos. Nesse contexto, Lodovici e Silveira² ratificam as preocupações com a velhice atual e futura e asseveram que a meta é responder aos novos desafios trazidos pela sociedade envelhecida destes tempos de octogenários, nonagenários, centenários, que continuam a preocupar os teóricos com projetos motivados e mobilizados pelas reais necessidades e exigências deste segmento de idade mais avançada que aguarda receber assistência cada vez mais especializada.

Em suma, as demandas desta seara são desafios reais da sociedade contemporânea, cuja caracterização humanística é evidenciada pela demografia e pela longevidade — um fenômeno de implicações individuais, mas com complicadas e desafiadoras decorrências sociais. Assim, este artigo refere-se ao estudo acerca da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e tem como objetivo investigar o papel da UNATI no contexto da educação permanente a partir da análise curricular e de seus rebatimentos na inclusão educacional e na qualidade de vida de seus alunos.

O estudo teve como foco a análise da dimensão curricular desse programa de extensão na sua relação com a inclusão educacional e a qualidade de vida na velhice, tendo em vista a seguinte questão norteadora: qual o papel da UNATI/UESPI no contexto da educação permanente? Para responder a essa questão central, elegemos as seguintes questões subsidiárias: o que é terceira idade/velhice? Quais os componentes curriculares da UNATI/UESPI? Quais os rebatimentos dos componentes curriculares da UNATI/UESPI na inclusão educacional e na qualidade de vida dos seus alunos? O que nos levou a propor, em parceria, este artigo foi o cruzamento dos nossos interesses como pesquisadoras das temáticas de educação, currículo e diversidades, tendo como referência a UNATI/UESPI.

A investigação parte de uma revisão bibliográfica com enfoque nos conceitos de envelhecimento, qualidade de vida, educação, componente curricular e Universidade da Terceira Idade. Também realizamos entrevistas com o coordenador e os professores. Trabalhamos a noção conceitual de currículo e a relação com a inclusão

¹ CASARA, CORTELLETTI, BOTH, *org.*, 2006.

² LODOVICI, SILVEIRA, 2011: 304.

educacional e a qualidade de vida dos alunos do programa. A pesquisa foi exploratória e a abordagem qualitativa conforme Cachioni e Neri, Richardson, Freire, entre outros.

Esta escritura apresenta, em sua estrutura, além da presente introdução, a segunda seção, que trata da UNATI no contexto da Educação Permanente, tendo como focos as contribuições de alguns paradigmas da Gerontologia Educacional para o envelhecimento bem-sucedido, a qualidade de vida e a inclusão educacional de idosos. Na terceira seção, apresentamos uma síntese da proposta de extensão da UNATI/UESPI como *locus* da investigação que gerou este artigo. Na quarta seção, são apresentados alguns resultados e análises de dados que tratam de componentes curriculares trabalhados por docentes da UNATI e dos rebatimentos desses na qualidade de vida e na inclusão educacional dos alunos. Na quinta seção, denominada Conclusão, apresentamos algumas reflexões acerca da temática, a partir deste estudo inicial que nos instiga, por sua complexidade, a um aprofundamento futuro.

1. UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE

De acordo com Cachioni e Neri, no Brasil, as primeiras iniciativas para oferecer educação e lazer a adultos maduros e idosos aconteceram na década de 1970, simultaneamente ao aparecimento das Universidades da Terceira Idade europeias e estadunidenses, embora em contextos diferentes. As autoras relatam que as Universidades do Tempo Livre foram precursoras das Universidades da Terceira Idade, que surgiram em 1973, idealizadas por Pierre Vellas, professor de direito internacional da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse. Vellas observou, ao estudar e pesquisar sobre velhice, assim como em visitas a hospícios, alojamentos e pensões de aposentados, que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes e propôs a abertura das universidades a todos os idosos, a fim de oferecer-lhes programas intelectuais, artísticos, de lazer e de atividade física.

Em 1974, a Universidade da Terceira Idade de Toulouse transformou-se num programa regular, ao ofertar cursos com duração de um ano. Em Nanterre, as pessoas idosas com apenas o curso primário podiam frequentar as disciplinas oferecidas aos alunos do curso superior, na mesma sala de aula, ou seja, indivíduos com idades e formações diferentes discutiam e trocavam ideias e as relacionavam sem qualquer obstáculo, e esse contato possibilitou a valorização dos idosos pelos jovens. Desde então, pode-se afirmar que a procura e a ampliação da Universidade da Terceira Idade têm crescido em intensidade quase similar ao fenômeno da longevidade mundial.

Cachioni e Neri apresentam dois paradigmas educacionais que sistematizam as Universidades da Terceira Idade. O paradigma francês original tem suas bases no sistema tradicional universitário e foi se alterando com o passar do tempo, sendo adequado aos contextos econômicos, políticos, culturais etc. De modo geral, são

ofertados aulas e cursos abertos, acesso a diferentes cursos universitários, grupos de estudo, oficinas de trabalho, excursões e programas de saúde.

O paradigma inglês foi criado em Cambridge, em 1981. Para os idealizadores deste modelo, os frequentadores do programa da Universidade da Terceira Idade podem atuar tanto como professores quanto como alunos, com possibilidades de se engajarem em pesquisa. Referencia-se pelo ideal de autoajuda, difundido entre os anglo-saxônicos, e na premissa de que a vida confere aos idosos um cabedal de conhecimentos que deve ser compartilhado. O destaque desse modelo é o baixo custo para seus participantes, ao contrário do modelo francês, que apresentava altos custos para seus integrantes.

No Brasil, sob influência francesa, o trabalho educacional pioneiro com adultos maduros e idosos foi ofertado pelo Serviço Social do Comércio (SESC), na década de 1960. Todavia, foi na década de 1990, em pleno processo de abertura democrática, legitimado pela Constituição Federal de 1988, que a extensão universitária desencadeou a multiplicação de abertura de programas voltados para adultos maduros e idosos nas universidades brasileiras. Com denominações e formas de organização diversas, mas com propósitos comuns — como o de rever os estereótipos e os preconceitos em relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a integração social e a autoexpressão, além de promover a velhice bem-sucedida —, essas instituições hoje se espalham por todo o país.

A literatura tem evidenciado o progressivo desenvolvimento desse modelo e alguns autores associam a relação das atividades educacionais com a promoção da saúde mental do idoso.

1.1. Educação permanente, qualidade de vida e inclusão educacional: contribuições da Gerontologia para a educação de idosos

Por se tratar de fenômenos historicamente recentes, a velhice e o envelhecimento ainda são negados e negligenciados por diversos segmentos da sociedade: «Deixemos de trapaças: o sentido de nossa vida está em pauta no futuro que nos aguarda. Não poderemos saber quem somos se ignorarmos quem seremos: devemo-nos reconhecer na pessoa deste velho ou daquela velha»³. Não é tarefa fácil determinar a idade em que começa a velhice. Para Beauvoir⁴, o que define o sentido dessa fase da vida é aquele atribuído pelo homem à existência; é o seu sistema global de valores. Não é possível, portanto, iniciar uma reflexão sobre a contribuição da educação para a formação do idoso sem delimitar para qual sociedade e para qual idoso será proposta. Nesse sentido, a preocupação com a qualidade de vida na velhice ganhou relevância nos

³ BEAUVOIR, 1976: 10.

⁴ BEAUVOIR, 1976.

últimos anos e, dessa temática, passou-se a discutir o papel da educação na terceira idade. A escolha do termo *velhice* busca chamar a atenção do leitor para a dificuldade e o preconceito diante dessa fase da vida: a expressão *velho*, que nos leva a pensar em algo antiquado, desgastado ou obsoleto, foi substituída por *idoso*, significando a passagem do tempo e aquele que tem bastante idade. A fase da *velhice* foi substituída por *terceira idade* e depois por *maturidade*⁵.

O fato é que vivemos um momento singular na nossa história e na História da Educação Brasileira. O Brasil, outrora considerado um país de jovens e que viveu um lento processo de abertura democrática, no sentido de vir a ser «um país de todos», também alcançou a problemática do mundo global.

Abriu-se para a educação um novo espaço de contribuição: a Educação dos Idosos. Tal fato acarretou a necessidade de estudos cada vez mais atualizados sobre envelhecimento, *velhice* e o que venha a ser *velhice* bem-sucedida, visando à efetivação e à consolidação daquilo que se apresentou como um direito social, bem como uma estratégia para viver, ou seja, o desenvolvimento do envelhecimento saudável. Compreendemos por educação todo o processo intencional que promove transformação humana individual e/ou coletiva, vista como uma realidade permanente, voltada para o aspecto concreto da vida.

Nesse contexto, a Pedagogia Progressista e Libertadora tem muito a contribuir para a educação dos idosos. Segundo Freire⁶, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É para esse novo contexto que se recorre à Pedagogia Progressista: em defesa da vida e da educação permanente, voltada a uma concepção de homem inacabado e, quando longevo, consciente da constante permanência de mudança com o mundo.

É na inconclusão do ser que se sabe como tal que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a educabilidade⁷. Para entender e atender às necessidades sobre a educação para a *velhice* bem-sucedida, é necessário apropriar-se da Gerontologia e, com ela, criar estratégias que promovam a educação do idoso.

Libâneo (1985) parte de uma exposição das tendências pedagógicas distinguindo duas modalidades: as pedagogias liberais e as pedagogias progressistas. As primeiras subdividem-se em quatro tipos: tradicional, renovada progressivista, renovada não diretiva e tecnicista. Nas segundas, que correspondem às pedagogias de esquerda,

⁵ MASCARO, 2004: 69.

⁶ FREIRE, 1997.

⁷ FREIRE, 1997: 64.

*na formulação de Snyders, distinguem-se em três tipos: Libertadora, Libertária e Crítico-Social dos Conteúdos*⁸.

A concepção de envelhecimento também é muito ampla e discutida; contudo, podemos refletir sobre a contribuição de Todaro⁹ quando defende que, em termos biológicos, o envelhecimento engloba os processos de transformação do organismo que acontecem após a maturação sexual e que implicam diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. A partir da definição de envelhecimento, coloca-se a indagação do que venha a ser velhice bem-sucedida e, a esse respeito, de acordo com Neri e Yassuda¹⁰ e Diogo, Neri e Cachioni¹¹, uma velhice bem-sucedida revela-se em idosos que mantêm autonomia, independência e envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos, com o lazer, com a vida social.

Lodovici e Silveira¹² afirmam o quanto a área da Gerontologia Social apresenta interessante e frutuosa perspectiva para os estudos sobre o envelhecimento, a velhice, a pessoa idosa: não sem razão o respeito, o reconhecimento das especificidades de cada área são critérios basilares à interdisciplinaridade; assim é que, na área da Gerontologia, cada disciplina ou prática acadêmica é concebida como uma forma nova, dialogada, de compreender o real do envelhecimento, da velhice, do sujeito idoso. Essa postura faz mudar a interpretação de que os aspectos subjetivo-histórico-sociais sejam vistos, em vez de agregados — um modo automatizado e empobrecido de conceber a relação interdisciplinar entre saberes — como aspectos *constitutivos* do sujeito-idoso o biológico e o psicológico.

Na área gerontológica, a educação permanente encontra sua expressão mais evidente no envolvimento dos idosos com iniciativas educacionais voltadas para a ampliação de informações como: leitura e escrita, línguas estrangeiras, informática, saúde; a atualização e o aprimoramento cultural por meio do turismo, das artes, da filosofia e da psicologia; a valorização social em programas de convivência com as gerações mais jovens em que idosos são convidados a oferecer seus conhecimentos especializados, convívio com os iguais e os investimentos no desenvolvimento da cidadania¹³.

A Gerontologia Educacional é um campo interdisciplinar que se desenvolve no âmbito da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para

⁸ LIBÂNEO, 1985: 21 in SAVIANI, 2010: 419.

⁹ TODARO, 2008.

¹⁰ NERI, YASSUDA, *org.*, 2004.

¹¹ DIOGO, NERI, CACHIONI, *org.*, 2009.

¹² LODOVICI, SILVEIRA, 2011.

¹³ TODARO, 2008: 66-67.

lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento. Cachioni¹⁴ explica que Gerontologia Educacional foi um termo utilizado por David Peterson, em 1970, referindo-se às abordagens sobre a educação dos idosos.

O mesmo autor especificou sua definição, em 1980, expressando que Gerontologia Educacional é um campo de estudo que busca aumentar e aplicar o que se conhece sobre a educação e o envelhecimento no intuito de melhorar a vida dos idosos. Classificou os conteúdos da Gerontologia Educacional a partir de três eixos estruturantes: 1) Educação para idosos: programas educacionais voltados a atender às necessidades da população idosa, considerando as características desse grupo etário; 2) Educação para a população em geral sobre a velhice e aos idosos: programas educacionais que possibilitam à população mais jovem repensar seus conceitos sobre a velhice, e, aos idosos, repensar o seu próprio processo de envelhecimento; 3) Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos: eventos de capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores.

2. O PROJETO DA UNATI/UESPI

A UNATI é um projeto de extensão da UESPI, implantado em abril de 2007, que atende pessoas a partir de 60 anos de idade de ambos os gêneros, com o objetivo maior de desenvolver o aspecto cognitivo e socioafetivo, considerando as perspectivas da educação continuada com a necessidade de estimular o resgate da cidadania.

A UNATI, atualmente, conta 220 alunos divididos em seis turmas e funciona no Campus Poeta Torquato Neto, na cidade de Teresina/PI. O diferencial da UNATI/UESPI é o fato de oferecer um currículo fechado com disciplinas de diversas áreas do conhecimento, distribuídas em cinco módulos, com quatro disciplinas por semestre, dois dias na semana, no turno da manhã, perfazendo um total de 400 horas com duração de dois anos e meio. Os alunos, ao iniciarem o curso, permanecem na mesma turma até a sua conclusão.

As aulas são ministradas por professores da UESPI, como encargo docente, e por professores convidados voluntários da comunidade. Verifica-se que este projeto vem galgando resultados positivos, uma vez que os alunos, ao concluírem o curso, não querem sair da UNATI. Diante disto, foram implantados outros cursos e oficinas para os alunos que concluem o curso inicial. Verifica-se, entre outras coisas, que a satisfação dos alunos em participarem e continuarem na UNATI se deve em parte à convivência com a mesma turma durante todo o curso, o que favorece um melhor convívio, assim como com as outras turmas, nos horários de intervalo, que se reúnem na praça de alimentação, e, ainda, a participação nas festas, nos passeios e nas

¹⁴ CACHIONI, 2008.

viagens, quando são desenvolvidas as relações interpessoais, propiciando vínculos sociais e afetivos. A investigação parte de uma revisão bibliográfica com enfoque nos conceitos de educação permanente, Universidades da Terceira Idade, envelhecimento, qualidade de vida e inclusão educacional.

3. APRESENTANDO OS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa exploratória e descritiva. Segundo Richardson, estudos que se utilizam da abordagem qualitativa permitem ao estudioso a descrição, a compreensão, a análise e a classificação dos variados tipos de processos vivenciados pelos grupos sociais existentes nos muitos espaços ocupados pelas sociedades humanas espalhadas pelo globo terrestre, fato que possibilita aprofundamento nas relações de busca de atendimento dos fenômenos sociais, nos diversos conceitos, nos vários modos de comportamento e nas singularidades da vida dos indivíduos.

A pesquisa exploratória, na visão de Gil¹⁵, tem como razão principal o desenvolvimento, a modificação e o esclarecimento de conceitos e ideias com a finalidade de formular problemas mais precisos ou questões que possam ser investigadas posteriormente. Uma pesquisa pode ser descritiva quando, segundo o autor, tem como finalidade descrever as características de determinada população ou fenômeno como também estabelecer relações entre as variações que interferem nesses fenômenos ou na população objetivo de uma investigação.

3.1. Amostra dos projetos

O estudo foi realizado com o coordenador da UNATI e com dois professores que ministraram e/ou ministram disciplinas nesta Instituição.

Coordenador:

Graduado em Educação Física, mestre em Educação Física.

Professores:

Prof. 1. Graduado em Filosofia, mestre em Educação e doutor em Filosofia.

Prof. 2. Graduado em Pedagogia, mestre e doutor em Educação.

3.2. Instrumento

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário contendo perguntas abertas para os dois professores e uma entrevista semiestruturada com o coordenador do curso.

¹⁵ GIL, 1994.

3.3. Análise dos dados

Foram entrevistados dois professores que ministram ou ministraram disciplinas na UNATI. A escolha dos dois professores se deu de maneira intencional. Foram escolhidos dois professores do Centro de Ciências de Educação, Comunicação e Arte (CCECA), o mesmo Centro ao qual as pesquisadoras estão atreladas, o que facilitou, portanto, a comunicação.

Para a compreensão do significado de cada disciplina, perguntou-se o que pensam os professores a respeito da importância das disciplinas por eles ministradas. Quanto à importância da disciplina, o professor de Ética e Cidadania assim se manifestou:

O componente curricular «Ética e Cidadania», penso eu, compõe a raiz daquilo que são os objetivos centrais da Universidade Aberta da Terceira Idade. Em que sentido? No sentido de que a totalidade dos componentes da matriz curricular da UNATI visam favorecer a integração social, política e cultural etc. dos alunos. E os conteúdos abordados na disciplina Ética e Cidadania discutem exatamente sobre isso.

Sobre a importância da disciplina, o professor de Direitos Humanos assim respondeu:

Reside no fato de que nós tratamos nessa disciplina sobre a construção, acerca de conceitos acerca de discriminação, acerca de racismo e acerca de conceitos, construímos também esses conceitos. Discutimos sobre a legislação do idoso, como também estudamos os direitos das pessoas idosas. Isso tudo empodera, contribui para o empoderamento das pessoas idosas e contribui também para que elas possam viver melhor na sociedade.

Observa-se que os dois professores, pela forma como falam da importância da disciplina que ministram, possuem compromisso com o público da UNATI. Interessante observar também a consciência que têm sobre a capacidade cognitiva e o *background* cultural dos alunos no sentido de participarem das aulas por meio dos saberes adquiridos ao longo de suas vidas.

Para referendar os rebatimentos de suas disciplinas na vida dos alunos, os professores assim se manifestaram: o professor de Ética e Cidadania, em relação aos rebatimentos curriculares da disciplina ministrada para a inclusão educacional dos alunos e a melhoria da qualidade de vida desses, disse que:

Os conteúdos da temática Ética e Cidadania são fundamentais, porque ajudam, efetivamente, o cursista da UNATI a melhor compreender os seus direitos, deveres e como ser agente participativo da vida sociopolítica. Lembremos que os discentes da UNATI já estão na chamada terceira idade. Nessa fase da vida, muitos deles pensam sobre si, e muitos da sociedade pensam sobre eles, que o tempo deles já passou, «que eles não são mais úteis» etc., então, em meio a esse contexto, é fundamental que eles possam se identificar como agentes sociopolíticos, que podem continuar colaborando, criticamente, inclusive com os rumos da vida em sociedade.

Quanto aos rebatimentos curriculares da disciplina, o professor de Direitos Humanos respondeu da seguinte forma:

Isso ajuda para que as pessoas idosas tenham melhor qualidade de vida, para que elas sejam e estejam conscientes dos seus direitos e que elas possam também ocupar o lugar que elas têm na sociedade, acessando os direitos que elas têm que são garantidos por lei.

Para os dois professores, as disciplinas por eles ministradas têm rebatimento positivo na vida dos alunos. A disciplina Ética e Cidadania os ajuda a refletir sobre seu lugar no mundo, apesar de o vigor físico não ser mais o mesmo, de possuírem alguma limitação motora e, às vezes, mental, como a diminuição da memória, por exemplo. Estudar os Direitos Humanos os faz construir, desconstruir e reconstruir conceitos cristalizados. Mas estar ali, no convívio com colegas e professores, estudando, discutindo, contribui para a sua inclusão educacional e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de suas vidas.

CONCLUSÃO

Ao revisar a literatura sobre educação dos idosos, inclusão educacional e qualidade de vida, é inevitável o confronto com a própria história do Brasil, um país que, desde sua origem, apesar das imensas riquezas naturais, apresenta a ambigüidade da desigualdade social em todos os setores e segmentos da sociedade. A maior luta continua sendo buscar que a democratização se consolide por meio da implementação das leis.

O processo de democratização e a extensão dos direitos sociais e a igualdade para todos ainda não se efetivou. O maior indício de tal constatação é ser necessário defender e buscar um espaço respeitável para a Pedagogia como ciência, uma vez que os estudos indicam que os programas das Universidades da Terceira Idade nem sempre têm coordenadores com especializações em Gerontologia ou formação em

Pedagogia. É intrigante pensar que esses programas interdisciplinares são organizados sem a presença dos pedagogos, dentro de universidades.

Outro dado merecedor de reflexão é a própria concepção de idoso em nossa sociedade, pois, se idealizamos igualdade, é muito contraditória a verificação de que, ainda que os idosos frequentem e participem dos cursos de extensão ou de programas, suas certificações possibilitam apenas aprofundamento para monitoria ou voluntariado. Apesar de frequentarem a Universidade da Terceira Idade por anos, não conseguem uma certificação que lhes confira título acadêmico ou aperfeiçoamento profissional. Isso não deveria ser necessariamente obrigatório, mas possível para os idosos que o desejassem.

A proposta deste trabalho nos propiciou reflexões iniciais sobre alguns aspectos da busca pela consolidação das conquistas de direitos dos idosos. Sendo assim, não poderíamos nos eximir de questionar a promoção da inclusão educacional e da qualidade de vida dos idosos que apresentam uma situação passível de negligências na sociedade capitalista.

Durante a pesquisa, constatamos que existem propostas e ações voltadas à educação dos idosos. No entanto, a produção de trabalhos que evidenciam a relação da qualidade de vida com a promoção da inclusão na educação ainda é escassa em nosso país. Conscientes dos limites de uma revisão, destacamos que este texto não apresenta verdades únicas e absolutas. Pelo contrário, a partir dos diálogos estabelecidos com alguns autores, procuramos apresentar alguns ângulos distintos do tema, enfatizando sua complexidade e conclamando novos discursos, outras leituras e novos textos resultantes de mais pesquisas.

Depreendemos, dos achados da investigação, que a educação é facilitadora da manutenção da capacidade funcional do idoso e no envelhecimento com qualidade de vida. Por tudo o que foi referenciado neste trabalho em relação às Universidades para a Terceira Idade, concluímos que, apesar de terem uma curta história e muito a ser consolidado em nosso país, é possível perceber a relação direta entre educação e a sua contribuição para a qualidade de vida do idoso.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, S. de (1976). *A Velhice*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- CACHIONI, M. (2008). *Gerontologia educacional/educação gerontológica*. In NERI, A. L., org. *Palavras-chave em gerontologia*. 3.^a ed. Campinas: Alínea, pp. 92-94.
- CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A., org. (2006). *Educação e envelhecimento*. Caxias do Sul: Educs.
- DIOGO, M. J. E.; NERI, A. L.; CACHIONI, M., org. (2009). *Saúde e qualidade de vida na velhice*. 3.^a ed. Campinas: Alínea.
- FREIRE, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- GIL, A. C. (1994). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. V. (2011). *Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico*. «Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento». Porto Alegre. 16:2, 291-306.
- MASCARO, S. de A. (2004). *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. (2006). *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Ed. DP & A.
- NERI, A. L.; YASSUDA, M. S., org. (2004). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas: Papirus.
- RICHARDSON, R. J. (2008). *Pesquisa Social, Métodos e Técnicas*. 4.ª ed. São Paulo: Atlas.
- SAVIANI, D. (2010). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- TODARO, M. de A. (2008). *Educação continuada/Educação Permanente*. In NERI, A. L., org. *Palavras-chave em gerontologia*. 3.ª ed. Campinas: Alinea, pp. 63-67.

POLÍTICA INSTITUCIONAL DE ATENÇÃO AO IDOSO: O PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA INTERGERACIONAL, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

LUCIMEIRE RODRIGUES BARBOSA*

MAILDE ALVES DE SOUSA**

Resumo: *A educação é uma estratégia fundamental para empoderar o idoso a fim de que este supere o processo de marginalização e os estereótipos negativos que lhe são impostos socialmente. O presente trabalho objetiva analisar os resultados do Programa Universidade Aberta Intergeracional, da Universidade Estadual do Maranhão, como uma política institucional de atendimento ao idoso através da educação. O objetivo do programa é a promoção de atividades socioeducativas que oportunizem a formação continuada, inserção social e qualidade de vida da pessoa idosa, aprimorando seus conhecimentos e contribuindo para a elevação dos níveis de saúde física, mental e social, além de aproximar e promover a interação entre a Universidade e outras gerações. O programa aborda dois núcleos temáticos centrais: alfabetização e letramento, e formação continuada. Tem havido resultados significativos no cotidiano dos participantes, nos aspectos cognitivo, psicomotor, da autoestima, social, entre outros.*

Palavras-chave: *Educação do idoso; Política institucional; UNABI; UEMA.*

Abstract: *Education is a fundamental strategy to empower the elderly so that they are able to overcome the process of marginalisation and the negative stereotypes that are socially imposed on them. The present article aims to analyse the results of the Open University's Intergenerational Programme, from Universidade Estadual do Maranhão, as an institutional policy for the care of the elderly through education. The objective of the programme is to promote socio-educational activities that provide the opportunity for continued education, social inclusion and quality of life for the elderly, improving their knowledge and contributing to raising the levels of physical, mental and social health, in addition to bringing together and promoting interaction between the University and other generations. The programme addresses two central themes: literacy and continuing education. There have been significant results in the participants' daily lives, in the cognitive, psychomotor, self-esteem and social aspects, among others.*

Keywords: *Education for the elderly; Institutional policies; UNABI; UEMA.*

* Universidade Estadual do Maranhão. Email: lucimeirebarbosa@professor.uema.br.

** Universidade Estadual do Maranhão. Email: maildesousa@professor.uema.br.

CONTEXTUALIZANDO A SITUAÇÃO DO IDOSO NO BRASIL

A população idosa no mundo tem crescido e gerado intensas mudanças não só demográficas, mas educacionais, econômicas, políticas e sociais.

A França e os Estados Unidos foram pioneiros em oportunizar acessos educacionais para os idosos ainda nos anos 70. Antecedentes históricos, como experiências e modelos de iniciativas públicas e privadas na área da Educação de Adultos, foram precursores da organização de Programas das Universidades Abertas para a população idosa e os modelos e denominações construídos nesses países em pouco tempo difundiram-se em todo o mundo, «contribuindo para a institucionalização de uma nova etapa no curso da vida e criando oportunidades para a realização de investigações e experiências de trabalho com adultos mais velhos e idosos»¹.

Com o avanço da idade, algumas mudanças podem ocorrer na vida das pessoas idosas, tais como:

*Perda do status profissional, resultante da aposentadoria; insegurança e sentido de inutilidade; perda de energia pelo comprometimento de condições de saúde por doenças, exigindo mais cuidados médicos, despesas, atenção familiar; perdas familiares, afetivas e sociais que reduzem seus relacionamentos; falta de oportunidades sociais e de lazer; transformações físicas e hormonais e de tônus vital que trazem a necessidade da aquisição de novos hábitos de vida*².

Essa constatação alimenta a demanda e a importância de ações educativas voltadas para esse segmento social, possibilitando a revitalização de projetos de vida, melhorando a autoestima, a inserção social e a consequente melhoria da qualidade de vida, e ainda de continuar contribuindo para seu grupo como sujeitos de sua história e do contexto social no qual está inserido.

No Brasil, o envelhecimento da população segue em ritmo acelerado³, e o analfabetismo ainda é uma das mais graves mazelas sociais e um marco agravante no contingente da população idosa. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁴, 9,7% da população com 15 ou mais anos de idade é analfabeta e é na faixa etária de 60 anos ou mais que se concentra o maior percentual — 39,2%. As implicações advindas desse cenário sinalizam a necessidade e urgência do compromisso de todos, o institucional e o social, no engajamento que leve efetivamente à garantia dos direitos à educação perpassando por todos os ciclos da vida, sobretudo o da idade

¹ BRASIL. Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

² PUERTO PASCUAL, 2002.

³ BRASIL. IPEA, 2014.

⁴ BRASIL. IBGE, 2010.

madura e idosa. «A educação ao longo da vida e na velhice é considerada um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem sucedida», assegura Neri⁵.

Na realidade brasileira, a política nacional de atenção ao idoso inclui nos direitos preconizados o de continuar aprendendo, por um lado. Por outro, preconiza o direito e a urgência da organização de iniciativas e ações capazes de promover a inclusão social desse idoso, que no contexto atual tem sido alvo de ações excludentes.

A POLÍTICA INSTITUCIONAL DA UEMA PARA A PESSOA IDOSA

O estado do Maranhão é uma das 27 unidades federativas do Brasil e é composto por 217 municípios. Seu território equivale a 3,90% do território brasileiro e tem atualmente um contingente populacional de mais de 7,03 milhões de habitantes (3,37% da população brasileira) e possui a oitava maior área territorial, sendo o décimo primeiro em população dentre os estados do Brasil. São Luís, capital do estado, é a cidade mais populosa, com mais de 1 milhão e 100 mil habitantes.

No item Educação, conforme pesquisa realizada em 2010 pelo IBGE, 20,88% da população maranhense a partir de 15 anos é analfabeta, ou seja, aproximadamente 1 milhão de pessoas, nos 217 municípios do estado. Segundo esse estudo, essas pessoas não tiveram acesso ou abandonaram a escola deixando algum ciclo de escolaridade incompleto, caracterizando exclusão do mundo letrado. São essas pessoas que estão no *ranking* do analfabetismo, condição que contribui para fortalecer preconceitos não só pela faixa de idade, mas também pela condição socioeconômica (pobres e analfabetos).

Timon é um dos 217 municípios do estado do Maranhão, instalado no ano de 1890, na microrregião de Caxias, mesorregião leste do estado. Possui uma área de 1 745 05 km². O Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) é de 0,649, com uma população de 155 460 habitantes⁶.

A população adulta e sua situação de escolaridade é um dos itens que entram na definição do IDHM. Nesse sentido, o nível da população de 18 anos ou mais com o Ensino Fundamental completo é um indicativo da escolaridade do segmento adulto e idoso e, em função do peso das gerações mais idosas de menor escolaridade, esse indicador carrega uma grande inércia. Entre 2000 e 2010, esse percentual sofreu uma elevação considerável, passando de 27,42% para 45,75% no município e de 39,76% para 54,92% no estado. Em 1991, os percentuais eram de 19,84% no município e 30,09% no Maranhão. Mais tarde, em 2010, tomando como referência a população timonense de 25 anos ou mais de idade, 22,40% eram analfabetos, 39,82%

⁵ NERI, 2001: 109.

⁶ BRASIL. IBGE, 2010.

tinham o Ensino Fundamental completo, 26,43% haviam concluído o Ensino Médio e 4,79% o Ensino Superior. No Brasil, esses percentuais são 11,82%, 50,75%, 35,83% e 11,27%, respectivamente. Brasil Alfabetizado, do governo federal, foi o Programa desenvolvido no município de Timon entre os anos de 2013 e 2016.

No âmbito das ações institucionalizadas, foram realizadas nos últimos 20 anos ofertas de cursos de formação continuada em uma parceria da Universidade Integrada da Terceira Idade – UNITI, da Universidade Federal do Maranhão, com a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, a Secretaria de Estado da Gestão e Previdência – SEGEP e o Serviço Social do Comércio (SESC).

Após 12 anos de parceria com a UFMA, a UEMA institui suas ações de atendimento educacional à população idosa, inaugurando, assim, sua inserção entre as instituições engajadas na política de atenção à pessoa idosa excluída do mundo letrado e consequentemente do usufruto das conquistas sociais do seu grupo.

A Política Nacional de Atenção ao Idoso, respaldada pela Lei N.º 8.842 de 04 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso — Lei N.º 10.741 de 01 de outubro de 2003 — que definem as estratégias de atenção ao idoso no Brasil, juntamente com estudos e pesquisas de educadores brasileiros nessa área, se constituem referência para a implantação do Programa.

Além dos dados e fatos acima mencionados e ainda dos dados divulgados pelo IBGE sobre a situação da pessoa idosa no Maranhão no que tange à educação, o alerta do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada⁷ de que há uma modificação na pirâmide etária ocasionada pelo envelhecimento da população brasileira — que segue em ritmo acelerado — posicionou-se como um dos fatores que mobilizaram o olhar extensionista da UEMA que resultou na implantação do Programa em questão.

Gerar espaços que tragam benefícios à cidadania da pessoa idosa mediante a educação continuada é um dos objetivos do Programa e o uso de metodologia que considere interesses e necessidades como ponto de partida e de chegada desse segmento poderá subsidiar a tarefa de potencializar condições mais adequadas e eficazes no enfrentamento com dignidade de medos, perdas, solidão, limitações físicas e emocionais que via de regra chegam com o envelhecimento no decurso dos anos.

A Universidade Estadual do Maranhão — através da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEXAE) —, cumprindo um dever social e político com a pessoa idosa no Maranhão no que diz respeito ao direito à educação, garantido na Declaração dos Direitos Humanos, bem como na Legislação que convalida essa questão⁸, cria e implanta o Programa de Extensão denominado Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) em 10 *campi* da UEMA no ano de 2016.

⁷ BRASIL. IPEA, 2014.

⁸ SERRA, 2015.

A criação, implantação e implementação desse Programa justifica-se pela relevância para entes envolvidos, pois pretende sistematizar estudos, pesquisas e atividades a respeito de questões e desafios inerentes à situação do envelhecimento da população maranhense com responsabilidade e propósito científico, em parceria com o grupo de pesquisa da UEMA «Saberes, Pesquisas e Experiências em EJA», cadastrado no CNPq.

Em colaboração com as entidades parceiras, visa à promoção de atividades socioeducativas considerando os aspectos biopsicológico, político, espiritual e sociocultural, tendo como finalidade integrar cidadãos e cidadãs à sociedade contemporânea, contribuindo para que se tornem mais ativos e participativos. Fez opção por uma abordagem multidisciplinar, pretendendo, desse modo, contribuir para o resgate da autoestima, para a revitalização de projetos de vida, vislumbrando a Educação Continuada, o que por sua vez pode resultar na (re)inserção social e elevação da qualidade de vida da pessoa idosa. Trata-se de aprimorar a aquisição de conhecimentos básicos capazes de contribuir para a elevação dos níveis de saúde física, mental, emocional⁹, através de ações de caráter técnico-científico na perspectiva intergeracional.

Por estar entre as cinco cidades do Maranhão com concentração elevada de idosos ainda não alfabetizados¹⁰, o município de Timon foi incluído no grupo de municípios inicialmente desafiados a colaborar com essa tarefa, empenhando-se em evidenciar que a educação constitui-se o eixo central no processo de engajamento e de ressignificação da vida social da pessoa idosa. O Programa considera, portanto, temáticas voltadas não só para a questão do envelhecimento nos aspectos biológico, psicológico e social, mas sobretudo o uso de dinâmicas em sala de aula a partir das experiências de vida, objetivando levar os alunos a perceberem a possibilidade de adoção de novos hábitos de vida, trazendo novo significado à experiência existencial do momento em que vivem. As atividades pedagógicas levaram em conta as ações preconizadas por Neri¹¹, tais como: estímulos visuais, comportamentos muitas vezes contidos, diferentes ritmos sensório-motores, história pessoal, possibilidade de interação e ampliação do conhecimento.

Atendendo prioritariamente idosos com idade mínima de 50 anos em bairros periféricos da cidade de Timon, no estado do Maranhão, Brasil, o caráter intergeracional do programa se manifesta na participação da população jovem, representada por crianças e adolescentes, filhos ou netos dos alunos inscritos, na perspectiva de apoiar a interação das diferentes gerações. Esta constitui-se como um fator fundamental de motivação para o ingresso e permanência do idoso no programa, haja em vista alguns deles serem responsáveis por cuidar de crianças (netos), enquanto seus

⁹ BRASIL. Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

¹⁰ BRASIL. IBGE, 2010.

¹¹ NERI, 2001.

pais cumprem jornada de trabalho. Assim, para garantir a frequência às aulas, alguns levam consigo filhos ou netos, que acabam por participar de todas as atividades e não só das de leitura e escrita.

Por outro lado, a essas gerações mais jovens se lhes propicia nessa interação o desenvolvimento do entendimento do envelhecer em todas as suas nuances e da necessidade de resgatar socialmente esse idoso.

De acordo com a proposta inicial do Programa, as aulas deveriam acontecer nos espaços da própria UEMA, cumprindo o objetivo de, antes da prestação do serviço através da extensão universitária, trazer pessoas maduras e idosas para o ambiente acadêmico, amenizando distâncias entre a instituição e esse segmento que vem trazendo filhos e netos, potencializando desse modo a revitalização de sonhos possíveis de serem realizados.

O programa aborda dois núcleos temáticos centrais: Alfabetização e Letramento e Formação Continuada. A proposta de duração é de um ano para cada turma, havendo ao final a solenidade de certificação. Os componentes curriculares incluem Alfabetização e Letramento, Educação Matemática e Noções de Tecnologia para os alunos do núcleo temático denominado Alfabetização e Letramento. Noções de Gerontologia, Lazer e Turismo, Políticas de Direito das Pessoas Idosas, Envelhecimento e Cidadania, Educação Física e Envelhecimento Saudável, Reeducação Alimentar, Informática, Educação Ambiental, Concentração e Memória, Noções de Gerontologia são componentes para o núcleo denominado Formação Básica. Escrita criativa, oficinas para confecção de artes manuais e Canto Coral são componentes comuns aos dois núcleos. Todos são sugeridos com a recomendação de que alguns componentes podem ser substituídos desde que atendam demandas locais, estejam compostos por conhecimentos com estreita relação com as necessidades do idoso e permaneçam baseados na «metodologia interdisciplinar e inter-relacionada aos aspectos educacionais, psicológicos, lazer, culturais, artísticos, históricos, geográficos, saúde e de atividades físicas»¹².

Destaque para a oficina de Canto Coral que promove a integração dos dois núcleos nos ensaios, recitais e participação em outros eventos, como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, ocorrida na cidade de Timon no ano de 2017, e a homenagem às mães no Centro de Convivência do Idoso Júlia Almeida no mesmo ano, dentre outros. Há um impacto visível na autoestima diante da possibilidade de apresentação em eventos.

A contribuição da pedagogia freiriana que considera a alfabetização como sendo uma atividade para além da mera codificação/decodificação de signos e símbolos da Língua e inclui a importância do diálogo, valorizando a diversidade cultural,

¹² BRASIL. Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

as experiências de vida dos alunos e a compreensão do que leem, contribuiu para o delineamento da metodologia. Ensina Freire ainda que a aprendizagem deve ser significativa e que esta é construída a partir da leitura de mundo, pois «a leitura de mundo precede a leitura da palavra».

Assim, a metodologia adequada para as Disciplinas, Minicursos e demais atividades da UNABI dialoga e se coaduna com bastante legitimidade com a Pedagogia de Freire. O foco na dialogicidade deve ser atitude garantida, e palavras do universo de vida e vocabular dos alunos devem ser consideradas, tematizadas, investigadas, problematizadas, na perspectiva de uma alfabetização que possibilite não só a captação crítica da realidade mas também as formas de superação, através do conteúdo estudado a partir desse seu universo, da realidade opressiva e excludente que a pessoa idosa conhece bem. Assim, para Freire¹³, o ato de alfabetizar deve conduzir o aluno a compreender o que lê, conduzir à conscientização para incluir-se na sociedade, ou seja, considera a leitura e a escrita como instrumentos de cidadania. O aluno deve ser alfabetizado e letrado, ou seja, incorporar leitura e escrita às práticas sociais.

Para atender a essa proposta, o uso de textos, imagens, gravuras, charges, embalagens, músicas, jogos educativos, dentre outros, é feito em sala de aula, articulando-os com os temas trabalhados. Registro e depois exposição das produções dos alunos (orais e escritas) foram feitos observando os avanços e limitações individuais, ajudando-os a reconhecerem a função social da escrita, identificando a função de diferentes tipos de textos. Aulas expositivas dialogadas também foram utilizadas com bastante proveito.

Desse modo, a metodologia adotada inclui aulas teóricas e práticas, leitura feita pelos alunos e professores e ainda discussões, questionamentos e produções feitas a partir das experiências contextuais vividas, através de atividades coletivas e individuais.

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PROGRAMA EM TIMON

As atividades da Universidade Aberta Intergeracional da UEMA tiveram início em 2016, ano em que Timon também fora incluída entre os *campi* contemplados com a implantação do Programa. Contudo, as atividades foram interrompidas ainda no primeiro mês por desistência dos alunos, que alegaram dificuldade de deslocamento devido à distância entre a UEMA — localizada no centro da cidade — e os bairros de domicílio deles. A divulgação do Programa tinha sido feita de maneira ampla e intensa: através de visitas domiciliares no centro da cidade onde está localizada a UEMA, nos Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), em bairros adjacentes e até em bairros distantes; Centros de Convivência de Idosos, Sindicatos, Associações de Moradores,

¹³ FREIRE, 1998.

Escolas, Igrejas evangélicas, Paróquias; contatos com a Rede de Mulheres Produtivas do Maranhão e outras instituições, como Fundações com atividades para idosos, também foram alvos das ações de divulgação do Programa. Rádio comunitária e redes sociais de igual modo foram utilizadas para alcançar a população-alvo das ações da UNABI. A aceitação, inclusive por parte das Coordenações e equipe dos CRAS e CREAS, foi ampla, contudo, nesse primeiro ano, os alunos desistiram por razões já acima mencionadas.

No ano seguinte, 2017, refizemos a divulgação nos mesmos moldes do ano anterior e a aceitação entusiasmada e cheia de expectativa era a mesma do ano anterior, por alunos, coordenadores de Centros de Convivência, CRAS e CREAS.

Diante do impasse provocado pela dificuldade de deslocamento e a disponibilidade de salas na UEMA só no turno contrário ao solicitado pelos alunos, a alternativa encontrada foi a equipe ir até onde eles moram e são atendidos. De igual modo ao ano anterior, formamos uma turma de Formação Básica e uma de Alfabetização e Letramento, em um CRAS, no bairro São Marcos, e outra no Centro de Convivência do Idoso Júlia Almeida, no bairro Cidade Nova II, respectivamente, no turno solicitado por eles. Os bairros ficam localizados em regiões opostas da cidade. Lá foi preciso providenciar adequação às atividades que eles já tinham e aos seus cronogramas. Foi uma experiência bastante enriquecedora, já que fomos adequando datas, ações e também sendo chamadas para participar das atividades que constam do calendário que as Coordenações seguem vindo da Secretaria Municipal de Serviço Social (SEMDES), a que estão hierarquicamente subordinadas. Numa dessas ocasiões, o Coral participou da Conferência Municipal da Assistência Social, do grupo de estudo sobre Políticas de Atendimento ao Idoso em Timon e de outros eventos similares.

As turmas eram em sua composição heterogêneas quanto ao nível de escolaridade, alguns inclusive precisavam aprender a topografia, nomes e os sons das letras, na turma de Alfabetização e Letramento. Na de Formação Continuada, constatamos uma diferenciação para mais em relação à primeira quanto ao nível socioeconômico, às experiências de vida, às capacidades fisiológicas, condições físicas e de hábitos de vida. Quanto à idade, principalmente na turma de Alfabetização e Letramento, inscreveram-se pessoas com idade inferior a 50 anos.

Embora as ações do Programa sejam preferencialmente direcionadas à pessoa idosa, se admite também a participação de pessoas maduras e até bem jovens. Esse detalhe, que confere um interessante diferencial da UNABI/UEMA em relação a outros Programas direcionados a esse segmento — a intergeracionalidade —, teve uma marca bem visível no Campus de Timon. Netos(as) de algumas alunas acompanharam no início suas avós às aulas de Alfabetização e Letramento e tornaram-se alunos(as) assíduos(as) dessas aulas, permanecendo até o cumprimento total da carga horária do Programa. A Professora da Escola de um deles, segundo relato das avós

materna e paterna, alunas dessa turma, perguntou o que havia acontecido para que o aluno tivesse melhorado o desempenho, já que estava frequentando uma escola de reforço, mas o desempenho continuava baixo. A avó informou que estava «estudando na UNABI» e que um dia precisou levar o neto com ela e ele havia gostado da aula e não quis mais ir para as aulas de reforço. Assim, a avó cancelou a matrícula no Reforço Escolar e o neto passou a ser aluno assíduo nas aulas da UNABI.

Um traço comum às turmas era a disposição em participar e até criticar o que era ensinado, perguntando, comentando, exemplificando e às vezes até questionando e apresentando sugestões quanto a alguns detalhes de adequação da logística do Programa à realidade e necessidades delas. Esse perfil das turmas corrobora o que afirma Adorno¹⁴, pois permitiu uma compreensão entre alunos e professores não apenas em relação aos conteúdos das disciplinas, mas em relação à sua realidade circundante, objetiva e concreta. Permitiu ainda constatar que nunca é tarde para aprender, conforme a Neurociência.

A UNABI/UEMA, portanto, é um Programa que de fato garante oportunidade para pessoas idosas e em processo de envelhecimento, para redescobrirem outra forma de viver, saudável, produtiva e melhor, permanecerem sendo parte e sujeitos da sua e da história da sua comunidade. Isso pode lhes permitir resgatar o sentimento de pertencimento ao seu grupo social, de cidadania, resgatando também sua autoestima.

A Metodologia do Programa optou pela transdisciplinaridade, integrando diferentes campos do saber sem impor o domínio de uns sobre outros, valorizando, assim, o diálogo entre diferentes saberes elaborados por diferentes gerações ocupando o mesmo espaço.

Quanto aos Professores, a equipe é composta de graduados, em áreas compatíveis com as Disciplinas/Oficinas do Programa. Contamos com especialistas e mestres, estes professores da própria UEMA. Dos outros, 11 são domiciliados na própria cidade de Timon, uma inclusive coordenadora de um CRAS. Alguns também são jovens — intergeracionalidade —, porém com experiência no trabalho com idosos nos CRAS e CREAS da cidade de Timon. Essa equipe permaneceu praticamente a mesma durante todo o ano de 2017, embora a procura para ministrar Disciplinas tenha sido bastante acentuada.

Nessa mesma perspectiva intergeracional, registramos também a realização de atividades com alunos das Licenciaturas, nuance do Programa Projetos do Programa Institucional de Bolsa de Estudo para Extensão – PIBEX e Bolsa Cultura.

Nesse sentido, Cachioni¹⁵ afirma que a educação surge como ferramenta para que aconteça «o fortalecimento da autoestima, integração social e valorização das

¹⁴ ADORNO, 1995.

¹⁵ CACHIONI, 2003.

relações entre diferentes gerações dentro do ambiente acadêmico, espaço caracterizado por estar repleto de jovens, por ser **gerador de novos conhecimentos**» (grifo nosso).

A força do impacto causado pelo Programa nas turmas foi tamanha que durante todo o ano elas perguntaram se poderiam continuar no ano seguinte. As Turmas solicitam a permanência na UNABI, onde construíram saberes, expectativas, perspectivas, amizades, que lhes trouxeram, conforme relatos delas mesmas, melhoras ao nível da solidão e de doenças. Algumas alunas — mulheres são maioria — já ingressaram no sistema formal de ensino através de recente seleção realizada pelo governo federal brasileiro. Outras retornaram à escola no nível fundamental através da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e prosseguem complementando ciclos de escolaridade.

A procura pela UNABI, Programa da Universidade Estadual do Maranhão através da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEXAE), se deve ao fato de oportunizar às pessoas idosas o resgate da participação em atividades coletivas com caráter diferenciado —, pois oportunizam mais que simples entretenimento —, contribuindo para removê-las do ostracismo, do isolamento social e até de um quadro de consequências advindas de doenças psicossomáticas para o lugar da participação, da interação sempre muito diversificada e enriquecedora quando feita nesses moldes, sempre compatíveis com suas reais necessidades e capacidades e realidade.

A execução do Programa, portanto, sua repercussão e impacto observado, deixou evidências claras de que ele cumpre bem o papel a que se propôs inicialmente: o de colaborar com a elevação ou o resgate da autoestima, a descoberta de novas aptidões e conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa. Isso foi bastante reiterado no testemunho dos alunos quando do encerramento em 2017. Estas atividades comprovadamente colaboram para o desenvolvimento pessoal. Além disso, a UNABI também contribuiu, a partir da execução de suas atividades, para ampliar a visibilidade da UEMA na comunidade timonense.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. (1995). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.
- BRASIL (1994). *Lei n.º 8.842, de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. [Consult. 10 dez. 2019]. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm>.
- BRASIL (2003). *Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Dispõe do Estatuto do Idoso e dá outras providências. [Consult. 10 dez. 2019]. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo 2010*. [Consult. 10 dez. 2019]. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014). *Impactos do novo regime demográfico brasileiro*.
- BRASIL. Universidade Estadual do Maranhão (2016). *Projeto UNABI*.
- CACHIONI, M. (2003). *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Alínea.

- FERNANDES M. G. M.; SANTOS, S. R. dos (2007). *Políticas Públicas e direitos do idoso: Desafios da agenda social do Brasil contemporâneo*. «achegas.net». 34, 49-60.
- FREIRE, P. (1998). *Pedagogia do oprimido*. 17.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARTUCCI, E. M.; PURQUÉRIO, M. C. V. (2005). *Universidade Aberta da Terceira Idade: projeto pedagógico*.
- NERI, A. L. (2001). *Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições SESC.
- PUERTO PASCUAL, C. (2002). *A sexualidade do idoso vista com novo olhar*. Trad. de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola.
- SERRA, D. C. (2015). *Gerontologia dialógica intergeracional*. Fortaleza: Edições UFC.

A LITERATURA E O IDOSO: RODAS DE LEITURA COMO TERAPIA

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO ALVES*

Resumo: *Questões relativas às políticas públicas de melhoria da qualidade de vida dos idosos são objeto de inúmeras pesquisas nos âmbitos nacional e internacional. Parte-se do pressuposto de que a pessoa, na fase da velhice, tem o direito de viver e conviver em ambientes sociais, partilhar experiências com a coletividade que favoreçam sua inserção nos segmentos sociais de forma prazerosa e produtiva e o direito ao aumento de sua longevidade. Caminhando por esta via, esta pesquisa-ação, realizada em 2016 na comunidade Todos os Santos do município de Teresina, Piauí, Brasil, utilizou-se de rodas literárias como mecanismo de terapia, com atividades programadas e desenvolvidas para cerca de 20 idosos, numa escola da mesma municipalidade. Ao final, observou-se que as rodas literárias terapêuticas impulsionaram a melhoria da qualidade de vida, no que tange ao paradigma mental e social, uma vez que este espaço tornou-se um ambiente favorável ao diálogo entre os idosos e abriu caminhos para a convivência interativa.*

Palavras-chave: *Idoso; Roda de leitura; Literatura; Qualidade de vida.*

Abstract: *Issues related to public policies to improve the quality of life of the elderly are the subject of research at national and international levels. It is based on the assumption that people in old age have the right to live and coexist in social environments, share experiences with the community that favour their insertion in social segments in a pleasant and productive way and the right to increase their longevity. Walking along this path, this action research, carried out in 2016 in the Todos os Santos community in the municipality of Teresina, Piauí, Brasil, used literary circles as a therapy mechanism, with activities programmed and developed for about 20 elderly people in a school in the same municipality. It was observed that the therapeutic literary circles boosted the improvement of the quality of life, with regard to the mental and social paradigm, since this space became a favourable environment for dialogue between the elderly and paths for interactive coexistence.*

Keywords: *Elderly people; Reading circle; Literature; Quality of life.*

INTRODUÇÃO

A construção da identidade da sociedade alfabetizada brasileira traz consigo uma história de luta social marcada por movimentos distintos de grupos de alfabetização, principalmente aqueles provenientes de movimentos sociais datados da segunda década do século XX. Tais movimentos se destacavam pela busca de uma formação favorável para os professores, bem como uma legitimação do sistema educacional brasileiro. Toda a conjuntura social da educação brasileira entre a segunda e a sexta década do século XX trouxe à tona a necessidade de um sistema que contemplasse

* Secretaria Municipal de Educação – SEMEC – Teresina – PI. Email: mpsalves2010@hotmail.com.

os jovens e idosos analfabetos, principalmente aqueles provenientes do campo. A partir daí, surgiram programas que propunham uma perspectiva de alfabetização para jovens e adultos. Dentre eles se destacaram o MOBREAL e o MEB em meados da década de 60.

O Movimento de Educação de Base – MEB foi criado em 21 de março de 1961, pelo decreto n.º 50.390, que, apesar de ser vinculado ao Ministério da Educação, foi idealizado pela Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros – CNBB, e tinha por objetivo a alfabetização de jovens e adultos do campo nas regiões norte, nordeste e centro-oeste do país. Já o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL foi instituído pelo decreto 62.455 de 22 de agosto de 1968, e tinha como funcionalidade pôr em prática o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada para adolescentes e adultos, tendo como objetivo promover a educação continuada de analfabetos acima de 15 anos.

Nesse contexto, com o surgimento de uma Educação para Jovens e Adultos no Brasil mesmo sem uma política de controle, avaliação e progressão, o principal objetivo de programas como os acima citados era apenas que seus alunos aprendessem a ler e escrever.

Não é difícil imaginar que ainda neste século existam deficits no ensino da população brasileira, principalmente no que tange às maiores faixas etárias, às populações rurais e às regiões de baixo poder aquisitivo. Haja vista que no Brasil ainda há regiões povoadas distantes dos centros de ensino. Assim, diante desse cenário, esse artigo relata as experiências vividas por um grupo de 20 idosos em rodas literárias, moradores de uma comunidade rural na municipalidade de Teresina, Piauí, Brasil, sendo dois deles analfabetos que não tiveram oportunidades de estudos na sua juventude.

Após levantamento e diagnóstico da vulnerabilidade social dos idosos da comunidade, tais como o isolamento, as doenças psicossomáticas e o abandono, verificou-se a necessidade de aplicação da pesquisa-ação, tendo em vista a possibilidade de intervenção direta, para a amenização da problemática social. O método de estudo selecionado embasa-se nas postulações de Pimenta e Franco¹, que defende um posicionamento claro do sujeito pesquisador e a apresentação clara dos objetivos da pesquisa e do compartilhamento das análises, bem como o envolvimento dos sujeitos pesquisados de modo participativo e interativo.

Quanto aos procedimentos de análise, utilizaram-se como subsídio, além do autor já mencionado, os trabalhos desenvolvidos pela UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), Bosi² e o Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741 de 2003. Sendo assim, a pesquisa apresenta como objetivo principal a melhoria na qualidade de vida e

¹ PIMENTA, FRANCO, *org.*, 2008.

² BOSI, 1994.

longevidade dos idosos. Deste modo, realizaram-se atividades de terapias ocupacionais, com destaque às rodas de leitura, o que se justifica por sua natureza interativa, além de um poderoso instrumento de construção e resgate do imaginário, (re)conduzindo o sujeito leitor ao universo dos sonhos e fantasias.

As ações, desenvolvidas quinzenalmente, oportunizaram a leitura de diversos textos literários, tais como contos, fábulas, poesias, lendas, perspectivando-se, sempre, a discussão acerca de questões relativas ao cotidiano, ao desenvolvimento psicossocial e às idiossincrasias que emergiam da vida dos personagens, relacionando-as às vivências pessoais dos pesquisados.

Ademais, constataram-se, partindo-se do texto literário, muitas experiências rememoradas, o que impulsionou prazerosas conversas, com o compartilhamento de experiências vivenciadas pelos idosos, elucidando o valor da literatura para a (re) construção do bem-estar físico, mental, emocional e social, por meio da imersão, do compartilhamento, da produção e reconstrução de uma literatura dos autores apresentados, mas também do próprio idoso.

A «MELHOR IDADE» X VELHICE

Do ponto de vista de que envelhecer é um processo irreversível e inexorável, há quem diga que ser idoso é estar perto do fim, no entanto estudos recentes demonstram que cada vez mais os idosos vivem melhor e têm em si o desejo pleno de viver. Todavia, ter uma vida longa incide em diversos fatores inerentes à idade de cada um de nós.

Quando optamos por uma vida sedentária estamos assinando um acordo íntimo de que a maturidade física juntamente com a maturidade psicológica podem interromper nossa vida a qualquer momento. Mentes e corpos ativos propiciam um envelhecimento tardio revelando que o aprendizado de um simples movimento pode significar a retração de uma dor crônica, bem como a leitura de um livro pode levar o idoso a sentir sensações inebriantes quando se depara com a descrição de um lugar que ele não teve oportunidade de visitar. Talvez seja daí que surgiu a primeira ideia do uso do termo «melhor idade», a interpretação de que o idoso tem a capacidade de viver saudável independentemente de sua idade cronológica. Ou seja, seu vigor físico, mental e social depende também da capacidade que ele tem de estar envolvido em projetos de acuidade de bem-estar, melhorando com isso a sua qualidade de vida.

Segundo Rodrigues³, o termo «melhor idade» é considerado um eufemismo que distorce em tese a palavra velhice, é um modismo criado para a infantilização do idoso. No entanto, para Barbieri⁴, «não se trata, portanto, de enquadrar a velhice

³ RODRIGUES, 2014.

⁴ BARBIERI, 2012.

na melhor ou na pior idade, mas sim poder manter tensionadas as diversas variáveis que se encontram no envelhecimento humano».

A definição do termo em nosso mundo tão contemporâneo parece uma simples retórica ou uma mera redundância: cada vez mais pessoas acima dos 60 anos têm buscado oportunidades que lhes assegurem qualidade de vida até mesmo nas regiões com menos oferta. Nos mais diferentes lugares surgem todos os dias grupos de socialização de danças, de artesanato, de educação física, e para aqueles que não tiveram a oportunidade de terminar a Universidade tem UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade. Todas essas possibilidades oportunizam ao idoso a chance de ter um projeto de vida ainda que saiba que não possa ser um centenário, mas isso incide na perspectiva de ter sua longevidade aumentada, uma vez que vive prazerosamente.

É bem da realidade de nossa sociedade associar o sujeito idoso à ideia de incapaz. Trata-se, pois, da banalização do direito de viver e viver com dignidade. Onde existe um idoso há também a sabedoria. Num sujeito que guarda suas vivências, sua história de vida pode alinhar-se ao conhecimento e ajudar a construir tantas outras histórias de vida. Para isso basta «que o velho continue sendo reconhecido socialmente como sujeito de direitos e desejos, podendo contar com o futuro como campo de realização de projetos compartilhados e reconhecidos por seus pares»⁵.

Apesar dos possíveis dilemas da terceira idade, como as doenças psicossomáticas, preconceitos, dificuldades com a mobilidade, entre outros, os idosos podem buscar caminhos possíveis para uma vida saudável e contribuir de forma significativa para a construção de uma realidade pautada no aprendizado compartilhado. Para isso, basta que esteja em um meio favorável e consiga de fato compreender que sua capacidade de produzir e de envolver não se extingue com o passar dos anos, e essa pode vir de fato a ser a sua idade melhor, aquela para que contribui despretenciosamente.

LITERATURA PARA TERCEIRA IDADE

Versando pelo direito de que a pessoa na fase da velhice tem a legítima garantia de inclusão social⁶, este artigo propõe que a literatura seja um mecanismo de inserção e reinserção da pessoa idosa em círculos de diálogos, com intuito de fortalecer e promover o bem-estar social e mental.

Em qualquer fase da vida, a leitura tem poder revigorante para o cérebro. Sendo uma atividade intelectual que incentiva a criatividade, a imaginação e o raciocínio, desempenha um papel relevante no retardo de doenças neurológicas degenerativas, estimulando com isso a saúde mental. Dessa forma, ler expande a mente, propiciando

⁵ BARBIERI, 2012.

⁶ *Estatuto do idoso*, 2010.

ao leitor elevar a autoestima, experimentar novas sensações, reduzir o estresse e melhorar a memória.

Os benefícios da literatura para idosos vão além do treino vocabular. Ao ler, o idoso mantém a mente ativa, incentivando os estímulos cerebrais, assimilando um novo aprendizado. Contudo, o contato com a história lida permite a interação com o desconhecido, levando-o à imaginação, evitando com isso o declínio cognitivo. Além do mais pode conhecer culturas, costumes e curiosidades de lugares que nunca viu. Bem disse Henry David Thoreau: «Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro».

Mas o que o idoso deve ler? Não existe uma definição clássica do que um idoso deve ler. Mas é possível, baseado no perfil dos leitores, fazer uma seleção de literatura plausível com as condições sociais e psicológicas de cada um. É relevante considerar que o ideal é levar o leitor à reflexão e ao envolvimento. Pode ser que ele próprio possa escolher seus livros de acordo com seus ideais de vida, seus sonhos, seus desejos, assim como um psicanalista escolheria uma obra comentada de Freud.

EXPLORANDO OS RELATOS

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade⁷.

As gerações passadas carregam consigo ricas memórias de vida, que podem vir a influenciar gerações futuras. Com base nisso, as rodas literárias desenvolvidas puderam revelar que, de posse da verdade dos relatos durante o processo de leitura, o idoso (re)construía sua própria história. Associando a leitura aos momentos vividos, cada um relembra como sua vida ao lado da família fora sendo construída, num misto de emoção e fluidez. Durante a leitura de trechos de *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, foi possível perceber o quanto se sentiram próximo da realidade da construção de suas casas, bem como da estruturação do primeiro lar.

Quando eu e meu marido chegamos aqui na comunidade não tínhamos nada. Fizemos nossa casinha de barro e depois de um tempo foi chegando os moradores. A gente se ajudava. Mas todo mundo tinha pouco. Idosa colaboradora da pesquisa

⁷ BOSI, 1994: 63.

As memórias não envelhecem e a arte da escrita permite revivê-las mesmo ainda que não se possa ler. Quando terminou a leitura de *A Última Crônica* de Fernando Sabino, tristemente X, que não sabe ler, fez a seguinte colocação: «Nunca comemorei meu aniversário com bolo. Sempre foi tão difícil criar os meus filhos, nunca sobrou dinheiro». Nesse momento, pode se constatar que a leitura do texto a aproximou de um desejo que tinha, mas que as dificuldades não lhe permitiam que desfrutasse de um bolo em seu aniversário. Mas num ato de bravura deixou claro que seu trabalho no campo foi de luta, no entanto foi ele que fizera com que criasse os filhos e eles tivessem uma vida diferente da dela.

Durante o desenvolvimento das rodas literárias, os sonhos, os desejos, as angústias e as alegrias iam se revelando. O contato com os livros trouxe um novo olhar para aqueles idosos que nunca tiveram a oportunidade de estudar e outros que não tiveram a chance de seguir adiante nos estudos. Para algumas integrantes do grupo, a construção da família foi um fator decisivo para que deixassem a escola, e para os dois homens o trabalho no campo e a distância da escola foram os fatores impeditivos para que estudassem. No entanto, ficou claro que os momentos que passaram desfrutando da companhia dos livros e das conversas entre si foram cruciais para que rememorassem os momentos felizes que tiveram, como os casamentos, os nascimentos dos filhos e as conquistas de toda uma vida.

O discurso interacional deu luz à construção da ideia de que o diálogo entre os sujeitos da pesquisa permitia abrir entre o próprio grupo uma relação de valorização do eu de cada uma daquelas pessoas. Estavam ali se permitindo entender que cada um escreveu ao longo de sua vida uma história à parte, e que todas elas têm uma relevância e deixam uma marca. Dessa forma, os relatos deram origem a um caderno de memórias que tem como objetivo guardar as lembranças vividas pelo grupo durante as rodas literárias, pois ali ficaram registrados momentos de interação social do grupo, fruto de uma convivência saudável. Trata-se da teorização de que o velho pode dar suas ricas contribuições à literatura, uma vez que suas histórias de vida podem vir a fazer parte de um referencial de estudos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas rodas literárias não houve um trabalho voltado para o letramento, o que se pretendia era proporcionar momentos prazerosos de envolvimento social com os idosos através dos momentos de leitura coletiva.

No desenvolver da pesquisa a pretensão era observar como os sujeitos poderiam se comportar diante dos livros e da leitura e o que eles acrescentariam nas suas vidas com base na interação coletiva, sendo o maior propósito promover momentos de prazer e ao mesmo tempo dar condições para que saíssem do isolamento social.

A iniciativa estimulou os idosos a contarem episódios interessantes de suas vidas e sobretudo como é possível potencializar uma escuta ativa para atender pessoas na fase da velhice. Contudo, a linguagem simples e real dos personagens pesquisados mostrou a partir da leitura que a comunicação social é um elemento crucial na segurança da qualidade de vida, não importa em qual idade estejamos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBIERI, Nádia Alves (2012). *Velhice: melhor idade?* «O Mundo da Saúde». São Paulo: Centro Universitário São Camilo. 36:1, 116-119.
- BOSI, Éclea (1994). *Memórias e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ESTATUTO do idoso, 2010. [Consult. 28 nov. 2019]. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>.
- PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro, org. (2008). *Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação*. São Paulo: Loyola, vol. 2.
- RODRIGUES, Sérgio (2014). *Nem «melhoridade» nem «melhor idade»*. «Veja online». [Consult. 24 set. 2019]. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/nem-melhoridade-nem-melhor-idade/>>.

TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS APOSENTADAS: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE VIDA

ROSANGELA PEREIRA DE SOUSA*

Resumo: No cenário atual da reflexão educativa, emerge cada vez mais fortemente um consenso em torno da ideia de que o sujeito idoso desempenha um papel decisivo na sociedade como um todo. Pretendendo contribuir para a compreensão dos processos de (trans)formação da pessoa idosa, o presente trabalho de investigação desenvolve, no quadro da abordagem (auto)biográfica, a análise de narrativas (auto)biográficas de professoras alfabetizadoras aposentadas de 65 a 75 anos de idade e suas contribuições para o desenvolvimento da educação piauiense e brasileira. As histórias de vida e formação de educadoras aposentadas mergulhadas em seus saberes e no fazer cotidiano, pedagógico e educativo trazem contribuições importantes para uma sólida compreensão da história da educação piauiense e do processo formativo brasileiro.

Palavras-chave: Professora aposentada; Trajetória formativa; Histórias de vida.

Abstract: In the current scenario of educational reflection, there is an increasingly strong consensus around the idea that the elderly play a decisive role in society as a whole. With the intention of contributing to understanding the processes of the (trans)formation of elderly people, this research work develops, within the framework of the (auto)biographical approach, the analysis of (auto)biographical narratives of retired literacy teachers from 65 to 75 years of age and their contributions to the development of education in Piauí and Brazil. The life stories and training of retired educators, immersed in their knowledge and in their daily lives, pedagogical and educational activities, provide important contributions to a solid understanding of the history of Piauí education and the Brazilian training process.

Keywords: Retired teacher; Formative trajectory; Life histories.

INTRODUÇÃO

A formação de professores é uma das temáticas no âmbito da educação que se encontra em larga expansão em nossos dias, gerada por constantes e profundas transformações tecnológicas e científicas que passaram a integrar a vida cotidiana, exigindo de todos uma nova consciência. Nesse aspecto, «é preciso aprender a entender a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado»¹.

* Universidade Estadual do Piauí. Email: rossangela61@hotmail.com.

¹ MORIN, 2009: 84.

Essas mudanças estão inseridas em um quadro mais amplo de transformações no cenário econômico e político-cultural da realidade atual e têm impactado a vida das pessoas de maneira geral, sobretudo dos idosos, que representam 12% da população mundial, com expectativa de duplicar esse quantitativo até 2050. Nesse entorno, destacamos o crescente interesse por estudos relativos à terceira idade, que visam analisar a inserção do sujeito idoso em contextos diversos de vida pessoal e profissional. Pretendendo contribuir para a compreensão dos processos de (trans) formação da pessoa idosa, o presente trabalho de investigação desenvolve, no quadro da abordagem (auto)biográfica, análise de narrativas (auto)biográficas de seis professoras alfabetizadoras aposentadas que atuaram no ensino público na cidade de Teresina, Piauí, Brasil, com idade entre 65 e 75, destacando suas contribuições para o desenvolvimento da educação piauiense e brasileira.

As histórias de vida e formação de educadoras aposentadas mergulhadas em seus saberes e no fazer cotidiano, pedagógico e educativo, trazem contribuições importantes para uma sólida compreensão da história da educação piauiense e do processo formativo brasileiro. As histórias narradas pelas educadoras aposentadas evidenciaram as experiências vividas em seus *loci* de atuação, de inserção social e formação profissional, possibilitando múltiplos olhares sobre as instituições escolares e suas idiosincrasias, identificando-as como vias possibilitadoras de autotransformação do sujeito que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito, traduzindo-se na dinâmica que estrutura ou é estruturada por cada um no seu modo de ser, estar, sentir, refletir e agir.

O pressuposto central fundamentou-se na ideia de que as professoras alfabetizadoras aposentadas, ao narrarem suas histórias de vida, além de rememorem o passado resgatando suas trajetórias formativas, usufruíram de bem-estar psíquico, pois o fluxo memorialístico desencadeou sensações e emoções positivas que funcionaram como terapia. Esse processo possibilitou também o resgate da autoestima, bem como o reconhecimento e a valorização enquanto pessoa humana.

TRAJETÓRIA FORMATIVA: OPÇÃO PELO MAGISTÉRIO

Muitos imaginam que a formação de professores termina com a conclusão do curso superior, desconsiderando, assim, seu caráter de inconclusão e a consequente continuidade que vai além do processo de atualização de professores no campo da aquisição de técnicas de ensino, de seu papel profissional na situação escolar, que lhes permite interpretar melhor a realidade em que vivem e que possa alargar seu discernimento em torno dos pressupostos filosóficos, sociais e políticos que envolvem a educação. Compreendemos, assim, que «a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de

trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal», sendo necessário o investimento no indivíduo «e dar um estatuto ao saber da experiência»².

Nos termos desta pesquisa, portanto, concebemos a formação de professores como processo multifacetado que se desenvolve num *continuum* e é inter-relacional, visto ser desencadeado no percurso das experiências familiares, escolares, sociais e profissionais de cada professor. Consideramos, desse modo, que a formação não perpassa exclusivamente pelos cursos acadêmicos, porém em contextos variados, recebendo influência de diversas pessoas e múltiplas referências que vão fornecendo sentidos singulares às dimensões pessoais e profissionais dos professores. O que implica deslocar o foco de análise de uma formação marcada somente pelos saberes científicos, técnicos e operacionais, para reconhecer, também, a relevância dos sentidos das experiências individuais e coletivas nas aprendizagens dos professores.

Isso porque a construção da trajetória formativa constitui-se num processo contínuo que visa questionar ou legitimar o conhecimento profissional incorporado na universidade e desenvolvido na prática escolar³, pois compreendemos que é no decurso do exercício prático no fazer pedagógico que o docente analisa os avanços, reconstruindo, quando necessário, o seu trabalho pedagógico numa perspectiva de continuidade. Acreditamos que essa abordagem tem melhores condições para discutir questões mais significativas dos processos de aprendizagem no âmbito da formação docente, formulando compreensões de que esses processos são produzidos historicamente e desconstruindo a ideia de um sentido único de formação. Desse modo, dá-se voz aos professores em formação analisando essa voz, em seu ambiente socio-cultural e na diversidade de experiências vividas que se constituem nos aspectos mais importantes de sua trajetória formativa. Diante disso, sobressai o entendimento de que a docência caracteriza-se como profissão que trata com indivíduos e situações imprevisíveis, que, em certa medida, geram incertezas, angústias, tristezas, alegrias, conflitos de valores e dúvida. Portanto, não se pode dicotomizar, nos processos formativos, o pessoal do profissional, visto que a relação entre fatores sociais e sua repercussão no desenvolvimento formativo é enorme.

Diante disso, é necessário um redirecionamento dos cursos de formação que permita ao professor experimentar situações concretas de ensino e aprendizagem, compatíveis com o paradigma vigente. A construção desse processo dá-se mediante um trabalho conjugado entre teoria e prática, bem como maior aprofundamento das relações entre os pares, interdisciplinaridade e compromisso social, aspectos imprescindíveis aos profissionais da educação no mundo pós-moderno. Desse modo,

² NÓVOA, 1992: 7.

³ IMBERNÓN MUÑOZ, 2010.

a relação entre fatores sociais e sua repercussão na formação de professores tem de ser considerada, pois emerge desse aspecto uma parte significativa dos conhecimentos para o seu fazer pedagógico. Foi a partir da massificação do ensino ocorrida na década de 70, quando a escola pública sofreu drástico empobrecimento, ante a atitude dos professores, que perderam o rumo diante de uma nova realidade, que se pôde notar, então, um distanciamento entre teoria e prática, fatores sociais e ensino⁴.

Pudemos constatar, portanto, que esse problema agravou-se diante de novas demandas do ensino, e que tão somente os conhecimentos acadêmicos foram insuficientes para responder a tais demandas, sendo necessária a conjugação de múltiplas nuances para compor e ativar o bojo dos conhecimentos construídos no decorrer da trajetória formativa. Essa compreensão assinala a necessidade de sabermos lidar com o conhecimento, respeitando e considerando as peculiaridades do contexto socio-histórico, pois:

A formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e dialética e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza⁵.

Para combater essas dificuldades, é necessário que os professores alfabetizadores estejam preparados à luz das teorias epistemológicas e metodológicas que norteiam sua trajetória formativa e «para que isso ocorra, à universidade não basta formar para o conhecimento. Cabe a ela, também e principalmente, formar para a competência»⁶, ou melhor, capacitar o futuro profissional para enfrentar situações diversas, sem vislumbrar especificamente formas estereotipadas e modelos cristalizados de educação, o que caracteriza um ensino de reprodução. Busca-se, dessa forma, certo nível de competência para resolver problemas, situações complexas, incertas e singulares no desenvolvimento do ato pedagógico no ambiente escolar, uma vez que:

A formação tem um papel decisivo. Ela possibilita o preparo de competências necessárias para o início do exercício profissional e para a inserção desse profissional no mundo do trabalho, respondendo à perspectiva de desenvolvimento integral como ser histórico e social, e em conformidade com projetos individuais e sociais gerados a partir de novas necessidades⁷.

⁴ ABRAHÃO, 2004.

⁵ IMBERNÓN MUÑOZ, 2010: 15.

⁶ PIMENTA, 2004: 29.

⁷ RAMALHO, BELTRÁN NUÑEZ, GAUTHIER, 2004: 12.

Essa perspectiva trata a formação específica do futuro professor, configurando-a como o momento em que o aluno se beneficia não só de conhecimentos no campo geral, mas especialmente de conhecimentos pedagógicos e das múltiplas competências em resolver problemas, bem como das disciplinas necessárias à formação profissional. Nesse sentido, a universidade e as faculdades ocupam significativo papel na formação do sujeito, tendo em vista figurarem como centros de produção e legitimação dos saberes. Nisso sobressai a compreensão de que os professores são profissionais que incorporam e desenvolvem conhecimentos no exercício de sua profissão, sendo indispensável a articulação entre os conhecimentos da formação e aqueles do contexto escolar. Para que isso de fato aconteça, é imperativo o engajamento de todos os segmentos que constituem o sistema educativo, sobretudo os professores e a escola propriamente ditos, haja vista que «as escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham»⁸.

A formação delineada nesses moldes visa à mudança da mentalidade dos professores, de suas práticas e das escolas, situação improvável sem investimento sólido na construção da carreira profissional docente, uma vez que essa formação deve acontecer, *a priori*, em um alto nível intelectual, destacando a relevância da pesquisa e a dialética dos campos de atuação, pois «a prática profissional não é vista, assim, como um simples campo de aplicação de teorias elaboradas fora dela»⁹. Em última análise, a formação resulta dos diálogos construídos entre os conhecimentos adquiridos na base pedagógica institucional, os saberes oriundos da prática, no bojo de suas epistemologias¹⁰.

No âmbito dessas considerações, a questão do desenvolvimento profissional docente avulta como um dos aspectos mais relevantes no contexto da formação de professores. Portanto, é um processo que se configura como um espaço no qual várias forças se conjugam na perspectiva de construção da identidade profissional. Para tanto, deve ter como referência basilar experiências pré-formativas, a formação inicial e continuada, bem como o exercício profissional por meio da mediação de importantes componentes como teoria e prática, ensino e pesquisa, conteúdo específico e conteúdo pedagógico, privilegiando a natureza e a especificidade inerentes ao fazer pedagógico.

⁸ NÓVOA, 1992: 28.

⁹ TARDIF, 2002: 286.

¹⁰ CONTRERAS DOMINGO, 2002.

PARTILHANDO O PERCURSO: AS HISTÓRIAS DE VIDA

Utilizamos a pesquisa qualitativa por ser mais adequada, segundo Triviños¹¹, por «responder a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado». Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Nesse sentido, na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em número, pois a interpretação dos fenômenos e as atribuições de significados formam a base desse tipo de pesquisa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave.

Assim, optamos pela pesquisa narrativa ou histórias de vida em formação, conforme denomina Josso¹². Nesse aspecto, a pesquisa narrativa valoriza experiência de vida, pessoais e profissionais, dando voz aos sujeitos, favorecendo-lhes o benefício da autocompreensão, do conhecimento de si em meio aos sentidos que atribuem às suas vidas. Para Nóvoa e Finger, a história de vida incorpora o mesmo significado do método autobiográfico e serve a duplo propósito: instrumento de investigação e formação. Eles afirmam que:

Valorizando os processos de formação e assumindo a totalidade da história de vida de uma pessoa, o método autobiográfico facilita o desenvolvimento de uma sociologia holística da formação, mais adequada à especificidade de cada indivíduo. Enquanto instrumento de investigação-formação, o método biográfico permite considerar um conjunto alargado de elementos formadores, normalmente negligenciados pelas abordagens clássicas e, sobretudo, possibilita que cada indivíduo compreenda a forma como se apropriou destes elementos formadores. O método biográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador¹³.

É necessário entender a importância de trabalhar com os processos rememora-tivos no contexto da formação docente, uma vez que possibilita o entrelaçamento de circunstâncias evocadas pela memória e ressignificadas no presente pelo fio condutor, que enquanto resgata o passado ocasiona mudanças de atitudes porque implica a análise do fato vivido. Para que uma narrativa autobiográfica seja formadora ela precisa evidenciar as experiências significativas de aprendizagem, possibilitando que o professor reflita sobre seu projeto de formação e de construção da profissionalidade,

¹¹ TRIVIÑOS, 1994: 21.

¹² JOSSO, 2004.

¹³ NÓVOA, FINGER, *org.*, 1988: 13.

favorecendo que o mesmo «se torne autor ao pensar na sua existencialidade»¹⁴, dentro de um processo autorreflexivo retrospectivo e prospectivo que propicia ao sujeito reforçar seus desejos, projetos e suas fragilidades. Uma experiência transformadora da relação consigo mesmo, no dizer de Josso. Assim, a natureza desse tipo de abordagem nos permite compreender que:

*O trabalho com a rememoração bem como as próprias interpretações que dele fazemos podem ser comparados a diferentes pedaços de tecidos que formam uma colcha composta por esses retalhos que foram reunidos através de fios que os uniram [...] trabalhar com processos rememorativos implica atividade de narrar, uma atividade que não é linear e os sujeitos podem re-elaborar suas vivências*¹⁵.

Ao urdir esse tecido na intenção de sua inteireza lógica, a rememoração se vale de um aspecto em que inexistente a neutralidade, mas é alicerçado pela intencionalidade do sujeito que (re)vive esse processo. Desse modo, é possível desvelar a subjetividade inerente a cada pessoa, por meio de suas histórias e experiências vividas¹⁶, destacando momentos relevantes no decorrer de sua vida, pontuados de emoções e sentimentos que afloram no decorrer dos relatos. Para Delgado¹⁷, as histórias de vida são «fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas».

Ao reconstituir essas histórias, circunstâncias, acontecimentos, apreendidos pela voz do outro, tivemos a oportunidade de detectar fatos relevantes, anteriormente imersos na memória das professoras alfabetizadoras aposentadas acerca de seus processos formativos, que foram resgatados durante a construção das narrativas, por meio de diálogo prolongado com as professoras aposentadas. A rememoração proporcionou momentos de enlevo profissional e pessoal, pois desencadeou saudosismo, alegria, angústia, lágrima e sorriso, aspectos que desnudaram o passado distante e impactaram o presente, provocando uma avalanche de sentimentos, perspectivando um futuro promissor e a certeza do senso do dever cumprido. Para melhor visualização das informações pessoais das colaboradoras, apresentamos de maneira sucinta, utilizando nomes fictícios de personagens de histórias infantis, para preservar a identidade das professoras na tabela abaixo:

¹⁴ JOSO, 2004: 60.

¹⁵ GUEDES-PINTO, 2008: 22.

¹⁶ SOUZA, 2006.

¹⁷ DELGADO, 2006: 22.

Tabela 1. Perfil Profissional das Interlocutoras da Pesquisa

Nome das colaboradoras fictício	Idade	Formação acadêmica	Tempo de experiência docente	Ano de aposentadoria
Chapeuzinho Vermelho	70	Licenciatura em Pedagogia com especialização em Supervisão Escolar	Mais de 25 anos	2000
Cachinhos de Ouro	68	Licenciatura em Letras, Português com especialização em Língua Portuguesa	Mais de 25 anos	2001
Rapunzel	71	Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Artes, Licenciatura em Geografia e Bacharelado em Farmácia, com especialização em Gestão Escolar	Mais de 25 anos	2001
Branca de Neve	69	Licenciatura em Pedagogia	Mais de 25 anos	2000
Bela Adormecida	65	Licenciatura em Pedagogia	Mais de 25 anos	2002

Fonte e organização: SOUSA, 2018

ALFABETIZAÇÃO, HISTÓRIA CONTADA E RECONTADA

Somente com o advento da Revolução Industrial, no século XX, a alfabetização começou a adquirir maior importância porque, entre outros fatores, ela introduzia o trabalhador numa realidade mediada por signos abstratos e o habilitava a obedecer às instruções, e isso era necessário para o desenvolvimento da sociedade. Em decorrência desse aumento, houve uma expansão no consumo de livros e, conseqüentemente, um crescimento da indústria editorial. Apesar dessas mudanças, essa realidade perdurou por mais de um século, desde a colonização ao início do século XX, época em que se contabilizava cerca de 65% de analfabetos no Brasil.

No Piauí, estabeleceu-se situação ainda mais agravante, pois os investimentos em educação eram precários, despontando, entre os motivos do atraso, a pobreza, carência de recursos humanos e inadequação da legislação. Isso justifica a difícil marcha da educação piauiense, desde o período de implantação (1733-1845) ao período de consolidação (1910-1961), conforme Brito¹⁸. No tocante ao analfabetismo, o Piauí ainda hoje figura com índices elevados, cerca de 30% de sua população.

Na busca de solução para esta problemática, a escola, a leitura e as práticas leitoras, como atividades desta, e o livro, como meio possibilitador da alfabetização, mantiveram-se, unidos, ao longo da história e da consolidação da sociedade brasileira. Leitura, práticas leitoras e realidade conjugam-se num processo dinâmico, uma vez que ler é viver, reviver seu mundo, suas vivências, suas experiências, ou seja, é perceber a realidade/sociedade através do texto escrito para, a partir dessa percepção, agir, interferir nessa realidade. Para Chartier¹⁹, no processo de invenção da escrita subjazem algumas condições sociais, pois:

¹⁸ BRITO, 1996.

¹⁹ CHARTIER, CLESSE, HEBRARD, 2001.

A invenção da escrita exigiu apenas condições sociais: a escolha de estratégias de escrita estava ligada à estrutura da língua. O alfabeto mostra-se assim uma invenção surpreendente. O fato de um número enorme de escolares aprender a ler, aparentemente sem dificuldades muito consideráveis, é surpreendente também. O fato de nosso ambiente estar hoje repleto de escrito não torna menos surpreendente a possibilidade da leitura. Fenômeno cultural, portanto, e realmente pouco natural não podemos prescindir de um ensino para ter acesso à leitura²⁰.

Nessas proporções, a leitura e as práticas leitoras são concebidas como processos e produtos culturais, por conseguinte, social e aprendido num determinado contexto. Várias linguagens criadas pelas e nas práticas sociais, entre as quais a das matemáticas, as linguagens de computador, as artísticas, as arquiteturas, a linguagem musical, a cinematográfica, a escultórica, a espacial, a gestual, entre outras, que, apesar de suas diversidades, surgiram em um determinado momento e contexto histórico, em uma dada comunidade social, a qual foi capaz de criar condições de marcas, registros que, embora arbitrários²¹, se tornaram convencionais para essa comunidade. Pelas práticas sociais, alguns de seus membros passaram a lê-las e a compreender uma ou mais dessas diferentes linguagens.

Segundo Soares²², a classe dos populares tem pouco acesso às práticas leitoras desenvolvidas pela escola, cuja única finalidade, segundo ela, é a conquista da ascensão profissional, compreensão de documentos, obtenção de informações gerais (avisos, letreiros de ônibus, correspondência particular). Em contrapartida, a classe dominante percebe as práticas leitoras como instrumento prazeroso de entretenimento, veículo de integração no mundo, transmissoras de informações sobre outros povos e lugares.

Podemos entender que a problemática da alfabetização no cenário escolar não se descreve apenas em termos de incapacidade, mas também de privação enquanto bem cultural socialmente constituído e historicamente produzido, que age, enquanto tal, sobre a sociedade. Diante dessa realidade, a escola tem, ao longo dos anos, enviado esforços no sentido de, pelo menos, minimizar as dificuldades que emperram a fruição das práticas leitoras e tem buscado uma proximidade com o almejado: a construção de práticas leitoras significativas que proporcionem aos sujeitos a capacidade de interagir com textos de qualquer natureza.

²⁰ CHARTIER, CLESSE, HEBRARD, 2001: 34.

²¹ Na linguística saussuriana, diz-se que a relação que une o significado ao significante é marcada pela arbitrariedade. De forma geral, pode-se dizer que o signo linguístico é arbitrário porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua (DERRIDA, 1973).

²² SOARES, 1995.

NARRATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS APOSENTADAS: CONTAM HISTÓRIAS, CANTAM E ENCANTAM

Convém reiterar que todas as professoras alfabetizadoras que participaram do estudo encontram-se aposentadas de suas funções, embora ainda trabalhando com reforço escolar ou em escolas particulares de ensino, assumindo diversos papéis como diretora, coordenadora pedagógica, entre outras. A partir dos estudos de Huberman²³, ao tratar dos ciclos vitais de professores, pode-se classificá-las na fase denominada de desinvestimento, caracterizada pelo fenômeno do «recuo» e da «interiorização» ao final da carreira:

Momento em que os professores alteram, progressivamente, a tônica do investimento no trabalho para um maior investimento em si próprios, movimento, esse, provavelmente decorrente de uma fase de serenidade. A fase de conservantismo igualmente concorre para o desinvestimento em virtude de certa marginalidade em que o professor se coloca ou é colocado, em razão das discordâncias e da resistência em face de processos de inovação que porventura estejam se constituindo na escola²⁴.

No bojo dos textos que desencadeiam transformações na vida dos indivíduos, Larrosa inclui toda a Literatura, bem como parte da Filosofia, da História e da Sociologia. Acerca do texto literário/literatura em oposição ao texto não literário, Larrosa²⁵ evidencia que toda literatura «cobija um silêncio, uma obscuridade», sendo este aspecto o diferencial da linguagem literária, pois a literatura não esgota aquilo de que se ocupa.

As professoras fizeram referência ao poema «Meus oito anos» de Casimiro de Abreu, momento em que as reminiscências provocaram forte emoção ao declamarem as estrofes. Para algumas o poema significou retornar à escola e reviver o cotidiano das práticas escolares, para outras simbolizou as alegrias e o saudosismo dos tempos de infância, quando protagonizavam situações de teatro no decorrer das datas comemorativas.

*Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*

Casimiro de Abreu

²³ HUBERMAN, 2007.

²⁴ HUBERMAN, 2007: 42.

²⁵ LARROSA, 2001: 48.

Diante disso, o texto literário avulta na fala das protagonistas como mecanismo imprescindível aos usos e formas da leitura na escola, mormente na relação entre o cultural e o uso social numa busca dinâmica das vivências e experiências humanas singulares. O relato das professoras evidenciou também um rico espectro das histórias clássicas infantis, como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Rapunzel, Cinderela, O Gato de Botas, dentre outras. Essas histórias infantis estavam impregnadas no imaginário das professoras e emergiram durante o fluxo narrativo, aspecto que corrobora o poder que o texto literário possui de habitar na memória das pessoas no decorrer da existência humana.

Nesse sentido, a leitura literária é importante pelas seguintes razões: constitui fonte de conhecimento, fortalece a experiência existencial, desenvolve o intelecto, aperfeiçoa a comunicação e proporciona prazer. Mediante a leitura literária o leitor penetra em mundos que não são a realidade, mas constituem uma representação variada dela, em que «a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados»²⁶, e as práticas leitoras alicerçadas nos textos literários são, reconhecidamente, úteis enquanto produtoras de conhecimento, posto que oferecem verdades sobre a natureza humana e a sociedade na qual o homem se desenvolve. No contexto dessas apropriações, das práticas leitoras vivenciadas pelas professoras, identificamos com as «mil maneiras de fazer»²⁷ com os modos e os métodos que foram colocados em circulação pelos agentes formadores de leitores.

Essas impressões fixadas na memória das professoras alfabetizadoras aposentadas pela história lida/contada várias vezes indicam o duplo postulado existente entre a leitura e o texto, uma vez que o texto literário não existe em si mesmo, haja vista que a leitura não está circunscrita apenas ao texto, posto que somente o leitor possa dar significado ao mesmo por meio de inferências, interpretações, conhecimento prévio, entre outros. Ao leitor compete, então, a construção do sentido, antecipando ideias, deturpando muitas vezes o sentido pretendido pelo autor, fazendo associações imprevistas e transportando para as páginas escritas as suas memórias, reescrevendo, de certa forma, o texto que lê no momento da leitura²⁸. As interações com a poesia experienciadas na infância são perpassadas por conteúdos afetivos, rítmicos, sonoros e miméticos²⁹, os quais imprimem profundas marcas na sua relação com a leitura e a escrita enquanto objetos culturais. Entretanto, convém afirmar que a página escrita

²⁶ CHARTIER, *org.*, 2011: 77.

²⁷ CERTEAU, 1994: 14.

²⁸ CHARTIER, *org.*, 2011.

²⁹ Do grego *mímesis*, «imitação» (*imitatio*, em latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da realidade, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte. Heródoto foi o primeiro a utilizar o conceito e Aristófanes, em *Tesmofórias* (411 a. C.), já o aplica. O fenômeno não é um exclusivo do processo artístico, pois toda atividade humana inclui procedimentos miméticos, como a dança, a aprendizagem de línguas, os rituais religiosos, a prática desportiva, o domínio das novas tecnologias, etc. Por esta razão, Aristóteles defendia que era a *mímesis* que nos distinguia dos animais.

não constitui letra morta, ao contrário, «ela é o lugar onde se produz o encontro, sempre diferente, entre a palavra já escrita e os novos sentidos que os leitores lhe vão dando»³⁰, situação que percebemos nas narrativas das professoras, ao darem voz, vida e sentimento aos personagens.

Outro aspecto relevante destacado pelas professoras aposentadas diz respeito às cantigas de roda. Na herança da tradição literária, herdamos da literatura portuguesa o gênero cantiga, utilizado intensamente pelos portugueses. A cantiga deriva-se em sua gênese à Idade Média, designando a forma poética que fundia letra e som, sendo dirigida à pauta musical, destinada ao canto e à instrumentação. Sua composição era constituída de estrofes, cada uma das quais com quatro ou sete versos. A linha de conteúdo destinava-se a discutir temas variados. As cantigas de amigo exprimiam mágoa amorosa da moça do povo, dividiam-se conforme o local e as circunstâncias em que se construía a trama sentimental, sendo classificadas em pastorela, barcarola, bailada, cantiga de romaria e alva. Já as cantigas de amor destinavam-se à confissão do trovador em meio aos transe aflitivos de sua paixão incontida, pois se endereçavam a uma «senhora»³¹.

Apesar do vínculo estabelecido com as cantigas portuguesas, as cantigas no Brasil comumente são denominadas de cantigas populares ou de roda, posto que são oriundas das camadas populares e não possuem o mesmo valor literário que suas congêneres portuguesas. Em nosso país, essas cantigas descendem de autores desconhecidos, produzidas no seio da cultura popular e não eruditas, como no caso das primeiras. Sua estrutura, portanto, é composta por pequenos versos, formando estrofes que se repetem, facilitando a memorização. São cantigas que embalarão o imaginário popular desde tempos remotos.

As cantigas foram lembradas pelas colaboradoras, indicando seus usos na trajetória escolar, com base na compreensão de que as músicas populares podem colaborar no desenvolvimento do processo de alfabetização das crianças.

*Casinha pequena na floresta
Tem um velhinho na janela
Vem um coelho pulando perto
E bateu na porta: me ajuda, me ajuda!
Que sou um coelho.
Fazendeiro me mata mesmo.
Vem cá, vem cá, vem comigo,
Seja feliz e meu amigo.*

Autor Desconhecido

³⁰ CERTEAU, 1994: 264.

³¹ MOISÉS, 2003: 75.

Assim, de certa maneira, as narrativas recuperaram algumas formas de práticas culturais orais que marcaram a trajetória de vida das colaboradoras, que podem ser arroladas no bojo da contracultura, pela ausência de legitimidade da cultura oficial e do próprio cânone. Entretanto, representam a renúncia, a alteração, a resistência do grupo em ter e usufruir um tipo de cultura que lhe atenda e favoreça o lazer/entretenimento e signifique contrafazer as regras do opressor.

Pode-se pensar que os fenômenos culturais, folclóricos ou tradicionais são também hoje produtos multideterminados pelos agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais, pois é possível se pensar hoje no popular como algo constituído por processos híbridos e complexos³². Isso denota conhecer a complexidade e variedade dos traços de cultura que constituíram os gestos, a singularidade dos movimentos que se repetia pelas professoras aposentadas em suas narrativas, evocando momentos vividos na infância, produzindo emaranhado de sensações e emoções que se constituíram, impactando positivamente suas vidas, fazendo-as recuperar as alegrias infantis, resultando, até certo ponto, num processo de terapia.

Isso atesta a relevância do trabalho com as narrativas como vias possibilitadoras de resgatar a riqueza que o passado encerra, fazer refletir o presente e a prospecção do futuro, favorecendo uma retomada da «juventude» no contexto da terceira idade. Obviamente que as lembranças que emergiram produziram duplo efeito: proporcionaram vivacidade e acuidade mental e consciência do dever cumprido, constatado ao analisar e refletir o passado, situação confortável ante o *status* de professora alfabetizadora aposentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da relevância que os estudos acerca da formação de professores têm alcançado atualmente e, em meio ao aumento exponencial do uso de fragmentos memorialísticos nas análises de pesquisa em narrativas de professoras aposentadas, têm proporcionado fácil acesso ao conhecimento de novas histórias, com sujeitos singulares. Assim, no contexto dos avanços científicos e tecnológicos esses estudos visam compreender as trajetórias formativas, ao estabelecer relações entre passado, presente e futuro. No campo dessa abordagem houve crescimento acentuado na investigação e análise de histórias de vida comuns, nascidas de pessoas comuns, que viveram situações e circunstâncias idênticas, porém separadas por tempos e espaços distintos. Apesar desse movimento, são notórios os pontos de similaridades na tessitura dessas narrativas.

Constatamos, por meio dos sentimentos revelados pelas professoras alfabetizadoras aposentadas que participaram da pesquisa, a concepção objetiva que elas

³² BOSI, 1998.

têm formado acerca de seus processos de construção de vida pessoal e profissional, a importância da unicidade recordar e viver, pois compreendem que a separação dessas partes implica em aspectos negativos como o isolamento, angústia e depressão. Nesse sentido, o trabalho realizado com as professoras aposentadas desencadeou uma gama de sentimentos e proposições positivas que as fizeram refletir e reviver situações concretas eivadas de alegrias, contentamentos, saudosismos, prazeres e a tomada de consciência de que declamar poemas, contar histórias clássicas infantis e cantar as cantigas de rodas provocou efeitos extremamente favoráveis à recuperação e manutenção da saúde física e emocional.

Por fim, o processo de rememoração das professoras aposentadas, apesar de agregar ainda outros subsídios, contribuiu indiscutivelmente para uma nova vida que ganhou novos sabores, como também proporcionou deixar um legado, permitindo que suas narrativas possam permanecer no tempo e na história, ao descobrir que viver sem compartilhar é o mesmo que se esfumegar no tempo; passar pela vida sem saber que existimos. Recordar sem registrar é simplesmente não deixar marcas. Portanto, abrimos espaço para a vida!

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (2004). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BOSI, E. (1998). *Cultura de massa e cultura popular. Leitura de operárias*. Petrópolis: Vozes.
- BRITO, I. S. (1996). *História da educação no Piauí: enfoque normativo, estrutura organizacional e processo de sistematização*. Teresina: EDUFPI.
- CERTEAU, M. (1994). *A cultura no plural*. Campinas: Papirus.
- CHARTIER, A. M., org. (2011). *Práticas da leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- CHARTIER, A. M.; CLESSE, C.; HEBRARD, J. (2001). *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Trad. Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CONTRERAS DOMINGO, J. (2002). *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez.
- DELGADO, L. A. N. (2006). *História oral-memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DERRIDA, J. (1973). *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- GUEDES-PINTO, A. L. (2001). *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação de profissionais*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.
- GUEDES-PINTO, A. L. (2008). *Memórias de leitura e formação de professores*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. (Coleção Gêneros e Formação).
- HUBERMAN, M. (2007). *O ciclo de vida profissional dos professores*. In NÓVOA, A., org. *Vidas de professores*. Lisboa: Porto Editora.
- IMBERNÓN MUÑOZ, F. (2010). *Formação docente profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez.
- JOSSO, M. C. (2004). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA.
- LARROSA, J. (2001). *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MOISÉS, M. (2003). *Dicionário de termos literários*. 7.^a ed. São Paulo: Cultrix.

- MORIN, E. (2009). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, Distrito Federal: UNESCO.
- NÓVOA, A. (1992). *Formação de professores e profissão*. In NÓVOA, A., org. *Vidas de professores*. Lisboa: Dom Quixote.
- NÓVOA, A; FINGER, M., org. (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- PIMENTA, S. G. (2004). *O professor reflexivo no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- RAMALHO, B. L.; BELTRÁN NUÑEZ, B. I; GAUTHIER, C. (2004). *Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios*. Porto Alegre: Sulina.
- SOARES, M. (1995). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE.
- SOUSA, R. S. de (2018). *Narrativas de professoras alfabetizadoras aposentadas*. Teresina, Piauí: Núcleo de Educação, História e Memória.
- SOUZA, E. C. (2006). *A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação*. «Revista Educação em Questão». Natal: EDUFRN. 25:11 (jan./abr.) 22-39.
- TARDIF, M. (2002). *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- TRIVIÑOS, A. N. S. (1994). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.



MATURA IDADE CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE

COORD.
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA